

# ITAYTERA

ÓRGÃO DO  
INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

---

---



ANO V

V

N.º V

---

---

Tipografia d' «A ACAO  
CRATO  
1959

**BANCO DE CRÉDITO COMERCIAL S/A**

**MATRIZ: FORTALEZA**

**FILIAIS:**

**CRATEUS**

**CRATO**

**IGUATU**

**JUÂZEIRO DO NORTE**

**SENADOR POMPEU**

**SOBRAL**

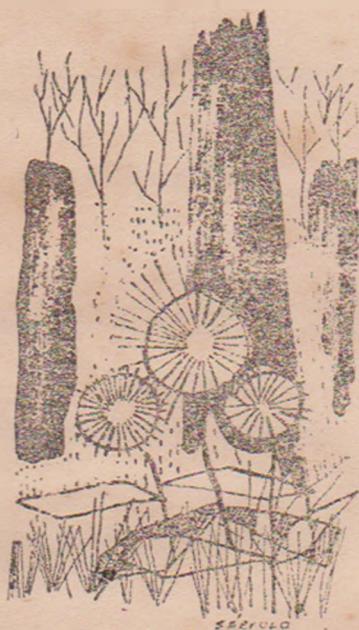
**EXPEDIENTE ININTERRUPTO DE 7,00 AS 10,00 HS**

# ITAYTERA

ÓRGÃO DO  
INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

---

---



ANO V

N.º V

---

---

Tipografia d' «A AÇÃO»  
CRATO  
1959

ITAYTERA

ÓRGÃO DO  
INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI



1917

ANO 1

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

# DIRETORIA ATUAL DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI.

ELEITA EM OUTUBRO DE 1959

José Alves de Figueiredo Filho, **Presidente**  
Pe. Antônio Gomes de Araújo, **Vice-Presidente**  
João Lindemberg de Aquino, **Secretário Geral**  
José de Paula Bantim, **Secretário**  
Antônio Correia Coelho

## **Comissão Organizadora de «ITAYTERA» (IMPrensa)**

J. de Figueiredo Filho,  
Pe. Antônio Gomes de Araújo  
João Lindemberg de Aquino

## **Comissão de Sindicância**

Celso Gomes de Matos  
José de Figueiredo Brito  
Dr. Josio de Alencar Araripe

## **Comissão de Letras de Ciências, Letras e Artes**

Advogado Duarte Junior, Snras. D<sup>a</sup>. Edméia Arraes  
de Alencar e D<sup>a</sup>. Sara Quixadá Donizetti

DIRETORIA GERAL DO INSTITUTO DE  
TURAL DO CARIRI  
REVISTA DE TURAL DO CARIRI

Revista de Tural do Cariri  
Instituto de Tural do Cariri  
Diretor: ...  
Editor: ...  
Tural do Cariri, ...  
19...  
Tural do Cariri, ...  
19...  
Tural do Cariri, ...  
19...  
Tural do Cariri, ...  
19...

CAPA: Gravura do brilhante artista carriense  
Sérvulo Esmeraldo.

# Representantes Fósseis da Fáuna Paleontológica, em nosso Museu

J. de Figueirêdo Filho

O MUSEU DE CRATO foi criado pela iniciativa do Instituto Cultural do Cariri. Inaugurado solenemente, em Dezembro de 1958, está, no entanto, em fase de crescimento. É bem modesto, mas tende a crescer, se Deus quiser. Achamos até o nome pomposo demais. Poderia ser apenas MUSEU DO INSTITUTO. Ao lhe lançarmos o nome de batismo, tivemos confiança absoluta no futuro. Temos contado com a cooperação, não só de Crato, como de muita gente de fóra. Possuimos peça de valor a exemplo da bem trabalhada faca, pertencente ao Cel. Nelson da Franca Alencar, que lhe foi presenteada pelo antigo intendente Cel. José Belem de Figueiredo e doada ao Museu pelo casal snr. Aderson da Franca Alencar—Dona Zumira da Franca Alencar. Temos a bengala que pertenceu ao Cel. Francisco José de Brito, figura de prol na luta de Franco Rabelo contra a rebelião de Juazeiro do Pe. Cicero, no ano de 1914. Pertencem-nos também, ofertada pelos filhos, bengalo-punhal do Major João Evangelista Gonçalves, homem popular, das principais famílias de Crato e que ocupou posição de destaque na sociedade e na politica de nossa terra. Em nosso acervo há muita coisa de D. Quintino Rodrigues de Oliveiva e Silva, do Cel. Antonio Luiz Junior, da heroína Barbara de Alencar, fotografias antigas, documentos preciosos arranjados por muitos, notadamente pelo deputado Antonio de Alencar Araripe, Pe. Antônio Gomes de Araújo, Cel. Raimundo Teles Pinheiro, Rafael Dias, Pe. Rubens Lossio, D. Francisco,

Agiberto Freire, de Bagé Pe. Frederico e outros.

O Museu de Crato não pode especializar-se em determinado setor. É miscelânea de peças e por ora, ainda não estão devidamente separadas na sede do Instituto Cultural do Cariri, á rua Lima Verde, 2.

A representação de nossa fauna paleontológica também é bem acentuada no Museu. Temos peixes fósseis diversos, procedentes dos inesgotáveis mananciais de Romualdo, Santana do Cariri e de outros locais. Há pouco tempo, recebemos ótima dádiva, de Russas, neste Estado, por parte do Dr. Daltro Holanda, diretor e criador do Hospital daquela cidade, médico de nomeada e figura politica de maior projeção na importante zona do Baixo Jaguaribe. Trata-se de ossos diversos, ante-diluvianos, sobresaindo-se femur e tubo caudal de GLIPTODONTE. São peças rarríssimas e cobichadas pelo Museu Nacional, que chegou até propor compra, em carta dirigida ao Dr. Daltro Holanda, em Russas. Preciso contar porque esses ossos, testemunha milenar de fauna gigantesca que desapareceu tragada por cataclismas, chegaram até ao Museu de Crato e hoje o enriquecem, constituindo preciosidade rara de nosso patrimonio.

No corrente ano, passei três meses naquela próspera cidade juguaribana, usufruindo a hospitalidade do casal Daltro Holanda e Ione Pequeno Holanda, ao qual eu e minha esposa somos ligados por laços de próximo parentesco e profunda amizade. Ali estava como em minha própria casa e sob os cuidados médicos dedicados de meu hospedeiro. Pude assim amenizar a doença prolongada que me maltratava, desde o fim do ano passado e entrar em período de convalescença.

O nosso passatempo predileto era a conversa em vastissima varanda, cercada de jardim e fruteiras, com vista agradável em frente para o cruzamento de ruas bem espaçadas. A palestra versava sôbre assuntos diversos, desde os banais, aos de cunho científico. Em certo dia, veio á baila a paleontologia. Daltro falou sô-

bre ossos paleontológicos que possuía, captados no município vizinho de Limoeiro do Norte. Foram amigos que lhe presentearam. Tratava-se de femur gigantesco de cliptodonte e tubo caudal provavelmente do mesmo espécime. Mostrou-me suas fotografias, tiradas por comissão de estudiosos do Rio Grande do Sul, que passara naquelas paragens, em trabalhos de pesquisas. Foi lá dentro e da secretária trouxe-me carta do Museu Nacional, classificando o representante paleontológico daqueles ossos descomunais e na qual propunha até comprar aquelas peças, vindas da fauna dos tempos da formação do mundo, cujas eras de espaço inderterminado, correspondem, conforme estudos dos maiores cientistas atuais, aos dias bíblicos do GENESIS.

Trata-se de restos, como tudo indica, de HO-



Fósseis presenteados ao Museu pelo  
Dr. Daltro Holanda

PLOFORUS EUPHRACTUS, classificado por Lund, o devassador incansável da Lagôa Santa, em Minas e o maior estudioso da Paleontologia Brasileira. É tatú Gigante, desaparecido há milhares ou milhões de anos. Deixaram êles ossada que se espalha por tôda a America do Sul

Aquêles fósseis foram encontrados em caldeirão

meio entupido, do município limoeirense. Agricultor das vizinhanças limpou-o veio a descobrir, no fundo do mesmo, a ossada de bicho descomunal.

Como teria ficado enterrado o animal gigantesco, testemunha de eras tão afastadas da civilização? Daltro conjecturou:

— Já haveria o problema da falta d'agua naquelles tempos, antes do aparecimento do homem sôbre a face da terra? O bicho, não foi àquele caldeirão em busca de agua para mitigar a sede? As convulsões geológicas foram tamanhas que ninguem pode reconstituir a história que se passou muito além da história, quando o chamado rei da natureza ainda nem sonhava de aposar-se da terra, para dominá-la.

No decorrer da conversa, disse-lhe:

— Ah, se arranjasse isso para o Museu de Crato! Não me deu resposta. Fêz que não me ouvia!

Proseguimos a conversação. Falei-lhe que a Lagoa de Santana, em Assaré poderia ter a mesma riqueza em fósseis da Lagoa Santa, pois, em época de sêcas periodicas, quando seu leito ficava estorricado, ao abrirem cacimbas, os moradores encontravam ossos de proporções assombrosas. Em Arneiroz e mesmo no municipio assareense, havia vértebras tão grandes, que eram utilizadas à guisa de cadeiras, em casa de trabalhadores do campo. Disse-me êle que em Frade também se encontravam carcaças de animais ciclopicos, já desaparecidos, em épocas longinquas.

O tempo passou. Proseguimos nos bate-papos diários, pouco tocando em especimens de animais fossilizados. A resposta, porém, do meu pedido quase involuntário, partido dêsse subconsciente traidor de quem se dedica a qualquer coleção, veio não em palavras, mas em facto. Um dia, seu Manoel, encarrgado do sítio, chegou-me com pesado caixão de ossos. Depositou seu conteúdo em minha presença. Admirei tudo aquilo, especialmente os dois mais bem conservados

Continúa na página 8

# DA BIBLIOTECA DO CONGRESSO, DE WASHINGTON, AO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

A BIBLIOTECA DO CONGRESSO de Washington, U. S. A., a celebre THE LIBRARY OF CONGRESS, a maior e a mais bem organizada do mundo, dirigiu-se ao I. C. C., com a carta que transcrevemos, mesmo no original. Agradece a remessa de «ITAYTERA», solicita os numeros atrasados e deseja receber os números futuros, tudo sob regime de permuta.

THE LIBRARY OF CONGRESS  
Washington 25, D. C.

Exchange, and gift division

Gentlemen:

On May, 21. 1959, the Library of Congress was pleased to receive a copy of Ano IV, n° 4 (1958) of the review Itaytera, as a gift from Dr. José de Figueiredo Filho, President of the Instituto Cultural do Cariri. We are very much interested in this publication, and should like to receive copies of all other issues published to date. We should also appreciate your placing the Library of Congress on your mailing list to receive one copy each of all future issues as published, on the basis of exchange. There is enclosed a circular describing our exchange program.

Under separate cover we are sending you the following publications:

Regras de catalogação descritiva

A provisional bibliography of United States books translated into Portuguese

The Hispanic activities of the Library of Congress.

Sincerely yours,

(a) Nathan R. Einhorn

Assistant Chief

Exchange and Gift Division

e mandei depois recolhê-los ao mesmo caixão. Dali, por ordem de Daltro foram cuidadosamente embalados e remetidos para Crato com meu endereço. O que não realizou o prestígio do Museu Nacional, fêz com única frase, velha e alicerçada amizade, argamassada em família. Hoje aquêla preciosidade fóssil, de milenio, ao qual muita gente nem ao menos dá o devido valor, pertence ao Museu de Crato, criação do Instituto Cultural do Cariri. O precioso presente veio-nos sem promessa, enquanto outros d'aqui mesmo, com o umbigo enterrado nestas plagas, prometem-nos demais, para nos faltar sempre. São assim os contrastes da vida.

Com estas considerações em tórno do Museu, setor importante das atividades do Instituto, lançamos o quinto número de «ITAYTERA».



### — POEMA DO RISO E DA DOR —

*José Newton Alves de Sousa*

Chorar é vencer o homem vil.

Quem não chora não se reconhece miserável. Chorar não é verter lágrimas apenas: é sepultar o monstro da ofensa.

Bendito seja Deus pelas flores da Alegria desabrochadas na alma dos que choram, na resignação plena de sofrer para sorrir.

Louvado seja Deus pelo heroísmo que fortalece os padecentes.

Exaltado seja Deus, pela grandeza dos pequeninos.

Oh! Senhor, como chora o que ri no crime horrendo e como ri o que chora em contrição!

Bendito seja Deus pelo riso dos que choram.

Bendito seja Deus pelo choro dos que amam.

# O MAGNÍFICO REITOR DA UNIVERSIDADE DO CEARÁ

VIOLENTADOR DO TEMPO  
ASCENDENTES E COLATERAIS

*Padre Antônio Gomes de Araújo*

*Ex-professor do Seminário Menor e Maior do Crato, Prof. do Colégio Diocesano de Crato, Vice-presidente do Instituto Cultural do Cariri, sócio correspondente da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará, Inspetor do Ensino Normal.*

---

## LANDIM

Quem com beneditina deligência consultar o arquivo paroquial do Icó, freguesia a cuja jurisdição pertenceu o Cariri até 1748, identificará na região, a presença do capitão José Paes Landim, alagoano da então vila das Alagoas, fixado, já em 1731, no Engenho Santa Teresa, núcleo originário e sócio-econômico da família Landim na zona e ora integrado no município de Missão-Velha (1).

Fundador do referido Engenho, ou sítio de Santa Teresa, e filho do alferes Simão Rodrigues de Sousa e de sua mulher, Úrsula Paes Landim, alagoanos da citada vila, aquêlê capitão da militança rural foi casado com Geralda Rabêlo Duarte, baiana de Itapicuru, filha legítima do português, de Vizeu, capitão Domingos Duarte e de sua mulher Ângela Paes Rabêlo, do mesmo Itapicuru (2).

## CRUZ NEVES

Contemporâneo do dito capitão José Paes Landim neste Cariri e casado com Joana Fagundes da Silveira, baiana de Pambu, filha do português Manuel de Barros e Sousa e sua mulher Joana Fagundes da Silveira. — O Sargento-mor Manuel da Cruz Neves, houve, com a mesma Joana Fagundes da Silveira, entre outros, os seguintes filhos: Antônio (tenente), Marcelino,

---

1) Liv. de reg. de Cas. e Bat, Icó, 1729 — 83, fls. 7 e..

2) Liv. de reg. de Cas., Missão-Velha, 1765 — 70, fls 30

Eufrásia e Isabel da Cruz Neves, todos, baianos, de Pambu, casados sob estes céus (3).

ISABEL da CRUZ NEVES casou-se com o capitão Domingos Paes Landim, caririense, sitiante no aludido Engenho de Santa Teresa e filho do mencionado capitão José Paes Landim e Geralda Rabêlo Duarte (4).

## JESUS

Coevo do capitão José Paes Landim e do sargento-mor Manuel da Cruz Neves e, como êle, imigrante neste vale, Tomás Varela de Lima, português, casado com Mariana Rufina Calado, pernambucana, do Cabo—casou seu filho, capitão Manuel Antônio de Jesus, igualmente, do Cabo, com Luísa Paes Landim, filha do citado casal, capitão Domingos Paes Landim—Isabel da Cruz Neves (5).

O capitão Manuel Antônio de Jesus e Luísa Paes Landim residiam no dito Engenho de Santa Teresa.

## MARTINS

Precisamente em 15 de setembro de 1761, já estava morando na Ribeira do Rio dos Porcos, em terras que vieram a integrar-se nos territórios dos municípios de Milagres, Mauriti, Brejo Santo, Jati e Porteiras—o capitão Bartolomeu Martins de Moraes, português, do Porto, casado com a baiana, da cidade de Salvador, Ana Maria Ferreira (6). Seus latifúndios se transmitiram aos filhos, sete ao todo, todos casados. Seu neto materno, coronel Pedro Martins de Oliveira Rocha, chefe político, em Milagres, da facção contrária à do juiz local, Manuel de Jesus da Conceição Cunha, ao tempo em que João Brigido fundara e dirigia o semanário «O Araripe», nesta cidade («O Araripe», 1855—65, Crato—Ceará)—afigurou-se o maior senhor de fazendas entre os seus pares na área dos atuais municípios

- 
- 3) Liv. de reg. de Cas., 1773-1810, fls. 8 e Liv. de reg. de Bat., 1748-64, fls. 83, paróquia cit.; Liv. de reg. Cas., 1765-79, par. do Icó, Liv. de reg. de Cas., 1765-70, fls. 51, par. M. Velha; Liv. de reg. de Cas., 1773-1810, fls. 18, par. cit.
  - 4) Liv. de reg. de Cas., 1795-1803, fls. 188, par. de M. Velha
  - 5) Liv. de reg. de Cas., 1790-1800, fls. 89 verso, paróquia de Missão Velha.
  - 6) Liv. de reg. de Bat., 1748-64, fls. 36, paróquia de Missão Velha; idem, 1783-1827, fls. 2, paróquia citada.

citados. Por milhares contaram-se as cabeças de gado vacum de seus campos. Com alguns destes, confinaram, do lado de Pernambuco, as fazendas «Mamaluco» e de «Amargoso», de propriedade de meu bisavô materno, Amaro Florentino de Araújo Lima, amigo e compadre daquele Martins milionário de gados e terras, e, de anos, pois faleceu aos cento e vinte de idade no sobrado de sua fazenda «Poço», e está sepultado na capela do sítio «Nazaré», a dois passos da cidade de Milagres. Este Martins alternava a residência nas suas fazendas de «Poço» e de «Cacimbas,» a qual, por transmissão hereditária, passou a sua neta paterna, a viúva Maria Pia Martins Xavier, que a venderia, no momento, se quisesse, por vinte milhões. Foi o mesmo Martins, tio-avô do coronel Joaquim Cardoso dos Santos, Quinco Cardoso, que chegou a possuir para mais de treis mil cabeças de gado em Brejo Santo, nas últimas décadas do século passado, êle, bisneto do citado capitão Bartolomeu Martins de Moraes, e pai do primeiro juiz togado daquele município: Antônio Cardoso dos Santos.

## VASCO

Colono neste Vale, imigrado de Portugal, português, êle próprio sitiante na terra adotiva, Pedro Francisco Vasco casou-se com Francisca Rodrigues Lima, filha do capitão Bartolomeu Martins de Moraes e sua referida mulher. (7)

\* \*

De Pedro Francisco Vasco e Francisca Rodrigues Lima, citados, nasceu Rita Maria de Lima, também conhecida por Rita Martins, que convolou núpcias com o capitão Manuel Antônio de Jesus Júnior, filho dos mencionados capitão Manuel Antônio de Jesus e Luísa Paes Landim (8).

Filha do capitão Manuel Antônio de Jesus Júnior com sua referida mulher—Maria Martins de Jesus matrimoniou-se, com o irmão, de pai e mãe, de seu pai, Major João Antônio de Jesus (9).

7) Liv. de «Notas», n° dez, 1811—12, fls. 92, 1° Cart., de Antônio Machado, CRATO.—Ce.

8) Liv. de reg. de Cas., 1826—27, fls. 26, paróquia de M. V. Iha.

9) Informação prestada ao autor pela veneranda senhora Rita Martins de Jesus, domiciliada na cidade de Baía, e neta paterna do mencionado casal, capitão Manuel Antônio de Jesus Júnior — Rita Martins.

NOTA: Um filho deste último casal, Pe. Manuel Antônio Martins de Jesus, foi deputado provincial.

Isaias Antônio de Jesus, filho daquele Major e da mesma Maria Martins de Jesus, foi casado com Maria das Dores de Jesus (10). De Isaias e Maria das Dores, nasceu Antônio Martins de Jesus, que se casou com Antônia Leite da Cruz (11), dos quais procedem ANTÔNIO MARTINS FILHO, Reitor da Universidade do Ceará, e seus ilustres irmãos (12)

O citado Capitão Bartolomeu Martins de Moraes, falecido em 25 de maio de mil setecentos e noventa e quatro com sessenta e cinco anos de idade, e sepultado no cemitério de Missão Velha (13), casou sua filha, Joana Martins de Moraes, com o alagoano, Tenente Gonçalo de Oliveira Rocha (14), um dos destacados colonos do rincão brejosantense e já, em 1748, presente naquele pedaço do Cariri (15), e, aí, falecido em 20 de agosto de 1799 aos 99 de idade (16). O casal senhoreou a fazenda «Nascença», limitrofe do sítio «BREJO», junto de cujas terras molhadas surgiu a cidade de Brejo Santo.

Dentre os filhos de Joana Martins com o Tenente Gonçalo, numerou-se Joana Martins do Espírito Santo, casada, em segundas núpcias, com o Capitão Romão Pereira Filgueiras, irmão do ex-Capitão-mor do Crato, José Pereira Filgueiras, ex-Governador das Armas do Ceará, «Napoleão das Matas» herói da Expedição de Caxias e fator decisivo nos acontecimentos políticos do Ceará, de 1817 a 1824 (17). Romão e Joana radicaram-se no sítio «Roncador», em terras de Barbalha, sítio, que se transmitiu a descendentes seus.

Dêste consórcio, vieram sete filhos, dentre eles, o Tenente-coronel João Quesado Filgueiras, que foi deputado provincial; e Francisca Quesado Martins Filgueiras, casada com Joaquim Manuel Sampaio (18), filho de Manuel Correia de Sampaio (19), que procede de Antônio Correia de Sampaio

---

10) Informação da citada senhora Rita Martins de Jesus.

11) Liv. de reg. de Cas., nº 10, fls. 29, paróquia de Barbalha.

12) Liv. de reg. de Bat., nº quatorze, fls. cento e trinta e sete, verso, paróquia cit.

13) Liv. de reg. de Obt., 1780 — 1806, f's 36, paróquia de Missão Velha.

14) Liv. de reg. de Cas., 1740, fls. 264, paróquia citada.

15) Liv. de reg. de Bat., 1748 — 64, fls. 4, paróquia citada.

16) Liv. de reg. de Ob, cit. fls 67

17) Liv. de «Notas», nº 2, 1775 — 83, fls. 14 e reg., Cartório citado. Item, nº 27, 1845, fls. 8, cartório citado, Liv. de reg. de batisado, 1817 — 23, fls. 12, paróquia citada.

18) Livro de «Notas», nº 27, fls. cit., ano cit. Cartório cit., Liv. de reg. de bat., 1817 — 23, paróquia de Barbalha.

19) Liv. de reg. de bat., 1812 — 17, fls. 85, paróquia de M. Velha.

(20), cujo pai, Alferes Gonçalo Coelho de Sampaio (21), imigrado baiano, foi dono do sítio «Juazeiro», em Missão-Nova, de Missão-Velha, sítio que já senhoreava pelos idos de 1748, e é ancestral de Leão Sampaio, deputado federal e de Cid Sampaio Feijó, governador de Pernambuco, bem como de Pio Sampaio, deputado à Assembléia Legislativa do Ceará.

De Francisca Quesado Martins Filgueiras e seu dito marido Joaquim Manuel Sampaio, nasceram, sem contar outros: a) Romão Filgueiras Sampaio (22), ex intendente e chefe político de Jardim, e Salgueiro (Pernambuco), Adão daquelas paragens (sobreviveram-lhe 24 filhos), é ascendente dos Filgueiras Sampaio, do citado Jardim e sertão pernambucano, destacando-se, neste, o coronel Francisco Romão—Chico Romão—prestigioso chefe político de Serrita; b) Antônio Filgueiras Sampaio, Toinho da Onça, do qual descendem: Antônio Sampaio Filgueiras, médico já falecido; padre Alzir Sampaio, vigário de Lavras da Mangabeira; Romão Filgueiras Sampaio, autor de excelentes compêndios para o ensino de primeiro grau; José Denizard de Macedo, professor da Escola Preparatória de Cadetes de Fortaleza e brilhante intelectual; Nertan de Macedo vigoroso jornalista, militante na imprensa carioca; brigadeiro José Macedo; Otacilio Macedo, clínico e jornalista.

A citada Joana Martins do Espírito Santo casar-se a primeira vez com Joaquim Inácio dos Santos, cariense, filho do português fixado em terras de Barbalha na segunda metade do século dezoito—Manuel Inácio dos Santos, mais conhecido por Manuel Cardoso Viana, tronco dos Cardosos deste Vale, e que foi casado com Leocádia Maria de Castro, irmã, de pai e mãe, do citado Capitão-Mor do Crato, pois foram filhos do Tenente José Quesado Filgueiras Lima e sua mulher Maria Pereira de Castro, êle, português, baiana, ela, imigrados na mesma Barbalha no início da segunda metade do citado século.

Deste primeiro leito, Joana Martins do Espírito Santo teve quatro filhos (23), um de nome Antônio Cardoso dos Santos, Antonino, que esposou Maria Xavier Bezerra, filha do grande proprietário rural cariense, Coronel Francisco Xavier de Sousa, tronco da família Xavier desta zona e de Salgueiro em Pernambuco, e contado como o segundo fundador da cidade de

21) Liv. de reg. de Bat., 1748 — 64, fls. 9, paróquia citada.

21) Liv. de reg. de Cas. 1765 — 70, fls. 4 e 28, paróquia citada.

22) Liv. de reg. de Bat., 1840 — 48, fls. 77, paróquia de Barbalha.

23) Liv. de «Notas», nº 27, fls. cit., ano cit., cartório citado.

Aurora. Era de Aracati (24)

De Antonino e sua referida mulher descendem: Coronel Raimundo Cardoso dos Santos (25), ex-intendente e chefe político de Porteiras, deposto em 1915 pelos Lucenas, de Brejo Santo, associados ao célebre José Inácio do Barro, mas reposto pelo presidente do Estado, Benjamim Barroso; Aristarco Cardoso, ex-prefeito da dita comuna; o já citado juiz Antônio Cardoso dos Santos; Francisco Xavier Saraiva, ex-deputado estadual; o mencionado Joaquim Cardoso dos Santos, Quinco Cardoso; Antônio Xavier Saraiva, medico; José Cardoso de Alencar bacharel e talentoso advogado, e seus irmãos, Mozart e Odálio, aquêl, médico, e êste, bacharel.

\* \* \*

Outro filho do Capitão Bartolomeu Martins de Moraes e Ana Maria Ferreira—Capitão João Martins de Moraes, casouse com Antônia Maria do Espírito Santo, filha do Tenente Gregório do Espírito Santo e Isabel Furtado Leite (dos Furtado Leite do «Coité», Mauriti) (26).

De João Martins de Moraes e Antonia Maria do E. Santo descendem: Pe. Raimundo Augusto de Araújo Lima, pro-Vigário Geral desta Diocese; doutor Aurino Augusto de Araújo Lima, juiz duma das Varas da capital cearense; doutor Antônio Augusto de Araújo Lima, odontólogo na mesma capital; Olivio Augusto Araújo Lima, engenheiro agrônomo, sediado na metrópole do estado dos Timbiras.

É um exemplo.

O Tenente Antônio da Cruz Neves, irmão, como já se disse, da citada Isabel da Cruz Neves, casado em primeiras núpcias com Maria Vieira de Jesus (27), consorciou-se em segundas com Francisca Maria de Jesus, filha do referido Antônio Correia de Sampaio (28).

Casou sua filha, do primeiro matrimônio, Ana Maria de Jesus, com o baiano, Comandante Joaquim José de Santana, imigrado em Missão Velha (29), ascendente, com a dita Ana, dos irmãos Cícero, Manuel, Antônio e Juvêncio Santana, o qual

24) Liv. de «Notas», nº 25, 142, fls. 183 e seg. cart. cit. — Liv. de reg. bat., 1840 — 48 fls. 23, paróquia de Barbalha.

25)

26) Liv. de reg. de bat., 1748 — 64, fls. 36, paróquia de Missão Velha — Liv. de reg. de cas. fls. 24, par. citada.

27) Liv. de reg. de cas., 1765 — 70, fls. 55, par. de M. Velha.

28) Liv. de reg. de cas., 1773 — 1810, fls. 18, par. citada.

29) Livro de reg. de Cas., 1735 — 1803, paróquia citada.

ocupou, como representante do padre Cícero Romão Batista, por duas vezes, as funções de Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Justiça do Ceará, foi Conselheiro daquele sacerdote em sucessão ao talentoso aventureiro Floro Bartolomeu da Costa.

A esta altura, suspendo este registro, suficiente para demonstrar que se vincula a pioneiros conspícuos da formação do Cariri e entrelaça-se a famílias históricas do Vale, aquêle que violentou o tempo, antecipando Criação e funcionamento da Universidade do Ceará, que o compensou atribuindo-lhe o cargo de reitor, pôsto em que o mantem, mesmo quando os anísios rochas cerram os punhos ameaçadores da inveja e do despeito contra o Magnífico, o 5º neto do Capitão Bartolomeu Martins de Moraes, o Latifundiário ímpar, do seu tempo, na Ribeira do Rio dos Porcos; e do Capitão José Paes Landim, fundador do Engenho de Santa Teresa; e quarto neto do capitão Manuel Antônio de Jesus, o cão fiel à boca do cofre da Confraria de São José, da paróquia de Missão Velha, associação de que foi tesoureiro por longos anos.

### Conexos

Os Capitães José Landim, Manuel Antônio de Jesus e Bartolomeu Martins de Moraes, citados, assinaram, respectivamente as atas das eleições dos Procuradores da Obra da Matriz da Povoação de São José dos Cariris Novos, realizadas, sucessivamente, em dois de maio de 1768 e em primeiro de janeiro de 1792 (30).

Aquela povoação foi o núcleo inicial da atual cidade de Missão Velha e sede da primeira freguesia criada e inaugurada no Cariri, primeiro sob a invocação de Nossa Senhora da Luz, substituída, depois, pela de São José.

No curso da construção da Matriz reuniam-se, na sede da paróquia, convocados pelo Vigário, os principais da freguesia, para a realização de eleição dos procuradores de recursos econômicos, que o faziam nas zonas de sua influência. Ato contínuo, depois desta escôlha, a assemblêia designava, dentre os presentes, um administrador e um tesoureiro. Exerceram, esta última função, o capitão João Correia Arnaud e, como já

---

30) Livro das Eleições dos Procuradores da Obra da Matriz de São José dos Cariris Novos, fls. de 1 a 6.

foi escrito, o capitão Manuel Antônio de Jesus.

\* \* \*

### Falecimento do Capitão Bartolomeu Martins de Morais

Transcrevo o registro do óbito do Capitão Bartolomeu Martins de Morais, cit, «Aos vinte e cinco de maio de mil setecentos e noventa e quatro faleceu Bartolomeu Martins de Morais de idade de sessenta e cinco casado que era com Ana Maria Ferreira sem sacramentos por morrer apressadamente, sepultado envolto em habito branco nesta Matriz, encomendado pelo Reverendo Cura André da Silva Brandão, de que mandou fazer este assento e assinou.

ANDRÉ DA SILVA BRANDÃO  
Paroco» (31)

### Falecimento do Tenente Gonçalo de Oliveira Rocha

Por igual, transcrevo o registro do óbito do Tenente Gonçalo de Oliveira Rocha, marido, em segundas núpcias, de Joana Martins de Morais, citada, filha do referido Capitão Bartolomeu Martins de Morais: «Aos vinte dias do mês de Agosto de mil setecentos e noventa e nove faleceu da vida presente, na idade de noventa e seis anos Gonçalo de Oliveira Rocha, casado que era com Joana Martins, recebeu o Sacramento da Penitencia, foi amortalhado em habito branco, encomendado pelo Reverendo Paroco André da Silva Brandão e sepultado das grades para cima nesta Matriz, de que fiz este assento, em que assinei.

O Cura ANDRÉ DA SILVA BRANDÃO» (32).

### Falecimento do Capitão Manuel Antônio de Jesus

Cópia do original, como dos dois antecedentes, do registro do óbito do referido Capitão Manuel Antônio de Jesus: «Aos vinte e quatro dias do mês de fevereiro de mil oitocentos e vinte e oito faleceu da vida presente o Capitão Manuel An-

31) Liv. de Óbito, fls. 36, paróquia de Missão Velha, 1788 — 1806.

32) Liv. de reg. de Óbito, citado. fls. 67, Paróquia cit., anos citados

tônio de Jesus com a idade de setenta e sete anos casado com Luiza Paes Landim com todos os Sacramentos envolto em hábito branco sepultado nesta Matriz de São José dos Cariris Novos de grades acima encomendado solenemente pelo Reverendo Vigário desta Freguesia João Fernandes Vieira e para constar mandei lavrar este assento em que me assino.

Padre Joaquim José da Costa Caldas  
Vigário Interino» (33).

### Falecimento do Comandante Superior Coronel Francisco Xavier de Sousa

Cópia, do original, do óbito supra: «Aos dezenove dias (19) do mês de julho de mil oitocentos e quarenta e sete (1847) faleceu da vida presente o Comandante Superior Francisco Xavier de Sousa, branco, casado com D. Maria Xavier de Sousa, idade cincoenta anos e foi sepultado nesta Matriz aos vinte dias do mesmo mês de grades acima encomendado solenemente pelo Reverendo Vigário José Maria Freire de Brito, e para constar mandei fazer este assento em que assinarei» (34).

Nota: o vigário não assinou

### OS FURTADO LEITE DE COITÉ (Mauriti)

Já em 1776 residia no sítio Coité (atual município de Mauriti) o Tenente-coronel Luiz Furtado Leite e Almeida, português ilhéu, tronco nêste Cariri da ilustre e tradicional Família Furtado Leite. Era de sua propriedade, o mesmo sítio. Casou-se uma só vez. Foi sua esposa, D. Beatriz de Sousa da Silveira, baiana de S. Antônio de Pambu, irmã, de pai e mãe, de Joana Fagundes da Silveira, esposa do citado Sargento-mor Manuel da Cruz Neves, filhas, ambas, dos citados Manuel de Barros e Sousa e Joana Fagundes da Silveira. (35)

Os descendentes da aludida Beatriz são colaterais do Magnífico Reitor ANTONIO MARTINS FILHO, como é evidente.

Crato, 1959.

33) Livro de registro de óbito, fls. 63. paróquia de Missão—Velha 1822 — 1851.

34) Liv. cit., fls. 273.

35) Liv. de reg. de Cas., fls. 1 e 14. paróquia de Missão — Velha, 1765 — 70. Liv. de reg. de batismo, fls. 32 e 129. paróquia de Ca brobó, Pernambuco, 1764 — 69. — As demais fontes são as registradas neste trabalho a propósito dos irmãos Antônio, Marcelino, Enfrásia e Isabel da Cruz Neves.

## NORDESTE, PÃO E ÁGUA

Com o título supra, enfeixou o jornalista J. C. de Alencar Araripe, diretor do «O POVO», de Fortaleza, as reportagens que fez no ano passado, expondo, com o realismo de senhor completo do assunto, dos problemas cruciantes das secas nordestinas. Aquelas reportagens tiveram a maior repercussão possível. Foram focalizadas no Senado e transcritas na imprensa carioca. Com esse trabalho, o denodado jornalista cariense recebeu o segundo prêmio de reportagens do Concurso ESSO, não só imensa honra para êle como para tôda a imprensa cearense. NORDESTE, PÃO E AGUA reúne aquelas reportagens, em bonito e bem impresso volume, editado pela IMPRENSA UNIVERSITARIA DO CEARÁ.

## LATROCÍNIO EM CACHOEIRA PAULISTA

O Dr. Francisco Esmeraldo de Melo, cratense da gema, é promotor concursado da Comarca de Cachoeira Paulista, em S. Paulo. No ano transâto, comprovando o seu mérito incontestável à frente da promotoria daquela cidade paulista, publicou a brilhante acusação que fez do cruel matador do Padre José Francisco Von Atzingen, com o fim unico de roubar-lhe minúsculos recursos de obras pias. O Tribunal de S. Paulo deu-lhe ganho de causa à justiça já assegurado em juízo. No mesmo opúsculo onde inseriu suas CONTRA-RAZÕES EM APELAÇÃO, publicou os ótimos estudos: «IN MEMORIAN de João Evangelista de Melo, e outras reminiscências», «APENDICE: Cronicas Genealógicas de autoria do Pe. Antônio Gomes de Araújo» e «Aresto da Terceira Câmara Criminal do Egrégio Tribunal de Justiça».

## ESBOÇO HISTÓRICO DE CRATO

O Cel. Raimundo Teles Pinheiro, dos mais brilhantes filhos da terra cratense e dos maiores entusiastas de seu progresso, no corrente ano lançou a segunda edição de seu apreciado «ESBOÇO HISTÓRICO DO CRATO», através da IMPRENSA UNIVERSITARIA DO CEARÁ. É prefaciado pelo Magnifico Reitor Antônio Martins Filho. É obra de cunho histórico para consultas e obedece ao critério de efemérides, para melhor facilidade de consulta. O opúsculo, cheio de clichês, foi recebido com os aplausos unânimes da imprensa cearense.

# CLOVIS BEVILAQUA

---

Escreve Duarte Júnior

Duas Faculdades de Direito, apenas, contava o Brasil dos idos da Monarquia ao nascimento da República.

Erguidas sob as arcadas dos Mosteiros de Olinda e S. Paulo foi a primeira transferida para Recife, — Praça Adolfo Cisne — permanecendo a segunda no mesmo local de origem, no Largo de S. Francisco, guardando, em novo edificio, as tradições da cultura bandeirante.

Professores barbilôngos, de bengalão e fraque, mestres categorizados nos quadros do direito clássico, latinistas e retóricos, plasmavam os novos bachareis e davam existência aos futuros catedráticos. Transfusionavam nas veias dos alunos o sangue da ciência tomado dos Melo Freire, Ferreira Borges, Lobão, Correia Teles, Pereira e Souza, Borges Carneiro, Coêlho da Rocha, Dunburg, Laurent, Demolombe, Windscheid, Becaria, Bentham, Carrara, Liszt e uma multidão de outros tratadistas estrangeiros.

Entre os que saíram da Escola paulista, figuram nomes como Teixeira de Freitas, Lafaiête, José de Alencar, Silva Jardim, Rangel Pestana, Julio de Castilhos, Assis Brasil, Afonso Pena, Bocaiúva, Afonso Celso, Pedro Lessa, RUI BARBOSA, e entre os que estudaram e lecionaram na Escola do Leão do Norte, contam-se figuras do estalão de Trigo de Loureiro, Vieira de Araujo, Pereira do Rêgo, Gervásio Froravante, Henrique Milet, Faelante da Câmara, Martins Júnior, Tobias Barreto, Joaquim Nabúco, Epitacio Pessoa, RIO BRANCO, CLÓVIS BEVILAQUA.

Não havia, como agora, Universidades, cursos de ciências econômicas, de agronomia, química industrial, farmácia, higiene sanitária, investigações científicas, e outras escolas técnicas de gráu superior, e, porisso, o bacharelato era a carreira seguida pelos filhos de fazendeiros, uzineiros, seringalistas e mineiros.

O diploma de bacharel, os titulos nobiliarquicos, as patentes honoríficas, constitui o alvo a que estavam subordinadas as aspirações contemporâneas dos ciclos dos currais, da cana de açúcar, da borracha, da mineração.

De estâncias as mais longinquas, brotavam barões e coroneis da guarda nacional e dessa aristocracia rural as safras

de bachareis-futuros advogados, magistrados, professores, legisladores, diplomatas, literatos e filósofos.

Vale lembrar, a título de curiosidade, que foi o Barão de Vila Bela quem fez de Joaquim Nabuco deputado por Pernambuco, do mesmo modo como das mãos de outros barões saíram inúmeros representantes das provincias no Parlamento Nacional.

O tempora! O Mores! Hoje são êles proprios, barões e coroneis, já sem as comendas e os galões simbólicos, que se refestelam nas poltrônas do «Tiradentes» e do «Monroe» para gáudio desta democracia sem letras e sem moral que estamos vivendo. As Assembléas Estaduais, já não há prédio que comporte o número de deputados e de funcinários criados pelo moderno sistema de inventários politicos. Veja-se a diferença do parlamento Inglês com 360 cadeiras para 36.000.000.00 de eleitores concientes!

Diferente, porem, foi a luminosa trajetória de Clovis Bevilacqua, que sem vocação para artista politico, consagrou-se ao apostolado do direito no plano mais elevado em que êle gravita como ciência das leis.

O sábio se faz no silêncio do gabinete, não é fabricado como é o politico, por eleitores analfabetos.

Filho da cidade cearense de Viçosa, ao norte da Serra Grande fez em Fortaleza o curso de humanidades, ingressando, depois, na Faculdade de Direito de Recife, onde se formou e onde foi professor dos mais insignes, estreado sucessivamente nas cadeiras de Filosofia e legislação comparada, com o brilho com que ali pontificou o genial Tobias Barreto, em assuntos de sociologia, e na Faculdade de S. Paulo, como criminalista, o fenomenal Bernardino Ribeiro, falecido, infelizmente, no começo da docência.

O seu convívio inicial, através da leitura de romances e poesias, com Herculano, José de Alencar, Alvares de Azevedo, Gonçalves Dias, Byron, Dumas, Balzac, Gautier, Lesage e outros, não reputamos desperdício de tempo, mas uma iniciação, um adestramento, do seu grande espirito para o trato posterior dos filósofos—Littre, Heckel, Spencer, Shimidt — de cuja companhia saiu armado cavaleiro para o estudo do Direito. Literato, filósofo e sociólogo ao mesmo tempo, entrou familiarmente na intimidade dos juristas.

Não tendo nascido, singularmente, como Machado de Assis, para o romance e para o verso, apesar de dono de precioso cabedal de conhecimentos predestinado que foi, por decreto da Providência, para a construtura do direito, pode-se dizer que, naquelas parágens, teria sido um astro desorbitado de sua rota. Assim é que a contribuição de sua capacidade criadora prestada

à imprensa e à literatura, é superada pela sua portentosa produção jurídica. Trabalhos de real mérito as obras de história, de literatura, de filosofia, de ficção, elaboradas, três em colaboração com Martins Júnior este revolucionário tropical de «Estilhaços», duas com sua esposa, uma com o General Taumaturgo de Aze-



Clovis Bevilacqua e esposa D.ª Amélia

vedo, e várias isoladamente, todavia sua atividade jornalística, romântica, filosófica, não o teria culminanciado.

Um só dos seus livros—Teoria Geral do Direito Civil—basta para fazê-lo rivalizar com TEIXEIRA DE FREITAS considerado o jurista máximo das Américas.

Livro algum, escrito em português, sôbre igual materia, se ombrêa com o magistral tratado a que nos referimos. Os que sob a mesma rúbrica escreveram Borges Carneiro, Ribas, Carlos de Carvalho, Lis Teixeira, Trigo de Loureiro, Arnaldo de Medeiros e Vicente Ráu, não resistem a um confronto desapixonado com o do mestre insigne.

Não fosse o receio de descambar para o ditirambo, e não hesitavamos em dizer do «Direito Civil» de Clovis o que DUPIN disse do «Tratado das Obrigações» de POTHIER: «O mais belo livro de direito que (àquêle tempo), saiu das mãos dos homens, Evangelho humano com algo do Evangelho Cristão».

Inúmeros outros trabalhos aureolam a sua reputação de juriconsulto: «Soluções Práticas de Direito» Pareceres sôbre questões as mais complexas, escritos com mão professa, denunciam o seu dominio absoluto nas diversas provincias dos conhecimentos juridicos, bem como os que elaborou nas funções de Consultor Juridico das Relações Exteriores. «Direito da Familia», «Direito das Obrigações», «Direito das Sucessões», pela substância, erudição, unidade de doutrina, dinamismo juridico, são superiores, no que lhe diz respeito, ao «DIGESTO PORTUGUES» de Correia Teles, e a tudo quanto entre nós se fez sôbre as materias ali corporificadas.

Obras de eleição, fizeram escola em nossa literatura juridica consolidando-se a sua doutrina, com as nuanças proprias do tempo, na codificação civil viorante.

«Direito Internacional Privado», materia que se pode dizer não existia antes de 1648, (antes da Guerra dos Trinta Anos), porque o estrangeiro era considerado indigno de qualquer favor nas relações com o elemento nacional, materia delicadissima por envolver interêsses de povos sujeitos à legislação extranha, revela, na opinião dos mestres a sua insuperavel acuidade, o fulgor do seu espirito e completa o ciclo cultural do grande civilista.

Não conhecemos os seus trabalhos—Filosofia Positiva, «Economia Politica», «Unidade do Direito Processual», «Legislação Comparada», «Criminologia e Direito», «Esboços e Fragmentos» «Epocas e Individualidades» «Literatura e Direito», «Hospitalidade no Passado», e outras há muito exgotadas, mas não temos dúvida sôbre o valor de todas elas, porque de sua pena não brotavam «negrillos». Não são as suas criações como as de muitos dos nossos escritores—«frutos de cobre com casca de ouro» na expressão de Tobias Barreto. Não obstante a vastidão multiplicidade e variedade de sua obra, não foi um fabricante, como se disse de Coêlho Neto, mas um escritor o maior que o Brasil tem tido em assuntos de direito.

Revela atentar, ainda, para a circunstância de haver produzido a maioria de suas obras em idade inferior a quarenta anos, desmentindo as maximas de que a vida começa aos quarenta e de que o direito é ciência de velhos.

Venerandos doutores existem que embranquecem a fronte no trato da ciência de ULPIANO, sem lhe descobrir os segredos.

Acresce, ademais, que durante o curso academico, como êle proprio confessa, passou desatento às belezas do direito, no qual não descobria o influxo das idéas que lhe daria a expli-  
cação do mundo.

Com efeito o platonismo do ensino, refletindo o marasmo do meio ambiente, fazia das Escolas uma especie de seminários mitológicos, onde não chegava o ruido e tumulto da vida real.

A economia politica não figurava como ramo da sociologia, confinada pelos marcos do individualismo filosófico e a sociologia não passava de sociolatria, assemelhando-se «a astrolatria dos Apolônio e Magos da Caldéa». O «Direito das Gentes» era uma espécie de romance de aventuras e o Patriotismo uma mística, um ufanismo alheiafório das especulações politicas e econômicas.

A mocidade academica enquanto se apaixonava por novelas de cavalaria, enrêdos de óperas, desaparecia-se dos assuntos juridicos e dos problemas nacionais.

Inciente das graves questões externas, preocupava-se mais com rixas literárias, torneios poéticos do tipo dos que se travaram entre Tobias e Castro Alves, do que com as pelepas sobre limites do Paiz entre Rio Branco e os advogados das nações contiguadas — Zeballos e outros — com a «guerra fria» das «MISSÕES», do «AMAPÁ» das «GUIANAS» do «ACRE». E somente quando a refrega passava para o terreno das armas, em que ao lado de Joaquim Nabúco, Caetano da Silva, Aguiar de Andrade, RIO BRANCO, surgiam os Plácido de Castro e os bravos Paroáras do Ceará, só então se apercebia do sentido politico, militar, geográfico, economico, da indiscriminação de nossas fronteiras. Só então se apercebia de que acima dos românticos e dos liricos, pairava a ciência de Rio Branco — Hércules da diplomacia no Novo Mundo — ao qual devemos a victoria do Brasil nas arbitragens — CLEVELAND e WALTER HAUSER (Presidentes das EE.UU. e da Confederação Helvética) bem como dos Tratados de Petrópolis, Assunção e outros.

Não pensavam os moços do que seria dessa área de cerca de quinhentos mil quilômetros quadrados, incorporados definitivamente à Amazônia, se permanecessemos regidos por linhas imaginárias construidas sobre as bases de **ut possidetis**.

Não pensavam na possibilidade das guerras de conquista e qual poderia ser a nossa sorte sob o regime do Meridião de Tordesilhas, ou mesmo dos Tratados de Utrecht e Santo Ildefonso, inoperantes na bacia do «Mar Dulce», frente à ganância das potências imperialistas, do seu apetite pelas riquezas da maravilhosa «Hiléa Brasileira» como a denominou Humboldt, ou da atual «Hiléa Amazônica» compreendida no famoso «Instituto Internacional», de sua cobiça não só pela goma elástica, pelo petróleo como principalmente pelos minérios comerciáveis e estratégicos que ali abundam. O Brasil é a mais cobiçada das presas, já clamava Rui Barbosa, em 1921 na celebre «Oração aos Moços».

A mocidade não lia os naturalistas, geólogos, geógrafos, botânicos, exploradores, não sabia da existência de tais matérias primas e muito menos que elas podessem fazer nascer a idéia do «Canal Cassiquiare» para ligação do Orenoco, na Venezuela, ao Rio Negro, no Amazonas, como via fluvial de expansão econômica da zona de influência dos Estados Unidos na América do Sul. Não imaginava, muito menos, que essas riquezas atraíram as pomposas missões protestantes àquelas imensas florestas, acompanhadas de poderosas frotas de lanchas motorizadas, automóveis e aviões, a pretexto de converter católicos em sectários de Rogers William... acionados, certamente, pelos dólares de Wall-Street.

Aliás, naqueles tempos, não vivíamos sob a ameaça de domínio econômico pelas nações imperialistas e não havia o perigo de catequese manu-militari pelos Soviéticos, ameaça esta muito mais grave porque se os primeiros nos tomam os **aneis**, os segundos nos tomariam os **aneis** e os **dedos**. Os Rockfellers os Morgans, os Mellons, nos escravizam comercialmente e os Krutchev nos escravizariam pessoal e territorialmente, verdadeiro lobo que é o comunismo, em traje de cordeiro.

Naquêles bons tempos não havia CEXIM, CACEX, SUMOC, mas também não se plantava borracha em Ceilão, não havia borracha sintética e não havia cultura de café na África.

Não havia questões sociais, lutas de classe. Industriais e operários se entendiam sem o recurso de leis especializadas. Não havia legislação trabalhista, essa nova ciência de ordenamento da conduta do capital e do trabalho, tendo a data 2 de Maio de 1939 o Dec.-Lei que instituiu entre nós a justiça do trabalho. Não se falava em acidentes do trabalho, salário mínimo, co-participação em lucros de empresas, descanso, férias e outras medidas assistenciais, retardamente decorrente da ausência do problema dos sem-trabalho, problema de escassez de ter-

ras agrícolas, problema de super-produção.

Nesses saudosos tempos o estudante, na expressão de John Gunter, sustinha com uma mão um emprego público e com a outra escrevia poemas ou brincava de escultura. Era de Júlio Verne, em que se fazia viagens à lua sem o sacrificio das «Damkas» e dos Sputniks.

CLOVIS estudou ainda perfumado pelos canteiros de Academus.

Recebendo o seu «canudo» não pensou nas ciências em que SOROKIN se fez soberano, nas ciências sociais e económicas, entregando-se ao estudo do direito, em cujos quadros clássicos não se podiam acomodar normas de economia dirigida, ou de sentido coletivista.

A sua obra de civilista liberal, entretanto não envelheceu, como aconteceu com o nosso direito comercial, e não envelhecerá construída que foi sobre o cimento do elemento histórico e, ao mesmo tempo, modelada em traços dinâmicos, mais vivos do que os figurinos americanos e europeus da época.

A sua grande cultura jurídica, equilibrio e senso de proporção, comunicaram ao edificio que levantou o segredo da longevidade.

Pouco importa que das esquinas da iconoclácia espiritos demolidores lhe atirem pedras,—jurista perempto, retrógrado—e outros baldões que o não atingem, por não ter cabida e pela fonte infecta de onde escorrem.

Já dizia o imortal Vieira que se os olhos vêem com ódio, o cisne é negro.

Vivendo e agindo em um estado burguês não podia perflhar a doutrina de Marx: «a cada um segundo o seu trabalho, sob a direção do Estado, único proprietário, único comerciante».

Foi por reconhecer a superioridade de Clóvis sobre os demais civilistas de então, que o emérito Epitácio Pessoa, Ministro do Governo Campos Sales, o escolheu para elaboração do Projeto de Código Civil do Brasil, tarefa que aceitou e que realizou dentro do espaço de sete meses. E enquanto se desencumbia em período de tempo tão angustioso, as comissões do Senado e da Câmara, levaram uma eternidade em emendas e retóques superficiais, retóques que o não melhoraram, a não ser quanto à materia de redação do punho do grande Rui. No mais o que se fez, repetindo com Matos Peixoto a expressão de Pontes de Miranda, «foi uma espécie de pilhagem bárbara em cidade indefesa».

E mesmo em materia de redação, muitas vezes eram as emendas desnecessárias, ou prejudiciais, porisso que é difícil re-

digir melhor do que Bevilaqua. A sua palavra viva, elegante, é moéda cantante de direito escrito.

A sua propriedade de linguagem, instrumento de clareza do raciocínio, torna a interpretação da lei acessível a todas as bitólas mentais.

A polemica que sustentou com Rui, Andrade Filgueira, Coêlho Rodrigues e outros, e a sua posterior defesa escrita, documentaram não só o valor imenso de sua obra, como o consagraram jurisconsulto de renome mundial. Além de fazer parte das mais altas sociedades de cultura jurídica de outros países, figura entre os 14 maiores jurisconsultos do mundo, na Associação de Direito Internacional da Alemanha.

Felizmente o Código manteve, em substância, a mesma estrutura do Projeto Bevilaqua. Resistiram as bases «as pilstras sôbre que repousa o entablamento do edificio».

Os seis volumes de COMENTÁRIOS que publicou logo após a promulgação do Código, interpretação dos textos, são o breviário de juizes e advogados, pela sua casuística, sintese, clareza, e autoridade, servindo, ademais, de modelo aos interpretes da lei substantiva.

Sem haver passado pelo crivo do debate das duas casas do congresso, mas apenas pela revisão de um grupo de penalistas—Nelson Hungria, Vieira Braga, Narcélio de Queiroz, Roberto Lira—o Projeto de Código Penal do Professor Alcântara Machado, que é outro trabalho que exalta a nossa cultura, sofreu radical remodelação, o que vem confirmar a supremacia de Clóvis na sua especialidade.

Contando o Brasil com jurisperitos da envergadura de Bevilaqua, Rui, Epitácio, Coêlho Rodrigues, Carlos Maximiliano, Inglês de Souza, João Luiz Alves, não tinha o seu Código Civil, do mesmo modo como possuindo petróleo, borracha, minérios e matérias primas em abundancia, importa gasolina, borracha, minérios, tecidos e máquinas de todos os tipos.

Em plena República, ao contrário do que ocorria com a maioria das nações do continente, permaneciamos regidos por leis díspares e sob o guante do direito colonial, aliás já abolido em Portugal, congelados que ficaram os esboços e Projetos Teixeira de Freitas, Nabuco, Felício dos Santos e Coêlho Rodrigues, mantendo-se vigorantes as ORDENAÇÕES FILIPINAS. Para dar uma idéa do que era o Brasil em materia de legislação, vale a pena lembrar certos dispositivos do Livro V de tais ORDENAÇÕES, que funcionava simultâneamente como direito penal substantivo e adjetivo, posteriormente revogado pelo Código Criminal do Imperio. Em um dos seus incisos «re-pugnante à dignidade humana», na expressão de Lafaiète, con-

cedia ao marido o direito de castigar a mulher. O marido encontrando sua mulher em adultério pode matar a ela e ao sedutor, salvo se o marido for pãe e o adúltero fidalgo, Desembargador ou pessoa de maior qualidade. O homem que saísse de casa vestido de mulher ou a mulher vestida de homem, seriam seviciados publicamente. A mulher adúltera e o marido complacente eram ornados de grinalda de cõrnos e passíveis da pena de degredo. Impunha-se a pena de morte ao Cristão que se conjuntasse com judia, havendo, ainda, naquela lei, a pena capital cruel que consistia na eliminação da vida por processos lentos e dolorosos.

E acham os nũcios das inovações que o Projeto Bevilacqua, vale dizer, o Código Civil, é anacrônico, porque ao lado do casamento civil não gravita o divórcio a vinculo, mas apenas o divórcio a tãlamo. E o divórcio, dizem, é um corolário do consórcio, não se podendo conceber a existência de contrato, sem a co-existência de distrato, constituindo, alem do mais, entre os códigos modernos, uma exceção desabonadora de nossa cultura.

Argumentos especiosos, sem fomento de razão. O fato de vigorar o divórcio nos países protestantes da Europa, America do Norte e em algumas Repúblicas sul-americanas, não é argumento convincente.

Encarado, ainda que sob o ponto de vista puramente social, com abstração do seu carater acatólico, ante-evangélico, a experiência tem demonstrado haver êle agravado os problemas conjugais, elevando a cifra do adultério, da filiação ilegítima, dos abortos e infanticídios, diminuição da natalidade e, aumento da prostituição. A opinião de Robredo, Acollas, Forel, e outros, de que o casamento deve existir enquanto existir o consenso, a vontade dos cônjuges, porque sem essa vontade se transforma em uma espécie de estupro legal, é teoria dissolvente, utópica, sem apõio na realidade do fenômeno social.

Não se apercebem tais escritores divorcistas dos perigos que resultariam da adoção de preceitos de applicação geral para atender a casos singulares e excepcionais.

Deve-se à pratica do divorcio, escreve o maior dos nossos atuais civilistas — Arnaldo Medeiros — o fato de perder a familia a sua antiga solidez e coesão, ao contrário do que se verifica em relação a outros grupos sociais. Nada tem contribuido mais, prossegue, para esse resultado, do que a dissolução do vinculo conjugal.

Infelizmente em nossas leis trabalhistas o Brasil deu um grande passo na senda das uniões ilegítimas: A companheira do trabalhador é equiparada à esposa nos casos de acidente do

trabalho e em outros de assistência social, já havendo decisões judiciais atribuindo à amásia direito à indenizações em detrimento dos pais do acidentado. Ainda há poucos dias o Tribunal de Recursos, sem prova de casamento, decidiu em favor da «companheira» de um soldado atribuindo-lhe direito à percepção de montepio militar. Na França, nação católica, a Corte de Paris, entre outras maravilhas forenses, dividiu com a esposa e duas amantes de um acidentado a indenização respectiva, atribuindo menor cota à mulher legítima sob o pretexto de que tendo sido repudiada não deveria ter sofrido tanto quanto as concubinas com a morte da vítima, imoralidade que não foi mantida pela Corte de Cassação.

A apologia do amor livre devia ficar apenas na literatura indecente de romancistas como Margueritte, George Sand e teatrólogos como Leroux, Pierre Nolff e outros e nunca em obras de direito.

Clóvis preferiu passar por tradicionalista a conquistar a título de modernista de fancaria, contrapondo-se ao divórcio, em harmonia com os seus princípios de amor e respeito a estabilidade do lar brasileiro.

O divórcio não deixa de servir como cabeça de ponte para o regime de destruição da família, predominante na Rússia atual.

Com efeito, seria preferível o Livro V das Ordenações, com todo o seu terrorismo, em materia de direito de família, ao Código das Leis de Casamento da «União Soviética». Ali o casamento está reduzido a um mero estado de fato, valendo tanto o casamento feito mediante registro em cartório, aliás sem qualquer solenidade, quanto a simples união marital, nua de qualquer regulamentação. A união simples, produz os mesmos efeitos de união sob registro. São equiparados aos filhos do casal, os adúlteros e incestuosos. Pode a mulher casada fazer declaração de paternidade de filho seu com outro individuo, obrigando a êste, salvo prova em contrário, às despesas com o tratamento da parturiente e com o sustento do «filho». Apesar da influência contrária da religião ortodoxa, pode-se dizer que atrás da cortina de ferro já se instituiu o amor livre. Uma cidade russa —Soroloff— chegou a decretar a socialização da mulher. Entre outros dispautérios dizia o Decreto que as desigualdades sociais permitiam que a burguesia se apoderasse dos mais belos tipos humanos em prejuizo do aperfeiçoamento da raça, e, porisso a mulher passaria de propriedade do homem à propriedade do Estado, estabelecendo que o proletário podia fazer uso, guatualmente, da mulher nacionalizada, enquanto que o cidadão não proletário ficaria sujeito ao pagamento mensal de 250 francos para poder gosar de igual uso. Tal monstruosidade não foi ra-

tificada pelas autoridades superiores, mas revela o grau de per-versão de costumes da pátria de Lenine.

Clóvis preconizou o casamento com a magnitude que se impõe à sua finalidade social, prescrevendo normas rígidas no que concerne à proteção dos filhos, regime de bens e direitos e deveres decorrentes da sociedade conjugal. Impediu o casamento entre tios e sobrinhos, por amor da raça, criou a anulabilidade por «erro essencial», aboliu a incapacidade da mulher em várias hipóteses, resguardou os seus bens contra dívidas anteriores ao casamento, ampliou o sistema de reconhecimento e adoção de filhos e de investigação de paternidade, extinguiu os arcaicos contratos de sponsais e tornou pessoal a prestação de alimentos.

No que concerne ao direito de propriedade, matéria de maior relevância, não se prendeu ao absolutismo do direito romano, em que a propriedade era prolongamento da pessoa, distanciando-se, porem das leis comunistas para as quais tal direito é uma espécie de fruto proibido. Sujeitando a propriedade aos desdobramentos impostos pela solidariedade humana e utilidade pública, não lhe destruiu as peculiaridades individualistas.

Um Código Civil de nações politicamente organizadas, não é um «Folheto» de Prudhon, ou «Portaria» de Lenine, em que se faça retroceder a sociedade aos tempos primitivos quando as tribus ou as nações eram os proprietários do sólo, ou em que se faça passar, como na Rússia, da civilização do homem para a civilização da máquina.

A propriedade não é roubo mas, sim, a sua supressão, a nacionalização das terras e das indústrias como fez o bolchevista Lenine.

Sem romper com a tradição CLÓVIS não se cristalisou em formas absoletas.

Em matéria de posse ultrapassou SAVIGNY e disciplinou ILHERING, racionalizando a sua aquisição e perda, a sua proteção, bem como os tipos de usucapião ordinário e extraordinário. Em assuntos sucessórios estreitou o círculo dos colaterais, a bem do Estado, impediu os testamentos conjuntivos e disposições captatórias, moveu o direito de acrescimento, criou distinções sobre herança jacente e adotou outras medidas de alcance social. No direito das obrigações não propôs modificações revolucionárias, mas estabeleceu normas e métodos consentâneos com os progressos da civilização.

E basta. Não nos podíamos abalançar a um exame circunstanciado da obra de CLÓVIS, porque semelhante tarefa demandaria a elaboração de alentados cadernos, empresa somente realizavel por civilistas como Arnaldo Medeiros, Vicente Ráu,

Girão, Dolor, Soriano Neto.

As homenagens que o Brasil hoje lhe faz, no seu primeiro centenário, não correspondem à majestade de sua obra. O nome de CLÓVIS dá lustre à raça a que pertence e deve figurar na galeria em que se entronizam Santos Dumont, Torres Homem, Carlos Gomes, José Bonifácio, Rio Branco, Rui, Teixeira de Freitas, Caxias, Moura Brasil, Mauá, Frontin, Oswaldo Cruz.

Crato, 4 - 10 - 59



TRANSFERIDO PARA O RIO O CEL. RAIMUNDO TELES PINHEIRO. Seguiu de Fortaleza para o Rio, acompanhado da Exma. Esposa D. Valdelice, o nosso consócio e grande amigo — Cel. Raimundo Teles Pinheiro. Viajou pelo Aratimbó, no dia 25 e serve no Estado Maior do Exercito. Na Capital Cearense exercia o comando do C.P.O.R., cargo que desempenhou com o brilhantismo de sempre. O Cel. Teles, intelectual de valôr. era o representante do Instituto, em Fortaleza. Agora contamos com sua valiosa cooperação, mesmo na Capital da República.

VERBA ESTADUAL. Graças à boa vontade do atual secretário da Fazenda, Renato Braga, dos principais intelectuais do Ceará e sócio correspondente do I.C.C., recebemos, com certa facilidade a subvenção estadual do ano passado, na importância de dez mil cruzeiros, arranjada pelos deputados Decio Teles Cartaxo e Cincinato Furtado Leite.

VEREADORES AMIGOS DO INSTITUTO. No ano passado, o vereador José Pinheiro Esmeraldo, atual vice-prefeito apresentou o projeto de auxilio ao Instituto de vinte mil cruzeiros. Em Setembro, do corrente ano, coube ao consócio José de Paula Bantim, apresentar o projeto de subvenção a ITAYTERA, na importancia de vinte mil cruzeiros.

O último projeto não passou por já existir subvenção de igual importancia no Orçamento.

# UM CAPÍTULO DO

## DEVASSAMENTO DO CARIRI

---

---

*F. S. Nascimento*

As veredas fôram os verdadeiros caminhos que trouxeram a civilização ao vale do Cariri. George Gardner, em suas «Viagens no Brasil», deu testemunho dêsse fato histórico quando, ao se referir à estrada do Icó ao Crato, descreveu-a como sendo «áspera, com altos e baixos no seu leito pedregoso, imprestável, por isso, ao trânsito de carros, fazendo-se todo o tráfego para o interior ou nas costas de cavalo ou, por mais estranho que pareça, em lombo de bois».

Essa paisagem que tanto impressionou êsse célebre naturalista inglês, ainda perdurou por mais de um século, de vez que, na realidade, sômente há poucas dezenas de anos começamos a ter as primeiras rodovias tipo carroçáveis. Na região caririense são recentes as vias de comunicações chamadas «centrais», e, por não se estenderem, ainda, por toda a extensão territorial do vale, o problema de transportes continua sendo um tabú econômico, em virtude da constante estagnação dos nossos produtos, nas épocas de safras.

No segundo quartel do século passado, Marcos Antonio de Macêdo sentiu a gravidade da falta de comunicabilidade entre as principais vilas do Cariri, fato que demandava em incalculáveis prejuízos comerciais para esta região, e então organizou uma empresa intitulada «Marcos Antonio de Macêdo & Companhia», com a finalidade de abrir uma estrada do Crato até Icó. A lei nº 233, de 14 de janeiro de 1841, sancionada pelo presidente José Martiniano de Alencar, aprovava o importante plano, e concedia à dita companhia o privilégio de vinte anos, para explorar essa via de comunicação, de acôrdo com uma tabela inclusa na mencionada lei.

A companhia empreendedora da estrada Crato—Icó obrigava-se a formar um capital de dez contos de réis, divididos em cento e oitenta ações de cinquenta mil réis e quarenta cupões ou meias ações de vinte e cinco mil réis, podendo o mencionado capital ser aumentado conforme as exigências da

empêsa. A tabela a que se referia a lei n.º 233, rezava o seguinte:

«Art. 1.—Por cada um carro carregado puxado por bois, do Crato a Icó, ou vice-versa	Rs. 3\$000
§ 1—Idem descarregado	\$600
§ 2—Por uma carroça puxada por bois	3\$000
§ 3—Idem descarregada	\$480
§ 4—Idem carregada e puxada por cavalos	1\$920
§ 5—Idem descarregada	\$300
Art. 2.—Por cada animal com carga	\$060
§ 1—Idem com malas vazias	\$030
§ 2—Idem à dextra	\$015
§ 3—Por uma rez de boiada ou matolotagem	\$015
§ 4—Por um cavaleiro	\$060

Art. 3.—A estrada será dividida em três pontos de arrecadação, e os transportes serão pagos na razão correspondente a cada terço, servindo sempre de base os preços estabelecidos na presente tabela.

Art. 4.—Ficam isentos da taxa acima referida:

- § 1—Os cavaleiros que acompanharem os seus transportes.
- § 2—Os estafetas ou qualquer bagagem do governo.
- § 3—As pessoas que viajarem a pé.
- § 4—Os gados miúdos de qualquer gênero que sejam.»

A lei n.º 311, de 24 de julho de 1844, sancionada pelo presidente José Maria da Silva Bittancourt, autorizava o governo provincial a mandar assinar cem ações para a coadjuvação da companhia responsável pela abertura da estrada entre a vila do Crato e a cidade do Icó, devendo pagar a metade dessa quantia quando os trabalhos principiassem, e a outra metade quando a obra estivesse ao meio, sendo cláusula obrigatória que a empresa concluisse a referida estrada dentro de três anos completos, sob pena de pagar a multa de um conto de réis, na qual não incorreria o tesouro provincial.

Apesar de todos os papelórios idos e voltados, e das leis sancionadas por José Martiniano de Alencar e José Maria da Silva Bittancourt, Crato e Icó continuavam ligados pela mesma tortuosa vereda palmilhada por George Gardner. Comprova o facto, a lei n.º 519, de 4 de dezembro de 1850, sancionada pelo presidente Inácio Francisco Silveira da Mota, onde vem constando a autorização da despesa de dez contos de réis, com a fatura de uma estrada da cidade do Icó para a vila do Crato, que deveria ser em linha reta, ou no sentido mais reto possível, com a largura de trinta e dois a quarenta palmos, e aplainada de modo que pudessem transitar carros... de bois, naturalmente.

Rareadas as notícias vinculadas às leis provinciais do Ceará, somos propensos a crer que, depois de tantas tentativas fracassadas, a estrada Crato—Icó chegou a ser uma realidade, pois nela é que vamos encontrar os gemedores carros de bois, rangendo e rangindo, na expressão de Da Costa e Silva, a conduzirem as mercadorias que iriam abastecer o nosso comércio. Mas se, no século passado, somente essa simples rodagem para carros à tração animal, bastava ao intercâmbio mercantil entre as principais vilas do Cariri, bem logo se fizeram necessárias estradas e mais estradas, para nelas veicularem as riquezas do vale que se transformou num celeiro da terra alencarina. A Estrada de Ferro de Baturité começou, então, a ser instalada por esta região, como a redentora do comércio importador e exportador da zona sul cearense, tendo essa via de comunicações e transportes contribuído, durante longos anos, para o soerguimento econômico de todos os municípios em que os seus trilhos se estenderam, como medida de salvação regional. Embora esteja, nos dias presentes, inteiramente superada, a Rêde de Viação Cearense deve se orgulhar de ter prestado o seu tributo ao sertão cearense, no momento das suas mais angustiosas reivindicações.

À medida que fôram se alastrando, sertão a dentro, os automóveis, caminhões, jeeps e outros meios modernos de condução, rodovias ou carroçáveis tiveram que surgir, ora por iniciativa privada, ora sob o patrocínio dos departamentos governamentais. O jeep, por exemplo, além de ter transformado a paisagem social da gente sertaneja, modificando e imprimindo novos costumes, tem tido real importância em nossa vida econômica. Graças a êste veículo, o Cariri está hoje todo entrelaçado por estreitas vias de comunicações, por onde circulam todas as riquezas arrancadas ao sólo fértil e dadivoso, pelas laboriosas abelhas que estão a construir a grandeza dêste pedaço de chão que honra o Ceará.

Apesar das tortuosas estradas que ziguezagueiam por todos os recantos dêste vale, ligando sítios e fazendas às principais cidades desta região, ainda muito tem de se fazer no setor rodoviário. Precisa o Cariri de modernas estradas tipo centrais, em número inumerável, na forte expressão de Rui Barbosa, para que os nossos produtos sejam escoados nas épocas oportunas, e possa, desta maneira, recrudescer mais ainda o intercâmbio comercial entre todas as unidades municipais, que se estendem por toda a extensão territorial da zona sul do Estado do Ceará.



HISTORIA DAS SECAS — A COLEÇÃO INSTITUTO DO CEARÁ, de Fortaleza, continúa a prestar grande serviço à nossa terra, com a Série «HISTORIA DO CEARÁ.» Agora mesmo, pela Editora A. Batista Fontenele, lançou «HISTORIA DAS SECAS» (2º volume), de autoria de Thomaz Pompeu Sobrinho, das mais sólidas culturas do Ceará atual e pertencente a uma geração de inteligências privilegiadas da gleba cearense.

ASPIRANTES DE 1959. Recebemos o benfeito opúsculo, editado pela Imprensa Universitária do Ceará, sob o título «ASPIRANTES DE 1959.» São os discursos pronunciados no C.P.O.R., por ocasião da recepção de espadas da turma do corrente ano. O Patrono foi o grande jurista cearense, que fêz seu centenário de nascimento neste ano, em festas em todo o Brasil. O paraninfo foi nosso conterrâneo Cel. Raimundo Teles Pinheiro, então comandante da corporação e ora no Rio. Tanto a oração de Paraninfo, como a do Major Mario Miquelino Cunha, e do aspirante Antonio Oton Pires estão bons e cheios de ensinamentos cívicos.

CONFERÊNCIA DO ESCRITOR GUSTAVO BARROSO. O Instituto Cultural do Cariri teve outra noite de triunfo, com a magnífica conferência pronunciada pelo escritor cearense, de nomeada internacional—Gustavo Barroso. Está o autor de «Terra do Sol» em plena pujança intelectual e, pela sua simplicidade de expressão e conceitos emitidos, soube prender o auditório da Radio Educadora do Cariri, na noite de primeiro de Setembro, do corrente ano, cerca de uma hora. O ilustre membro da Academia Brasileira de Letras, convidado do I.C.C. foi saudado pelo consócio Cel. Raimundo Teles Pinheiro em sessão realizada no auditório daquela possante emissora, gentilmente cedida pelo diretor Pedro Gonçalves de Norões. Foi presidida pelo Exmo. Snr. D. Francisco de Assis Pires. A memorável sessão foi irradiada.

## BOLETIM DO ROTARY CLUBE

Estamos recebendo regularmente o **BOLETIM DO ROTARY CLUBE DE CRATO**. Traz o movimento de suas diversas reuniões e comprova os benefícios que faz em prol da coletividade cratense. O atual presidente do Clube de Crato é o veterano sócio do I. C. C. - Snr. Orestes Costa.

### A BANDEIRA DO CEARÁ

Ofertado ao nosso presidente pelo intelectual Mario Linhares que passou alguns meses em Fortaleza, vindo do Rio onde reside, recebemos «**A BANDEIRA DO CEARÁ**», de nosso sócio correspondente Manuel Albano Amora. É um trabalho contando a história da Bandeira do Ceará, escrito com apuro e inteligência. Foi editado em opusculo pela Imprensa Universitária do Ceará.

### FOLHAS SEM DATA

O Prof. José Newton Alves de Sousa, prefaciador do livro, ofertou-nos da jovem poetisa bahiana **NORMA MORAIS** — «**FOLHAS SEM DATA**». Trata-se de uma inata artista do verso, que nos deixa embevecido com a leitura, do começo ao fim. É a poetisa da simplicidade e escreve com a alma ainda de criança. Vejamos amostra:

#### «PASSOS NO CORREDOR

Um sapato fez barulho  
no corredor longo  
e acordou o silêncio.

Uns passos fizeram reviver uma esperança,  
alimentar uma ilusão,  
renascer o amor,  
povoar uma lembrança.»

**BOLETIM BIBLIOGRÁFICO DE MOSSORÓ.** Mossoró é dos centros culturais mais adiantados do Nordeste Brasileiro. Poucas cidades editam mais livros do que ela. A Prefeitura mantém Diretoria de Divulgação, Ensino e Cultura. Só a **COLEÇÃO MOSSOROENSE** editou mais de 50 livros, tendo a Municipalidade, como principal incentivadora do movimento intelectual que abrange, desde os assuntos científicos aos literários e estudos de folclore. Ali há entidade, com programa quase identico ao nosso, onde pontificam **VINGM-Un Rosado** e outros. é o Instituto Oeste Potiguar.

•**JANGADA**•. **JANGADA** é o nome bem simbólico da bem feita revista porto-alegrense, órgão oficial do «**CLUBE Nordestino**.» agremiação para defesa e congregamento da gente do Nordeste, no Rio Grande do Sul. É dirigida por J. Batista Rego. Aquêlê Clube, digno de ser imitado noutras capitais sulinas, é também o elo de aproximação e de amizade entre gaúchos e nordestistas, dentro de verdadeiro espirito de brasilidade.

**O LANÇAMENTO DO QUARTO NÚMERO DE «ITAYTERA».** O quarto número de «**ITAYTERA**» foi lançado solenemente em jantar promovido pelo **ROTARY CLUB DE CRATO**, no dia 14 de Novembro de 1958, no **CRATO PALACE HOTEL**. A revista foi apresentada em ligeiras palavras pelo nosso presidente J. de Figueiredo Filho e o Instituto recebeu a homenagem por mais aquela vitória do esforço e da inteligência, em alocução fluente de Moacir Mota, dos principais intelectuais da Região. O Presidente do Rotary — Dr. Jefferson de Albuquerque e Sousa fechou a reunião litero-social com palavras de incentivo aos promotores de **ITAYTERA** que tanto acolhida tem tido no Nordeste e noutros pontos do Brasil.

# MAXIXES & MALABARES

## (EPISÓDIO INÉDITO DA HISTÓRIA POLÍTICA DO CRATO)

Escreveu: José de Figueiredo BRITO

I

Dr. Antônio Pinto Nogueira Acióli

No ano de 1889, quando caiu a Monarquia, já era ampla a agitação partidária no Ceará a qual se tornou mais intensa ao vigorar o novo regime que, sendo republicano, conferiu aos publicolas francas liberdades para o desenvolvimento de sua prêgação democrática. Precisavam os novos governantes de crescentes facilidades para procederem à reforma da vida pública e consolidar o sistema liberal no País, e seria fomentando as competições partidárias e propiciando aos dirigentes políticos extensa liberdade de pensamento, palavra e ação, para esclarecimento do povo, que alcançariam essas facilidades.

Os partidos políticos mais atuantes no campo nacional, provindos do Império, eram o Conservador e o Liberal—aquele alcunhado caranguejo e este chimango. No Ceará seus representantes se subdividiavam e operavam em «grupos», uns digladiando-se sob a bandeira conservadora e outros sob o pendão liberal. Os «grupos» conservadores eram os **miúdos e graúdos** e, os liberais, eram os **Paulas e Pompeus**, cada qual chefiado por políticos influentes. Com o evoluir da República êsses «grupos» foram-se aglutinando, reconciliando-se dissidentes liberais e coalizando-se conservadores e liberais, amálgama de que originou-se o Partido Republicano, chefiado pelo dr. Antônio Pinto Nogueira Acióli, que, assim alicerçado, passou a escrever longa e «personalíssima» página na história política do Ceará.

O dr. Nogueira Acióli elegeu-se senador a 20 de maio de 1889 e, logo após, 1º Vice-Presidente do Congresso Estadual, assumindo, a 12 de julho de 1892, a presidência do Estado, mediante a renúncia do sr. Benjamin Borroso. A 27 de agosto do mesmo ano passou o govêrno ao tenente-coronel Bezerril Fontenele, sendo sua gestão de apenas 46 dias, enquanto que êste oficial administrou até 12 de julho de 1896, data em que voltou ao govêrno o dr. Nogueira Acióli, eleito pelo voto

popular nas eleições de 11 de abril daquele ano para o quadriênio 1896—1900. Começou em 1896, portanto, a famosa trajetória política aciolina de dezesseis anos...

Nesse tempo encontrava-se na presidência da República o dr. Campos Sales que então instituiu, a bem da estabilidade de seu governo, a célebre «política dos governadores», calcada em vasta permuta de favores. Os presidentes estaduais lhe prestavam inteira solidariedade e, em troca, dispunham de todos os cargos federais nos Estados e de completo apôio moral do poder central.

Os poderes estaduais de tal modo ligados ao poder federal, visando a uma política de integral apôio mútuo ou de um por todos e todos por um, não tardaram a se tornar prepotentes e a administrar pela força. Os presidentes nordestinos, em pouco tempo, se transformaram em poderosos chefes de oligarquias palacianas, incentivaram no interior o nepotismo político e criaram nos municípios filiais oligárquicas fortemente protegidas. Tamanca era sua força feudal que os partidos que chefiavam perderam as denominações originaes, alcunhando-se com os seus sobrenomes mais conhecidos, como aconteceu no Ceará, onde o Partido Republicano passou a ser popularmente chamado «Partido Aciolino».

O dr. Nogueira Acióli, assim conduzindo sua política, conseguiu consolidar, logo nos primeiros anos, a chamada «oligarquia aciolina», que lhe ensejou comandar os partidos e governar autocráticamente durante mais de três lustros. Em 1900, terminado o seu mandato executivo, elegeu-se novamente senador e elegeu seu candidato à presidência do Estado, dr. Pedro Augusto Borges, que governou ao compasso de sua batuta até 1904. Nas eleições de 12 de julho de 1904 o dr. Nogueira Acióli elegeu-se, pela segunda vez, presidente do Estado, reelegeu-se em 1908 e governou até 1912, quando foi deposto, findando aí sua carreira política,

## II

### Cel. José Belém de Figueiredo

Existia em cada comuna, como já ficou entendido, uma oligarquia-mirim, caudatária da «oligarquia aciolina» ou embaçando a estrutura desta. Em Crato havia a «oligarquia belenista», mais forte do que as demais do interior e chefiada pelo coronel José Belém de Figueiredo. Cindida em 1903 e deposto seu chefe em 1904, pela ala dissidente, sucedeu-lhe a «oligarquia pequenista», menos prepotente, chefiada pelo coronel Antônio Luiz Alves Pequeno e derrubada pelo voto em 1928. Aquela teve uma duração ininterrupta de catorze anos (1890—

1904) e esta de 22 anos (1904—1912 e 1914—1928), interrompida, como se vê, por espaço de dois anos (1912 a 1914), em virtude do «golpe de força» dado em 1912 pelo coronel Francisco José de Brito, que tomou violentamente a Intendência, cujo golpe foi aprovado pelo então ditador Franco Rabelo e teve efeitos até 1914, quando também foi deposto o referido ditador, pelos romeiros do padre Cicero.

\* \* \*

O coronel José Belém de Figueiredo, nascido a 31 de janeiro de 1853 na fazenda «Exú», município de Milagres, Estado do Ceará, e casado com d. Maria de Oliveira Rocha, filha do capitão Luiz Inácio de Oliveira Rocha, da fazenda «Santa Catarina», daquele município, viveu da agricultura até a idade de 23 anos, quando foi morar na cidade de Milagres a fim de explorar o comércio. Em 1885, já com 32 anos de vida, mudou-se para o Crato onde associou-se ao seu irmão, coronel Antônio Belém de Figueiredo, sob razão social de Belém & Irmão, estabelecendo-se à rua Formosa nº 55, hoje Santos Dumont (local ocupado atualmente pelo sr. Cicero Alves de Souza) e passando-se depois para o prédio nº 94, da rua Grande ou do Comércio, hoje João Pessoa, onde se encontra o «Armazém Recife», do sr. Elias Martins de morais. Neste último ponto a firma negociou até 1899, quando foi dissolvida, retirando-se o coronel José Belém e continuando com o negócio, até 1920, o coronel Antônio Belém.

A despeito de sua rudimentar instrução, porém mercê de regular inteligência e um pouco de visão do futuro, o coronel José Belém tratou, logo ao chegar, de fazer relações de amizade com os cratenses mais destacados, principalmente com os chefes políticos situacionistas, coroneis José Antônio de Figueiredo (não era seu parente), Ildebrando Sisnando Batista, Raimundo Gomes de Matos, Pedro José Gonçalves e outros simpatizantes da campanha republicana. Tais amizades foram o ponto de partida de sua tumultuosa carreira política.

Nessa época já se desenrolava com violência a luta pela derrubada da Monarquia e era avassaladora a confusão reinante no País. O coronel José Antônio de Figueiredo, membro mais influente do situacionismo cratense e adepto recatado do movimento renovador, sentia-se aprensivo face à dúvida que nutria sobre o desfecho do aludido movimento e, então, achou de bom alvitre e oportuno catocar como delegado de polícia da cidade um cidadão enérgico e hábil, que se fosse projetando na política e se credenciando como principal responsável pelas atividades anti-monarquistas locais. Viu, pois, na pessoa de seu particular amigo, coronel José Belém de Figueiredo, o homem

fadado a esse cometimento e o convidou, com êxito, a aceitar o cargo, indicando-o ao presidente e obtendo sua imediata nomeação. O coronel Belém se manteve nessa função policial de 1888 a 1892, atravessando sem embaraços o momento histórico da proclamação da República e coseguindo, no último quartel da gestão, sua inclusão na Guarda Nacional, como capitão.

Em 1892, ao se aproximarem as eleições para o Congresso Estadual, era ainda muito instável o regime republicano tantos eram os golpes e contra-golpes que se davam no plano federal. Diante disto, o coronel José Antônio se deixou vencer novamente pelo receio, prevendo uma reação dos remanescentes monarquistas, e, em consequência, a irrealização do pleito e a restauração do Império. O coronel Belém, que se vinha conduzindo fiel e sensatamente como delegado de polícia, mais uma vez tranquilizou seu amigo José Antônio, aceitando, a convite dêste, a nomeação de intendente municipal do Crato (prefeito) sob a condição de, meses depois, renunciar ao cargo em favor do seu citado amigo e voltar à delegacia de polícia. Sabia o coronel José Antônio que, se o pleito decorresse em paz, ficaria a República definitivamente firmada e poderia retomar, sem mais receios, o fio de sua política e da administração municipal.

O coronel Belém havia organizado no decurso de sua gestão policial, provavelmente depois de nomeado capitão, uma Guarda Local numerosa, bem vestida e bem armada, bastante superior a atual Guarda Municipal, e, para comandá-la, madara buscar em Milagres seu velho amigo Jesuino Antônio de Maria, conferindo-lhe o posto de alferes e de comandante da mesma Guarda e nomeando, para exercer a função de delegado, o sr. Domiciano Ferreira Lima, cidadão sensato que, em 1903, talvez por descordar de certos desmandos da polícia, rompeu com o coronel Belém e, sentindo-se desgarantido, foi embora para o Piauí, donde só regressou em 1904. Seu substituto foi o sr. Pedro Custódio, que melhor harmonizou-se com o alferes Jesuino,

A 24 de novembro de 1892 (seis meses depois de nomeado intendente), foi o sr. Belém, ora capitão, elevado à categoria de coronel comandante superior da Guarda Nacional da Comarca do Crato, posição de grande importância na época e muito favorável ao desenvolvimento de sua política. Intendente, coronel de uma Guarda federal com credenciais superiores na comarca e já desfrutando de especial confiança da parte do chefe supremo da política estadual—dr. Nogueira Acióli—estava suficientemente aparelhado para preparar seu futuro político. Inteligente, tanto soube antever seu largo roteiro quanto calcular a reação de seus chefes locais que, oportunamente, haveriam

de perceber sua força organizada e sua ascensão política, não se conformando em passar de comandantes a comandados ou à chefia de um seu comandado. E não perdeu tempo. Sem alardes e para melhor assegurar sua resistência e vitória contra seus chefes, promoveu o alferes Jesuino ao posto de capitão da Guarda Local e deu-lhe farto armamento.

Apezar do sigilo que cercou essas medidas, o coronel José Antônio percebeu a trama e agiu incontinentemente, cobrando de seu preposto a convenionada renúncia mas o coronel Belém, já decidido a permanecer na intendência e convicto de que ali fora colocado como isca num momento de perigo, respondeu-lhe categoricamente: «não pedi para ser intendente e, como aqui já estou, aqui fico». O coronel José Antônio sentiu-se amargurado, mas, sendo prudente, conformou-se com a rebeldia de seu protegido e concorreu para que os demais chefes aciolineiros do Crato também se resinassem. Apelaram os chefes derrotados para a marcha dos acontecimentos, visando a retomada pacífica do poder, porém êsses lhes foram cada dia mais ingratos. Se em 1896 a influência política do Coronel Belém já era de tal sorte decisiva, em 1900 já parecia invencível.

Assim vitorioso no seu arriscado golpe político e receiando a eventualidade de uma «revanche», tratou o coronel Belém de acercar-se de maiores garantias, submetendo ao seu controle pessoal os pontos-chaves da política municipal — Justiça, Câmara, Polícia e Fisco. O clero, reconhecendo a evidência de sua nascente porém elevada força, não lhe moveu qualquer reação. E assim ficou plantada, em sólidas bases, sua oligarquia. O capitão Jesuino, seu fiel e melhor servo, passou, como comandante da Guarda, a exercer o papel mais saliente no concerto da autocracia mirim, atemorizando o povo com a sua arbitrária polícia e o reduzindo a um passivo rebanho do poderoso chefe cratense. Suas diligências no período 1892—1896, entretanto, não foram além de encenações de prepotência sem resultados trágicos, com o objetivo de despertar e obrigar o povo a reconhecer e aceitar o novo comando supremo das forças políticas municipais.

Ao se ferirem as eleições de 1896, executadas à bico de pena como era a praxe na época (supra-sumo da fraude), o coronel Belém pôde dar, dessarte, ao candidato à presidência do Estado, dr. Nogueira Acióli, a maior parte da votação municipal, fazendo jús a sua continuação na intendência e granjeando maior apóio estadual aos seus desígnios autocratas. Foi nesse quadriênio (1896—1900) que sua projeção política, incentivada pelo presidente Acióli, transpôs as fronteiras do Crato,

estendeu-se sobre todo o Cariri e o situou como árbitro supremo da política regional.

Em 1899, como já ficou dito, o coronel Belém deixou o comércio e dedicou-se, ao lado da sustentação de sua vigorosa política, à agricultura e à criação de gado, possuidor que já era dos bons sítios «Matinha», «Sossêgo» e «Pimenta», localizados nos subúrbios de Crato, e da grande fazenda «Serra Verde», pertencente naquele tempo a êste município e hoje ao de Caririacú e que fôra constituída pela reunião das posses de terra denominadas «Guedes», «Trapalhada», «São Bento», «São Domingos», «Cruz», «Serra dos Cavalos», «Bom Jesus», «Currais Velhos» e «Serra Branca», representando uma frente de mais de duas léguas. Nesta fazenda construiu êle, antes de 1900 e sem auxilio estadual, o maior açude particular do interior cearense que ainda hoje está seguro e irrigando muitas tarefas de terra.

O ano de 1900 encontrou o coronel Belém nessa privilegiada situação político-financeira, razã por que pode contribuir, nas eleições do mesmo ano, com maior votação do que antes para a eleição dos candidatos republicanos à governação estadual e à senatória, — drs. Pedro Augusto Borges e Nogueira Acióli, respectivamente — e eleger-se 3º Vice-Presidente do Estado, ficando asseguradas por mais quatro anos (1900—1904), sua tutela sobre a intendência do Crato e sua ascendência sobre a política do Cariri. Passou a «oligarquia belenista», dessa maneira, a representar o ramo mais forte da frondosa árvore oligárquica aciolina.

O dr. Nogueira Acióli, então comendador, triunfando totalmente nas eleições de 1900, viu-se mais seguro no seu pôsto circunstancial de chefe ecumênico da política cearense e adotou, como um **infallível**, a «política dos fatos consumados» ou da força acima da Lei, imitação grosseira da «política dos governadores». Fundamentava-se essa «política» no fato consumado da superioridade de força demonstrada por um chefe sertanejo em luta armada contra outro, sendo **reconhecido** e apoiado pelo seu govêrno aquele que levasse a melhor no embate, o que vencesse e se apoderasse da intendência. Êsse **reconhecimento** era adotado também para os pleitos eleitorais, sendo o bicho-papão dos contendores municipais que, ao terminarem a apuração dos votos, transmitiam o resultado ao chefe Acióli e ficavam na expectativa de seu pronunciamento. As vezes era **reconhecido** e autorizado a assumir a intendência o candidato derrotado. Se o vencedor no pleito, entretanto, não se conformasse e o derrubasse pelas armas, o dr. Acióli reconhecia, então, êste, por haver demonstrado maior força. Aliás, nos municípios onde se dava cisão do Partido Aciolino, os chefes dis-

sidentes continuavam sob a chefia aciolina, brigando e servindo a um só patrão.

Diante dessa orientação realista da política aciolina, cada chefe político do interior transformou-se num caudilho, num chefe de numerosos capangas mantidos como agregados de suas fazendas e, disfarçadamente, como funcionários municipais. Suas residências, citadina e rural, eram verdadeiros arsenais nos quais existiam quartos contendo grande quantidade de armas (rifles, comblans, manouliches, clavinotes, etc), devidamente municiadas, havendo ao lado muitos cunhetes recheados de balas e em cada arma uma cartucheira completamente carregada. Ao toque do búzio (grande chifre de boi), a cabroeira chegava e ia pegando as armas já preparadas para a ação. Ao lado disto tinham os caudilhos, como gestores municipais permanentes, na sede da comuna, uma numerosa e bem armada Guarda Cívica, constituída de cabras valentes e perversos e representando a elite de seu bando. Por isso, os intendentos mantinham a seus pés os demais poderes locais. As decisões judiciárias afinavam com a sua vontade; os edis assinavam de cruz as atas da Câmara; o clero ou os ajudava ou não os combatia e o fisco sobre-carregava os adversários e pouco arrecadava dos situacionistas.

O coronel Belém, ao conquistar a condição de chefe do caudilhismo regional não teve, como no início de sua política, habilidade suficiente para conduzir firme a grandeza alcançada, que parece haver ultrapassado o limite de sua capacidade de direção. Nessa altura de seu prestígio cabia-lhe, a bem da segurança e longevidade de seu poder, promover a cessação dos atos de arbitrariedades de sua polícia, pois, sua imensa força material e influência política eram bastantes para manter o povo cratense submisso ao seu partido. Entretanto não compreendendo, talvez, o momento psicológico para se tornar popular, não conteve os excessos de seus soldados e estes, aos poucos, foram aprofundando seu governo na prepotência e gerando a conspiração coletiva. A revolta surda do povo teve curso progressivo durante os anos de 1901, 1902 e 1903, extremado-se na derradeira quadra deste último ano e convertendo-se em rebelião nos meados de 1904.

\* \* \*

Iniciava-se o segundo semestre de 1903 quando o coronel Belém percebeu que os alicerces de sua obra estavam arruinados, tantos eram os protestos dos oprimidos e o alastramento das censuras populares aos crimes da polícia que, vez por outra, fazia prisões injustas surrava pessoas de certa representação social e até praticava homicídios como fez com o rapazinho

Sinobilino, que foi injustificavelmente assassinado no atual sítio Buenos Aires e conduzido, atravessado numa cangalha, pela rua central do Crato.

Convencido do enfraquecimento de seu poder e recebendo a inexorabilidade da «politica dos fatos consumados», resolveu o coronel Belém impressionar o povo e seus chefes fortalezenses com uma extraordinária demonstração de prestígio, realizando um suntuoso banquete político no Crato. Tal banquete teve lugar a 6 de setembro de 1903, em sua residência à Praça da Sé nº 64, oficialmente oferecido ao prestigioso chefe de Milagres, coronel Domingos Furtado, e, officiosamente, aos demais chefes políticos da área de sua supervisão — coroneis Antônio de Santana, de Missão Velha; Roque de Alencar, de Santana do Cariri; Joaquim Alves da Rocha, de Jardim; Antônio Mendes, de Assaré; Basílio Gomes da Silva, de Brejo Santo; Marcolino Alves, de Quixerá, e padre Lacerda de Saboeiro. Todos estes chefes, cada qual capacitado a mobilizar centenas de homens, compareceram ao banquete, se confraternizaram e ostentaram incondicional solidariedade ao coronel Belém.

O ágape decorreu animadíssimo, crivado de discursos elogiosos ao senador Nogueira Acíoli, ao presidente Pedro Borges, ao coronel Belém, ao coronel Domingos Furtado e aos demais chefes presentes, destacando-se entre os oradores, pelo seu entusiasmo e maior fluência, o dr. Manuel Peixoto de Alencar, genro do coronel Belém e Juiz de Direito da comarca.

Encerrado o banquete, vários telegramas foram expedidos para Fortaleza, transmitindo aos chefes aciólicos estaduais e à imprensa os resultados da festa política. Eis alguns desses despachos:

—«Realizado banquete politico offerecido coronel Domingos, temos satisfação enviar comunicação immenso jubilo, congratulando-nos com VEXcia. auspicioso acontecimento confraternisação partido zona Cariry—José Belém, Domingos Furtado, Antonio Sant'Anna, Padre Lacerda, Rocha, Basilio Silva, Mendes, Roque, Marcolino».

—«Partido regosijo immenso confraternisação chefes cariryenses. Reina delirio. Saudações. Viva a Republica!—Peixoto de Alencar, Juiz de Direito».

Quase todos os chefes telegrafaram, ainda, em seu nome individual.

À noite houve profusa queima de fogos de artifício. Um dos fogos «representava uma tela do valle do Cariry salpicada de estrellas, figurando os diversos municipios daquela importante região, tendo ao lado um retrato do senador Accioly; outro,

uma tela tendo ao centro um retrato do chefe republicano rodeado de atabescos». Seguiu-se animado baile.

A «Republica», de Fortaleza, datada de 9-9-903, assim noticiou o acontecimento:

«Realizou-se ante-hontem, na cidade do Crato, o banquete oferecido ao nosso amigo coronel Domingos Furtado, chefe de Milagres, pelo nosso amigo coronel José Belém, chefe daquelle municipio e 3º Vice-Presidente do Estado. A essa festa, da mais alta significação politica, compareceram os prestigiosos chefes locais dos diversos municipios do Cariry, affirmando assim a mais estreita e lidriedade com os alevantados intuitos do grande e forte partido que no Ceará obedece à patriótica orientação do nosso egregio chefe senador Accioly»

Apezar dêsse aparato de confraternização entre poderosos chefes da zona, numa ostentação de sólido reforço ao poder do coronel Belém, não arrefeceram os cratenses na sua reacção ao despotismo belenista, especialmente porque, depois do banquete, a Guarda Local recrudescceu sua acção terrorista. Os oprimidos, em consequência, amiudaram seus protestos junto ao presidente Pedro Borges, ao senador Acióli e à imprensa oposicionista de Fortaleza que, ante os telegramas, desancava sem rebuços as autoridades estaduais e cratenses. A imprensa do Rio, particularmente os jornais «O Paiz» e o «Correio da Manhã», secundavam sob manchetes as publicações de Fortaleza, obrigando o senador aciolino, Joaquim Catunda, a pronunciar no Senado, sem êxito, longo discurso em defesa das autoridades cearenses.

De setembro a outubro a tensão politica cratense augmentou e o capitão Jesuino, sempre à frente de sua Guarda, redobrou a vigilância e não perdeu de vista os elementos mais audaciosos ou os que começavam a falar abertamente de seus desmandos e a censurar seu chefe pela impunidade dos mesmos.

Iam as couzas nesse pé quando um grupo de oposicionistas, figuras da melhor sociedade local, deliberou realizar uma serenata, divertimento muito em uso naquele tempo porém já quase em desuso no Crato devido a insegurança reinante.

Foi o mesmo que lançar fogo ao estopim. Transcorria o dia 7 de novembro de 1903 quando, por volta das 22 horas dessa data, se reuniram à Praça São Vicente, hoje Siqueira Campos, os cidadãos Horácio Jácome Pequeno (pai do atual prefeito do Crato, sr. José Horácio Pequeno), Augusto Alves da Silva Bacurau, João Evangelista Gonçalves, Pedro Augusto Pequeno, João Ranulfo Pequeno, Pedro Moreira da Costa, Júlio Esmeraldo da Silva, José Tavares Chato, José Montoril, José

Bezerra de Norões, Clodoaldo de Norões Linhares, Pio Carvalho, Meton Maia, José de Souza Melo Alfredo Gonçalves, João Moreira da Costa, Júlio de Norões, Júlio Brizeno e Joaquim Muritiba. Organizada a função, desceram todos os dezanove pela rua do Fôgo, hoje Senador Pompeu, cantando Horácio ao som do violão de Joaquim Muritiba. Ao chegarem no cruzamento da mesma rua com a Travessa da Califórnia, hoje Bárbara de Alencar, estacionaram defronte da loja do sr. Francisco da Cruz Neves (esquina de Tavares & Filho, atualmente) e quando aí estavam no melhor de sua alegria chegou o capitão Jesuino, acompanhado de uns quinze soldados, e perguntou em tom enérgico: «Que é isso? Passeata ou serenata?» Horácio e Augusto responderam: «É serenata!» O Capitão Jesuino retrucou, mais enérgico ainda: «Serenata, não; é passeata!» e, ato contínuo, tomou o violão de Joaquim Muritiba e quebro-o na cabeça dêste. Um dos cabeças da seresta, provavelmente Horácio Jácome, atirou em Jesuino, iniciando-se então violenta luta entre soldados e seresteiros.

Nos primeiros instantes do atrito correram quase todos porém Horácio Jácome e Augusto Bacurau continuaram resistindo, resultando sair o primeiro com mortal punhalada sobre os rins e o segundo com duas punhaladas, cinco balaços, uma perna quebrada e profundo golpe na cabeça produzido por coice de «granadeiro» ou de rifle. O capitão Jesuino e o alferes João Alves saíram levemente feridos.

Ao fim da refrega os dois serenatistas feridos desceram, ainda perseguidos, no rumo da Praça 3 de Maio (atual Juarez Távora) e rolearam o quarteirão, indo Augusto bater à porta do coronel Francisco Zábulon de Almeida Pires (rua João Pessoa, 56) e Horácio à do major Franklin Benjamin de Carvalho (onde está o Banco de Crédito Comercial), belenista de destaque porém humano e humanitário, o qual acolheu e protegeu Horácio, indo em seguida, com seu filho Júlio, buscar Augusto, que ainda não tinha sido atendido e estava exposto à sanha da soldadesca furiosa, que o procurava nas imediações. Vários outros seresteiros já estavam homiziados ali Horácio, ao desatar o cinto e deitar-se no sofá, não resistiu à hemorragia, falecendo incontinentemente.

Minutos depois de acolhidos os feridos chegaram os policiais, já rearmados, e tentaram entrar à força para acabar de matar Augusto, mas, o major Franklin conseguiu contê-los e demovê-los. Ainda nessa noite foi Augusto Bacurau entregue aos cuidados médicos do dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora, que clinicava nos altos do prédio onde funciona a «Singer», e que o salvou com muita dificuldade.

O alferes João Alves ficou sendo largamente apontado

como o traiçoeiro apunhalador de Horácio Jácome, o que o acusado não contestou até os dias fatídicos da queda de seu chefe, ocorrido em junho do ano seguinte, como se verá adiante, depois da qual, indo à Fortaleza e voltando como soldado regular, passou a dizer que o matador de Horácio havia sido o cabra Raimundo Anastácio que, na hora da briga, passara no local com uma brida na mão, laçara com esta o sr. Horácio e o apunhalara. Entretanto, o jornal «Unitário», de 31-5-1904, publicou o seguinte: «Engajou-se, logo no Crato, como soldado de polícia, vindo também no trem de hontem, o alfares João Alves que pertencia à guarda local d'alli e o mesmo que apunhalou Horácio Pequeno...»

Seguiu-se a êsse conflito maior animosidade contra o coronel Belém, agravada com a imediata cisão do Partido Aciólino no Crato pois que as famílias das vítimas, incentivadas pela já extensa revolta latente do povo, conseguiram que o abastado comerciante local, coronel Antônio Luiz Alves Pequeno, apolítico, primo de Horácio Jácome e parente do senador Acióli, rompesse todos os seus laços de amizade com o coronel Belém e assumisse a chefia de uma oposição de grande porte contra o mesmo. Telegramas foram trocados entre o coronel Antônio Luiz e o senador Acióli, insistindo êste pela reconciliação mas o resultado foi a manutenção da cisão e ficar Acióli como chefe das duas correntes em luta.

Contando agora com um chefe por todos os títulos respeitável e decidido a qualquer forma de luta, os oposicionistas passaram a agir com mais energia e desassombro, conquistando novos adeptos, particularmente os neutros e indecisos, e engrossando consideravelmente suas fileiras. Quebrada a barreira do receio e do medo, as adesões foram chegando sucessiva e ostensivamente de maneira que, meses depois, o movimento rebelionário passou a inquietar seriamente o poderoso chefe situacionista, especialmente quando, em consequência disto, suas hostes começaram a enfraquecer ante desserções de amigos, como a do coronel Nelson da Franca Alencar, cunhado de Horácio Jácome e chefe de importante família, o qual, em princípios de 1904, aderiu ao coronel Antônio Luiz. Essa adesão foi tão desastrosa para o coronel Belém quão preciosa para o coronel Antônio Luiz porquanto o coronel Nelson, além de ocupar a posição estratégica do Lameiro, quase nos subúrbios de Crato, era rico e estava apto a mobilizar ali mesmo dezenas de homens.

A força local do coronel Belém ficou, assim, circunscrita a sua própria família, aos órgãos oficiais e a um grupo de amigos menos expressivos, valendo-lhe todavia como principais

esteios a Guarda Local e a solidariedade dos chefes políticos da zona que estiveram no banquete.

Nessa altura das hostilidades e em consequência de uma passeata em que moças e rapazes da oposição conduziam na lapela um pequeno maxixe, os partidários do coronel Belém apelidaram os partidários do coronel Antônio Luiz de MAXIXES e êstes, em represália, alcunharam aqueles de MALABARES. Com êstes cognomes ambas as correntes passaram para a história.

Sob o terror policial de um lado e a reação aberta do outro alcançou o Crato o ano de 1904. Os malabares não recuavam e os maxixes ardiavam na obstinação de derrubar a qualquer preço o poder belenista, para desfôrra de tudo que se tinha passado, e, assim exaltados e irreconciliáveis, seguiram o seu roteiro lógico: a preparação para a luta armada. Nesse afan passaram os primeiros meses do ano, comprando armas e munições, aliciando cangaceiros e se aprestando para a decisão violenta do litígio. Os jornais de Crato e Fortaleza, por seu turno, acirravam a animosidade.

Enquanto isso o senador Acióli, oráculo do presidente e juiz supremo da questão, nada decidia e apoiava equitativamente os dois grupos antagonistas, dando a cada qual idêntica esperança no seu disputado veredicto. Amigo tradicional do coronel Belém e parente do coronel Antônio Luiz, ambos igualmente fortes, achou melhor embromar e esperar o momento oportuno para enquadrá-los na «política dos fatos consumados»...

Nas eleições de abril cada grupo elegeu sua câmara de vereadores e a expôs à aprovação do senador e do presidente, ficando indefinidamente na expectativa de sua decisão. A que fosse aprovada passaria a representar a legalidade no Crato e a ser apoiada, inclusive o grupo que a elegera, por ambos os chefes estaduais. Depois de muitos dias e muita embromação o presidente declarou nulas as duas.

Após êsse ato de anulação das câmaras e uma vêz baldadas as intervenções diplomáticas dos citados chefes para o apaziguamento das hostilidades, o presidente mandou para o Crato o capitão de polícia João Fonteles, amigo do coronel Belém, a fim de agir como delegado especial e manter a ordem. Sabedor do fato, o coronel Antônio Luiz telegrafou ao senador Acióli exigindo a demissão de Fonteles e pedindo fosse o mesmo substituído pelo seu amigo major João Arrais, no que foi atendido. Igualmente avisado da substituição, o coronel Belém telegrafou então ao presidente exigindo a demissão do major João Arrais. Dadas as dificuldades de comunicações e enquanto se processava essa troca de telegramas os dois delegados nomeados e de-

mitidos, sem nada saberem, varavam os sertões com destino ao Cariri e o resultado foi que, ao chegarem a Crato, encontraram ordem para regressar e voltaram juntos para Fortaleza, depois de se banquetearem com seus respectivos chefes cratenses.

Durante os dias da penosa e longa viagem dos dois oficiais, os jornais adversários cratenses se chacoteavam, publicando quadrinhas irreverentes. Quando foi anunciada a vinda do major João Arrais, o jornal maxixe, «Sul do Ceará», estampou:

«Da razão vem o direito,  
Do direito vem o bem.  
Responde, Sipaúba:  
—Arrais vem ou não vem?»

«Sipaúba» era o Juiz de Direito.

Quando chegou a demissão do major João Arrais, o jornal malabar, «Cidade do Crato», vingou-se com a seguinte resposta:

«Nem tudo que brilha é ouro,  
Nem tudo que tomba cai.  
Responde, Antônio Fedelho:  
—Arrais vai ou não vai?»

«Antônio Fedelho» era o coronel Antônio Luiz.

Depois do regresso dos oficiais e dada a impassividade e indecisão dos chefes estaduais, diante da gravidade da questão cratense, os aprestamentos bélicos evoluíram e a situação se agravou seriamente. Nos últimos dias de maio começou o governo a ser advertido com telegramas como estes:

De Barbalha—«os dois partidos Accioly no Crato estão dispostos medirem as forças. São grandes os preparativos e inevitável o desastre. Coronel Manuel Ribeiro se poz ao lado de Antônio Luiz».

De Crato—«Juiz de Direito aliciando cangaceiros por parte do Cel. Belem. Estamos preparados defender nossas vidas. Comunique Saldanha. Alarme geral. Amigos dispostos».

Nesse interím o coronel Belém foi à Fortaleza sugerir condições para a solução da dissidência mas voltou sem decifrar o enigma da irresolução de seus chefes. Só lhe restava mesmo uma alternativa: aceitar o desafio de seus adversários e medir com a deles a sua força.

O coronel Basílio Gomes da Silva, de Brejo Santo, sentindo a gravidade da situação, prevendo o fracasso de seu compadre e amigo Belém e desejando salvá-lo, veio a Crato e deu-lhe o seguinte conselho: «Compadre Belém, política não é

bem de raiz. Entregue a intendência ao nosso amigo Nelson (Coronel Nelson da Franca Alencar), que é parente de Antônio Luiz, tudo acabará e você continuará de cima». O coronel Belém, descordando formalmente da sugestão, respondeu-lhe, incisivo: «Seria muito bom! Trabalhar o feio para o bonito comer...»

Ao entrar o mês de junho cada parte cuidou de aumentar o seu bando de capangas, estendendo ao Estado de Pernambuco o aliciamento de cabras valentes e treinados em brigas, que eram frequentes na região do Pajeú entre os Pereiras e os Carvalhos. De Flores recebeu o coronel Belém, enviados pelo coronel Antônio Pereira da Silva, uns cem cangaceiros, perfazendo com os que já tinha cerca de trezentos homens armados e bem municados. De Vila Bela, atual Serra Talhada, recebeu o coronel Antônio Luiz, por intermédio de seu primo Monsenhor Afonso Pequeno, Vigário daquela Paróquia, e enviados pelo coronel Antônio Pereira de Carvalho (Antônio Quelé), igual número de capangas, somando com os que já mantinha nos seus muros e no sitio Lameiro, um contingente idêntico ao do coronel Belém. O Monsenhor Afonso Pequeno guiou pessoalmente, até Crato, o numeroso grupo de homens armados.

Antes da chegada desses bandos pernambucanos e num último esforço para evitar o conflito, intervieram o coronel Romão Rufino, de Salgueiro; o coronel Antônio Santana, de Missão Velha e padre Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, vigário do Crato, conseguindo que o coronel Belém aceitasse a proposta do coronel Antônio Luiz para a cessação das hostilidades a qual consistia no restabelecimento da liberdade de imprensa e do povo. Concertado o acôrdo cada chefe desarmou seus homens, voltando a cidade à calma, mas, poucos dias após, o capitão Jesuino reiniciou suas violências, quebrando o compromisso de seu chefe. Os telegramas que seguem transcritos expressam bem esses últimos acontecimentos:

Crato, 28—5—«Movimento aqui intervieram Vigário Quintino, coroneis Romão Rufino, de Salgueiro, Sant' Anna, de Missão Velha, como responsáveis parte Belém que sujeitou-se proposta Antonio Luiz em favor liberdade povo, imprensa, etc. Qualquer infracção convicções estipuladas povo pegará armas. Cangaceiros evacuaram cidade. Família cratense continua retirada. Reina calma»

Crato, 27—6—«Belem rompeu o contrato, prendendo, espancando, ferindo cidadãos. A Guarda Local invadindo lares; ameaça de incêndio, extermínio. O Crato está dezerto, as familias retiradas para Barbalha, Joazeiro, Missão Velha, Quixará, Sant' Anna, São

Pedro, Arraias, etc. Devido a isto o povo está todo armado. Uma vez desprezado pelo governo, está prompto a reagir contra os desmandos gente Belém, que tem cangaceiros em armas. Povo disposto. Está iminente a lucta»

Na manhã do dia 27 de junho de 1904, data da expedição do último telegrama em tela, já os dois contendores tomavam posição de combate. Havia chegado a hora extrema do conflito, o momento da decisão sangrenta do litígio, prévia e matreiramente calculada pelo senador Acióli.

As forças do coronel Belém se concentraram na Praça da Sé, em frente a sua residência, e se entrincheiraram nas casas visinhas. As forças do coronel Antônio Luiz se dividiram em dois círcos, um cingindo a Praça da Sé e outro cercando a cidade e tomando tôdas as entradas desta, a fim de rechazar os auxílios que viessem em favor do coronel Belém, especialmente os do coronel Domingos Furtado e do coronel Santana, que já se aproximavam de Barbalha.

Fechado o círculo e tomadas outras medidas, iniciou-se a batalha, atacando Augusto Bacurau os fundos da casa do coronel Belém e outro comandante de grupo a frente do quartel da Guarda Local. Durante o dia 27 houve apenas três tiroteios. No dia 28 os tiroteios foram mais numerosos, contra tôdas as trincheiras do coronel Belém, não se registando nem avanços e nem recuos e mantendo-se as forças equilibradas. À meia-noite do mesmo dia os maxixes atacaram com mais energia, travando-se cerrado tiroteio durante mais de meia hora e terminando nas mesmas condições. Às quatro horas da manhã do dia 29 reiniciou-se com violência o ataque dos maxixes, cessando ao amanhecer e repetindo-se à miúdo até às catorze horas quando o coronel Antônio Belém de Figueiredo, irmão do chefe entrincheirado, içou um pano branco numa varinha, atravessou a Praça e penetrou nas fileiras inimigas, sendo prêso e levado à presença do coronel Antônio Luiz. Diante do ocorrido e tendo a bandeira branca saído de dentro da casa do coronel Belém, atacantes e atacados suspenderam o fôgo e ficaram aguardando o resultado.

A paz foi negociada entre aquele emissário e o chefe da opposição, sob a exclusiva condição de garantia de vida para os vencidos, e, às dezesseis horas, o coronel Belém capitulou, sendo levado com sua família e autoridades, escoltados por Augusto Bacurau e outros, para a casa do coronel Antônio Luiz. Depois de assinado o respectivo contrato de rendição incondicional, foram os prisioneiros recolhidos à Casa da Câmara, cumprindo o coronel Antônio Luiz seu compromisso de garan-

tia da integridade física dos vencidos. O capitão Jesuino aproveitou o ensejo dos entendimentos e, antes da prisão de seu chefe, fugiu para Milages.

Afirmam uns porém negam outros que, durante os três dias de fôgo, não houve mortes, verificando-se apenas alguns ferimentos leves de lado a lado. Após a capitulação os cêrcos foram desfeitos e os cangaceiros malabares fugiram livremente para os matos.

O auxilio do coronel Domingos Furtado, para o coronel Belém, chegou à noite, alcançando seus homens a fronteira Sul da Praça da Sé e daí voltando às pressas ao constatarem que haviam chegado tarde demais. Se tivessem chegado ao meio-dia a batalha teria sido mais longa e mais renhida, porque teriam se deparado com o cêrco de fora, ficando então abertas duas frentes de combate. Por outro lado, os sitiados teriam resistido muito mais e talvez até vencido a batalha. O que motivou a vitória fácil dos maxixes foi o desalento dos malabares que, cercados há três dias e sem ouvirem o ataque à retaguarda de seus inimigos, conforme esperavam, suspeitaram de traição de seus amigos e se entregaram. Seus mantimentos e munições escasseavam e seus homens eram inferiores em número, sendo preferível a capitulação ao morticínio inútil.

O presidente Pedro Borges, ao receber os telegramas de comunicação sobre o desfecho da luta, respondeu ao coronel Antônio Luiz que acabava de embarcar, com destino à Crato, o capitão João Fonteles (amigo de Belém) acompanhado de numeroso contingente militar sem, todavia, adiantar o objetivo de sua missão. O chefe maxixe, desconfiando de que a missão de Fonteles era reconduzir o coronel Belém à intendência, telegrafou ao presidente manifestando seu desagrado pela medida e salientando que receberia bem o major João Arrais. Vários telegramas foram inutilmente trocados e, ao chegar Fonteles em Iguatú, o coronel Antônio Luiz voltou à carga dizendo francamente ao presidente que receberia Fonteles à bala. O presidente, receiando que em consequência de um choque desse caráter fosse o Cariri e até o Estado conflagrados, ordenou a Fonteles que deixasse a tropa em Quixará (cem soldados) e se dirigisse sozinho ao Crato, comunicando ao coronel Antônio Luiz a contra-ordem dada e recebendo deste resposta anuente. Fonteles veio à Crato sozinho, examinou a situação e voltou logo à Quixará, dali regressando com a tropa à Fortaleza. Deve-se o recuo do presidente tanto à franqueza do coronel Antônio Luiz quanto aos conselhos que lhe deram, por telegramas, os padres Cícero Romão Batista, Moreira Maia, Alencar Peixoto e Pedro Esmeraldo.

Após o retorno de Fonteles, serenados os animos e obtido do chefe Acióli o reconhecimento do «fato consumado» do poder do coronel Antônio Luiz, o coronel Belém foi libertado com toda sua gente, indo para Milagres, onde ficou morando e vindo sempre à Crato administrar seus bens. Sua prisão durou apenas três dias na Casa da Câmara e cerca de quinze dias em seu sítio «Matinha», onde ficou sob ordens e vigiado por capangas que, vez por outra, detonavam a esmo suas armas...

Ainda por meses esteve Crato sobressaltada devido às constantes notícias de que o coronel Belém, de parceria com o coronel Domingos Furtado, estava organizando um batalhão de cangaceiros para atacar o Crato e retomar o poder. Tais notícias forçaram o coronel Antônio Luiz a manter-se prevenido durante muito tempo e a prender o coronel Belém duas vezes, para esclarecimentos, uma em seu sítio «Matinha» e outra em sua fazenda «Serra Verde», donde veio escoltado por capangas comandados por Augusto Bacurau. Efetivamente, Belém e Furtado reuniram, certa vez, uns oitocentos homens e quando estavam de partida para o Crato, foram seguramente informados de que o coronel Antônio Luiz, previamente avisado de seu plano de ataque, já havia armado mais de mil homens para a defesa da cidade, o que os obrigou a desistirem definitivamente da projetada marcha sobre o Crato.

x x x

Apeado violentamente do poder e sacrificado financeiramente, devido às enormes despesas da campanha, o coronel Belém passou a enfrentar, daí em diante, uma nova luta—a corrida de seus credores sobre suas propriedades. Devia 54.000\$000 a Boris, Frères & Cia, de Fortaleza, e quase outro tanto a diversos e, meses depois, a citada firma francesa arrestou todos os seus bens e os pequenos credores protestaram contra a universalidade do embargo, estabelecendo-se o barulho no fôro e na imprensa. A nova batalha culminou com um acôrdo em que Boris liberou os sítios «Matinha», «Sossêgo» e «Pimenta» e ficou com a fazenda «Serra Verde» para cobertura de seu crédito a qual ainda hoje lhe pertence. Os três sítios acima mencionados foram vendidos ao coronel Francisco Zábulon de Almeida Pires, pela quantia de 25.000\$000, que serviu para a satisfação das outras dívidas.

O coronel Belém, mesmo prejudicado com a venda forçada de seus bens, pagou integralmente todos os seus débitos e, com o dinheiro que sobrou, foi com a família para o Amazonas, onde já residia seu filho mais velho e onde perdeu o resto de seu recurso na grande crise que em 1908 assolou aquele Estado. Em 1910, pobre e bastante doente de uma per-

na, veio para Fortaleza e ali ficou até 1925 quando faleceu, no dia 15 de maio daquele ano, após uma prostração de trinta dias. Viveu 73 anos.

Assim terminou, trágica e melancolicamente, a poderosa «oligarquia belenista», gerada pela «oligarquia aciolina» que, em 1912, teve igual sorte. E caiu nos momentos exatos de seu apogeu, quando seu chefe comandava a política regional e era 3º Vice-Presidente do Estado.

O coronel José Belém e seu irmão Antônio Belém deixaram filhos e netos ilustrados (médicos, professores, juristas, etc), que exercem suas profissões no Ceará e noutros Estados da federação.

### III

#### Cel. Antônio Luiz Alves Pequeno

O coronel Antônio Luiz Alves Pequeno (filho de varão honrado de igual nome, natural do Icó e projetado marcantemente na política cratense) nasceu em Crato a 16 de Dezembro de 1863 onde instruiu-se bem e dedicou-se ao comércio de tecidos, substituindo seu pai na direção de sua tradicional loja instalada à rua Grande nº 80 (hoje João Pessoa), baixos do sobradão que ostenta o nome «Edifício Antônio Luiz» gravado pelo seu atual inquilino, José Eurico Ribeiro da Silva, em homenagem ao seu fundador. Era casado com d. Marieta Teixeira Mendes Pequeno, filha do coronel Alfredo Teixeira Mendes, também imigrado do Icó.

Revelando-se, desde moço, infenso a política, o coronel Antônio Luiz atingiu a maturidade como simples eleitor e completamente afastado das rusgas maquiavélicas sendo, por isso mesmo, acatado e respeitado por todos os cratenses, sem distinção de côr partidária e social. Em 1903, porém, contando já quarenta anos de idade, viu-se forçado pelas circunstâncias a alterar seu *modus vivendi* e reviver o passado heróico de seu genitor, assumindo subitaneamente, como já vimos, a chefia de uma rebelião popular contra a prepotência de um chefe político poderoso. Vencedor no embate e empunhando o bastão do mando, tratou de estabilizar sua vitória, destruindo tôdas as raízes da autocracia vencida, organizando sua oligarquia, acabando seu negócio, passando a viver dos resultados da política e modificando, assim, a orientação de sua vida.

Tomando as rédeas do govêrno municipal, a 29 de junho de 1904, o coronel Antônio Luiz se viu na contingência de manter a cidade, durante meses, sob a rigorosa vigilância de campanhas, dadas as ameaças dos vencidos de retomarem o poder pela força. Disto resultaram arbitrariedades e atentados, inicialmente, que deixaram o povo desconfiado de que o pequenismo não

passava de uma segunda edição do belenismo. Sabendo êle que só se pode curar uma moléstia combatendo-se-lhe a causa, consentiu que seus vigilantes exercessem pressão sôbre a família Belém e seus correligionários, visando ao seu afastamento do Crato e ao consequente desaparecimento do perigo doméstico iminente.

Assim foi que se desenrolaram, de julho de 1904 a princípios de 1905, conforme se lê no **Libello Accusatorio** publicado no «Jornal do Ceará» de 11-1-905, muitos fatos delituosos praticados por êsses encarregados da guarda do novo poder, desde os espancamentos às humilhações mais brandas.

Foram êsses «guardas» que obrigaram o promotor Francisco de Assis Moreira e o tabelião João Viana Rodrigues Monteiro a passearem, montados em cavalo em osso, pelas ruas centrais da cidade e foram os mesmos que ajudaram o sr. Nazário Landim a surrar com vareta de espingarda, até ficar quase morto, o coronel Aristides Menezes, resultando sérios embaraços para os filhos dêste que, por tentarem vingança contra Nazário, foram presos e processados, passando mais de um ano na cadeia do Crato sem o devido julgamento. Aliás, abrindo um parêntese, um dos filhos do coronel Aristides (Paulo Maia de Menezes) foi assassinado em 1914 pelo mesmo Nazário, acontecendo que na madrugada do dia 29 de julho de 1928 um dos filhos sobreviventes (Pedro Aires de Menezes) matou Nazário a tiros de revólver na calçada do quiosque do sr. Anfriso Maia, em frente à Estação ferroviária do Crato e onde existe hoje uma piscina.

Entretanto essa situação de terror, à imitação dos tempos belenistas, durou pouco tempo, terminando ao cessarem as ameaças de ataque ao Crato e ao se retirar para o Amazonas o coronel José Belém de Figueiredo. Daí em diante a cidade voltou à legalidade e à tranquilidade.

Conduzindo sua política, de 1905 em diante, num melhor sentido democrático, o coronel Antônio Luiz granjeou logo a confiança e o acatamento do povo, firmou sua oligarquia e se tornou, como era o coronel Belém, o principal baluarte eleitoral do Cariri e protegido do senador Acióli. Caiu com êste em 1912, mas, tomando parte na sedição vitoriosa de Juazeiro do Norte, voltou ao poder em 1914, graças a deposição do coronel Franco Rabelo. Ficou na intendência cratense até 1924 quando se realizaram eleições mais amplas, inclusive para prefeito, elegendo-se nessa ocasião deputado estadual e elegendo prefeito o coronel José Alves de Figueiredo que, aliás, foi o primeiro prefeito eleito do Crato, depois de proclamada a República.

Nas eleições de 1928, o coronel Antônio Luiz não con-

seguiu reeleger-se e nem elegeu mais seu prefeito, perdendo totalmente o pleito e aí findando, definitivamente, sua trajectória política. O prefeito eleito nessa ocasião foi o dr. Joaquim Fernandes Teles que, por sua vez, caiu em 1930 ante a vitória da revolução tenentista, sendo substituído, mediante nomeação, pelo dr. Antônio de Alencar Araripe.

O coronel Antônio Luiz Alves Pequeno faleceu a 13 de agosto de 1942, com 79 anos de idade, deixando pequena fortuna e apenas dois filhos: Heraldo Alves Pequeno que morreu a 8 de outubro de 1949, antes de formar-se e já casado, deixando viúva e filhos; d. Maria Nilda Alves Pequeno Barreto que ainda reside em Crato e é casada com o sr. Plínio Meina Barreto. Quase todos os parentes do coronel Antonio Luiz, representando família numerosa, ainda moram em Crato e ocupam lugar de destaque na sociedade. Seu mais ilustre parente foi o dr. Irineu Pinheiro, falecido há poucos anos, o qual, sendo escritor de mérito, deixou várias obras publicadas versando sobre a história do Cariri.

## NOTAS

### Major Franklin Benjamin de Carvalho

Não podia eu encerrar este trabalho sem que dissesse algo sobre este cratense de tão altos sentimentos de bondade, revelados naquela trágica noite de 7 de novembro de 1903, recebendo e protegendo com extraordinária coragem e decisão os seus próprios inimigos contra a sanha dos sicários do capitão Jesuino. O major Franklin Benjamin de Carvalho nasceu a 11 de setembro de 1847, era casado com d. Maria Dulcinéa de Carvalho e faleceu a 3 de fevereiro de 1923, deixando dois filhos: Francisco e Júlio dos quais só existe Francisco. O major Franklin foi um dos melhores amigos que teve o coronel Belém e que ajudou a defender sua residência nos dias do cerco fatal dos maxixes, ultrapassando a tragédia sem deixar inimigos e gozando depois a amizade e o respeito do coronel Antônio Luiz e de sua família.

### Informações

Os dados que me nortearam a redação deste resumo histórico foram colhidos, para o capítulo «I», do livro «Pequena História do Ceará», de Raimundo Girão; e, para os capítulos «II» e «III», de alguns recortes de jornais da época da luta, existentes no Instituto Cultural do Cariri e oferecidos a este socialício pelo escritor Hugo Catunda. Ajudaram-me ainda com informes preciosos os srs. José Alves de Figueiredo, padre

Antônio Gomes de Araujo, Antônio Belém Sobrinho, José Sampaio Cardoso, Mário Teixeira Mendes, Luiz Gonzaga de Melo, José Gonçalves Sobrinho, Francisco Carvalho e Pedro Maia, alguns destes contemporâneos da luta. Agradeço a todos as informações dadas, particularmente ao sr. Francisco Carvalho, escrivão de polícia lotado na Delegacia de Polícia do Crato, filho do major Franklin e pai do major-aviador José Hélio Macedo de Carvalho (servindo atualmente na base do Galeão) e do inspetor-fiscal de avaliações de Fortaleza, José Kleber Macedo de Carvalho.

### ADVERTÊNCIA

Ao escrever estas linhas, preocupei-me apenas com a narrativa fria e honesta dos fatos, deixando a cargo dos sociólogos ou dos que melhor conhecem o assunto a ampliação da história e a análise da conduta de seus personagens em face da época e do meio.

Limitei-me, portanto, a gravar nestas páginas, integral e imparcialmente, tôdas as informações que obtive e, dada a idoneidade das fontes informadoras, julgo não haver consignado nas mesmas nenhuma balela ou informe impreciso. Eis a minha convicção.

---

### O I. C. C. COMEMORA O CENTENARIO DE CLOVIS BEVILAQUA

O Instituto Cultural do Cariri formou, em consonância com o Ceará e com o Brasil, comemorando o centenário de nascimento do maior jurista nacional — Clovis Bevilacqua. Não só se fez representar nas grandes festividades de Fortaleza, através de seu consócio Francisco S. Nascimento como promoveu sessão no dia 4 de Outubro. A reunião foi simples, mas teve nota original, com a presença do sobrinho de Clovis Bevilacqua, ora residindo em Crato — Sr. Humberto Bevilacqua. Aberta a sessão pelo Presidente J. de Figueiredo Filho, foi ele convidado para presidir os trabalhos. Duarte Junior pronunciou magnífica oração que publicaremos nesta revista. O Dr. Raimundo de Oliveiras Borges disse ainda bonitas palavras alusivas à data. Em nome da família, o Sr. Humberto Bevilacqua agradeceu aquela manifestação do Instituto à memória de seu tio.

## ENSINO SUPERIOR, EM CRATO

Acompanhado do Prof. José Newton Alves de Sousa, nosso conterrâneo, ora no magistério da Baía, esteve, em Crato, no dia 19 de Julho, o Magnífico Reitor Antônio Martins Filho. Promoveu em nosso meio reunião na Radio Educadora do Cariri, com D. Vicente Matos, Pe. Rubens Lossio e outros para a instalação, no mais breve tempo possível, da Faculdade de Filosofia. A reunião correu normalmente e está definitivamente acentado que referida escola de ensino superior funcionará ainda no corrente ano e terá como diretor o Prof. José Newton Alves de Sousa que, pelo seu tirocinio no magisterio, é a melhor garantia da Faculdade de Filosofia.

Ao mesmo tempo, a sociedade que manterá a Faculdade de Odontologia de Crato está em plena atividade. Já encaminhou os papeis ao Ministério da Educação e espera que funcionará dentro em breve. Crato assim marcará outro passo avançado no terreno do pioneirismo do ensino, de toda a região.

## HISTORIA DO FANATISMO RELIGIOSO NO CEARÁ

É a contribuição do sociólogo e grande pesquisador Abelardo Montenegro ao estudo do fanatismo religioso cearense. O tema é complexo. O escritor, que é o maior polígrafo de nossa terra, viu o fenômeno de seu ângulo. Se, em muita coisa não concordamos com ele, temos de admitir que tem talento e sabe bem defender seus pontos de vista. A plaquêta, como sempre, foi trabalho da EDITORA A. BATISTA FONTENELE — Fortaleza.

# PRESIDENTE

# EPITÁCIO

Félix Lima Júnior

Depois de ter jantado, poucos dias antes de voltarmos para Recife, o velho André, no meio da conversa, na calçada, disse-nos:

—Quando eu jantei, pela primeira vez, no Catete, com o Epitácio...

—Com quem?—indaguei, curioso, julgando ter ouvido mal.

—Com o Epitácio. Epitácio Pessoa, meu velho amigo, Presidente da República.

Como eu o fitasse, espantado, começou a contar:

—O Doutor não sabia, então, que o Epitácio era meu amigo? Pois fique sabendo. Dêsde menino. Quando êle foi Ministro, no Rio, mandou-me chamar e queria que eu fôsse exercer, na capital da República, um cargo importante, de confiança. Não aceitei. Preferi ficar por aqui mesmo, na minha casa, com minha roupinha velha, meus chinelos ou com os pés no chão, em liberdade, do que ir morar no Rio de Janeiro, num palacête, para andar encasacado, de gravata, falando com tudo quanto é deputado e senador. Não! Só sei viver modestamente...

Soltou uma fumaça do cigarro e continuou:

—Quando o Epitácio esteve na Conferência da Paz, na Europa, em 1919, toda semana me passava um telegrama, insistindo para eu ir conhecer o Velho Mundo e passar uns dias com êle. Mas eu já expliquei ao senhor: não gosto de gringo... Depois que em Assunção, no Paraguai, matei uns daqueles patifes da lingua engrolada, tomei raiva de toda espécie de gente que fale e eu não possa entender, Por isso não fui à Europa e por conta do governo... o sr. sabe!

Certo dia o Epitácio me telegrafou, lá das «estranjas», dizendo que tinha sido eleito Presidente da República e vinha para o Brasil no «ldaho», da marinha de guerra dos Estados Unidos, o maior couraçado do mundo. E que pararia em Cabedelo para me ver, indo depois até a capital. Ah, meu senhor, não tive mais sossego. Tirei a farda do baú, pu-la ao sol para largar o cheiro de naftalina, escovei-a, passei azeite na pala do

boné, engraxei as botinas reunas do tempo de Canudos e dois dias antes da chegada do «Idaho» toquei para a capital. Encontrei a Paraíba num festão danado: ruas enfeitadas; bandas de musica, só do interior contei quarenta, afóra os esquentamulher, ou «bandas cabaçais» como chamam no Cariri; as repartições públicas embadeiradas; as escolas formadas; a Policia com uniforme de gala; o comércio fechado. Só dia de juizo! Nas ruas andava gente como formiga em tempo de correição ou carangueijo, no mangue, quando há trovoadas fortes.

Passei dois dias hospedado no hotel Globo, de um amigo meu, o Marinheiro, e na manhã do dia seguinte, quando o couraçado chegou em Cabedêlo e ancorou longe, em alto mar, dirigi-me para lá. Em lanchas, barcos, botes, seguiram autoridades e os figurões: o governador, o capitão dos Pórtos, um general vindo do Recife, onde comandava a Região militar, o Arcebispo, o Prefeito, os comandantes do 22º Batalhão de Caçadores e da Policia. Ninguem me ligou importância. Eu, no meu canto, calado, dizia para os meus botões:—deixa estar, cambada ordinária, quando o homem der com os olhos em cima de mim, vocês vão ver!...

Tomei um bote, aproximei-me do navio onde distingui o Epitácio rodeado pela oficialidade. Ai êle me viu, deixou todo mundo, chamou o Comandante, de lado, e disse não sei o que. Foi um corre-corre danado! Baixaram uma escada especial, no portaló. Quando eu pus o pé na escada—parece até sonho!—deram uma salva de sete tiros de canhão. Eles pensaram que eu era general...

Depois é que verifiquei o que tinha acontecido: uns caixeiros viajantes, do Rio, que também estavam hospedados no hotel do Marinheiro, foram a um sirgheiro, na rua das Trincheiras, compraram seis estrelas de metal dourado e colocaram na minha gola, três de cada lado, sem eu notar, isso quando minha blusa estava numa cadeira, no quintal, ao sol e ao vento, para largar o resto do cheiro da naftalina.

Quando eu subi o portaló, a guarda, formada, apresentou armas e a banda do navio tocou o hino do Brasil. Fiquei tão comovido que chorei... O Epitácio me abraçou, apresentou-me ao Comandante, aos oficiais, ao Presidente do Estado. Bateram uma porção de chapas, tiraram fotografias para o cinema, uma presepada danadal Depois o Epitácio me disse:—Velhinho—o sr. sabe, êle só me chamava velhinho—vou mandar lhe mostrar o navio.

E em inglês, para o comandante, disse uma porção de coisas que não entendi. Lembro-me bem de «my old friend», «Soldier», «Paraguai war» e outras palavras. Aquêla, sim, era

homem de verdade. Não digo isso porque êle fôsse meu amigo. Mas o Brasil até hoje só teve dois homens: Dom Pedro II e Epitácio.

O cigarro estava apagado entre seus dedos. Tirou a caixa de fósforo, riscou um, acendeu, e continuou:

—Um oficial todo cheio de alamares, ajudante de ordens do Comandante, foi me mostrar o navio. Falava um português de negro da Costa ou de cigano recém-chegado, mas eu entendia ou fazia que entendia, por educação. O navio tinha cada canhão que metia medo. Diante dêles os da guerra do Paraguai pareciam brinquêdos de menino amarelo... Deram 21 tiros quando o Epitácio desembarcou e outros 21 quando êle voltou para a bordo. O sr. acredite se quizer; mas em Campina Grande, Cajazeiras, Crato e até em Natal, no Rio Grande do Norte, não ficou um copo inteiro ou vidraça que não rebentasse com o estrondo...

Antes de eu desembarcar na lancha do Comandante do couraçado, o Epitácio me chamou e disse:

—Velhinho, agora você vai comigo para o Rio, nêste navio.

Foi uma entaladela dos diabos, «seu» doutor! Fiquei engasgado, mas recobrei o ânimo e disse a êle:

—Você não está vendo, Epitácio, que eu não vou andar num navio dêsses, onde só tem gringos! Há mais de 30 anos que não viajo pormar, posso enjoar, um carcamano dêsses tira uma pilhéria ou faz um ar de riso para mim e aí não tem conversa: enterro cinco polegadas da minha «pernambucana» no bucho dêle e de quem vier apoiá-lo! O melhor é eu ir mesmo por terra...

Disse e desembarquei. Deram outra salva de sete tiros. Ficou todo mundo espantado, olhando para mim. Não demorei na capital. Vim aqui para a praia, preparei a matalotagem, limpei bem meu cavalo—o sr. sabe, eu tenho dois animais bons: Automovel e Almfadinha— e dias depois viajei para o Rio, pelo sertão.

—A cavalo, da Paraíba para o Rio?—indaguei, incrêdulo.

—Sim senhor, a cavalo. Puxei pelo «quartão», dormi pouco, descansei somente o necessário e quinze dias depois estava em frente ao Catête. Apeei-me, amarrei o cavalo numa árvore e entrei no Palácio. Um oficial quiz me deter. Dei-lhe um empurrão e disse com voz grossa:

—Vá avisar o Epitácio que o velhinho está aqui! Ele ficou espantado mas foi. Daí a pouco o Presidente desceu as escadas, abraçou-me, perguntou pela Paraíba velha. Conversámos

mais de duas horas. Só embaixadores e ministros, esperando por ele, eu vi mais de dez. O meu amigo dizia, porém, aos oficiais de gabinete, que só receberia aquela gente depois que conversasse com o velhinho...

Ele queria que eu me hospedasse no Catête. Recusei. De lá saí a cavalo, para um hotel na praia do Botafogo. Toda a gente me olhava, espantada. Eu nem, nem... No outro dia, de manhã, resolvi visitar o Corcovado, a cavalo. Subi o Castelo, atravessei os arcos, quasi derrubo um bonde, alcancei o morro de Santa Teresa, cheguei ao Silvestre. Apeei-me, o cavalo bebeu água e uma hora depois estávamos lá em cima, no Corcovado, para espanto dos passageiros do trenzinho...

Comi uns sanduiches, tomei uma Brahma gelada, desci antes de meio dia, chegando ao hotel exatamente na hora do almoço.

E finalizando sua história:

— Conheci Epitácio desde menino, desde rapazinho. Aquele, sim, era homem como poucos. Tão logo Deodoro fez o disparate de proclamar esta República em que vivemos, Epitácio, recém-formado, foi imediatamente nomeado Secretário do Governo da Paraíba! Naquele tempo já se reconhecia o valor do meu amigo!

Não tenho intenção de ofender a pessoa alguma, mas V. Senhoria pôde ficar certo que, no Brasil, só tivemos dois grandes homens públicos: Dom Pedro II e Epitácio Pessoa!

Assim falou o Barão de Munchausen das praias paraibanas...

(Capítulo do romance «CAROLINA»)

## UNIÃO DA FAMÍLIA BRITO

Em reunião do dia 30 de Agosto de 1959, foi constituída a sociedade denominada UNIÃO DA FAMÍLIA BRITO. Trata-se de familia tradicional do Cariri, com raizes na agricultura e ora disseminada em muitos recantos do pais. Tem por finalidade: «congregar todos os seus membros no sentido de defenderem os interesses reciprocos e comuns prestando completa assistência quer material ou moral a todos os seus associados, em qualquer parte em que se encontrem.»

Foi aclamada a sua diretoria provisória em reunião em que compareceram 103 membros da numerosa familia, sendo presidente Dr. Antônio Macario de Brito; Vice— Pedro Alves de Brito e Secretário— Raimundo Osvaldo de Brito.

# Antônio Bezerra de Menezes

## HISTORIÓGRAFO - ALGUNS ASPECTOS DA SUA VIDA E DA SUA OBRA

*Dr. Pinheiro Monteiro*

*Coronel Médico do Corpo de Saúde do Exército, Ex-cirurgião do Hospital Central do Exército e do Hospital Pronto Socorro do Rio de Janeiro. Ex-Diretor do Hospital Geral de Fortaleza. Chefe do Serviço de Saúde da 10ª Região Militar. Da Sociedade de Medicina do Rio Grande do Norte. Do Instituto Cultural do Cariri, da Casa de Juvenal Galeno. Do Instituto de Genealogia do Nordeste.*

Apraz-me fixar, aqui, alguns pontos culminantes da vida desse cearense inolvidável—Antônio Bezerra de Menezes.

Pouco, mui pouco mesmo, irei acrescentar ao acervo, realmente vultoso, do quanto já foi dito, alhures, no tocante à sua capacidade intelectual, assim em Revistas como em artigos de Jornal, dentro e fora do Estado.

Na segunda metade do século findo esse paciente pesquisador aportou ao Cariri, predisposto a esquadrinhar e descobrir os fragmentos de verdade esquecidos e silenciados na poeira dos arquivos

Catologou-os, depois, num livro, infelizmente, não publicado: «Notas de Viagem ao Sul do Ceará». Seria a complementação das «Notas de Viagem ao Norte do Ceará», estroutrou trabalho de sua lavra que veio a lume, em maio de 1889, graças ao gesto patriótico de Caio Prado, ilustre presidente do Ceará, naquela época remota do Imperio. Em chegando ao Crato hospedara-se no Sítio Currais, residência do seu parente e amigo Coronel José Pinheiro Bezerra de Menezes, genitor da grande família Pinheiro e conhecido em todo Sul Cearense pela alcunha de Capitão Zêca dos Currais.

Naquele velho solar, a quatro quilômetros da Cidade, assentara, então, sua tenda de trabalho. Dali partira, em excursões científicas, através dos vários Sítios e Fazendas da zona meridional do Estado.

Assim palmilhou nossos vales nemorosos, e galgou nossas serras ubertosas.

Transpoz, em pleno rigor do inverno, o caudaloso Carais, o Riacho dos Porcos e o Salgado. Visitou as fontes cristalinas que jorram aos borbotões ao sopé do Araripe.

Conheceu a natureza do solo.

A flora e a fauna da terra encantadora dos verdes canaviais.

Observou-lhe os fósseis, as jazidas de gesso e de chistos betuminosos, fontes inexgotáveis de riquezas futuras.

Em «Algumas Origens do Ceará» explica o porque do nome de Barbalha, a fundação de Brejo Santo, os primórdios de Jardim e Missão Velha. Não omitiu nem esqueceu passagens interessantes tanto de Cidades outras que floresceram ao ponto de se constituírem orgulho e ornamento do fertilíssimo vale, como de vilarêjos mediocres, de povoados que permaneceram, na sua pobreza, desconhecidos e não evoluídos, mas que sobrevivem à sombra gasalhosa daquelas suas co-irmãs melhor do que êles favorecidas pelas brisas caprichosas do destino.

Do exposto vê-se que Antônio Bezerra de Menezes foi um preocupado confesso dos assuntos ligados à história regional.

Assim se me afigura não só oportuno e explicado senão justificado o que escrevi sobre essa personalidade inconfundível na Galeria dos intelectuais. Isso posto transcrevo, na íntegra, linhas abaixo, e sem mais preambulos, a conferência por mim pronunciada na Casa de Juvenal Galeno, em 11 de agosto de 1954.

Aquele Sodalício, em essa noite histórica, que já lá se vai longinquando, houve por bem cultuar, mais uma vêz, a memória do eminente Varão, venerável e venerando pelo bem que espalhou em vida. Fazia então 34 anos que nos deixara, para todo o sempre, engolfado na paz inviolável do sepulcro, àquele grande historiógrafo e insigne homem de letras.

x x x

Conferência pronunciada pelo Dr. Pinheiro Monteiro, na casa «Juvenal Galeno», sobre Antônio Bezerra de Menezes.

Nos albores da nacionalidade, as composições poéticas constituíam o assunto predileto no círculo dos intelectuais. Os escritores desse tempo quase que só se dedicavam às musas, num anseio incontido e numa sublime aspiração de se tornarem grandes poetas.

Deste predomínio da metrificação surgiram bardos de universal renome, ao lado de outros que, à mingua de capacidade necessária à elaboração de obra de arte, desapareceram do palco literário, submergindo-se nas águas turvas da in-

significância e da própria mediocridade.

Três primitivos poetas, Domingos de Magalhães, Araújo Porto Alegre e Gonçalves Dias, ensaiaram os primeiros passos da escola romântica, que pelo meado do século passado, logrou o mesmo bom êxito emprestado à poesia nas letras nacionais. Pouco depois veio a época que viu Alencar, Machado de Assis, Joaquim Manuel de Macedo, os expoentes do mundo literário do Rio, anos mais tarde enaltecida pelos escritos fortemente realistas de Eduardo Prado e Júlio Ribeiro, em São Paulo.

Alencar, com sua cerebração genial, criou o indianismo. Machado de Assis, excessivamente modesto e misantropo, não foi um gênio criador, pôsto que esta falha lhe não haja impedido de impor-se não só à nossa afeição e estima, senão à veneration de todos.

Ambos os imortais foram os vexilários do romantismo brasileiro. A partir dos romances não mais sentimos em nada a influência dantes tão acentuada do classicismo português. A fase áurea das musas e do romantismo seguiu-se a preferência pela crítica, pelo conto e pelos assuntos históricos. Fôra isto uma como que alternativa ou metamorfose para se chegar aos estudos biográficos. Estes são inegavelmente o tema do momento. São os que empolgam e dominam a literatura agora vigente. Baseada nesta primazia, Henriqueta Galeno, Diretora desta Casa, edificada para o mundo das ideias e cujo fim proemial é fazer conhecidos todos os matizes das celebrações do pensamento humano, houve por bem organizar conferências sobre cearenses illustres, que, embora desaparecidos do número dos vivos são mercedôres tanto de uma apoteóse perpétua, como de nosso tributo de respeito e admiração. Bem haja sua iniciativa. De um lado recebe aplausos de quantos nos reunimos neste translúcido ambiente de fidalguia e intelectualidade, de outro conta com o apoio decidido de uma elite cultural de homens patriotas e de boa vontade que lhe não pode negar a colaboração legal e constante. Cabendo-me a mim, neste torneio oratório, o estudo da figura inconfundível, por todos os títulos, de ANTONIO BEZERRA DE MENEZES, traçar-vos-ei as principais características componentes desse grande e formoso espírito. Ressaltarei os extraordinários serviços que prestou à terra do berço. Ponho em relevo algo do que escrevera, autenticando-se solenemente uma das mais lídimas expressões da nossa cultura histórica. Entregue à minha inópia esta tarefa do mesmo passo louvável, justa e altamente consoladora, desenvolvê-la-ei na altura dos meus esforços e dentro dos exíguos conhecimentos literários que me é dado possuir. Por conseguinte, faço-o sem nenhum constrangimento, na certeza de que o recordando, vou receber lição de

moral e de sabedoria; homenageando-o, buscarei idéias de abnegação e altruísmo refletidos do espelho de sua vida. Na impossibilidade manifesta de esmiuçar todos os aspectos que o singularizam não vol-o descreverei detalhe por detalhe, mas sucintamente como homem de ação católica, como poeta e naturalista, abolicionista, historiógrafo, escritor e jornalista.

Do casal D. Maria Teresa de Albuquerque Lima Bezerra e Dr. Manuel Soares Bezerra de Menezes, jurista, parlamentar, orador fluente, capaz dos mais altos remígios de eloquência, nasceu ANTÔNIO BEZERRA, nos sertões de Quixeramobim, a 21 de Fevereiro de 1841, e faleceu, nesta capital, a 11 de Agosto de 1921. Teve destacada projeção em vários setores da atividade humana. Demonstrou, a par de grandes conhecimentos, um amor devotado à ciência e ao trabalho. Analista investigador precoce, auxiliado por uma memória miraculosa que conservou sempre pronta, fiel e segura, soube impor-se tanto pelos lampejos irradiados de sua inteligência, como pelos lauréis conquistados nas lides da graduação intelectual. Educado pelos beneditinos do Rio de Janeiro, ao seu ver, os maiores educadores do mundo, conservou o sentimento religioso que exornava os corações dos pais.

Seu amor à religião levou-o a fundar 25 conferências Vicentinas existentes, ainda, e espalhando a mancheias benéficos, qual e qual mais valioso, como para mostrar a veracidade da sentença do imortal Francois Veuillot: «Deus não tira o dom da fé a quem a guarda defendida pela virtude, nem a recusa a quem lhe implora de joelhos! Para complemento dos estudos biológicos, leu os livros de Darwin, Haeckel, o positivismo de Conte, os trabalhos de Littré e de Buchcer, sem contudo se levar por essas falsas doutrinas que explicam filosoficamente a formação do universo. Se elas motivaram uma revolução científica, em dias convulsionados das últimas décadas do século passado, não lhe abalaram os fundamentos da sua rígida ortodoxia eclesiástica. Assim como David não vacilou em apedrejar os inimigos afrontadores das hostes de Israel, também ele, batalhador indefeso em prol da idealidade fundamental do catolicismo, repeliu a ideia de que o homem é um macaco aperfeiçoado, e sim o centro da criação do universo que tende a acreditar num ente Supremo—DEUS—a quem deve subordinar-se. No particular lhe não aprovou o desinteresse, a quietude, o indiferentismo.

Enfrentar pela imprensa a coorte de heréticos sem temer o entre-choque de ideias e opiniões. Não lhe intimidam a crítica agressiva, as represálias e as subtilezas sofisticas. Escrevendo

sobre o século XX, diz Antônio Bezerra: «Ao transpor os humbrais do novo século, eu, com a fronte descoberta, olhos cravados no azul do infinito, envio daqui a minha saudação ao Criador dos mundos, ao Deus das misericórdias, que ainda uma vez se apiedou dos nossos irmãos, livrando-os da forçada expatriação que lhes impusera o governo do Brasil. Ao doce e meigo Jesus, cujos ensinamentos de paz e felicidade, embora mal compreendidos, trouxera por onde passaram o bem-estar e o consolo à humanidade.» Pelas leituras dos escritos religiosos onde divaga, numa como que beatitude espiritual, pela antiga Canaã, pelos costumes dos felisteus ocupantes primitivos das paragens lendárias do Mediterrâneo, pela descrição sobre a tirania de Herodes, derramando ao mais fútil pretexto o sangue desse povo generoso, sente-se que a literatura católica além das demais lhe era familiaríssima. E através de conhecimentos tão profundos que adquirira zelosamente como se fosse um clérigo, tornou-se Antônio Bezerra um soldado subsidiário dos mais eficientes nas lides afanosas do laicato católico. Espírito caritativo, ao mesmo tempo que distribuía esmolas às ocultas, reunia na própria casa crianças da redondeza, para lhes transmitir ensinamentos do Evangelho, para ele fonte perene e torrencial abundante de inexprimíveis consolações. Bem razão assistia a Vitor Hugo quando afirmou: «Os velhos e as crianças são os que mais se aproximam de Deus, porque se estes do céu vêm, aqueles para lá se vão.»

Longos anos já são transcorridos após o desaparecimento de Antônio Bezerra, mas o velho casarão que em vida tanto amara, crismando-o de «meu doce ninho, minha querida estância de paz» continua a manter as tradições do glorioso fundador. É a sede do Circulo São José. É onde se reúnem os operários católicos do bairro, para distribuírem os frutos do legítimo pomar que plantou dentro do borrifo genésico do ritual cristão.

Por tudo isso posso afirmar que Antônio Bezerra foi, em síntese, um verdadeiro homem da ação católica.

Na juventude, fase que é prefácio ou promessa da vida, existem dentro de cada um de nós, como se fora parte integrante da entidade psicológica, pendores naturais para a rima. Por isso são nossas primeiras produções literárias, preferencialmente, de natureza poética. O inverso só acontecer na vida prática em que já lá se vai a miragem inacessível dos sonhos ardentes que embalsamam os dias descuidados e felizes da adolescência e da mocidade.

Neste período risonho da existência se revelam os vates de imaginação primorosa, burlando estrofes onde iremos encontrar o que chamaremos a fidalguia do talento e da inteligência.

Moços foram e são entre nós os melhores amantes das

musas, impecáveis na textura dos alexandrinos.

Houve-os, simbolistas, líricos, naturalistas, amigos do Parnaso, que souberam deliciar-nos pelo alto pensamento espiritual, pela beleza casta, pelo panteísmo com que cantaram a Fortaleza e o Maranguape, a Ibiapaba e a Uruburetama, nosso turvo céu de inverno, as chuvas, a cabocla cearense, a liberdade, as flores, a praia e o mar, os carnaúbaís infindáveis do Jaguaribe, sem esquecer o «cajueiro pequenino» fantasiado na lira do imortal autor. Pois bem, na lista destes poetas que tanto amaram a terra da luz, podemos, sem favor, arrolar o nome de Antônio Bezerra, cujo entusiasmo pelos carmes não desaparecera na idade em que se lhe plasmou no cérebro a formação concreta das tendências espirituais. «SONHOS DE MOÇO», publicado em 1872, é a estréia; é o primeiro degrau da sua carreira literária. Pela doçura da emposição ritimada, pelo fervor sentimental, pela saudade do céu tristonho do norte, pela sedução musical das estrofes, nota-se que o autor, embora, com criação individual e sensibilidade própria, se filiará á escola lírica, seguindo de perto as pegadas do meigo cantor das «PRIMAVERAS»—Casimiro de Abreu. Além desse livro, deixou numerosas poesias, algumas desconhecidas do público, à falta de publicidade, guardadas, porém, no arquivo da família, como verdadeira reliquia.

Digna de menção é, entre outras aquela em que descreve o elogio da caridade. É uma das suas melhores composições, já pela forma, já pela agudeza espiritual. Nela saúda em nome dos cearenses o Dr. Moura Brasil, quando da visita de tão ilustre conterraneo á terra do berço, em 1875. Manifesta-se nessas estrofes um como que fio de Ariadina unindo duas almas irmãs no ideal. Como ambos se aqueceram ao calor da mesma luz tropical e respiraram o mesmo ar balsâmico impregnado das brisas cearenses, há, entre os dois varões a Plutarco, Liames invisíveis da inteligência e do coração. Ao inspirado intérprete não seduz tão só a ciência do mestre. A caridade fora antes a chama vivente que irradiava do cérebro do vate esses lampejos primorosos de imaginação e de sonho:

«Filho da plaga cearense,  
Orgulho dos teus avós.  
Os louros que t' engrinaldam  
Refletem por sobre nós.  
Nós festejamos o gênio  
Que das letras no procênio  
Arranca admiração,  
E com sorriso no lábio  
O mundo chama-te sábio  
E a caridade cristão»

Sem desdouro para a medicina, como coroamento do exercício profissional, evoca Antônio Bezerra a clareira de uma bondade apostólica, sem a qual o levita da piedade, balsamadôr dos gemidos plangentes do infeliz, não preenche a finalidade nos ditames incompreensíveis do coração humano:

«E eu que não rendo preitos  
Aos homens sem coração  
E que do orgulho da lira  
Não desço á bajulação,»  
«Ergui-me ao ver que sementes  
Lenitivos ás mãos cheias,  
Nas dores da multidão.  
E venho em nome do povo  
Trazer-te um protesto novo  
Um voto de gratidão».

Se em moço cantou a caridade, se cantou o amor à luz crepuscular da nostalgia e da saudade, também estremeceu afetuosamente o Brasil, cantando-o com a santidade da admiração pelos princípios de autonomia e liberdade. E se a alguém apraz auscultar o sussurro desse coração patriota, ouça então estes versos que se lhe afloram aos lábios por ocasião dos festejos da tomada de Humaitá:

«Mais um loiro nos combates!  
Mais uma página de glória!  
Enriquece nossa história  
Nossa grandeza prediz  
«Conheça a Europa assombrada  
Que o Brasil, terra de bravos,  
Não sofre insulto de escravos  
Não curva a frente a cerviz

Em a «Vitoria», dedicada aos moços da «Perseverança e Porvir», celebra, em oito magníficas estrofes, os inebriantes clarões da aurora da liberdade, na campanha emancipadora. É uma poesia profunda em que a inspiração poética não se desdoira em ombrear com a ciência:

«Criaste num dia imprensa  
Que o mundo da luz encheu,  
Mais tarde a telegrafia  
Que os continentes prendeu;  
Em luta com a barbaria,  
Repeliste a tirania  
Ao sol da livre instrução  
As artes, letras, ciência  
Surgiram sob a influência  
Do teu grande coração».

Merecem lembrados outros versos de sua lavra, com que, pela primeira vês, falou em público, a 28 de Janeiro de 1865. Havia pouco deixado os bancos acadêmicos

Vivia a vida simples, na voluntária penumbra da modéstia, lavrando a linda seära das letras, mas sem vaidade, sem a preocupação absorvente de notoriedade e de renome; a vida tipicamente provinciana, bem diversa da que levava na capital Bandeirante, longe do bulício tumultuário e intenso que nos trazem o progresso e a civilização. O Paraguai preludia suas investidas contra o Brasil. Nosso exército apodera-se de Paisandú. A altiva e legendária Coimbra, sob o comando do bravo coronel Porto Carrero, resiste com denodo e heroísmo às tropas inimigas. Tem, todavia, de se render por falta de munição. Entrementes recebe o Ceará, entre surpreso e esperançado, a notícia de declaração de guerra do Brasil. Nesta mesma manhã, flava de luz, lhe bate á porta o professor José de Barcelos, cheio de dúvidas e apreensões. Convida o poeta a falar por ocasião dos festejos a realizar-se á tarde do mesmo dia. E quando o cortejo cívico depois de percorrer várias ruas engalanadas da nossa capital, pára na praça General Tiburcio, da janela do palácio presidencial, um moço, em pleno esplendor de seus 24 anos, com a voz rouca, com gestos desordenados, de espesso bigode, aos exageros teatrais, freme entre os aplausos estrepitosos da multidão.

## I

«Mostremos ao mundo inteiro,  
Que o cearense é brasileiro,  
Que sabe morrer também!  
Não lhe intimida a metralha  
E nos campos de batalha  
Não cede o passo a ninguém.

## II

E Coimbra gloriosa  
Cede por força orgulhosa  
Do Paraguai ao ardil,  
Ou há de ser retomada  
Ou hão de rolar no nada  
As gerações do Brasil».

Senhores, em matéria de arte poética, foi o autor dessas poesias um virtuoso intelectual.

Sente-se-lhe o prazer de louvar os iniciantes da métrica. Ao Bruno Barbosa ovaciona, menos pela harmonia, pela inspiração, pela facilidade de rima, pela modelação das estrofes do que para animar o adolescente autor das «UTOPIAS», impellido-o a burilar lindos versos. Sugere-lhe temas. Encoraja-o,

enriquecendo-o de sugestões preciosas. Exalta também Alvaro Martins, quando esse inteligente versificador canta panteísticamente os «PESCADORES DA TAIBA».

Eis ai, senhores, em conclusão, uma das mais belas figuras de vate que já militou em terras cearenses, o sibarista intelectual do Barro Vermelho, que morreu sentindo não poder sintonizar, na radiosa mentalidade artística, o gorgoeio da juriti nos bosques, saltando de galho em galho, o valor épico dos nossos soldados, a canção plangente dos vaqueiros, as olimpíadas sertanejas, a cristalinidade das águas cantantes saindo aos borbotões do sopé das serras, o mar de pedras de Viçosa, o boqueirão de Lavras, as lagoas de Iguatú, os monólitos de Quixadá, dentre outras maravilhas da nossa natureza, como se tudo isto fora um desdobramento plástico da sua alma de artista, requintada no sentimento do belo, na candidez e na ternura.

\* \*  
\*

Falar-vos-ei, agora, do professor e naturalista. Lecionando no Liceu e outros Estabelecimentos educacionais desta capital, deixou-nos traços marcantes, que assinalam sua passagem pelo magistério. Foi professor de erudição, de proficiência e mestria. Num dizer correto e polido, desenvolve assuntos palpitantes, como a fecundação das plantas, o desabrochar das flores, a geração dos frutos, a função clorofiliana, atraindo os alunos no círculo encantado de suas lições.

Em alguns trabalhos, sem prejuízo da espinha dorsal da obra que é narrativa exata de acontecimentos históricos, faz grandes divagações científicas, ressaltando, num sério e vivo confronto, o contraste entre a flora do litoral e a do hinterland. Durante os três anos consecutivos que ocupou o cargo de diretor do museu da Metrópole Amazonense, teve oportunidade de estudar a flora e a fauna da imensa planície equatorial, representadas ali em miniatura. Todos sabem que a gigantesca HYLEIA, tão querida de Humbolt, que o Império das Náiades, na expressão consagrada de Martins, oferece campo admirável às investigações científicas, atenta a multiplicidade de plantas, a variedade de espécies florísticas, algumas ignoradas até hoje na esfera das pesquisas naturalistas. A despeito da vida laboriosa na Melbourne brasileira, embrenha-se não de raro pelos paúis e igarapés insalubres, menos para admirar a majestade dos rios, que o cenário soberbo e inédito da floresta milenária, onde cipós e lianas se entrelaçam com espessos troncos de árvores nodosas, numa simbiótica indescritível, constituindo um só bloco compacto, oferecendo ao homem o exemplo do mais puro e fraternal afeto, a lição mais edificante de cooperativismo e solidariedade. A semelhança de Meterlink descrevendo a vida das

abelhas, também ele, inspirado no «Segredo das Flores», belíssimo quadro de Sachching, cérebre pintor da Inglaterra, a veneranda pátria de Huxley, em páginas memoráveis, descreve as flores na evolução do seu perfume na sua seiva misteriosa, no sono, umedecida pela manhã ao orvalho que não provém, como em geral se pensa, das camadas superiores do éter, mas da função respiradora do próprio vegetal.

Narra-nos o amor volutuoso das flores, seu dia de núpcias, os deliquios de gozo das estames e pistilos na maciez setinosa do leito conjugal. Não posso e não devo olvidar seus estudos sobre a sensitiva, cujo instinto de conservação requintada fá-la retrair, medrosa e humilde, mal presente à insólita aproximação dos nédios animais do campo. Lembremos também os escritos sobre a «valisnéia spiralis», interessante planta de além-mar que medra debaixo das águas, nos rios da França meridional.

As borboletas, os insetos, os araquinideos, a república das formigas, foram igualmente objecto de atenções especiais por parte de Antônio Bezerra. Faça-se de passagem referência aliigeirada ao que escreveu em relação a centopéia carniceira, a caranguejeira, a jactiranabóia, afirmando a opinião de notáveis entomologistas para quem nenhum desses insetos é venenoso, e sim de toxidez quase nula ou mesmo inofensiva.

Eis aí, senhores, o naturalista intuitivo que, voltand -se para tudo, foi um dilettante no campo vastíssimo da História Natural. E se não logrou grandes lauréis no domínio desta ciência, se não fora um desses da estirpe gloriosa de Correia de Lacerda, Freire Alemão, Capanema Saldanha da Gama, Pizarro, Caminhoá, Barbosa Rodrigues, Garcia Redondo, teve, todavia, o nome vinculado à Ciência Naturalista como um dos pioneiros desses estudos no Ceará.

\* \* \*

Decorriam serenos os últimos meses do ano de 1880, o Ceará convalescia, ainda, das consequências esmagadoras de uma das maiores crises metereológicas que vira na sua longa trajetória aproximadamente de 3 séculos. Entretanto, fortalece, em boa hora, a fibra de seus filhos, para escrever, em circunstância venturosa, o drama épico mais empolgante nos faustos da nacionalidade. Antes deste vizinho nordeste pernambucano, vexilário de duas grandes vitórias sociais, a de Guararapes em 1649 e a de autonomia e liberdade, já no crepúsculo do Brasil colônia, em 1817, antes das outras irmãs na constelação brasileira, a província cearense escuta a linguagem piedosa do sofrimento; compreende o verbo inflamado das reivindicações que ecoa pelas lindes distantes da pátria; sente, sem tibieza, a ne-

cessidade de extinguir o regime das senzalas, de dissipar, vez por todas, dos seus domínios, a mancha espessa da escravidão. Para melhor se compreender a campanha da remissão dos cativos, é mister ressumar as páginas da história, e, mostrar, rapidamente, como decorreu o maior ato em prol da dignidade humana, neste novo país do novo mundo. Tivemos três tentativas libertadoras, três tentativas distintas na forma, mais impregnada da essência do mesmo idealismo: a de 1850, que acaba com o tráfico africano, a de 1851 conhecida por libertação dos nasciturnos, e a que se seguiu, recebendo o nome de abolicionismo. Esta empolga de tal forma o Ceará, já então cognominada Terra da Luz, ao ponto de em cada folha esparsa da carnaúba, em cada grão de areia da praia, ferver e palpitar o ânimo varonil de um povo predestinado. Exatamente por esta última Antônio Bezerra penetra os umbrais destoutra parte de sua vida—o Abolicionista. Um pugilo de sonhadores, sócios da «Perseverança e Porvir» funda a «Libertadora Cearense» que de mãos dadas com outra sociedade que comunga os mesmos ideais, isto é, o «Centro Abolicionista» que também se debatia pelos mesmos princípios humanitários, fizeram a caldeira da escravidão explodir. Leiamos o que relata Antônio Bezerra, à página 43 do seu livro «O Ceará e os cearenses». «A idéia partiu de um coração adamantinamente generoso, do consócio Antônio Cruz que era—com seus companheiros dessa jornada do Grêmio Commercial «Perseverança e Porvir», cuja sede era a cidade de Fortaleza.» A primeira sociedade pertenceram entre outros João Cordeiro, Correia Amaral, Frederico Borges, Antônio Bezerra, Antônio Martins, Francisco José do Nascimento—o Dragão do Mar, Juvenal Galeno, Rodolfo Teófilo, Marrocos Teles, Justiniano de Serpa, pregoeiros do apostolado libertário a que não faltou o apoio do elemento feminino, representado brilhantemente por Elvira Pinho e Maria Tomásia. Foram estes denodados batalhadores que, sem derrame de sangue, reuniram-se cautelosamente como se fossem adeptos de um culto perseguido, se agremiam com denodo, quais crentes dentro de um templo, para acertarem a maneira de abrir no Ceará o caminho da liberdade.

No seu livro, já citado, o «Ceará e os Cearenses», Antônio Bezerra relata-nos as circunstâncias em que se dera a primeira sessão da nascente sociedade, sob a presidência do grande João Cordeiro, omitindo, por modéstia, detalhes interessantes da memorial reunião ou sejam iniciativas partidas dele próprio. Antônio Furtado, um dos seus maiores biógrafos, e que na Academia Cearense de Letras, o escolheu para patrono de sua cadeira, num belo ensaio de crítica histórica, citando Antônio Bezerra no que se refere à solenidade inaugural da supracitada sociedade,

no-lo afirma: «Neste passo do ilustre escritor, revela-se, de modo incontrastável, o diamante sem jaça da sua modéstia, a sua abnegação, o seu desprezo da vanglória. Porque, segundo o testemunho presencial e mais que fidedigno de Isaac Amaral, os períodos ditados por João Cordeiro e adotados pela «Libertadora» como seu regimento, foram uma «fórmula» proposta por Antônio Bezerra, e jurada por todos os adeptos da causa.

E Antônio Bezerra, continua Antônio Furtado, «numa abnegada, integral renúncia de si e da sua glória, ultra modestamente omite essa circunstância fundamental—tão cardinal que é por aquela forma que se estabelece e discrimina? entre os da «Libertadora» (que propugnavam a abolição por todos os meios) e os do «Centro Abolicionista» (como o Barão de Studart, e outros que a queriam de modo mais suasório).

Sobre o entusiasmo então reinante em torno da emancipação, escreveu a eloquência de Joaquim Nabuco:» o que está passando no Ceará maravilhosamente. Parece incrível que esta província faça parte do Império. Pacatuba é mais que um farol para todo o país. É o começo de uma Pátria Livre. «No tocante a sociedade «Libertadora», dizia Julio César:» É a torrente torva, precipitando-se caudalosamente, despenhando-se em catadupas».

Mas não se julgue, senhores, que a atuação de Antônio Bezerra se limitou ao âmbito estreito dessas agremiações. Vai muito além. Pelas colunas da «Quinzena», do «Estrela», fundado por ele em colaboração com dois outros jornalistas Marrocos Teles e Antônio Martins, pelas colunas do «Libertador» escreve uma série de artigos vazando todo o entusiasmo pela causa, através desses órgãos de publicidade que em todos os tempos são, no dizer de Castelar, os melhores livros das multidões».

Ainda colaborou no «Ceará», diário de inextinguível projeção em toda a província, de propriedade sua, de Antônio Augusto, Ferreira do Vale e do Barão de Studart, doutos e de renomada competência que, a par do magistério e investigadores da nossa história, se revelaram todos de invulgar capacidade nos misteres da imprensa.

Mas, não é só. Não houve como lhe tolher os passos. Sem embargo, arremetesse a campeão da boa causa. Não encara sacrifícios. Incita-lhe inabalável convicção. Mesmo ameaçado de morte, conforme lhe prevenira o Dr. Bilhar, chefe de polícia de então, caminha resolutamente para a apoteose, para o triunfo, para a glorificação da idéia. Foi, no dizer preciso de Antônio Sales «a vibração corporizada». Desconhecendo os desalentos e a aflição que foram, segundo a linguagem bíblica, os maiores tormentos dos

profetas hebreus indifferente á furia da tempestade que lhe rumoreja em torno, demanda cidades distantes; põe-se em contacto com a laboriosa população do interior, mobilizando-a ao toque de clarim para a empresa memorável contra o regime das senzalas e o comércio da carne humana. Desta que não doutra maneira agiria um espirito de sua têmpera, uma vês que pela idéia a nossa própria terra se convulciona, desde as fraldas do Araripe até as águas esmeraldinas do mar, imenso e raivoso, que o jangadeiro afronta. Pois bem! Foi de feitio polimorfo, cheio de diversidade de função sem prejuizo da unidade do fim que Antônio Bezerra pertenceu a essa extraordinária familia abolicionista que, sem destroços sangrentos próprios da insensatez e da violência, escreveu o «Vinte e cinco de Março de 1884», a maior pagina de glória do Ceará, em todos os tempos.

\* \* \*

Se muito já me tenho detido, aludindo a estas cinco facetas do cristal da sua intelligência, justo é que, agora, já no término desta despretenhiosa palestra, vos chame a atenção para o traço primarcial na personalidade literária de Antônio Bezerra que é, sem dúvida, o amor á história, em cujo trato viveu incessantemente desde a mocidade.

Funcionário do Tesouro, exerceu entre outros cargos o de Diretor do Instituto Histórico Cearense, onde, ao lado do Barão de Studart, de Eusébio de Sousa, de Tomás Pompeu, abriu mais um caminho á atividade sobrada do seu espirito. Chegou, na matéria, a ser mestre dos mestres. Tal culminância, porém, não atingiu simplesmente com estudos de gabinete. Fora mister recorrer a outras fontes informativas. Perlustra todo o interior. Visita cidade por cidade. Vai de recanto a recanto, inquerindo, registrando, com paciência beneditina, os episódios mais interessantes da nossa história, de alguns dos quais ignorariamos a existência, se ele no-lo não houvesse relevado a nós próprios, Cearensista como ninguém, conhecendo palmo a palmo o Ceará, nada desconhecia da sua história desde a expedição de Pero Coelho até a esquadra de Jerônimo de Albuquerque, em 1613; desde as duas dos holandeses aportadas em Mucuripe, respectivamente, em 1637 e 1649, até os episódios dramáticos da revolução de 1817; desde os combates renhidos dos Pacajús da zona Jaguaribana até as campanhas imperialistas de Pinto Madeira, até as cenas históricas da Confederação do Equador. Copioso e infatigável, publicou inúmeros trabalhos de natureza histórica. Dentre estes se destacam «Maranguape», «Descrição da cidade de Fortaleza», «Dúvidas Históricas», «Algumas Origens do Ceará», «As praias e o Mocuripe» «Cristovão Soares Reymão, julgado à vista dos documentos de seu tempo»,

obras de incontestável valia que atestam duplamente grande competência e operosidade do autor. «Notas de viagem ao Norte do Ceará», consubstancioso in-folio de 402 páginas, escritos nos altos sertões cearenses, na mesma compação que empolgara René, quando ia a caminho de Louziane, fala por si a semelhança do Moisés de Miguel Ângulo.

Ê, sem favor, um livro de requintado quilate.

Através dele se avalia a profundidade científica de um autêntico homem de letras. Disse Leonardo Mota «é obra de polígrafo. Se não tem o fascínio dos estilistas, reflete uma devoção à terra que o viu nascer».

Analisando este livro, primeiramente, como trabalho histórico, dir-vos-ei que o esforçado autor não olvidou uma só questão, siquer, das que interessam de perto à história cearense. Catalogou, em relevo impressionante, tudo quanto diz respeito à catequese, à colonização, à escravidão e liberdade dos selvícolas, à escravidão dos africanos, aos problemas de administração civil e política do Ceará de outrora sua cultura e comércio primitivos, os costumes dos índios, sua justificada revolta contra os violadores das suas tabas, sejam jesuitas, sejam os emissários dos capitães-mores e governadores.

Evidentemente, senhores, quem lê «Notas de Viagem ao Norte do Ceará» sente que é a consubstanciação sugestiva dos fatos que nos transportam aos albores do nosso movimento humano. Ê o mais perfeito e cabal traslado da vida ingênua e selvagem dos nossos avoengos. No que tange ao estilo, nota-se não ser eivado de fraseados retorcidos, nem preocupações verbalísticas. Espírito combativo, pugna pela regeneração dos nossos costumes, ora se insurgindo contra os desmandos da violência, os abusos do poder, às cegueiras dos despotismos, os vícios então reinantes na capitania, ora reprimindo o erro dos senhores feudais, ora repelindo a injustiça, a inépcia, a iniquidade e o arbítrio, oriundos de uma politicagem bastarda que, com a justiça do trabuco, amordaçava as vozes da opinião.

Depreende-se também que Antônio Bezerra, sobre fazer a história cearense da época colonial e dos longos dias do Império, quis patrioticamente chamar a atenção dos nossos dirigentes para o melhor aproveitamento das nossas riquezas. Por isso nos pinta os campos agrestes que percorreu ele próprio com a alegria salutar do beduino; nossos taboleiros adustos, onde a despeito da segura e esteliridade o mandacaru e o xique-xique germinam, abroham, crescem e verdejam; a grandeza da gruta de Ubajara com «todos os esplendores», com «os deslumbres de sua arquitetura de cristal», com «a transparência e delicadeza de arabescos calcáreos», e, por fim, nossos brotões profundos,

habitat bárbaro de perigosos ofídios, cuja escuridão tremenda faz lembrar a do inferno abandonado dos antigos deuses extintos.

Em Antônio Bezerra não há por que se negue ter sido um modelo de atividade literária que escreveu sobre história, política, poesia, biologia, problemas sociais, revelando-se assim nos conceitos, como na lógica dos argumentos, espírito enciclopédico, conhecedor de todos esses assuntos. Merece ser classificado entre os melhores periodistas cearenses. Vem em abono desta minha afirmativa a coleção de artigos publicados na «Patria», jornal de Manaus de que fora redator. É uma defesa espontânea, dos conterrâneos aportados naquelas longínquas paragens, em que se houve maravilhosamente com altivez e galhardia. Tangido por suavíssimos arroubos de comiseração e piedade, vasa em linguagem sincera e comovida, a emoção de suas entranhas, insurgindo-se contra a maneira impiedosa de exploração dos cearenses nos seringais do Alto Amazonas.

\*  
\*  
\*

Suponho achar-me desobrigado, senhores, da honrosa missão que Henriqueta Galeno me confiou. Tanto quanto me permitiu a natural penúria, focalizei os caracteres fundamentais dum dos maiores filhos da Terra da Luz.

Amor intenso e devotado ao trabalho, probidade e renúncia, enfiatura e honradez, bondade apostólica, inteligência arguta e impregnada de são e puro espiritualismo, eis, em resumo, o perfil moral de Antônio Bezerra, homem raro e exemplar, desses capazes de figurar na galeria representativa dos heróis de Emerson, porque, na moldagem da espécie, é limpidez e transparência da exatidão humana. Elevando o espirito à recordação dos serviços que nos prestou, veremos que ninguém como ele estremeceu tanto a terra que o viu nascer. Amou-a até o mais íntimo da sensibilidade, na esteira luminosa das suas tradições. Amou-a na vitalidade do seu futuro Amou-a na contemplação de sua natureza. Também amou-a tanto nos seus erros quanto na sua opulência fértil e dadivosa, nos seus canaviais farfalhantes, nos seus arrozais dos brejos e mandiocais do Araripe.

Amou-a, finalmente, na originalidade dos seus costumes, na encantadora poesia dos seus hinos, na harmonia deliciosa das suas canções populares. Evocando o teu nome nesta hora serena e de recolhimento, Antônio Bezerra, vi-ei unicamente a mostrar-te como exemplo de moralidade e de fé à mocidade estudiosa de minha terra. Oxalá que ela, ante tuas lições, adote como divisa um batalhar contínuo em prol de um Brasil soberano, altivo, dignificado e consciente, dum Brasil mais feliz e

mais rico, de horizontes mais amplos e mais luminosos. Oxalá que o engrandecimento na realização imaginada de teus sonhos ardentes, de tuas esperanças e ilusões, até mesmo de tuas utopias. Praza aos céus que mantenhas um cultivo acariciado do nosso patrimônio intelectual. Sim, ó mocidade de minha terra! Sê justa e forte para que tenhas a consciência de ti mesma, da tua riqueza, dos teus privilégios, das formidáveis energias de que dispões, da tua grandeza, da tua bravura e heroísmo, e das maravilhas fulgurantes da tua inteligência. Sê na vida como este hoje evocamos nesta casa para que o Ceará e o Brasil se firmem cada vês mais na grandeza dos seus destinos.



### «ITAYTERA»

«Tenho em mãos Itaytera, n. IV—ano IV.  
Magnífica.

Incontestavelmente, Itaytera cresce com a mesma pujança do seu nascimento. Acho muito, é folego demais para um pugilo de idealistas...

Não sei se neste meu julgamento vai elogio ou injúria à comissão organizadora e propulsora da revista.

Se injúria houver, tanto melhor: eu é que mereço compaixão pela carência de contacto com o potencial de cultura do meio em que vivi, apenas, para não perder o batismo de «caririense.»

O nome do José de Figueiredo, por si só, basta para garantir a prosperidade de Itaytera, como contraforte dessa robusta cadeia de intelectuais que, no Ceará e no Brasil, entesoura o filão genético desse rato lendário e precocemente metropolitano.

Sente-se nas páginas de Itaytera, a trepidação do mel quente, a alegria dos canaviais em holocausto à riqueza nativa nessa tendência ardorosa de cratizar o Cariri, tão fecundo e tão bravo, com harmoniosos satélites dessa civilização vertente dos mananciais do vale encantado.»

(Trecho de trabalho do Dr. Leite Maranhão, publicado no «O POVO» de Fortaleza).

# PEDRO PEIXOTO E

---

---

# ZUZA DA BOTICA

Celso Gomes de Matos

Esta crônica que escrevo hoje para Itaytera consagro-a a dois dos vultos mais conhecidos do Crato— Pedro Peixoto e Zuza da Botica. Não é intuito meu traçar-lhes, nestas poucas linhas, a biografia. Quero apenas render-lhes uma merecida homenagem. O primeiro pôs termo vida no dia 7 de Novembro de 1944.

O seu ato, que a todos nós encheu de vivo estarrecimento, foi um dos muitos atos de desespero para os quais teem sido muitos os estudos dos neurologistas.

Que levou Pedro Peixoto a acabar com a vida? Não se sabe. Contrariedade, moléstia incurável, embarços comerciais? Não se sabe. Sabe-se apenas que levou para o túmulo um grande segredo.

No entanto, Pedro Peixoto parecia não ter desgostos na vida. Era bom, justiceiro e honesto. Carater sem jaça. Espirito forte de homem à antiga, os quais, fossem quais fossem os embarços, queriam ter a palavra de rei. E foi justamente esta apreciavel facêta do seu carater indomavel que me fez vir, de publico, tributar-lhe esta homenagem.

Por exemplo: tão decidido elè era na vida que se dissesse: não beberei mais agua, morreria de sêde. E até, digamos, poderia servir de cobaia voluntária da morte, marcando, com exatidão científica, o tempo que um homem forte, como ele, poderia sobreviver sem beber agua. Vestia-se de pano grosso. Era esquisitão. Calçava alpercatas. E vivia recluso, metido consigo mesmo, no seu sitio Lameiro, como um crustáceo em sua concha.

Velho, era-lhe a vida um pesado fardo. Como suporta-lo?

Preferiu morrer. Morrer como os grandes vultos da humanidade, ingerindo, como Sócrates, tóxico letal. E foi espetacular na morte.

Foi original. Tão original foi este seu fim de vida que merece o registro que ora faço. Primeiro, honesto, pagou dividas, entregou animais alheios que os tinha sob sua guarda. Depois... marcou o dia e quase a hora de sua morte, convidando Maciel e outros para o seu bota-fora final.

Disse: vou morrer amanhã. E tendo-se envenenado à

noitinha, amanheceu, de fato, morto, como dizia e queria. A noite, passou-a em agonia, entre a vida e a morte.

Não demonstrou entretanto nenhum arrependimento. Pelo contrário. Ainda arrogante, sendo interpelado pelo dr. Márcio de Brito, que o assistia acêrca do veneno propinado, respondeu gracejando:

— Você não é médico?  
Adivinhe...

E assim, sem fraqueza e como piloto do seu próprio destino, se finou o primeiro desta crônica: Pedro Peixoto.

O segundo: Zuza da Botica.

Na vida já prolongada do meu velho amigo Zuza, não houve tragédias a lamentar. Foi também um forte, mas noutro setor. Na comedia da vida do homem em sociedade são muitos os papeis. Os heróis têm côres variadas e características próprias. Este, por exemplo, vivia em sociedade para o mundo das letras.

Fundou jornais. Redatoriou o «Correio do Cariri» (1904) restaurou em 1924 «O Araripe». Escreveu em revistas e colaborou nos jornais de Fortaleza. Foi sócio fundador do Clube «Romeiros do Porvir». Cultivava também a poesia, inspirando-se quase sempre nas grandezas do Vale do Cariri. Como sonetista primoroso, escreveu «O Rio Grangeiro». O Poema «Itaytera» é de sua lavra.

Nasceu no dia 28 de Abril de 1878, sendo filho de Pedro Alves de Lima e Dona Ana Alves de Figueiredo. Consorciou-se em 25 de Janeiro de 1902, com Dona Emilia Viana de Figueiredo de cujo matrimônio nasceram vários filhos de entre os quais o nosso companheiro José Alves de Figueiredo Filho. Dos filhos do Crato, do meu conhecimento, foi ele um dos que mais lutaram para vencer na vida. Filho de pais pobres. Sem amparo. Empregado do seu tio—José Antonio de Figueiredo, poucas horas lhe sobravam para o estudo, como um dos mais vontadosos autodidatas. Para fazer este trabalho, visitei-o faz pouco tempo nesta cidade.

Sabendo-o acamado, sempre gostei de visitar doentes e encarcerados, como manda o código da verdadeira religião cristã. E preferencialmente aqueles que já foram grandes e hoje são pequeninos. Na hora presente, em que um sorriso, mesmo mecânico, e sem o calor dalma, é uma chave de triunfo na vida, não poderei vencer, porque os meus sempre foram os pobres. Sabia que o sol do velho Zuza, outrora radioso, caía para o ocaso e, por isto, fui conforta-lo. Bati palmas às portas da confortavel vivenda e recebeu-me o Dr. Jefferson, que era o dono da casa, o qual levou-me ao apartamento do enfermo. E ali se

achava o velho Zuza.

Era ele, o poeta. Já quase sem fala, não me falou. Apenas me viu, e notei que me conhecera, por sorrir-me docemente.

Estava demudado. Não era mais o Zuza do meu tempo, que eu conhecera forte, cheio de vida e das «gaitas». O Zuza senhor de engenho. Dono de uma farmácia.

Não era também o José Alves de Figueiredo, o jornalista que acudia pela autonomasia de Zuza da Botica. A palavra Botica não era tomada no sentido de considera-lo homem da plebe. Absolutamente. Vinha-lhe da profissão que abraçara, passando de empregado para dono absoluto da farmácia do tio. Não era, outrossim, o autor do suave poema «Itaytera» Não! O que eu via ali era um Zuza que, visto noutra parte, o não reconheceria jamais. Aquele tinha amigos. Ao empossar-se na Prefeitura Municipal do Crato—1925—1926—fez-se romaria em busca de sua casa. Era o homem do dia. Todos queriam dar-lhe o abraço e o beijo de Judas.

E este?

Nada tinha. E ali estava agora, sob o teto de uma boa filha, apenas contando os dias, espirando o alívio da morte. Em tais situações, os dedos das mãos são muitos para com eles se contarem os amigos verdadeiros. Amigos da taça são muitos.

Dos infortúnios, poucos.

São duras estas lições da vida. Agora vamos ver o poeta. É dele este soneto, «O Trem», notavel pelo sabor filosófico:

«Do correr do fantástico bailado  
Bufo o centauro no seu leito de aço  
Grossa espiral de fumo para o espaço  
Soprando qual sinistro monstro irado

E avança, avança! audaz, desesperado  
Galga da Serra o tímido espinhaço  
Mergulha após dos vales no regaço  
Vence a floresta, vence o descampado.

No entanto, às vezes, do vagão olhando  
supomos que rios, pincares e ramos  
Vão ao contrário, rápidos voando...

Embalados também não raro andando  
Não vão pensar que o tempo vai marchando  
Quando ele é que se fica e nós é que nos vamos...

Foi jornalista. Mas na imprensa o seu lado mais forte foi a polémica.

Senhor de uma argumentação lógica e segura, investia

contra o adversário, arrancando-lhe, ás vezes, couro e cabelo. Nunca o vi ceder. Recuar, jamais. Viesses como viesse, e donde viesse, o seu antagonista. Tendo erros naturais, como todo ser humano, nunca recebeu que estes saíssem a lume.

Foi destemeroso numa polémica contra «O Rebate» de Juazeiro do Norte, quando Distrito, a querer, com o prestígio do Pe. Cicero, e do Dr. Floro, separar-se do Município do Crato.

Pois bem, era o Zuza que eu visitava. E sai dali monologando.

Meu Deus! Antes não nascer do que morrer assim, só, isolado, num apartamento onde uma cousa só espera: o caixão mortuário.

No entanto, ninguém conhece os planos de Deus, cuja vontade se manifesta sob várias formas. Quando o Senhor, aparecendo a Moisés, quiz libertar o povo israelita do jugo faraônico, mandou ao mundo dez pragas, inclusive a das trevas.

Dizem que foi imenso o clamor... Muitas vezes, para salvação dos seus filhos, manda-lhes Deus os sofrimentos físicos e morais.

E quem sabe se o velho Zuza não é um destes eleitos, cuja purificação tem por vaso os sofrimentos?



## CRATO

(Ao grande historiador Padre Antonio Gomes)

**Crato — antigo Miranda — fecundado  
Pelo Itaytera lindo e sinuoso,  
No sopé do Araripe situado,  
Em terreno feraz e dadivoso.**

**Miranda por Frei Carlos foi fundado,  
Sendo o chão de Filgueiras poderoso.  
Foi Alencar, ali, aprisionado  
Qual revolucionário valoroso!**

**Oh! gleba de civismo e liberdade,  
Onde há um povo nobre, de verdade,  
E um heráldico e gran canavial!**

**Assim — por teu progresso e boniteza —  
Do Nordeste és a mais bela princesa,  
Do Cariri futura capital!**

# SAUDAÇÃO A SAMPAIO

---

Por ocasião das festividades de encerramento da Semana de Sampaio, o tenente-coronel RAIMUNDO TELES PINHEIRO, comandante do CPOR de Fortaleza, pronunciou, no Cemitério de São João Batista, no dia 24 do corrente ante o túmulo do bravo general cearense, a saudação abaixo, como preito de gratidão ao patrono da infantaria:

«GENERAL ANTÔNIO DE SAMPAIO!

Patrono insigne da Infantaria Brasileira!

A solenidade patriótica, a festa cívica que ora assistes, é um preito de admiração e de reconhecimento das Forças Armadas da Guarnição de Fortaleza a ti, herói-mártir, símbolo de bravura indômita de dignidade, de audácia e de patriotismo incontestes.

Neste local e neste momento de vibração e de entusiasmo, de emoção e orgulho, com o coração pulsando no mesmo descompassado e violento ritmo do coração da Pátria reconhecida, homenageamos mais uma vez á encarnação de tôdas as virtudes morais e cívicas do militar autêntico que, durante longos 36 anos, da planície, como simples soldado, aos pináculos altanados do generalato, percorreu neste comprido estádio, toda enorme e esplendente gama do dever, da abnegação e do heroísmo — viagem imensa de peregrinação por tôdos os quadrantes da Pátria, e além fronteiras, pelos inóspitos e desconhecidos chãos do Uruguai, da Argentina e do Paraguai.

Apesar de nascido pobre longe dos centros populacionais de importância, nos distantes sertões combustos de Tamboril, desprovido da rica plenitude das letras que enriquecem o intelecto, mercê do teu caráter inquebrantável, da tua personalidade vertical, do teu elevado padrão de galhardia, varonilidade e energia, do teu desprendimento e fé cívica, alcançaste a grande ventura de servir muito e servir bem, a ponto de, enroupado na púrpura do teu próprio sangue, iluminares exuberantemente tôdos os «degraus infinitos da escadaria da História».

Rememoremos um pouco dessa tua incomensurável e imarcessível glória

Praça de julho de 1830, recebias galhardamente o batismo de fôgo, já portando as divisas de furriel, nas ruas da vetusta Icó, enfrentando as hostes rebeldes de Pinto Madeira, no mês de abril de 1832. Após curto período de vida intensa no morejar diário da caserna, seguias em 1835 para o Pará assolado e infelicidado pela «Cabanada» e cooperavas para a sua pacificação. A seguir, durante três conturbados anos, lutaste renhidamente contra os «balaio» maranhenses, comandando pessoalmente 46 combates e galganda o posto de capitão

Quase a seguir e com a mesma galhardia e impavidez, combatestes sucessivamente os «farrapos» no Rio Grande do Sul e os «praieiros» em Pernambuco. Assim, lutaste valorosamente no Nordeste, no Norte e extremo Sul do território pátrio. Agora, já no posto de major, no ano de 1852, participaste da expedição da Colônia do Sacramento, além fronteiras, e te batestes com denodo na batalha de Monte Cazeros, último reduto e túmulo da felonía do sanguinário ditador Rosas; da mesma forma e com o mesmo imutável padrão te conduziste na expedição a Montividéu, de 1854 a 1855.

Já no posto de coronel, com pequeno interregno no comando do Corpo Policial da Côrte, de 1859 a 64, no qual te houveste com absoluta correção elogiada pelo Imperador, foste de novo chamado a servir à Pátria no exterior. E, transpondo mais uma vez a fronteira sul, conquistaste os bordados de brigadeiro após a rendição de Paissandu em janeiro de 1865, comandando a Primeira Brigada de Infantaria, uma das tropas que mais se distinguiu no ataque.

Dai te deslocaste para Montividéu e, por determinação de 11 de março dêsse mesmo ano de 1865, foste encarregado de dirigir e fiscalizar a instrução de tódos os corpos de Infantaria, missão que pouco durou, de vez que, à testa da 3.<sup>a</sup> Divisão, no mês de abril seguinte, te deslocaste para a barra do arroio São Francisco, nas proximidades de Paissandu. Eram os pródornos da dilatada e cruenta luta que sustentariamos contra a tirania do famanaz López.

No comando desta mesma Divisão, a futura «encouraçada», prossequindo no deslocamento, embarcaste, às 13 horas de 15 de abril de 1866 na margem esquerda do rio Paraná, e desembarcaste em território paraguaio no dia seguinte, para escreveres a partir daí e até o dia 24 de maio, com o teu sangue estuante, as páginas mais brilhantes da tua longa, combativa e prestante vida. Era exatamente o teu 56.<sup>o</sup> natalício.

Faz hoje precisamente 93 anos. Lembras-te?

Podes recordar o hiante e pavoroso quadro de Tuiuti? «Heróico, inabalável, abnegado, cumpriste a missão recebida com fidelidade, bravura, habilidade e estóicismo, e deste ao grande OSÓRIO a potente e inamovível peça a que êle amarrou tôdas as combinações da sua manobra salvadora». Propiciaste, com MALLET, MENA BARRETO, GURJÃO, VITORINO MONTEIRO, MACHADO BITENCOURT, SOUSA NETO e seus anônimos comandados, a transmutação de uma derrota certa, numa vitória retumbante.

E por fim, com três graves e gloriosos ferimentos, fôste evacuado. E 43 dias após pereceste a bordo do «Eponina» no dia 6 de julho. E tiveste teus despojos mortais inumados a 8 em Buenos Aires, com soleníssimas exéquias. E depois devidamente restituídos à Pátria a que tanto amaste, em 1896; recolhidos à Sé desta Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção em 25 de novembro de 1871, e, por último, depositados nêsse jazigo perpétuo aos 25 de outubro de 1873. E repousam, no sono eterno, no teu querido e jamais esquecido calcinado chão do Ceará, como indiscutível fanal para as gerações atual e futuras, a lembrar o teu patriotismo sem restrições, o teu magnífico exemplo de invulgar e autêntico chefe.

Mas, na realidade, não morreste, porque os gigantes da tua estirpe não morrem nunca. O teu nome, sôbre ser um exemplo, «continúa inspirando respeito, admiração, dignidade, nobreza, sacrifício, abnegação e renúncia».

Guarda bem ANTÔNIO DE SAMPAIO! Tu revives e reviverás sempre: «Na ambicionada condecoração «Sangue do Brasil» cujos motivos heráldicos foram inspirados nos teus três gloriosos ferimentos; revives erecto no bronze das estatuas, no colorido de placas de ruas e praças das cidades do teu amado Brasil e nas Sociedades de graduados do Exército a que tanto dignificaste; revives no Regimento da Infantaria que te ostenta ufano o glorioso nome e, sobretudo, patrocinando a indômita Infantaria Brasileira, tua própria encarnação.» Revives, finalmente no coração de tôdos os brasileiros!

Camaradas da Guarnição de Fortaleza.

Almas genuflexas, corações em continência, cantemos

entusiasticamente com o poeta conterrâneo Alvaro Martins.

«Um dia, na charneca atroz de Tuiuti  
 O legendário herói que impávido sorri,  
 Depois de ter lutado então como um gigante,  
 Sobre o campo fatal, ardente e fumegante,  
 Sente faltar-lhe o braço, escurecer-lhe o olhar  
 Diz-lhe a voz do destino:—Basta de lutar!  
 E o grande herói—crivado o peito de feridas,  
 O rosto e as mãos em sangue e fumo enegrecidas,  
 Surdo à voz da metralha, ao eco do canhão,  
 Tendo a morte já no próprio coração,  
 Sonâmbulo fatal—deste sonho afagado—  
 Marcha ainda através do campo ensanguentado...  
 Foi assim que morreu o General Sampaio.  
 O seu nome que tem mais brilho que o raio,  
 Caiu, tombou, rolou do campo da vitória  
 Sobre o feito imortal do Brasil e da história».

## EU QUISERA CANTAR

É o título do livro de versos do poeta potiguar — Vicente Lopes de Sousa. É poeta na expressão do termo. Tinha sentimento. Parece que ficou da época do romantismo para o século atual. Morreu cedo. Sofreu e faz a gente sofrer ao sentir sua dor.

Nasceu êle em Alexandria, no Rio Grande do Norte e passou algum tempo no Rio, onde se sentiu preso de intensa nostalgia. Seu livro póstumo foi prefaciado por nosso conterrâneo, residente na Capital da República e também poeta — Jayme Sinando. Copiamos alguns versos de Vicente Lopes de Sousa:

«Janeiro... uma tristeza em minha vida...  
 Mês das férias... meu tempo de estudante!  
 Janeiro a capelinha alva da ermida...  
 E uma saudade louca, indefenida.

Meu pai a cachimbar, morosamente,  
 E as cadeiras de couro na calçada.  
 Janeiro..., uma chavinha, água corrente,  
 Alegria na aldeia, em minha gente...  
 Atoleiro na estrada...»

# TURISMO — — NO CARIRI

*J. Lindemberg de Aquino*

Evidentemente que reina sobre o turismo na região do Cariri, a mais crassa ignorância, o que é, realmente, de se lamentar. Hoje em dia precisamos lançar mão de todos os recursos de que dispusermos, para vencermos na longa caminhada pelo nosso desenvolvimento social e economico. A meta do turismo jamais poderia ou deveria ser desprezada, tantos e tão confortadores são os resultados que ela nos poderia ensejar.

Hoje em dia o Cariri inteiro se empenha numa luta das mais renhidas, em prol de sua valorização, luta que já consubstanciou em realizações variadas e multiformes, traduzindo o esforço dos filhos da zona, para que tenhamos um lugar de destaque no mapa da Pátria

Se há os que lutam pela eletrificação da zona — como meio de obter, por seu intermédio, e de modo mais prático, o desenvolvimento regional, há os que se esforçam, como o dinâmico Deputado Alencar Araripe, e o nosso Bispo Auxiliar, Dom Vicente Matos, pelo aproveitamento dos Vales sêcos e baixios do Cariri, por meio de harragens submersas, açudagem em alta escala, irrigação e policultura, garantindo um regime de safras perenes, e abastecimento regular do mercado consumidor.

Há os que se esforçam no setor cultural — e ai seria uma injustiça esquecer o nome de J. de Figueiredo Filho, ansiando melhor repercussão do nível intelectual do Cariri. Em todos os setores temos líderes, alguns de extrema dedicação, amantísimos filhos do Cariri. Mas no setor do desenvolvimento turistico da zona, o que vemos? Um vácuo enorme, que ninguem ainda se apercebeu, que não se cuidou, tão pouco, de preencher, por não se haver olhado os detalhes e as magnificas oportunidades que oferecemos, no sentido da incrementação turistica da região.

O turismo é um dos fatores de progresso de cidades e de zonas inteiras, atraindo dinheiro, visitantes e propaganda. Aumenta o intercâmbio, dinamiza o comércio, enriquece uma terra, torna-a conhecida...

O Cariri, ao nosso ver, apresenta ponderaveis possibilidades de exploração turistica, se os recursos de que dispomos

forem devidamente aproveitados nesse sentido. Se não, vejamos.

Dispomos, em primeiro lugar, da Serra do Araripe, de clima maravilhoso, saudavel, temperado o ano todo. Manancial imenso de belezas, os seus contrafortes se apresentam cheios de matas exuberantes, os seus sopés cheios de fontes perenes, o seu cenário de beleza luxuriante. No entanto, o que se fez até hoje para se aproveitar tudo isso? Nada. Há, e certo, o problema da agua no alta da Serra, mas a distancia das fontes é tão pouca, pois basta descer as suas encostas e a teremos em abundância. Hoje, a engenharia moderna desconhece problemas para levar agua ao alto de uma Serra como a nossa, quer por meio de poços artesianos, quer por impulsão, usando métodos avançados. Na Serra, temos locais magnificos para Hoteis de primeira classe, hoteis de veraneio, como no Alto da Ladeira das Guaribas, para quem vai rumo a Santana do Cariri.

Outro local maravilhoso: trecho da fonte Caldas, no Município de Barbalha, também temos as proximidades do Aeroporto do Crato, temos o Belmonte, temos muitos trechos no Município de Jardim e outros ainda em Barbalha. Poderíamos ter Hoteis bonitos, vistosos, confortaveis, estilo funcional, para receber os nossos visitantes e oferecer-lhe temporadas com o melhor clima do sul do pais.

Turismo compreende, antes de tudo, bons Hoteis.

Na Serra do Araripe temos uma variedade imensa de atrações. As centenas de aviamentos de mandioca poderiam ser também atração de turismo, nas épocas das grandes farinhadas, com festas típicas em noites enluaradas...

Temos as plantações de abacaxi, particularizando a de Raimundo Marinheiro, com 2 milhões de pés. A Festa do Abacaxi poderia ser levada a efeito, como se faz no sul com frutas de muito menor importancia economica, como as Festas do Pêssego e do Figo, e como se faz com as maçãs e uvas...

Já com referência a festas de produtos agricolas, o café produz também de modo excelente no Alto da Serra, de acordo com experiencias da Secretaria da Agricultura, e futuramente poderíamos ter a nossa Festa do Café. No Vale, teríamos a Festa Regional da cana, envolvendo dezenas de atrações...

Poderíamos ter na Serra do Araripe as zonas de caçadas, onde, durante certas épocas, fossem colocados animais para reprodução, com proibição de caça, afim de se garantir fartura para a época dedicada às atividades da caça. Com a construção de açudes — Umari, Quixabinha, Latão, e outros, poderíamos incentivar o esporte de regatas, e as pescarias, que teem tantos aficcionados. Se fosse construido o Açude Miranda, teríamos um bom local para um Clube em que esses esportes seriam,

naturalmente, os preferidos, bem proximo do centro do Crato.

No Vale, dissemos, inumeraveis são as nossas possibilidades. Crato, Juazeiro, Barbalha, Missão Velha e outras cidades, poderiam formar um clendário turistico de comum acordo entre todas elas, um calendário do ano caririense, programando-se as grandes festas populares da zona como as das Padroeiras de Crato e Juazeiro, de Barbalha e Missão Velha, inicialmente.

Nessas festas, se procuraria imprimir um sentido mais eminentemente regionalista, com a apresentação de pastoris, dansas típicas, tardes de vaquejadas, desafios com cantadores que afluiriam de todo o sertão e barracas com pratos regionais. A zona, a exemplo da Festa Regional da Cana, poderia ter a Festa Regional do Vaqueiro — na oportunidade da Exposição Agro Pecuaria do Crato, com atrações durante toda a semana. Já era tempo, tambem, de pensarmos na construção do nosso Joquei Clube para as corridas de cavalos, aproveitando-se a ideia do Dr. Hermano Telles.

Poderíamos dar um sentido turistico aos acontecimentos religiosos da região, aproveitando-se as romarias para o Horto do serrote do Catolé, onde o povo pode descortinar um dos mais belos panoramas do Vale. Ali teríamos tambem de ter um bom Hotel. Na Espanha e em alguns paises, as romarias são, tradicionalmente, atração turistica. Claro que fica subtendido que se precisaria ampliar, melhorar, modernizar, ajeitar, enfim, a Ladeira do Horto hoje em estado imprestavel... Poderíamos acrescentar tambem no nosso Calendário Turistico, impresso elegantemente, com fotografias, e distribuido á larga em todo o pais, a época das moagens e atrações de verão nos balneários da região.

Temos possibilidades de bons balneários no Cariri, como as nascentes do Batateira e do Grangeiro, em Crato, e algumas em Barbalha. Por ora, o que temos simplesmente são as fontes... Um roteiro de festas sociais nos Clubes da Região, exposições diversas, até de cães como fazem os Kennel Clubes, aparelhamento e acondicionamento eficiente dos Museus de Crato e Juazeiro, para a visita do publico que viesse á região, acontecimentos culturais, congressos, Seminarios, campeonatos de todos os esportes, os Jogos da Primavera do Cariri, as Festas de Debutantes e eleições das Misses da zona, as festas carnavalescas, Reveillon, Pastoris, Reisados, Bumba meu Boi, dansas de fita, e outras atrações, festas típicas para a época natalina e dos Reis Magos, tudo podia ser incluido...

Para tanto, precisaríamos de contar, pelo menos, com bons estádios, bons cinemas, bons hotéis, praças de esporte, banhenários e piscinas e teatro.

Teríamos também a época teatral, incentivando o Teatro do Estudante e o Teatro de Arena.

Há ainda muita coisa que se pode colocar no calendário turístico do ano caririense, a ponto de torná-lo cheio de atrações, repleto de acontecimentos, capazes de, por meio de eficiente, estudada e controlada propaganda pelos órgãos da imprensa, atrair para a nossa região milhares de visitantes em potencial, valorizando o interior, gente, geralmente, cheia de dinheiro e de boa vontade.

Isso melhoraria muito a região, tanto pelo prestígio que lhe daria, como pela propaganda espontânea que lhe daria, como pelos vínculos de amizade que poderíamos criar com brasileiros de todos os quadrantes.

Num país como o nosso, onde o turismo é incipiente, e a mentalidade governamental nesse sentido atinge as raias do primarismo, sabemos bem as dificuldades de levar adiante um plano de tal monta. Notadamente numa região pobre como o Nordeste, num Estado paupérrimo como o Ceará, tal plano assombra á tacanha mentalidade regional pelo seu arrôjo e pela sua audácia. Tudo está por fazer ainda, e nossas cidades nem ainda dispõem de redes de água, esgotos e energia elétrica, as condições mais essenciais para se projetarem...

Tudo está por fazer ainda. Esta nossa exposição, mais do que as ideais nela esboçadas e mal alinhavadas, está cheia de «poderíamos», «se», e «precisaríamos», e outros condicionais, atados á pobreza crônica de realizações no setor da incrementação do turismo.

Mas cremos que nada se perde por sugerir, e mesmo por repisar o assunto, a ponto de introduzirmos aos poucos, na mentalidade do nosso povo, dos nossos governantes e líderes, a perfeita consciencia do valor e da significação de um plano turístico regional. Isso talvez demore anos. Talvez que depois de uma boa vintena de anos é que venhamos a iniciar, de fato, o que já deveríamos estar fazendo hoje...

O ponto de partida para o equacionamento da questão, ao nosso ver, tão vital, seria a criação da COMISSÃO ARIRIENSE DE TURISMO, integrada por uma dúzia de pessoas realmente entendidas no assunto e conhecedoras profundas da região. Não poderia — e nem deveria — essa comissão ser integrada por «medalhões», coisa tão comum em nosso meio. Os «medalhões» nada constroem, são parasitas e apenas fazem frassar as iniciativas...

Essa comissão, custeada pelas Prefeituras da região, de acordo com as suas possibilidades, poderia se reunir uma vez por mês, pelo menos, e trocar ideias, acertar planos, apre-

sentar sugestões, concatenar um plano de ação e iniciar o traçado de um plano completo de tudo o que poderíamos apresentar nesse setor.

Essa comissão traçaria os planos, primeiramente, das providencias a adotar, pelas autoridades, providencias preliminares e indispensaveis ao inicio do incremento turistico do sul do Ceará. Poderia levar um ou dois anos, esse trabalho dessa comissão, presidida por um elemento entendedor da matéria «turismo», trazido, de preferencia, do sul do pais ou indicado pela Combratur (Comissão Brasileira de Turismo). A partir daí, somente depois de planificada a extruturação global da obra a ser levada a efeito, é que poderíamos, realmente, conduzir a região no encaminhamento da consecussão desse objetivo.

No Crato teriamos como elementos indicados para essa comissão pessoas como J. de Figueiredo Filho, Hermógenes Martins, Quixadá Felicio, Antonio Correia Coelho, e outros, em Juazeiro, Dr. Hildegardo Belem, Odilio Figueiredo, em Barbalha o venerando Dr. Alencar, o sr. Antonio Costa Sampaio, em Iguatú o jornalista Júlio Braga, em Campos Sales o sr. Pedro Macário, em Mauriti o dr. Elias Leite, em Milagres o sr. Antenor Lins, e assim por diante. Isso, na nossa modesta opinião. Claro que o critério da escolha seria rigoroso, não se desprezando, contudo, o conhecedor profundo da região, quer no setor geográfico ou histórico, quer no social ou economico.

Primeira Meta, portanto: Comissão Caririense de Turismo, órgão semi-oficial, integrado por pessoas conhecedoras da região.

Segunda Meta: Planificação de obras em todos os Municipios a ponto de tornar a região de aparelhamento capaz de torna-la, realmente, uma região digna de ser visitada, não esquecendo, na execução dessas obras, os setores de ajardinamento e arborização de nossas cidades. melhoria e arborização de nossas estradas, principalmente intensificação dos trabalhos de asfaltagem de nossas rodovias.

Por falar nisso, poderia ser cobrado um pedágio nas rodovias asfaltadas, tanto para a sua conservação e melhoria, como se destinando uma parte para o incremento do turismo na zona.

Eis aí, mal alinhavadas, como já dissemos, uma série de sugestões, abrindo os olhos dos leitores de ITAYTERA, que sei bem, formam o público leitor mais selecionado do Cariri e do Ceará, para as sendas infinitamente desconhecidas do turismo, na região e no Estado. Não quizemos pretender—longe de nós tal pretensão—fazer um trabalho de fôlego, impressionante, completo, cheio de informações. Isso ficará a cargo dos estudio-

sos, que muitos nós os temos. Apenas descerrámos a ponta do veu, para a antevisão do panorama ainda encoberto pela cortina de nossa pouca mentalidade. No panorama do futuro turístico do Cariri há muita cousa digna de ser aproveitada e usada como motivação para desenvolvimento das atividades culturais, sociais e artísticas da região. Para os que se preocupam, como nós, pelo futuro do Cariri, ainda atado a uma monocultura que lhe mina o organismo econômico, e ainda atrelado ao carro de ideias retógradas, em alguns sentidos, e a convenções passadistas, aí está o plano.

Para os que amam o Cariri sem o bairrismo exagerado e sem o doentino porque-me-ufano que tanto nos tem prejudicado, todas as ideias de melhoria para a região, por mais arrojadas que pareçam, são boas, dignas de estudo, dignas de registro. No futuro, dentro de 50 ou mesmo 100 anos, algum leitor poderá, estar lendo as então amarelecidas páginas desta revista, e julgará, na sua época e no seu tempo, a justiça ou não destas linhas, a sua sinceridade, os seus reais propósitos. Poderá fazer uma análise do que se terá feito, desde a época deste artiguêto, e a época em que ele vive.

Temos certeza de que então algo poderá haver sido acrescido. Haverá uma melhor compreensão—uma melhor ideia, uma visão mais larga.

Muitas dessas cousas poderão ter sido concretizadas—felizmente concretizadas—para benefício da região. Muitas estarão comuns e talvez já tradicionais. E esse leitor do futuro—esse leitor desconhecido ainda—para a nossa geração, na sua compreensão, há de dizer: nos meados do século, a geração daquela época não se descuidou do problema. Ventilou-o na imprensa, fixou ideias, debuxou em rápidas pinceladas, o quadro do que seria o Cariri futuro. Ela, a geração, merece, portanto, (dirá o leitor do futuro) a nossa gratidão, o nosso reconhecimento mais profundo.

Que sirva este trabalho presente como modesto subsídio para o grande trabalho e o grande serviço do futuro. Este é o seu objetivo, simples e despretenhoso.

E se, entre os presentes leitores de hoje, encontrar alguma ressonância as nossas ideias, ao menos entre poucos, somente por isso nós nos sentiremos plenamente recompensados.



## GINASIO ESTADUAL DE CRATO

O Vice-Governador Wilson Gonçalves não prometeu a instalação de Ginasio Estadual, em sua terra, para faltar. Não descansou enquanto não o encaminhou a realização, contando com o decidido apoio do Governador Parsifal Barroso. Já foi aprovado pela camara de Deputados e, em Março de 1960, funcionará, se Deus quiser. Todos os passos preliminares estão sendo dados nêsse sentido.

Foi grande vitória da classe estudantil e idéia vencedora de seus lideres, entre os quais o vereador José Kleber Callou e o bancario José de Figueiredo de Brito Filho, agora trabalhando no Banco do Brasil, na Capital Paulista.

---

### SOB A SUPERVISÃO DO I. C. C., FOI GRANDE O MOVIMENTO INTELECTUAL DE CRATO, DO ANO PASSADO PARA CÁ.

O movimento de publicações de livros tem sido relativamente grandioso, do ano passado para cá e tudo sob inspiração direta ou indireta do Instituto Cultural do Cariri. Tivemos o lançamento do quarto número de «Itaytera,» em reunião do Rotary Clube. Dias depois, aparecia «Ana Mulata», primeiro volume da COLEÇÃO «ITAYTERA» escrito pelo veterano das letras e da imprensa cratense—José Alves de Figueiredo, edição da IMPRENSA UNIVERSITÁRIA, em cooperação com o I. C. C. Quase simultaneamente, o Serviço de Informação Agrícola, do Ministerio da Agricultura, lançava ENGENHOS DE RAPADURA DO CARIRI, de J. de Figueiredo Filho. O livro foi pouco difundido no Ceará, visto ter sido a edição adquirida pelo S. I. A. Agora temos a quinta edição da revista oficial de nossa agremiação, com duas separatas, uma de Duarte Junior e outra de José de Figueiredo Brito. Em preparo, temos a HISTORIA DO PADRE CICERO, a ser editada, no Rio, de autoria de nosso antigo Secretario Geral e socio efetivo—Capitão Otacilio Anselmo e Silva. O segundo volume da COLEÇÃO «ITAYTERA» será o esperado livro póstumo de Irineu Pinheiro—«EFEMÉRIDES DO CARIRI», já entregue á Imprensa Universitaria do Ceara.

## IMPrensa Falada e Escrita no CARIRI, EM 1959

A imprensa que já teve período aúreo, no Cariri, notadamente, em Crato, entrou agora em período de revitalização. Dois elementos novos foram-lhe incorporados—o JORNAL FALADO e os suplementos editados em Fortaleza, dedicados a esta região.

O semanário veterano é o órgão da Diocese, «A Ação», sob orientação direta de Monsenhor Pedro Rocha de Oliveira. Circula aos Domingos e é a sentinela avançada não só da Igreja, como da terra caririense. Tanto a RADIO ARARIPE, como a caçula de nossas emissoras—A RADIO EDUCADORA DO CARIRI mantem jornais falados, vibrantes, minuciosos e que gritam diariamente, para todos os recantos, as necessidades da coletividade, chamando a atenção dos poderes públicos para que venham a solucioná-las. A Radio Iracema de Juazeiro, da corrente de igual nome no Ceará, também não fica atrás. Nunca ensarilhou armas em defesa da terra e também do Vale Caririense.

Em Fortaleza, no matutino «O ESTADO», temos o tabloide «O ESTADO», do Cariri. Sae ás quintas-feiras e integrou-se de corpo e alma á vida do sul cearense. É o primeiro suplemento que surgiu numa cidade para defesa exclusiva doutra zona, relativamente afastada. Nasceu de entendimentos entre J. de Figueiredo Filho, Dr. Josio de Alencar Araripe e o então diretor do «O ESTADO»—escritor Francisco Martins. Veio depois o suplemento da «TRIBUNA DO CEARÁ», dedicado ao Cariri que não tem o formato de tabloide e são quatro páginas do tamanho do jornal grande. Também tem sabido cumprir bem o dever. Como revista temos «ITAYTERA», sempre procurando elevar. lá fora, o nome de Crato e agora editada na Tipografia de «A AÇÃO».

---

### D. Vicente, eleito Vigário Capitular e Econômo da Diocce do Crato

O Conselho Diocesano, reunido no dia 26, no Palacio Episcopal, elegeu para Vigario Capitular e Economo da Diocese de Crato, D. Vicente de Araujo Matos, em consequencia da renuncia de D.<sup>o</sup> Francisco. Estiveram presentes a reunião os reverendos—Mons.<sup>o</sup> Antonio Feitosa, Padre Raimundo Augusto. (Hoje Monsenhor), Padre Antonio Gomes de Araujo, Pe. Rubens Lóssio e Padre Antonio Teodósio Nunes.

# CANAAN EM TERRA SÊCA

JOAQUIM PIMENTA

Não sou engenheiro, agrônomo, nem técnico industrial para discutir o objetivo e alcance desse novo e ruidoso plano de governo, com o nome de **Operação Nordeste**; tenho, porém, um diploma que me autoriza a falar do problema da sêca, ou de quanto o experimentei, e senti e sofri, menino e adolescente, no sertão distante onde nasci e de lá saí, para não mais voltar, aos 18 anos de idade: uma polegada de cicatriz, ainda bem visível, no punho esquerdo, de um golpe de machadinha, com que eu mesmo me feri, quando cortava rama para o gado, no alto de um muquém.

Inhamuns, dos municípios do interior do Ceará, era, como continua a ser, uma das regiões mais atingidas pelo flagelo das sêcas. De parte a de 1877, que quase despovoou o sertão cearense, da qual ainda se recordavam, com horror, os que suportaram ou testemunharam as suas terríveis consequências, em um ou outro ano, em pequenos períodos, ou não chovia ou a chuva fôra tão pouca, que o gado ficava sem pastagens e sem água. Alguns fazendeiros abastados removiam-no, então, para as terras férteis do Piauí, enquanto outros, menos favorecidos, se valiam dos próprios recursos da região: o chique-chique, o mandacaru, a corôa de frade, depois de queimados os espinhos, o muquém, o juazeiro, êste só servindo pela manhã, antes de aquecer a rama ao sol, tornando-se mortífera; alguns feixes de capim sêco, arrancado em touceiras, pelos serrotes, trabalho que reclamava cautela com cascavéis que ali costumavam ter os seus ninhos.

Embora o nosso gado não desse para uma fazenda, era em quantidade suficiente para que eu e um irmão saíssemos de madrugada, com um saco de farinha e rapadura, a cortar rama ou queimar, pelos taboleiros, chique-chique e mandacaru, só voltando ao anoitecer, moídos de fadiga.

O que nas sêcas fazia, como ainda hoje faz, maior número de vítimas, não era tanto a falta de alimentação, era a falta d'água. Como os demais rios do sertão cearense, corria o Tricó com tal impetuosidade que, transbordando à tarde, desciam as águas, na manhã seguinte, já apertadas entre as margens; e dias após, apenas restavam, nas depressões do leito, alguns poços que não tardavam em evaporar-se sob um sol de brasa. Abriam-se cacimbas, que se iam aprofundando, até que a fonte

estancava. Começava o gado a mugir de sede, aglomerado, irrequieto, trocando chifradas, até que uma rez, cambaleante, tropeçava, resvalando e caindo, para morrer, no fundo da cacimba. Cá em cima continuavam as outras a rondar, num lamento lúgubre, já adivinhando, por instinto, o destino da que tombara lá em baixo.

Não há pena que possa descrever, nem tela que possa fixar tãda a tragédia daquele quadro de desolação e desespero. Parecia que sôbre a terra soprava um hálito de maldição; que a natureza como que estremecia e se comprimia e se estorcia num surdo rumor de pelejas ocultas travando-se, nas suas entranhas, entre a vida e a morte...

Os dias amanheciam muito claros, com uns farrapos de nuvens, desgarrados, errantes, longínquos, cada vez mais diáfanos, até que se desmanchavam e desapareciam no abismo de luz do firmamento.

Foram-se as manhãs festivas dos currais, das lagoas, dos taboleiros. Só as cigarras, êbrias naquele deslumbramento de alvoradas, ainda cantavam como que procurando reanimar as folhas sêcas nos galhos mortos. De momento a momento, o rugir da ventania, em redemoinhos, torcendo e sacudindo árvores esqueléticas, levantando colunas de poeira, arremessando troncos e gravetos, para logo amainar, varreando o chão e extinguindo-se num sussurro de ramarias sêcas.

Pelas várzeas, pelas encostas, pelas margens do rio, vagueavam, de olhar baço, a pele ressequida, animais descarnados que a fome e a sede alucinavam. Aqui, ali, ossadas branquejando ao sol, ou corpos, em decomposição, empestando o ar de exalações pútridas. Dos serrotes ou adejando alto, bandos de urubús espreitando a carniça, à espera de que não a levassem tãda para a panela. Porque a fome era tanta que a carne de animais mortos—bois, carneiros, cabras—era avidamente disputada pelas famílias pobres que, à falta de recursos, não podiam fugir ao flagelo.

Não podendo mais apelar para a terra, o homem apelava para o céu. Enchia-se de povo a igreja. Do altar, duas velas melancólicas alumiamavam fracamente o recinto. Ouvia-se um murmúrio cavo de rezas. Depois, aqueles corpos ajoelhados, recurvos, num bater de peitos, lento, compassado, em lúgubre cadência com um *mea culpa* unissono e doloroso. Saía a procissão, o andor à frente e atrás dêste o Padre, cantando a *Magnificat*. Um cheiro de incenso impregnava o ambiente, lembrando entêrro. Além, no horizonte, fitas vermelhas iam marcando os minutos da tarde que morria. Cessava a música sacra. Novo rumor de vozes em prece, para logo se erguer em côro, entoando

### o Bendito das Almas.

Triste descia a noite sôbre as coisas e sôbre os estômagos vazios. No dia seguinte, o mesmo abismo de luz no firmamento. Os mesmos farrapos de nuvens ainda mais distantes, mais transparentes, mais diáfanos.

O sertanejo contemplava-os e via que se desfiava, como na sua alma se desfaziam as últimas esperanças.

Então, mirando bem aquêlê céu que se arqueava numa abóboda de fogo, mudo, inexorável aos seus rogos, exclamava, entre irônico e cético:

—Êste ano só quem escapa é padre e jumento!

O padre, por que a êste seria êle capaz de dar o próprio sangue; e o jumento, por que, quando nada mais achasse que roer, arranjar-se-ia nos monturos, comendo mulambo.

Deixei a vila, hoje, cidade de Tauá, em 1909, exatamente há meio século; mas, menino e adolescente, eu sabia, como todo o povo de Inhamuns, ou de todos os sertões nordestinos, sem precisar da lição de engenheiros, de agrônomos, de técnicos industriais, como resolver o problema das sécas. A lição estava estampada nas cinquenta léguas, a cavalo, **atravessando rios e terras ressequidas** do município de Inhamuns, para atingir a serra do Araripe e descer sôbre o vale do Cariri, todo êle cortado de levadas de água cristalina, correndo tranquila e permanentemente, sob aquêlê imenso tapête de verdura que do alto da montanha eu avistara, e logo me ocorreu (eu era sacristão e lido no Velho Testamento) compará-lo a Canaan, «a terra prometida» que Moisés não conseguiu alcançar. E a minha imaginação conduziu-me a Inhamuns e a um pequeno povoado, Arneiroz, onde o Jaguaribe se apertava num boqueirão que bem poderia tornar-se em açude, para que se realizasse aquêlê milagre da natureza e do homem, que seria a água prêsa e a terra irrigada, transformando meu sertão num paraíso...

---

## SEXTA EXPOSIÇÃO AGRO PECUÁRIA

Entre os dias 25 e 28 de Outubro, realizou-se no Parque Permanente, construído pela Secretaria da Agricultura, a Sexta Exposição Regional Agro-pecuária. O ato inaugural, tanto do parque que consta de sete pavilhões, como da Exposição, se deu às 10 horas do dia 25, por mãos de nosso conterrâneo Vice-Governador Wilson Gonçalves que falou naquela ocasião. Ainda usaram da palavra o presidente da Associação Rural de Crato Sr. Pedro Felício Cavalcante e o Cel. Brito Passos, Secretario da Agricultura do Estado e principais responsáveis pelo grande êxito do certame que muito tem feito para a melhoria dos métodos de agricultura e de criação, nesta região.

## ORDENA-SE JESUITA CRATENSE, NOS ESTADOS UNIDOS

No dia 21 de Junho, ordenou-se Sacerdote em WOODSTOCK, em Maryland, na Igreja dos Jesuitas, o jovem Francisco Ney de Alencar Arraes, em cerimônia oficiada pelo Exmo. Arcebispo de Baltimore—D. Francisco P. Keough. Nasceu em Crato, filho do Snr. Virgílio Arraes e Exma consorte D. Marcionilia de Alencar Arraes. Fez seus primeiros estudos no Colegio de S. Inês da Prof. D. Maria de Lourdes Esmeraldo e depois ingressou na Escola Apostolica de Baturité.

Francisco Ney ingressou na Ordem a 10 de Março de 1945, cursou Filosofia no Colegio Cristo Rei, em S. Leopoldo. Praticou o magistério em Recife e licenciou-se em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco, em 1956. Foi sempre aluno que se distinguiu em todos os cursos.

---

## HOMENS E IDÉIAS À LUZ DA FÉ

É livro do Ministro Geraldo Bezerra de Menezes. Está na segunda edição aumentada. É bem escrito, denotando beleza de estilo e espirito de combatividade em defesa da Fé. É digno de ser lido, nestes tempos de falta de afirmação religiosa.

O Autor que fez carreira na Justiça do Trabalho, é grande vulto das letras e da magistratura do Brasil atual. É fluminense e neto do cratense Dr. Leandro Bezerra de Menezes o grande defensor de D. Vital, na célebre questão dos Bispos, que tanto abalou a monarquia. Como seu avô é intemerato defensor dos postulados da Igreja, com a coragem do mesmo, em seu sangue.

---

## A RENÚNCIA DE DOM FRANCISCO DE ASSIS PIRES

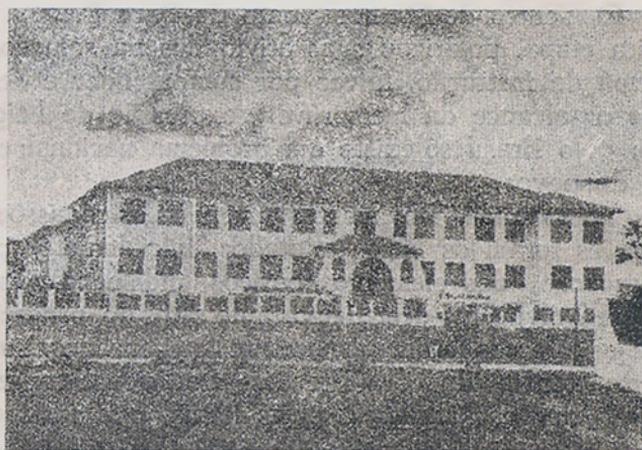
No dia 24 de Outubro, do ano em curso, Crato surpreendeu-se com noticia que muito o contristou. Foi veiculada pela Radio do Vaticano e irradiada, mais tarde, em carater oficial pela Radio Educadora do Cariri, desta cidade. D. Francisco de Assis Pires, que passara 28 anos, à frente da Diocese renunciara o cargo, por motivo de saúde e doença. Durante esse período soube conquistar o coração de todos os seus diocesanos. Seu apostolado foi fecundo em todos os pontos de vista e acima de tudo, porque baseado no Amor, pregado pelos Evangelhos. Crato e a Diocese o estimam e sentiram-se pesarosos com a noticia. D. Francisco foi nomeado pela Santa Sé—Arcebispo Titular de Antioquia e Pisidia.

# CENTRO DE MELHORAMENTO — DE BARBALHA —

Antônio C. Coelho

Se existe uma instituição que se tornara imprescindível aos destinos de uma comunidade, que reanimou o espírito de um povo e que transformou a fisionomia de uma cidade, trata-se, evidentemente, do Centro de Melhoramento de Barbalha, cujo programa de ação, altamente benéfico e filantrópico, tem sido imitado por outras terras.

Barbalha, ao longo de sua história, sofreu vio-



Ginásio Santo Antônio—Barbalha

lentos impactos de ordem político-econômica, que tolheram, por muito tempo, suas vastas possibilidades de desenvolvimento. Terra rica, de vida própria, poderia colocar-se hoje numa posição bem mais de destaque no conceito das municipalidades cearenses, não tivesse sido atingida, tão de cheio, por vicissitudes oriundas de injustiças go-

vernamentais, muito ao sabor de competições regionais.

1944!—Talvez no climax de sua estagnação, quando o seu grande povo via-se cercado por fortes concorrentes em todos os ramos do progresso, os barbalhenses ainda não se deixaram dominar, tentando uma nova e vital reação, mais decisiva e enérgica, porém leal e honesta, consoante seu temperamento e seus costumes. E, no dia 15 de agosto, uma plêiade de cidadãos transformados em líderes, com o apoio geral de seus conterrâneos, fundava a patriótica sociedade, sob a égide da célebre sentença «A UNIÃO FAZ A FÔRÇA». Ainda hoje me recordo das palavras entusiásticas e fluentes proferidas, na ocasião, pelo orador oficial Marchet Calou, as quais constituíram uma verdadeira profissão de fé e confiança na capacidade de um povo, cuja linhagem e tradição honram sua história.

O Centro de Melhoramento de Barbalha, na sua primeira etapa, polarizou suas atividades na solução do problema da instrução, talvez por compreender e sentir melhor o alcance da memorável expressão de Miguel Couto: «No Brasil só existe um problema nacional: educação do povo».

Campanhas, movimentos, memoriais, comissões e delegações foram os meios adotados, inicialmente, para a consecução dos elementos básicos indispensáveis ao bom desenvolvimento dêste importante setor do progresso. Todos os esforços foram plenamente compensados, tendo, de certo, contribuído para isto, êsse tradicional consenso e afeição dos barbalhenses pelas letras, pela instrução.

Creio que pouca gente, mesmo dêste Cariri, sabe o que são realmente, hoje, o Ginásio Santo Antônio e o Ginásio N. S. de Fátima, de Barbalha. O primeiro, destinado ao sexo masculino, funciona em suntuoso edifício, construído com todos os requisitos na pedagogia moderna. Seus vastos salões de aulas e de dormitório, confortáveis instalações sanitárias e outras importantes dependências colocam-no entre os melhores existentes em todo o Nordeste. A direção do Estabelecimento

está confiada à competência dos Padres Salvatorianos. Só isto seria a melhor recomendação. Mas, acresce que a primorosa Ordem Religiosa, ao que observo, sente-se estimulada com os elementos de ordem material e moral que se lhe oferecem, para maior rendimento e proveito de sua magnífica obra educativa, no meio barbalhense. O segundo, para o sexo feminino, funciona ainda em instalações provisórias, porém com bastante eficiência e bons resultados para o ensino. É dirigido pelas Madres Beneditinas, as mais exímias educadoras universais, creio. Para este Ginásio, acha-se em construção já bem adiantada, um majestoso edifício, de linhas pedagógicas ultra-modernas.

O Ginásio Santo Antônio já diplomará, neste ano, a sua 5ª turma de concludentes do curso ginásial. O Ginásio N. S. de Fátima, a 5ª turma do ginásial e a 4ª do normal. Infere-se daí o grau de desenvolvimento do ensino médio na boa e próspera cidade que integra o triângulo caririense.

Outro notável melhoramento em que o Centro tem grande parcela de realização, é a Estância Termo-Mineral do Caldas, idealizada e empreendida pelo inesquecível barbalhense Francisco Cordeiro. Confortáveis instalações balneárias e um bom hotel são as obras já executadas. A Estância foi criada por Lei nº 3.894, de 12 de novembro de 1957, estando, portanto, oficializada. Logo que seja servida de uma boa rodagem, aliás já iniciada, completar-se-ão as bases para sua expansão, pois os seus difíceis meios de acesso impossibilitam a muita gente visitar e conhecer um pitoresco recanto serrano, que tem o privilégio tradicional e incontestável de distribuir saúde a quantos queiram ali estacionar.

Através destas linhas, percebe-se quão elevado é o plano em que se fixam as atividades do Centro de Melhoramento de Barbalha. Mas, o fator preponderante de uma orientação assim, tão eficiente e ajustada ao impulsionamento do progresso do Município, decorre, indubitavelmente, da atuação marcante de homens da

estirpe de Antônio Costa Sampaio e Joaquim Cruz Sampaio, cujo devotamento e interesse pelo soerguimento da terra natal, são notórios e comprovados.

E, por falar em personagens do cenário barbalhense, abro aqui um parêntese e permito-me dizer que os meus diletos conterrâneos não manifestam inteligência e boa compreensão, tôda vez que há oportunidade de unirem-se, afastando mesmo as ideologias político-partidárias, para transferir o pôsto de Prefeito Municipal à pessoa de Costa Sampaio, cujo espírito público-progressista e capacidade realizadora reúnem-se a outros excelentes atributos que ornaram a sua personalidade. Desejo que isto não constitua elogio. Ocorre-me apenas a intenção de permanecer nas fileiras daquêles que sentem a premente necessidade da mobilização dos valores humanos, para os postos de comando, numa melhor tentativa de combater a crise de moral que ora atravessamos.

O Centro de Melhoramento, nêste ano do seu 15º aniversário de existência, apresenta brilhante fôlha de bons serviços prestados à causa do progresso de Barbalha. Isto constitui, evidentemente, seu maior estímulo para novos empreendimentos e iniciativas, à base daquêle vasto e altruístico programa consubstanciado no art. 3º, letras a a k, de seus Estatutos, sobretudo agora, ao ensejo dessa alvorada de progresso que desponta para todo o Cariri, com excelentes perspectivas para as realidades da terra barbalhense.



# — «A FÊNIX REFRATÁRIA» —

Arnaldo Vasconcelos

A simples leitura da nota prévia, que abre «A Fênix Refratária», de Domingos Carvalho da Silva, suscita-nos a já revelha e discutidíssima questão do «interesse» em Arte. Quais razões, por certo fortes e indispensáveis, teriam levado o poeta paulista a apresentar tão inoportunamente como que uma profissão de fé poética na escola modernista de 45, para êle movimento mais consciente que o anterior? Principalmente porque o modernismo brasileiro não se teria preocupado, de início, em estabelecer uma forma definitiva, que o conduzisse à realização do ideal poético da época. E o renovamento de 45 pretendia, antes de mais nada, a isso.

Ora, apresentando-se Carvalho da Silva como teórico de sua escola, preconizando inovação que êle o primeiro em seria adotar, ficamos na dúvida se sua obra poética não é dirigida no sentido da execução dessas novas tendências. Nêsse caso, a premeditação não teria arrefecido a emoção, desnaturalizando-a em indubitável prejuizo da linguagem artística, desvalorizada melódica e ritmicamente? Emoção é ritmo, e ritmo é poesia, sobretudo modernista, onde é êle empregado como reforço de sonoridade para melhor substituir a rima.

Entretanto, ao terminarmos a leitura do poema, chegamos à conclusão menos condenatória: a falha existe, nunca porém na proporção que julgávamos inicialmente. Procurando realizar trabalho melhor do que os anteriormente publicados, Carvalho da Silva tenta novas incursões no domínio da poética, talvez em busca de inovações que lhe dêem característica própria, o amadurecimento artístico. Tendo em vista, e bem repetidas vezes, a técnica e recursos da moderna poesia, com os quais maneja hábilmente, explorando-os e tirando o máximo desses elementos, Carvalho da Silva procurou enriquecer a forma, valorizar o ritmo e multiplicar os elementos expressionais.

«A Fênix Refratária», constituída em dezessete cantos, é como que um passeio da Musa do poeta paulista por diversas escolas literárias. Vale ressaltar, de comêço, o canto quinto, composto à moda dos trovadores portugueses da Escola Pro-

vençal, que cultivaram a forma poética popular, espontânea e sentimental, essencialmente lírica. Uma característica importante: com esses cantares têm origem a literatura nacional portuguesa, já que ela era a expressão artística dessa gente apaixonada que, mais que tudo, sabe amar. À mulher é concedido o privilégio de seus temas, sendo o motivo de sua ausência frequentemente repetido: O cenário é a natureza, face original da Escola: o mar, os ribeiros, os aveleiros, os pinheiros... É a modo de Dom Diniz, canta Carvalho da Silva:

«Minha pastora anda sobre o mar  
a cantar

Anda sobre o mar minha pastora,  
ai, senhora!

«Anda sobre o mar e eu sem ninguém,  
ó meu bem.

Muge a ventania sobre o mar, raivosa,  
ai, fremosa!»

Mas, este modo de sentir do início do poema, em que o amor está sempre em primeiro plano, apesar de ser êle mais platônico do que físico, vai sendo substituído por sentimentos mais reais, presentes, digamos assim, quando reclama o poeta, no canto décimo quinto:

«Hoje eu te amo com uma fúria louca  
e, em vez de fremosa, te chamo muito boa!»

É o ultra-romantismo, onde ainda se conserva bem vivo o predomínio do sentimento sobre a razão. Quem manda é o coração. Tema e forma enquadram-se, também, mais ou menos, nos caracteres dessa corrente literária. É a idéia acima dos rigores gramaticais, estilísticos ou obediência a moldes. Nada de mitologia, o maravilhoso cristão é o ideal.

Examinemos, agora, o canto décimo sexto, espécie de evocação da bem-amada. Já aqui o lirismo de Carvalho da Silva é satânico. Tudo, maior liberdade poética, investidas contra princípios cristãos, uso de estrangeirismos, conquanto que sua linguagem possa tocar a mulher de seus sonhos. A idéia, ainda agora, nos faz lembrar a meta trovadoresca: o amor, de qualquer jeito, a qualquer custo:

«Valha-me a Sanctissima Virgo

Valham-me as que não são santissimas.

Valham-me principalmente as que não são virgens.

Valham-me todos os poetas neste transe para que  
a bem amada possa escutar-me.

interpretar-me

ouvir-me

traduzir-me.

Valha-me Rilke  
 — Ist er eins Hiersiger?  
 Keats responde: Happy is England  
 — Happy birthday,  
 happy birthday, Hilda! —

Por fim, vejamos o canto décimo segundo, que nos merece especial atenção. Carvalho da Silva é, agora, realista puro, lembrando o Junqueiro filosófico, moralista. Já não interessa mais a amada, que, apesar de tôdas suas sutilezas e obstinações, ministrou-lhe, entanto, a grande lição de vida, resumida em:

«Não hás de ver-me phtysico: bem sei  
 que não te verei hectica.  
 Do nosso amor saudável tirarei  
 Minha doutrina esthetica.  
 «O vago amor platônico — êsse absintho  
 Contrário à Natureza.  
 Será crestado pelo sol do Instincto,  
 Ardente de pureza.»

À razão sobrepuja-se a sensibilidade. A finalidade é o homem.

Narcisista, comprova-o sobejamente a estrofe primeira do canto décimo, como outra qualquer que lhe tomássemos ao acaso:

«Lidia, o sol que cresce ao meio dia  
 Desaparece à tarde.  
 Á noite êle não arde  
 E não nos alumia.

Mas nos teus olhos, Lidia.  
 Há sempre a côr do dia.»

Aliás, o narcisismo é característica inerente aos cantares de Carvalho da Silva—a amada, sempre amada e só— confirmando assim, portanto, predição inicial de nossas considerações sobre «A Fênix Refratária.»

Ressalta-se, em tempo, que em nenhuma dessas tentativas Carvalho da Silva realizou-se plenamente. O filosófico do canto décimo segundo, aproxima-se ainda, pela forma, do Gongorismo. Satânico, domina-o sempre o ideal da poética trovadoresca.

«A Fênix Refratária» pode considerar-se uma experiência feliz, mesmo pela grande penetração poetica de seu autor. E Carvalho da Silva é, antes de tudo, um poeta em busca da renovação que lhe outorgue o título de verdadeiro artista: a criação de realidades novas.

## SINFONIA INTERIOR

Recebemos o livreto de poemas «SINFONIA INTERIOR»  
Mais outro livro de verso desse poeta inato — José Newton  
Alves de Souza. Canta as belezas eternas de Deus. É a alma  
da criatura que se aproxima do Criador em estrofes maviosas,  
em estilo modernista. O livro é prefaciado pelo culto sacerdote  
— Pe. Antonio Feitosa que sabe bem definir o Autor. Preci-  
samos mostrar o poeta, embora em pequeno trecho:

### A MÚSICA EVANGÉLICA

Se a mensagem do Bem inda não ouviste,  
ao folhear o Livro,  
despoja-te do chumbo escravizante:  
Sentir-te-as harmonico e sutil,  
leve, completo, iluminado...  
... e ouvirás a Musica do Ceu.

---



---

## A MORTE É O SILENCIO

A morte,  
É mistério,  
É o silêncio,  
É o fim!  
É uma interrogação,  
É o terminar de uma jornada!  
É lágrima,  
É luto,  
É em breve ser esquecido...  
É o passado,  
É ao desprezo ser legado...  
É o deixar de sofrer!...  
É o segredo do túmulo,  
É a eternidade,  
É o nada!

João Dantas (Monteiro)

Campina Grande, 14/IV/1959

# A História do Padre Cícero

Otacílio Anselmo e Silva

## CAPÍTULO I

### O meio

O Cariri, cuja área territorial abrange vinte Municípios da região meridional do Ceará, (1) é um contraste surpreendente na paisagem comburida do Nordeste. Pela sua configuração fisiográfica, fertilidade do solo e amenidade do clima, é a antítese da vasta zona que o circunda, verdadeiro oásis cujas terras verdejantes têm sido, no decorrer dos tempos, refúgio e asilo dos fugitivos das secas periódicas.



*Redovia sobre a chapada do Araripe, ligando Crato à cidade pernambucana de Araripeina*

FOTO DO AUTOR

A sua dessemelhança com as terras áridas do sertão provém da Serra do Araripe, singular montanha de formação arenítica, de cuja base brotam fontes perenes que irrigam os

sítios adjacentes e que outrora banhavam os vales.

Constituindo um arco de círculo orientado de leste a oeste, num comprimento aproximado de 180 quilômetros por 33 na sua maior largura, (2) e tendo uma altitude que varia entre 900 a 1.000 metros, a cordilheira araripeana caracteriza-se pela planura de sua chapada e o contôrno escarpado de suas encostas, submetidas à ação lenta mas continuada das erosões, pelo que já foi denominada de «serra em decomposição.» (3).

Dêsse trabalho demolidor exercido pelas precipitações pluviais, resultou o desnudamento das vertentes e sua transformação em taludes quase a prumo, surgindo, aqui e acolá, ravinas gigantescas, como as que são vistas nos arredores do Crato, Nova Olinda, Santana do Cariri e Jardim, por onde rolam camadas de areia que aterram as baixadas.

Com o advento da colonização do Cariri, ocorrida no alvorecer do século XVIII, outro agente geológico abateu-se sobre a famosa cordilheira. Com efeito, incidindo no mesmo processo aplicado na cultura dos campos pelo aborigene, método, aliás, secularmente usado pelos portugueses na Península, (4) os colonizadores ceifaram grandes faixas da floresta virgem que revestia o altiplano, submetendo-as à voragem das queimadas.

A devastação porém não se limitou às brocas; esgotada a mata das encostas e abatido o arvoredado que guarnecia as margens dos regatos, o colono buscou na chapada madeira para as construções e lenha para as «casas-de-farinha» e engenhos-de-rapadura.

Assim, exposta à voracidade do fogo e à crueldade do lenhador, a Serra do Araripe perdeu o seu esplendor primitivo, não só com relação à flora, mas à sua variegada fauna.

Como sói acontecer neste País de irresponsabilidades, somente muito tarde surgiram providências governamentais para preservar o restante da antiga riqueza vegetal da serra dadivosa, através do Decreto-lei n° 9.226, de 2 de maio de 1946. Atualmente, 34. 790 hectares da área total da chapada estão defendidos e conservados sob o regime estabelecido no Código Florestal, aprovado pelo Decreto n° 23.793, de 23 de janeiro de 1934, enquanto o resto do planalto ficou dividido para pastagem e agricultura. (5) Parco, entretanto, há sido o resultado de tais medidas. Daí esta revelação desabonadora, que se traduz num protesto, do técnico e escritor José GUIMARAES DUQUE, inserida na sua obra «Solo e Água no Polígono das Secas» (3ª edição, Fortaleza, Ceará, 1953):

«A chapada superior da serra tem sido muito devastada pelos particulares, apesar da legislação que criou a Reserva Florestal do Araripe e da fiscalização dos agrônomos do Serviço

Florestal do Ministério da Agricultura.

Nesta como noutras questões agrícolas o agrônomo não tem tido o devido apoio do Governo nas providências administrativas e muito menos o acatamento das autoridades municipais para amparar os seus atos em benefício da coletividade». (6)

Provavelmente, nenhum relatório oficial descreveu a devastação do Araripe com mais exatidão do que este singelo verso de José Alves de Figueiredo:

«O fogo, a foice e o machado,  
Andando sempre à porfia,  
Num esforço conjugado,  
Vararam-lhe a mataria;  
Na floresta rarefeita  
A magia está desfeita  
E de um passado opulento,  
Restam-lhe poucos visgueiros,  
Ramalhudos piquizeiros,  
Dando fruto succulento». (7)

Na verdade, o empobrecimento do Cariri começou com o machado devastador do colono, porquanto a diminuição das fontes d'água que banhavam o vale e faziam correr o Rio Salgado às proximidades do Icó, foi uma consequência da destruição das matas que recobriam o Araripe. Segundo o testemunho de Antônio Bezerra («Algumas Origens do Ceará», Fortaleza, Ceará, 1918), o Riacho dos Porcos era perene até o ano de 1824.

A outros fatores, tais como as invernias excessivas e o método rudimentar da lavoura ainda hoje em vigor, juntou-se a vertiginosa densidade demográfica e a fatal desproporção dos recursos naturais da gleba em relação ao crescimento da população, fenômeno peculiar às regiões subdesenvolvidas. A propósito desta última causa determinante do pauperismo, tema que ora preocupa os estudiosos e alguns homens de governo, acentui-se que só no trintenário 1920—1950, a população do Cariri teve um aumento de 200%, apresentando uma densidade de 34 habitantes por quilômetro quadrado. (Cfr. «Flagrantes Brasileiros», nº 11, IBGE—Conselho Nacional de Estatística, junho de 1958).

Por tudo isso, o Cariri já não oferece ao retirante as condições salvadoras dos velhos tempos. E não é de hoje que se incorporou às áreas de fome endêmica do Brasil de que nos fala o Professor Josué de Castro, estando, conseqüentemente, sujeito às mesmas calamidades periódicas que atormentam as populações

do Nordeste, razão por que afirmava Irineu Pinheiro: «Quer queiram ou não, o Cariri é puro sertão. Apenas um trato mais feliz de nosso *hinterland*». (8)



*Habitação típica do trabalhador rural do Cariri*

FOTO DO AUTOR

Todavia, a Serra do Araripe é ainda razoável fonte de riquezas naturais que mantém o vale do Cariri na posição de zona privilegiada no Polígono das Sêcas, sem contudo chegar a ser a Canaan louvada por alguns ufanistas.

À exceção da exuberância prodigiosa de suas terras, o Cariri apresenta as mesmas características das outras regiões nordestinas, onde a civilização nasceu e evoluiu através de cruentas e continuas lutas, ora em defesa da propriedade, ora pelo domínio político. Portanto, a sua paisagem social é idêntica à do São Francisco, do Pajeú ou dos Inhamuns, com os quais, segundo observa o douto Professor Joaquim Pimenta, forma «uma só comunidade, cimentada em um passado de sofrimentos heróicos, de tradições comuns, de interesses e ideias que se confundem na unidade etno-cultural de um dos povos mais característicos entre os que a antropo-geografia pôde fixar por fatores telúricos que se tornaram decisivos na sua formação e evolver histórico». (9)

Assim se explica a proliferação em terras caririenses dos tipos comuns àqueles rincões sertanejos, como o vaqueiro e o coronel, o beato e o cangaceiro, com todo o seu acervo de hábitos e costumes, crenças e tradições, hoje integrados definitivamente na literatura nacional, pela contribuição de escritores da estatura mental de Antônio XAVIER DE OLIVEIRA, Euclides da Cunha, Gustavo Barroso, Leonardo Mota, Luís da CÂMARA CASCUDO e tantos outros.

X X X

Com mínima contribuição do negro, mas real, a formação étnica, econômica e social do Cariri é oriunda de pernambucanos, baianos, sergipanos e pequena cota de reinóis e indígenas. (Cfr. P. Antônio Gomes de Araújo, «Raízes Sergipanas...», in «Itaytera», n° III, Crato, 1957).

A criação de gado foi a primeira atividade básica do colonizador, em cujo decurso (1712) adveio a indústria mineradora, logo frustrada, mas que teve o mérito de acelerar o povoamento da região, tão logo se extinguíram as esperanças em Morro Dourado.

Num documento datado de 1738, firmado pelo Capitão-Mor Francisco Pinto da Cruz e aludido pelo historiador Irineu Pinheiro no seu livro «O Cariri» (Fortaleza, Ceará, 1950—pág. 54), há notícia de um engenho de cana naquelas paragens, precisamente no Riacho dos Porcos, Contudo, somente a partir de 1750 principiou a transição da vida econômica do vale para a agricultura, destacando-se a indústria da cana de açúcar, cujo desenvolvimento propiciou a ascensão político-social de velhos fazendeiros.

Surgiu então a curiosa figura do senhor de engenho, versão sertaneja do antigo barão do feudalismo europeu, em cujas mãos repousava a autoridade, a lei e a ordem, pois àquele rincão, insulado pelas distâncias, não se estendia a ação do Governo.

As relações comerciais—como ainda hoje—eram mantidas com Pernambuco, para cujos estabelecimentos de ensino os grandes proprietários encaminhavam os filhos, geralmente reservados à carreira eclesiástica, porquanto ter um filho padre significava adquirir prestígio para a família e alcançar passaporte para o Céu.

Dêsse duplo intercâmbio nasceu a influência cultural e política do Leão do Norte sobre a gente caririense, refletindo-se decisivamente nos acontecimentos memoráveis de 1817, 1822 e 1824, dos quais, no Ceará, a iniciativa coube ao Cariri.

De sua acidentada crônica, eivada de conflitos políticos e econômicos, destaca-se o movimento pela criação da Província

do Cariri, tentada repetidamente em 1828, 1845 e 1846 e 1855, em defesa da qual JOÃO BRÍGIDO dos Santos fundara em Crato «O Araripe», cujo primeiro número circulou no dia 7 de julho do último ano da campanha. E como os ideais não morrem, ainda recentemente o Cariri voltou a agitar-se pela sua emancipação política, não mais com a justificativa do isolamento da região, mas por motivo do seu secular abandono pelos Poderes Públicos. Aliás, a fundação de um Estado na zona sul do Ceará, está preconizada num magnífico estudo sobre a divisão territorial do País, de autoria do atual General João de SEGADAS VIANA, publicado no n° 3 da Revista Brasileira de Geografia, de julho de 1940.

x x x

Por sua situação geográfica, Crato é o centro de gravitação do Cariri, estendendo sua influência comercial ao interior do Piauí, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte.

Como as primitivas localidades sertanejas, essa histórica cidade despontou sob o influxo da Cruz alçada pelo missionário e ao troar do bacamarte empunhado pelo conquistador da terra, a confundir-se com o sibilar das flechas inimigas do aborigine.

Frei CARLOS Maria de FERRARA (10) foi o seu fundador, estabelecendo um aldeamento para os sobreviventes dos Cariris, da tribo dos Cariús, e erguendo uma capela sob a invocação de Nossa Senhora da Penha de França. (11)

Levando-se em consideração o seu afastamento do litoral e a escassez de comunicações com a sede do Governo Provincial, Crato teve marcante desenvolvimento, tornando-se, logo após a ação civilizadora de Frei Carlos, o ponto nuclear do vale, para ser depois, em ordem cronológica, o 6° Município inaugurado na antiga Província do Ceará, com a denominação de Vila Real do Crato, no dia 21 de junho de 1764. (12)

O atestado de sua ascendência econômica, política e social sobre as demais localidades da região, está na sua permanente indicação para capital da sonhada Província do Cariri, em tôdas as tentativas levadas a efeito no século passado, bem assim no projeto do Deputado Wilson Roriz, de 21 de maio de 1957, e no já referido trabalho do General Segadas Viana.

Vários aspectos da antiga Vila Real do Crato estão fixados no livro do naturalista inglês George Gardner—«Viagens no Brasil»—que lá esteve em 1838, seis anos antes do nascimento do Padre Cícero.

## NOTAS

(1)—Os Municípios ora existentes no Cariri são os seguintes: Abaiara, Araripe, Barbalha, Barro, Brejo Santo, Caririáçu (ex-São Pedro do Crato), Crato, Farias Brito (antigo Quixará), Grangeiro, Jardim, Jati (ex-Macapá), Juazeiro do Norte, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Nova Olinda, Penaforte, Porteiras, Potengi (antigo Xiquexique) e Santana do Cariri.

Nestes últimos anos, houve radical transformação territorial na maioria dos Municípios tradicionais da região, com a criação de sete novas unidades, todas elas sem expressão geográfica, econômica, política ou social que justificasse sua elevação ao nível municipal. Relativamente a este surto de falso desenvolvimento, o Estado do Ceará conquistou o primeiro lugar em todo o País, criando em apenas dois anos (julho de 1955 a julho de 1957) 42 novos Municípios, enquanto, em igual período, o Paraná criou somente 12 e a Bahia 1. (Cfr. Revista Brasileira de Estatística, nº 73/74, de janeiro/junho de 1958—pág. 37).

Na realidade, este processo de conceder autonomia administrativa a povoados insignificantes, sem método, estudo e planejamento, tem sua origem nos 10% da arrecadação geral do imposto de renda que a União distribui anualmente aos Municípios, e na cota do Fundo Rodoviário Nacional, cujo montante, com raríssimas exceções, tem proporcionado o enriquecimento excecível dos prefeitos matutos.

(2)—A maior extensão em largura da Serra do Araripe está situada entre Crato e o Município pernambucano do Exu, medida pelo Tenente-Coronel José Vitoriano Maciel, conforme assegura o Dr. Antônio MARCOS de MACEDO, referido por Irineu Pinheiro (ob. cit., pág. 16).

(3)—A expressão é do Dr. Guilherme CAPANEMA, depois Barão de Capanema, que estivera no Cariri em 1859, como chefe de secção de uma comissão do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, presidida pelo Dr. F. Freire Alemão, da qual faziam parte os Drs. Manuel Ferreira Lage, J. R. Gabáglia, Antônio GONÇALVES DIAS, ajudantes e técnicos.

(4)—Quem o afirma é o historiador e sociólogo português Henrique de Barros, na sua obra «Ensaio Sobre a História da Colonização Metropolitana», citado pelo escritor João Dornas Filho, «Aspectos da Economia Colonial», Biblioteca do Exército—Editora, vol. 246, Rio, 1958—pág. 252.

(5)—Dados colhidos em «Floresta Nacional Araripe—Apodi», de autoria do Eng.—Agr. Antônio Alves de QUEIROZ,

in «Itaytera», n° 2, Crato, 1956—págs. 234/244.

(6)—Esta observação encerra fatos incontestáveis, dos quais o autor dá o seu testemunho pessoal. No verão de 1958, durante repetidas noites, grandes incêndios foram ateados criminosamente nas quebradas vizinhas do Crato, sem que houvesse quaisquer providências para coibir êste abuso inveterado, não obstante reiteradas denúncias do jornalista José de FIGUEIREDO FILHO nos jornais de Fortaleza. A sabotagem às medidas oficiais é permanente, inclusive sob a forma de destruição e roubo do arame farpado que protege a zona florestal da chapada.

(7)—Do poemeto «Serra do Araripe», in «Cidade do Crato», de José de FIGUEIREDO FILHO e Irineu Pinheiro, Departamento de Imprensa Nacional, Rio, 1955—págs. 91/96.

(8)—Em outubro de 1958, num inquérito realizado em Crato, o autor fixou as condições em que vive o resignado trabalhador rural daquele Município, sem dúvida, o mais próspero da região. Habita uma cabana miserável, com tecto de palmeira ou telha e parede de taipa, tendo por piso o chão batido e nu, com ausência total de higiene e conforto, O salário varia entre 15 e 30 cruzeiros por dia, com direito à seguinte ração alimentar: café simples pela manhã; almoço de arroz e feijão (separados ou em «baião-de-dois»), temperados com gordura, tripa ou toucinho, com sobremesa de rapadura. Ao meio-dia, 1/4 de rapadura por merenda. Jantando, invariavelmente, feijão com farinha, uma ou duas vezes por semana o trabalhador consome 200 gramas de carne com pirão. Em alguns sítios, o trabalhador fixado ganha menor salário, às vezes 8 cruzeiros, tendo porém direito a mel e frutas, enquanto nos roçados o trabalho é pago por tarefa, seja rendeiro ou meeiro o trabalhador, que não tem qualquer assistência do patrão, havendo abundância de gêneros. De resto, ao trabalhador rural do Cariri, que desconhece qualquer forma de assistência social, legislação trabalhista e salário mínimo, falta até mesmo o prazer da vida no lar, porque vive esmagado pela penúria da prole numerosa, desnutrida, doente e nua. Ainda em meados de 1953, o autor constatou êste fato espantoso: algumas famílias residentes na Serra do Latão, entre Santana do Cariri e Nova Olinda, não comiam carne há sete meses.

(9)—Trecho de carta ao autor, publicado no n° 3 da revista «Itaytera», Crato, 1957—pág. 249.

(10)—Frei Carlos nasceu em 1706, na cidade de Ferrara, ao norte da Itália, e chegou ao Brasil no ano de 1736. Por escassez documental, ainda é desconhecida a época exata do seu aparecimento no Crato. A data mais recuada relativa à sua presença na antiga Missão do Miranda e à igreja que êle fundara,

é 30 de julho de 1741. (Cfr. Pe. Antônio Gomes de Araújo, **A Cidade de Frei Carlos**, «A Província», n° 2, Crato, 1954, pág. 38). De acôrdo com o citado autor, Frei Carlos deixou a Missão em 1749, substituído por Frei Gil Francisco de Palermo. De 1750 a 1752, foi Superior dos Capuchinhos do Nordeste, com sede no Recife. Em 1753, no Rio de Janeiro, assumiu a Prefeitura Capuchinha, cargo em que foi colhido pela morte, no dia 10 de fevereiro de 1774, contando 68 anos de idade.

(11)—A imagem da Padroeira foi trazida do Recife, em 1745, Pereira da Costa, anais, vol. v. p. 128 e 129.

(12)—Presidiu o ato inaugural o Ouvidor Vitorino Soares Barbosa, sendo eleito para a função do poder executivo Municipal, o Capitão Francisco Gomes de Melo, bisavô da genitora do Pradre Cicero!

*EM TEMPO: — Na página 12, onde se lê «na antiga Província do Ceará» leia-se «na antiga Capitania do Ceará...»*

---

## FUNDADA A ASSOCIAÇÃO DOS SERVIDORES PÚBLICOS

Acaba de ser fundada, em Crato, a Associação Beneficente de Servidores Públicos, que tem por finalidade: congregar sob o lema «União e Solidariedade», todos os servidores públicos federais, estaduais e autárquicos, da região do Cariri. Foi aclamada a diretoria provisória, sendo seu presidente Antonio Feitosa, vice — Antonio Correa Coelho, 1°. Secretário — Raimundo Gonçalves de Oliveira e segundo — João Gualberto de Meneses.

---

## ILUSTRE CRATENSE MORREU NO RIO: FENELON BOMILCAR

No ultimo dia 12 de outubro, faleceu no Rio de Janeiro, o ilustre cratense, Dr. Fenelon Bomilcar da Cunha, na avançada idade de 74 anos. O extinto era descendente de uma das mais tradicionais familias conterraneas, e fôra, durante largos anos, professor de Português no Colegio Militar da capital da Republica.

## CARTA VINDA DO MEXICO ELOGIA «ITAYTERA»

Transcrevemos abaixo o texto de uma carta procedente do México, firmada pelo professor Djacir Meneses sôbre a revista Itaytera, editada no Crato, e dirigida aos srs. Cel. Teles Pinheiro, Otacilio Anselmo e Figueiredo Filho:

«Que o Ano Novo traga à Revista e à sua excelente liderança intelectual renovada força para continuar o fecundo programa que vem executando com inteligência e bravura. Sim, bravura também, porque avalio, nesta distância, o que vem a ser a publicação de «Itaytera», com a seleção de seus trabalhos históricos e literários.

Meu Pai não se descuida de mandar-ma. As raízes do sangue são vigorosas: e assim eu, que me considero um jagunço da Praça do Ferreira, tenho, dentro de minha saudade ancestral, todas as evocações do velho Cariri, como se lá tivesse nascido e vivido. Sabem porque êsse milagre? Por causa do meu Pai, que de lá saiu criança, mas nunca esqueceu o torrão mais digno de respeito histórico deste nordeste que a gente traz no sangue. E quanto mais cresce a distância dali, mais revive o laço sentimental dentro do coração.

É o que se passa comigo. E as páginas da Revista têm o condão de aquecer todas as evocações de uma região que me vem ao espírito através da palavra de um velho lutador, que de lá saiu muito cedo, mas que, dotado de uma fibra de aço, abre ante meus olhos de filho o mais luminoso exemplo de energia moral que, reconhecido, posso orgulhosamente contemplar. Com tais fontes de vitalidade espiritual,—como não lançar os olhos para o rincão onde mergulham as raízes dos entes que mais quero?

Recebam, pois, o mais caloroso agradecimento do cariense nascido, por mera circunstância, na orla do litoral, mas que, pelo coração, sempre viveu na sua, digo, na nossa involvidável terra.

Cordialmente,

a) DJACIR MENEZES

# DR. MANUEL MONTEIRO

## RAIMUNDO MONTE ARRAES

Em mensagem telegráfica, procedente de Fortaleza, recebi a dolorosa comunicação de que se finara, ali, o Dr. Manuel Rodrigues Monteiro, poeta, prosador, crítico, jornalista e ensaísta de subida expressão.

Em um outro país, em que o culto do talento, envêds de resultar de combinações mais ou menos interesseiras, estivesse na razão direta dos merecimentos de cada um, e merecesse, assim, maior apreço, poderia eu anunciar, com o simples nome designativo da pessoa, a dolorosa ocorrência, sem a êle nada mais acrescentar. A enunciação, despida de qualquer frase complementar do nome aureolado, bastaria para revelar a êsse preclaro cenáculo de letras, o alcance da infausta notícia.

Manuel Monteiro, com quem vivi, durante anos em plena fraternidade espiritual, era, na verdade, um monumento de cultura, extraviado pela falta de ambiente, nas longínquas regiões do país. Filho da cidade cearense do Crato, no sul do Estado, e nascido de pais detentores de opulentos recursos econômicos, separando-se, por vocação para a vida espiritual, dessa vultosa herança, desde jovem inscreveu-se entre os legionários das letras nacionais, pertencendo à falange dos poetas e escritores cearenses de maior apurmo, pela eleição de seus temas e pelo escorreito da frase.

Apesar de haver, durante um amplo ciclo de sua mocidade, difundido em vários setores dos nossos meios culturais, as cambiantes do seu luminoso espírito, cerrou perpetuamente os olhos para a realidade objetiva, já quase ignorado dos seus contemporâneos, e, seguro de que, sôbre os seus grandes dotes de brilhante intelectual, pesaria, irremediavelmente, o desinteresse das futuras gerações.

O seu destino marcará, pois, se não surge alguma voz em reação para repor a justiça, bem, possivelmente, mais uma vez, na cadeia do julgamento histórico dos nossos valores, o fato tão frequente aliás em nosso ambiente literário, de uma valiosa existência cheia de lances fulgurantes, ao transpor os pórticos da vida objetiva, não encontrar um refúgio, ainda que da menor grandeza, nos recônditos da alma coletiva, ou mesmo a dos que, por dever de ofício, volvam o pensamento para os que já mergulharam na amplidão da eternidade.

No entanto, Senhores, Manuel Monteiro, ao evolar-se

para o alto, bem merecia ser evocado, tão coloridos foram os traços com que assinalou o seu percurso por numerosos campos das atividades mentais do país.

Creio não avançar uma vã afirmação ao proclamar que, Manuel Monteiro, sorrateiramente subtraído à convivência dos seus conterrâneos da capital do Ceará, era um luminar das letras, um gigante tolhido em seus grandes surtos por fatos que não vêm a pêlo enunciar.

Ingressando nos primeiros estudos em sua própria cidade natal, a deficiência de estabelecimentos adequados compeliu-o a demandar o sul do país em busca de melhores oportunidades, para prosecução de seus estudos, já de nível secundário. Muito jovem ingressou no seminário de Mariana e Diamantina, em Minas, objetivando a carreira eclesiástica, na conformidade dos desejos paternos, já que procedia de uma ascendência toda ela vinculada à vida religiosa do país, não sendo raros entre os seus, a presença de apóstolos devotados ao serviço de Deus, como fôra, por exemplo, o seu tio-avô, o venerável sacerdote Monsenhor Monteiro, de tão grata memória no círculo clerical de todo o Ceará.

Já se anteolhavam bem próximos os pontos culminantes do alvo previsto quando, então diácono, com alguns outros colegas, entre os quais Antônio Torres, Efigênio e Joaquim Sales, que tanto se destacaram, nos meios jornalísticos e literários, resolveu orientar a sua bússola para outras direções, demandando a capital da República, visando, já agora, outras atividades de caráter profano.

Embora essa mudança de rumos, a sua formação, rigorosamente católica, fê-lo, mal chegado ao Rio, convergir para a roda íntima do grande cientista e jornalista católico Felício dos Santos, onde, conduzido pelo nobre doutrinário da imprensa religiosa, ingressou no círculo do jornalismo metropolitano, como co-redator da «União», reporter de «O País», co-redator de «A Notícia» e «Jornal do Comércio», impondo-se como cronista de invulgar merecimento. Foi, depois de haver ingressado nesses domínios das atividades mentais, em que se impôs, inclusive como ironista de acentuado pendor, que passou a cursar a Academia de Medicina, formando-se em farmácia e levando o curso médico até quase o seu final.

As suas inclinações meio mundanas, o seu gosto pelas palestras alegres, de que era um diletante altamente credenciado pelo seu aticismo e bom humor, mais uma vez levaram a mudar a direção de seus pendores profissionais. É assim que se matriculou na Faculdade de Direito, bacharelando-se, por fim, nesta altura já altamente credenciado nas rodas, não só do

jornalismo, mas dos círculos literários da capital da República, como um «causeur» de aprimorado e elegante modo de exprimir-se, o seu nome circulava por todos os lugares onde se tornavam conhecidas as suas virtualidades de palestrador exímio e quase inimitável. Todos o queriam escutar.

O seu senso crítico e a sua faculdade de esvurmar, com maliciosa suavidade, certos aspectos vulneráveis dos interlocutores, o tornaram, de vez, tão temido quanto querido e acatado.

Na imprensa, em colaborações assinadas, aqui ou no seu Estado natal, pouco a pouco grangeou Manuel Monteiro sólida reputação de colunista ágil e erudito. Sem ser agressivo, por sistema, pois nunca o dominou a paixão política, não sendo portanto, assim, um panfletário, era, não obstante, temível nas suas investidas contra aqueles que, como seus opositores literários, incorriam na mordacidade de sua crítica.

Vi-o, certa vez, brandindo a pena, quase fulminar, mentalmente, em artigos que publicou no antigo jornal «O Diário do Estado», de Fortaleza, e no «Correio do Ceará», o nosso mestre Silvío Júlio, bem como o advogado Adauto Fernandes.

Foi uma catadupa de frases impetuosas que deixou jorrar sobre a personalidade dos dois contendores, que se interpuzeram na sua órbita de ação, convidando-os ao combate.

Enquanto permaneceu no Rio de Janeiro, durante decênios, após ter lido a grande e renomada biblioteca do Conde Ulisses Viana, deletrou a maioria das obras literárias, sobretudo de crítica, existente na nossa Biblioteca Nacional.

Latinista de profundidade, amava as obras clássicas e voltara-se para as atividades greco-romanas. Tão familiares se tornaram para êle os temas ligados às duas civilizações, que até parecia ser um dos seus contemporâneos. Era, na verdade, Manuel Monteiro, um grande conhecedor do espírito literário daqueles povos, como também um vasto sabedor de toda a literatura moderna francesa, ou melhor, de toda a literatura neo-latina.

No sentido de filosofia moderna, parece que o estou ouvindo dissertar sobre os filósofos de maior autoridade no helenismo e no latinismo. Há 40 anos, Benedito Croce, antes de ser conhecido de qualquer outro brasileiro, já lhe era familiar.

De formação religiosa, acompanhou, apaixonadamente, o neo-tomismo na sua vasta expansão e renovação, por todos os âmbitos da vida mundial.

Era um mestre de leituras amplísimas e variadas. Grande assimilador, lia anotando à margem, ou em cadernos apropriados as obras de seus autores prediletos. A sua vasta biblioteca, de Fortaleza, deve estar repleta de observações desse tipo, dignas de serem reunidas e, em seguida, publicadas.

Não já, só como homenagem ao erudito morto, de vida tão pouco conhecida, senão como um serviço às letras nacionais, ampliando para maior círculo de leitores, as magistrais observações de seu espírito crítico, urge que seja divulgado, em livros póstumos, o valioso material existente naquele amplo repositório de proveitosas lições.

Mas, Sr. Presidente, não venho aqui fazer uma conferência, senão esboçar, em rápidos traços, o perfil de um grande companheiro dos labores a que nos dedicamos. Mais tarde, se possível for, voltarei ao assunto.

Por hoje, para não me alongar, dada a premência do nosso tempo, limito-me, com o que ficou dito, a solicitar de V. Excia., e dos nossos ilustres pares, que se dignem de consignar em ata, o pesar que assalta todos nós, pelo desaparecimento de Manuel Monteiro, e, em continuação desta pequena homenagem, que seja comunicado à sua Exma. Viuva que é, também, uma literata de significação valiosa no meio cearense e da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno, os nossos profundos sentimentos pelo desaparecimento do eminente e ilustre confrade.

Discurso proferido na Federação das Academias de Letras do Brasil, no Rio de Janeiro, a 25 de outubro de 1958, estando presentes as seguintes personalidades: Dr. Paulo Bentes Acre), Dr. Petrarca Maranhão (Amazonas), Comandante Toribio Lopes, Cel Ismaelino de Castro (Pará), Desembargador Assis, Joaquim Luz, Antônio Oliveira (Maranhão), Desembargador Cristiano, Dr. Martins Napoleão, Dr. Moura Rêgo (Piauí), Drs. Monte Arraes, Mário Linhares, Carlos Oliveira Ramos, Augusto Linhares, Almirante César Fonseca (Ceará) Dr. Deoclécio Duarte, Dr. José Augusto, Cônego Jorge O'Grady Paiva (Rio Grande do Norte), Dr. F. Pedro C. da Cunha, Desembargador Maurício Furtado, Dr. José Moura Junior, Dr. Apolônio Nóbrega (Paráiba), Dep. Ulisses Lins, Dr. Raul Monteiro, Dr. Francisco Sousa Brasil, Prof. E. Wanderley (Pernambuco), Comandante Carlos Ganido, Dr. Oiticica Filho, Dr. Tancredo Morais (Alagoas), Nelson Romero(Sergipe) Dr. Leopoldo Braga, Astério de Campos, Dr Heitor Froes (Bahia), Desembargador Carlos Xavier. Dr. Almeida Cousin, Prof. Elpídio Pimentel (Espírito Santo), Dr. Othon Costa, Phocion Serpa, Modesto Abreu e Lemos Brito (Distrito Federal), Edgard Rezende, Artur Nunes da Silva, Lacerda Nogueira (Estado do Rio), Afonso Pena Junior, Cristiano Martins (Minas Gerais), Virgílio Corne, Cesário Prado, Desembargador Amarílio Novais (Mato Grosso), Cônego J. Trindade da Fonseca e Silva (Goiás), Francisco Leite, Zenon Silva (Paraná), Prof. Arnaldo San Tiago, Mauro Pereira (Santa Catarina), Desembargador Florêncio de Abreu, Raul Bittencourt, Waldemar Vasconcelos, General Paranhos Antunes (Rio Grande do Sul).

# Dados sôbre o Dr. Manuel Rodrigues Monteiro

Manuel Rodrigues Monteiro nasceu na cidade do Crato a 13 de Dezembro de 1880, sendo seus pais o Cel. José Rodrigues Monteiro e Guilhermina de Araújo Monteiro.

Cursou o Seminario de Crato, cujo Reitor era seu tio Mons. Monteiro.

De Crato, veio para o Seminario de Fortaleza, seguindo depois para o de Mariana e Diamantina e em seguida para o de Rio Comprido, no Estado do Rio.

Deixando o Seminario de Rio Comprido, viajou em 1904, para França, fazendo um curso no Colégio Chevalié de Paris, onde obteve o 1.º lugar. Por carta de Mons. Pedro Hermetes, que se encontrava em Paris de volta da Itália, comunicou este a Mons. Monteiro, o sucesso alcançado por seu jovem sobrinho, felicitando-o calorosamente, pois, o moço, acabava de representar de modo brilhante e notavel, ás letras do seu País.

Nessa ocasião, começou o jovem brasileiro, a escrever artigos no «PARIS—SOIR», recebendo sempre aplausos dos patricios domiciliados em Paris.

Por uma alta fantasia, quis ir assistir o carnaval em Nice...

Viu varias vezes o Imperador Guilherme II, o celebre Kaizer, que provocou e convulsionou o mundo, com a grande guerra de 1914.

Apreciou, por varias vezes, ás passagens da Rainha Victoria, pelos belos e pomposos boulevards de Paris.

Assistiu com grande entusiasmo, as experiencias do balão lançado por Santos Dumont, aclamando cheio de alegria ao futuro Pai da Aviação.

Percorreu também muitos outros Paizes, dos quais falava com admiração e saudade, foram estes: Hespanha, chegando a ir as tradicionais e romanticas touradas, cantadas e decantadas por poetas e celebres escritores. Visitou a Russia, a Belgica, a Holanda, a Dinamarca, a Alemanha e a Italia

Varios dos seus livros, conservam até hoje, anotações feitas durante esta encantadora tournêe.

Foi recebido no Vaticano como peregrino, por Leão XIII.

De volta ao Brasil, em Março de 1908 matriculou-se

na Academia de Medicina do Rio de Janeiro, chegando a cursar até ao 3º ano. Compreendendo que não tinha vocação para a carreira, ingressou na Academia de Engenharia. Abandonou-a depois de um ano, indo para a Academia de Direito e Farmacia e chegando a se formar em ambas as profissões.

Foi correspondente da «Agência Havas» do Rio de Janeiro, atuando na imprensa carioca, no «Jornal do Brasil», Jornal do Comercio», «A Noticia», «O País», «A Noite.»

Trabalhou durante muito tempo, com o ilustre médico e jornalista Dr. Felício dos Santos, como co-redator do jornal «A União» órgão de publicidade católica.

Escreveu também nas revistas «FON-FON» e CARE-TA». No Rio foram seus amigos íntimos: José do Patrocínio Filho, Embaixador Gilberto Amado, Genolino Amado, Delio Guaraná, Dr. Mário Guaraná, Dr. Joaquim Sales, Dr. Antonio Xavier de Oliveira, Dr. Zaqueu Esmeraldo, Pe. Antonio Torres, depois escritor, jornalista e consul em Paris, pois trocou o sacerdócio pela carreira diplomática.

Regressou Manuel Monteiro ao Ceará já formado, em 1914, ingressando na imprensa cearense como redator do «Correio do Ceará», colaborando depois na «A Razão», «O Unitário», «O Ceará», e «O Nordeste».

Ao chegar à Fortaleza, fundou também um jornalzinho humorístico «A Balança», onde deu larga expansão, ao seu espírito de fino crítico e profundo observador.

Foi ainda professor do Colégio Cearense, juntamente com os seus contemporâneos do Seminário: Pe. Climerio Chaves, Pe. Quinderé, Pe. Otavio de Castro, Pe. José de Lima Ferreira, Pe. Leopoldo Fernandes e Conego Feitosa.

Residiu durante anos na União do Clero, sendo curioso notar, ser o unico secular ali admitido.

Aquí no Ceará foram seus amigos íntimos: Democrito Rocha, Júlio de Matos Ibiapina, Monte Arraes, Cursino Belém de Figueiredo, Lindolfo Barbosa Lima, Bení Carvalho, Gones de Matos, Cruz Filho, Sales Campos e Antonio Sales.

Além de Jornalista foi poeta.

Muitos desconhecem, o cunho original, de que se revestiu o enlace do bacharel e jornalista Manuel Monteiro, cujo lado de encantadora poesia, tanto o divertiu,

Vindo a conhecer sua futura esposa, aos seis anos de idade, teve oportunidade de oferecer-lhe formosas e loiras bonecas, como também de liberta-la dos castigos, com os quais era punida por travessuras infantis.

Advertido pela genitora da menina, para não estragala com exagerados afetos, por ser amigo íntimo da familia, respondia no seu eterno bom humor e espirito pilherico:—O que eu desejo simplesmente, é que a **mimosa florzinha** do Nordeste, a furura Mme. Dr. Manuel Monteiro, seja tratada com mais cortezia e consideração.

E assim foi por determinação de Deus. Consorciou-se no dia 9—11—21, no Rio de Janeiro, na Igreja de São João Baptista da Lagôa, com D. Elizabeth Barbosa Lima Monteiro, de cujo matrimonio deixou uma filha a senhora Heloisa Barbosa Monteiro.

Faleceu a 1 e 40m. da madrugada do dia 12 de outubro á Rua Tereza Cristina, 514.

---

## NA CAMARA MUNICIPAL - VOTO DE LOUVOR AO INSTITUTO

O Presidente do I. C. C. recebeu o seguinte e honroso officio da Camara Municipal de Crato:

Do Snr. Presidente da Camara Municipal de Crato

Ao Presidente do Instituto Cultural do Cariri

Assunto: Comunica voto de louvor

Snr. Presidente

Comunico a V. S. que, por requerimento do vereador Araujo Filho, foi consignado em ata do dia 27 do corrente, um voto de louvor pela decorrência do sexto aniversário do Instituto Cultural do Cariri, brilhantemente dirigido pelo ilustre conterraneo.

Sem outro assunto para o momento, aproveito o ensejo para comunicar a V. S. e aos demais membros desse sodalicio, que se encontra em tranmissão por esta casa, projeto de autoria do vereador Osvaldo Alves de Sousa, que abre credito especial, destinado a ereção de um marco no local onde tombou o heroi caririense Joaquim Pinto Madeira, e que será entregue ao Instituto Cultural do Cariri.

Atenciosas Saudações Assinam: José de Alcantara Vilar, Derval Peixoto, respectivamente Presidente e Secretario.

## SANEAMENTO OCULAR DO CARIRI VISANDO A ERRADICAÇÃO DO TRACOMA, A CURTO PRAZO

**A significação nacional dos resultados das investigações realizadas no Centro de Pesquisas Oftalmológicas do Cariri Cearense**

O Centro de Pesquisas Oftalmológicas do Cariri, sediado no Crato, vai participar das atividades do XIV Congresso Nacional de Higiene (Niterói, 6—12 dezembro de 1959) com um trabalho de oitenta páginas mimeografadas, condensando o labor de convincente período de esforço contínuo (janeiro, 1958—outubro, 1959) na zona urbana e rural do Crato, particularmente no tocante à nova e decisiva arma terapêutica do tracoma—a eletrocoagulação, alimentada a bateria. É uma fisionomia nova, verdadeira fase de transição na campanha contra a secular endemia.

É compreensível a honesta incredulidade dos céticos e ignorantes das vantagens indiscutíveis dessa investigação bem sucedida, planejada e bem conduzida aqui. A equipe médica e os agentes voluntários da Udas (Unidades Distribuidora de Auxílios Sanitários) cobriram-se de louros na meritória atividade realizada, na cidade e no campo.

O «Movimento ocular do Crato»,—como, no futuro, será conhecido, brindou o país com excelente pesquisa de transcendentes resultados para o Nordeste.

A inovação feliz da fonte alimentadora, partindo de bateria comum de jipe (6 volts, 3 elementos, 17 placas) e o «ponto alto» da ausência de reinfecção, sem contar a vantagem da cura se processar numa única aplicação, indolor, de curta duração (tres minutos), constituíram a chave da completa receptividade do método no Cariri. Em breve será propagado a outras regiões. O Exército Nacional (em convênio com o Ministério da Saúde) está fabricando os aparelhos de eletrocoagulação necessários à campanha.

Esta semana o orientador técnico do Centro de Pesquisas, Prof. Hermínio de Brito Conde, efetuou os «atestes» positivos com o primeiro da série chegado ao Crato, procedente do Rio de Janeiro. A Recomendação aprovada no 2º Encontro dos Bispos (Natal, maio 1959) pertinente ao incentivo do combate ao tracoma vai, assim, encontrando objetiva execução da parte das autoridades civis e eclesásticas interessadas na matéria, a saber, o Ministro da Saúde e a Diocese do Crato.

# Atividades da SOELCA

A Sociedade de Eletrificação do Cariri passou do período meramente de propaganda para o campo de ação. A 29 de outubro, às 20 horas, à Praça Siqueira Campos, realizou-se grande comício transmitido pela Rádio Iracema de Juazeiro, Rádio Educadora do Cariri, de Crato, Aplicadora Cratense e a Voz do Cariri.

Contou com a cooperação da Sociedade de Amigos do Crato e foi seu presidente o Dr. Macário de Brito, quem abriu o comício, dando a palavra ao primeiro orador inscrito—Dr. Raimundo de Oliveira Borges. Ainda falaram o Pe. Rubens Lóssio, Cura da Sé Catedral e o representante juazeirense — Dr. Gregório Callou, todos êles preparando o terreno para a fala do Dr. Augusto de Azevedo, engenheiro da CHESF e representante do Diretor Comercial, daquela companhia, no Cariri. Este saiu-se galhardamente de sua missão, pois, deu verdadeira aula aos presentes, explicando bem qual a verdadeira finalidade da Soelca, no plano de distribuição de energia de Paulo Afonso, nesta região. Daí por diante ficou lançado o plano de compromisso de ações, na cidade do Crato, pois em Juazeiro do Norte começou em dias anteriores.

Não é ainda campanha de subscrições de ações, pois, a Soelca só, dentro de alguns dias, estará legalizada. Mas quem se interessar pelo movimento de eletrificação do Vale, o passo mais decisivo para a nossa integração ao progresso, basta deixar seu nome com o número de ações que desejar que os representantes da Sociedade de Eletrificação, o procurarão, mais tarde para associa-lo a maior sociedade anônima que já se fundou em terras do Cariri. Pelo que auscultamos na rua, a população já está compreendendo que deve ajudar a SOELCA, passo importante na emancipação econômica deste pedaço da terra cearense.

## INTELECTUAL SUIÇO VISITA A SEDE DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

Em Outubro, estive em Crato, onde se demorou oito dias, em viagem de estudo, o escritor, pintor e musicista suíço, de Lausane — Jean Pierre Chabloz. Acompanhado do maestro Arnaldo Salpeter, no dia 9 visitou o Museu de Crato e sede do I.C.C., demorando-se em longa palestra com o nosso presidente J. de Figueiredo Filho. Sua viagem ao Vale Caririense prendeu-se a pesquisas que faz, em todo o Ceará, para o preparo de livro, a ser editado em língua francesa, pelas ÉDITIONS GÉNÉRALES S.A. de Genebra-Suíça. O ilustre visitante de Crato conhece bem o Ceará, já tendo residido, em Fortaleza, por vários anos. J. P. Chabloz presenteou particularmente a J. de Figueiredo Filho, com a magnífica edição do «PAYS DE VAUD, UNE TERRE, PLUSIEURS VISAGES», verdadeira perfeição de arte gráfica, dificilmente igualada em qualquer país adiantado do globo, trabalho das ÉDITIONS GÉNÉRALES, de Genebra, da qual é delegado em missão especial no Brasil. E' mais outra prova de que as relações do I.C.C., se expandem, não só no Brasil, como no estrangeiro. O Cariri estará presente na luxuosa e bem elaborada obra intelectual da Suíça, espécie de nação internacionalizada da Europa.

---

Tristeza—cantos da serra,  
Melancolias do mar...  
Micróbio que me desterra,  
E me impede em minha terra  
A minha mãe abraçar.

Vicente Lopes de Souza

Alexandria

# — BARBALHA —

escreve António Marchet Callou

## MADRUGADA DE UM DOMINGO QUALQUER

Um barbalhense, ainda sonolento, vai marinhandando a escada de caracol da torre direita da Matriz, torcicolosamente. É o sacristão. São quatro horas e quinze minutos.

O sino que há pouco sonorizou indolentemente quatro badaladas, tange agora agitado a chamada da missa das cinco horas. O povinho do vale galga a meia colina, meio apressado. Os habitantes do **Bairro Simples** do alto do plano inclinado da cidade que começa na montanha e vai por ela progredindo, vem declinando para o destino que marca o músico da torre. A matriz se enche deles de mistura com uma fração do escól urbano, num mesmo gesto de religiosidade.

Em geral, por tóda a parte, a missa dos albores pertence aos humildes que não possuem big indumentária ou dos ociosos que desejam transpor o dia sem incômodos.

Domingo em Barbalha é, realmente, o dia do Senhor. Sucedendo-se as cenas do Monte da Paixão: às sete, missa para o povo em geral; às oito, para os estudantes; às nove; para as crianças, na Igreja do Rosário, quando se finalizam, até mesmo, as aulas de catecismo, ministradas por diversas catequistas.

Nêste turno matinal e à tarde se realizam as sessões semanais das onze associações religiosas seguintes: Pia União das Filhas de Maria, Cruzada Eucarística, Senhoras de Caridade, Mães Cristãs, Congregação Mariana, Apostolado da Oração, Irmãos do Santíssimo, Vicentinas, Guarda de Honra do Santíssimo Sacramento e Doutrina Cristã. Há, ainda, a Liga Contra o Protestantismo que, somente em raras circunstâncias, se reúne em sessão accidental.

Na segunda-feira o ciclo das atividades da vida barbalhense se estira na cidade, no vale, na serra, nas oficinas, nos armazens, nos consultórios, nos quarteirões, nos sítios, nas chapadas, nos eirados... A despeito do caririense quedar, em geral, negligente, intoxicação no corpo, preguiça na alma (mens sana in corpore sano) durante a semana, Barbalha se agita laboriosa, pequena, muito pequena como expressão territorial, engastada a sede entre outras a pouca distância: para Missão Velha, 22 klms; para Crato, 27; para Juazeiro do Norte, 15; próximo dos limites de Jardim e Serrita (Pernambuco), aproveita o Município o que pode dos seus 603 klms<sup>2</sup>

A agressão das batalhas agrícolas, algumas áreas resistem quase incólumes. São os láteos quilômetros das fraldas, donde irrompem as fontes e promanam as matas. Nestas encostas, uma cortina de frondes tece como que a «saia» selvícola que veste a serra. Realmente assoberbam-se aí os troncos luxuriantes da nossa flora: a majestosa palmeira, pau darco, jatobá, angico, arueira, baraúna, inharé, oiti, gonçalves, caraíba, amarelo, banha de galinha e maria preta.

Dai, dêstes contra-fortes, uma eclosão de 28 fontes desliza seu cristal liquefeito em levadinhas hilariantes que cortejam as colinas e se alongam pelo vale, onde vêm suprir a inclemência escaldante do estio. Tais olhos d'água se divisam em vários misteres preciosos: umas águas são excelentemente potáveis (a fonte de Santa Rita, Saco, Santa Cruz, São Joaquim...). Outras muitas se destinam ao labor agrícola e são generosamente irrigáveis. Uma, pelo menos, se caracteriza como fonte de águas termais—a fonte do Caldas—que, desde as remotas épocas do Pe. Mestre Ibiapina (1854), vem se distinguindo como água miraculosa. Aos poucos se afamando, está bastante conhecida pelos leitores da imprensa nordestina. É uma das belezas naturais do Estado, conforme nos ensina um dos compêndios didáticos do nosso famoso professor patricio Filgueiras Sampaio. Suas águas são realmente anti-tóxicas, excelentes para as moléstias do aparelho digestivo, para as peles decompostas, para os olhos macerados pelo cansaço orgânico. Últimamente está sendo ponto de veraneio nos meses quentes dos nossos Cariris-Novos, de julho a dezembro. E, por força de tão apreciável valor, foi, há pouco, reconhecida como Estação Hidro-Mineral, por Lei Estadual n° 3.894. Atualmente, o D. N. O. C. S. está construindo uma rodagem definitiva, com a expressão das grandes rodovias do País, ligando-a à sede do Município, donde dista 11 kms., por caminhos serranos, pitorescos, deslumbrantes.

Afóra desta área impenetrável em sua grande parte, a vasta planície da serra em nosso pequeno território e a expansão do vale famoso pela sua fertilidade, perfazem tôda a razão de ser da Galba dos barbalhenses. Aí, a sementeira das nossas safras dádivasas em qualquer quadra do ano, os flagrantes campestres que empolgam o visitante. Depois d'abril, mês azul, quando vem maio e as brisas trescalantes embalsam nossos morros pitorescos, após um passeio à tarde, a gente tem vontade de entrar na cidade, declamando estrofes de sonetos d'água doce:

Trago ainda minhas mãos cheirando a flores,  
 Dos oiteiros de Barbalha esmeraldinos,  
 São seus fans as résteas multicôres...  
 O Dia, a Noite e a Estrela Matutina.

Depois a colheita. Das fábricas de rapadura, o vento nos traz o cheiro doce do mel queimado. Jovens plebéias entram por nossas artérias urbanas, desfraldando os puxu-puxa apetecidos. Os senhores de engenho (engenho é o nome genérico da casa grande junto à qual funciona a fábrica de rapadura), reúnem então, seus produtos: 257 centos de abacate, 220 de cocos da Bahia, 940 de laranjas, 909 de manga, 28.000 de pequis, 4.000 frutos de abacaxi, 2.773 sacos (de 60 quilos) de milho, 5.016 de arroz, 2.795 de feijão, 12,900 arrobas (15 quilos) de algodão e 4.427 toneladas de mandioca. Pelo exposto, é pequena esta colheita em relação o outros municípios de tal produção, servindo apenas um pouco mais da nossa quota de subsistência, para ter lugar a produção de cana, que tornou Barbalha conhecida como um município monocultor, em condições de figurar entre os primeiros em fabricação de rapadura.

Digamos de passagem, nesta altura do nosso modesto trabalho sôbre a terra, que produz mais de cem mil toneladas de cana, que seu povo incluiu no número de suas festas anuais, a **Festa da Rapadura**, original na sua significação e na sua aparência, que tem lugar no dia 19 de dezembro de cada ano. Dai, certamente, inspiram-se outras cidades em realizando as famosas festas do Bangú; do Algodão, do Arroz, etc., posteriores à **Festa da Rapadura**.

O rendimento agrícola de Barbalha impôs uma modesta indústria agrícola. Apesar da falta de estímulo por parte do Estado e da Nação, peculiar a outras regiões, porque, infelizmente, não podem eles estirar a civilização agrária em todos os âmbitos seus, não deixa de ser Barbalha um município exportador de:

455.000 litros de aguardente, 635.000 de óleo de babaçú, 926 de óleo de pequi, 85 toneladas de carvão vegetal, 20.600 sacos de farinha de mandioca (sacos de 60 quilos), 115.000 cargas de rapadura. Estas cargas, como em tôda a região, são de cem rapaduras. As de Barbalha, porém, se distinguem pela sua padronagem. Cada rapadura pesa 800 gramas, idéia e realização do Dr. Antônio Lyrio Calou, ao tempo de Prefeito Municipal de Barbalha. Por ser de pêso regular em todos os engenhos, por ter ainda excelente sabor, a produção de rapadura do Município é muito preferida pelos mercados doutros Estados, principalmente Paraíba e R. G. do Norte. Nos meses de colheita, de maio a dezembro, o comércio, exportador dêste produto, é sempre muito ativo. Nossos armazens pontilham o centro da cidade, verdadeiras estações de entrada e saída de tão saboroso e nutritivo comestível.

Por maior evolução, porém, que tenha o centro agrícola

la, há-de sempre plasmar o velho modelo colonial, em sua fisionomia primitiva, lembrando seus ancestrais do Egito, da Mesopotâmia, da Arábia, da Península Ibérica, das Ilhas do Cabo Verde, de Olinda, pois o agricultor jamais se libertará da terra que lhe imbui o corpo de pó e lama e nem lhe pode disfarçar o suor do rosto nem os calos das mãos.

O homem de Barbalha continuará assim, a refletir na substância, no caráter, se fará sempre o contraste da natureza. Assim, no agricultor, em face doutros profissionais, se estabelecem paradoxismos. Não há profissão mais benfazeja, e, como Cincinato, o agricultor sempre pacifista, mas sempre anônimo, enchendo, embora, de sobejo a mesa dos bafejados pelo luxo, doutras profissões, das indústrias, por exemplo, dos agiotas, provendo os mercados do que mais necessário é à vida de nutrição, a primeira necessidade do homem—organismo. Sempre o último, contudo, nos palácios governamentais, onde nem sempre impressiona a política com que sonharam Rui, Campos Sales, Plínio Salgado...

Outros setores de atividades na vida rural de Barbalha: a) em nossas matas são extraídas excelentes madeiras para construção e teto, linhas, caibros, ripas que entram nas nossas serrarias locais e noutras análogas das cidades da região. Estas matas fornecem não menos de 25.000 m<sup>2</sup> de lenha; b) a despeito especialidade e supremacia, agrária, há espaço para uma franca população animal: 11.040 bovinos (miniatura embora, dos Inhamuns), 2.630 equinos, 3.350 asininos, 2.730 muares, 20.170 suínos, 2.830 ovinos e 9.980 caprinos.

Os principais senhores de engenho mantêm seu quinhão animal. O gado que sobra das vacarias, dos currais, pasta na densa floresta da serra Araripe e sertão de Pernambuco, refúgio temporário deste pastoreio, campo livre de criação.

Contudo o barbalhense é genuinamente agricultor. Com esse espírito, quando emigra para outras terras, cuida logo de desenvolver sua vocação. Nos sertões circunvizinhos, compram fazendas mas logo lhe infundem uma expressão dos sítios daqui. Para isso fazem açude, cercam os pequenos riachos devassados pela criação e iniciam sementeiras de frutas, de cana. Arranjam uma fábrica rudimentar constituída à moda antiga, engenho de pau, com almanjarras e cambão e pouco tempo depois, sua pequena moagem. Abastecem as feiras das paquenas cidades que por serem de criadores e caçadores, não conheciam frutas, nem gostavam de hortaliças. Assim, se deu, por exemplo, em Parnamirim (antiga Leopoldina), município do alto sertão pernambucano, na central daquele Estado. Mais de meia dúzia de barbalhenses se sédearam ali e impuseram na face antiga das

velhas fazendas, um semblante das terras caririenses. Fizeram reservatórios d'água que mantinham o frescor das terras abaixo das barragens destas «fontes» preparadas pelas suas mãos e reservaram áreas de terras para fruteiras, verduras e cana de açúcar. Aos poucos mudaram os engenhos de força animal para motriz e levaram para ali uma miniatura da expressão agrária barbalhense.

Outros emigraram para mais longe. No litoral de Pernambuco compraram engenhos e fizeram usinas de açúcar, entre as quais a Usina Roçadinho, uma das mais ricas em expressão territorial, em ordem e em organização, propriedade de um barbalhense, Mendo Sampaio, pai dos Drs. Aldé Sampaio, Deputado Federal três vezes eleito, Lael Sampaio, ex-Secretário da Agricultura de Pernambuco e Cid Sampaio, Governador do famoso Leão do Norte, terra de Agamenon Magalhães, tetraneto de Antônio Gonçalves Martins Parente Feijó Pereira, cuja esposa descende de Francisco Magalhães Barreto e Sá, o Abraão da família barbalhense.

Tanto no litoral como no sertão do vizinho e famoso Estado, os barbalhenses tomaram parte na política e na história dos municípios, aonde deixaram seus estandartes, ocupando ali os cargos eletivos mais altos, no legislativo e no administrativo.

Outra fonte de riqueza de Barbalha irrompe do solo e sub-solo—os minerais: xisto betuminoso, cal preta, gesso, borraça mangabeira, tijolo e telha. A cal preta do Brejinho é muito conhecida e preferida nos nossos mercados locais. O gesso de Santa Rita é transportado nos vagões do nosso trem-de-ferro e em caminhões, destinado as de Mossoró e São Paulo. O tijolo e a telha afamaram a remota cerâmica do Buriti e, atualmente, insinuaram uma fábrica de telha melhores da região pela excelência da argila que ali existe!

Passo a passo, este povo construiu a sua História, suas instituições, seu facie sócio-político e familiar. Antes de sua independência, 17 de agosto de 1846, tomou parte na Revolução de 1817 caindo nos braços da História Pátria. Trêes nomes se distinguem indelêvelmente naquela tentativa de independência precoce, naquêlê surto de liberdade. São os nomes de Senador José Martiniano de Alencar, Tristão Gonçalves e Pinto Madeira. Nos tempos republicanos, jamais houve uma constituinte (as de 1891, 1934 e 1946) em que um nome de barbalhense não figurasse entre os seus mais conspícuos obreiros—Dr Manuel Coêlho Bastos do Nascimento (1891), L E ã O S A M P A I O (1934 e 1946), a quem tanto devem o Brasil e o Ceará, Duarte junior (Constituição Estadual de 1934).

Não nos detemos, por angustia de tempo, nos fastos de

nossas tradições de família. De Francisco Magalhães Barreto e Sá, com cuja tetra-neta foi casado YOYÓ Pereira, cratense do «Patil,» descendem os GODOY de Serra Talhada, os Sá de Salgueiro, os Araujo de Parnamirim, os Garcia, Sábarreto, Coêlho, os Callou de Barbalha, do Cariri.

Tetranetos de YÓYÓ PEREIRA, como Agamenon Magalhães, temos este famoso advogado Duarte Júnior, politico cearense, e Dr Lirio Calou, autor da cesariana de Kerr, figura também notavel como medico e como cidadão.

Na sede do municipio de Barbalha, refletem o espirito idealista do seu povo Gabinete de Leitura, a Liga Contra O Analfabetismo, o Circulo de Operários, Centro de Melhoramentos, Cooperativa de Crédito, Cooperativa da Lavoura, Legião de Assistência, Ginásio S. Antonio, Ginásio Nossa Senhora de Fatima, Centro Estudantil, Museu, Postos de Tracoma, móvel e fixo Cine S. José e Cine Odeon, Cetama Club, cafês e bares bem instalados e de feição moderna.

Os estabelecimentos de ensino secundário de Barbalha progredem aceleradamente pelo marcante estalão dos nossos educadores. Falta-nos um edificio proprio para o «departamento feminino» do Ginásio S. Antonio, o qual tinha o nome de Mater Salvatoris. Para dirigi-lo o Centro de Melhoramentos foi tão feliz como tem sido em todos os seus tentamens: Dirigindo-se ao Priorato das Madres Beneditinas do Norte do Paiz, sediado em Olinda, conseguiu que esta Ordem, famosa em todo o mundo, desde os primeiros seculos do Cristianismo, fundasse uma casa aqui em Barbalha, a primeira que se funda no nosso Estado. Uma vez aqui, as Madres encarregaram-se de dirigir a Pia União das Filhas de Maria e da administração do Catecismo entre as crianças barbalhenses. Aproveitando-se da exemplar competencia das Madres Beneditinas, promoveu o Centro a officialisação do Ginásio que tomou a denominação de Ginasio Nossa Senhora de Fátima por sugestão da Superiora do Convento de igual nome.

O Centro de Melhoramentos que tem conseguido, em todos os setores, as mais assinaladas realizações, tomou, agora, a braços a construção do Convento, Capela, Mosteiro e do proprio Ginasio Nossa Senhora de Fátima, cuja planta representa verdadeiro capricho arquitetônico dos modernos projetos do Ministerio da Educação.

Releva, por outro lado, salientar a modificação sensível que se opera na vida doméstica de Barbalha frente à influência da orientação destas filhas de S. Bento.

Alem do ginásial, o Ginasio Nossa Senhora de Fatima mantem o curso pedagógico, cujas alunas aprendem, com efici-

ência, a arte da Metodologia, com real proveito para o curso primário.

Barbalha que, juntamente com Crato e Juazeiro forma o «triângulo cariense», posto seja a menor das três cidades, tem evoluído bastante, notando-se além de inúmeras construções e reconstruções no centro da cidade, o acréscimo de dois bairros importantes—um aristocrático, com residências em estilo colonial e funcional e outro popular—obra do ex-Prefeito Joaquim Duarte Grangeiro. Nenhum outro Prefeito fez no Ceará o que fez neste setor da administração o homem a quem me refiro e a quem a Barbalha conciente devota a mais fervorosa admiração. Joaquim Duarte comprando terrenos urbanos e doando-os a chefes de famílias pobres, auxiliou-os na construção de casas de tijolo e telha, entregando-lhes as escrituras de transmissão no dia do Município—17 de Agosto,—o que ocorreu no ano da graça de 1958. A majestosa Avenida dos Municípios e outras realizações do ex-Prefeito e, sobretudo a honestidade e o alheamento da política, com que se conduziu, o destacam dos demais comu-neiros do Ceará.

Barbalha se civiliza e progride porque tem vida própria e dispõe de elemento humano do melhor quilate. Não é um desses burgos que nascem e vivem na incubadora da cota federal.



Tudo passou como um sonho,

Na mais doce ilusão!

Agora só resta a tristeza,

De minha sorte a pobreza

E mágoas no coração!

JOÃO DANTAS (Monteiro)

NATAL, 20/II/1959



## “ITAYTERA”

*Trecho de apreciação do escritor RAIMUNDO GIRÃO:*

Mas, em nossa opinião, o trabalho mais penetrante e de valor decisivo para a história cearense é o do Padre António Gomes de Araújo sobre o «Padre Pedro Ribeiro da Silva», o fundador e primeiro capelão da hoje rica e próspera Cidade de Juazeiro do Norte. As excogitações históricas e genealógicas do Padre Gomes já apanharam fama e respeito, pelo seu beneditinismo e o seu poder exegético. O homem cava, profunda, mergulha e sai com a gema legítima. Não falseia e veste as suas conclusões com entusiástico vigor, como o entusiasmo de quem, de fato, segurou às mãos a verdade procurada. Se, porventura, esse arroubo o levasse a qualquer exagêro, ninguém o censuraria por isso, certo, como é, que êle é dominado pelas naturais e confortantes alegrias de quem descobre, de quem encontra a incógnita.

Neste seu estudo acêrca da função de iniciador do Padre Pedro Ribeiro traz-nos o Padre Gomes informes claros, que convencem da edificante atuação daquele velho sacerdote na criação de um núcleo humano que, posteriormente, o misticismo converteu num poderoso aglomerado cívico, econômico, moral e sentimental.

A luz se fez, inconfundível, em tórno dos primórdios ou origens da grande e tão discutida cidade, em que viveu e se projetou o, igualmente, tão discutido Padre Cicero Romão Batista. O Padre Ribeiro, realmente, «semeou em terreno fértil» e o outro, com a sua presença messiânica, regou a árvore até que se tornou frondosa e se encheu de frutos.

Enfim, podemos afirmar que, de fato, êste número de ITAYTERA é vistosa pedra no colar das belas conquistas do Instituto Cultural do Cariri. Conquistas que vêm no mais esperançoso crescendo.

Ficámos de peito cheio com a sua leitura, e o volume ficará em nossa coleção encadernada a couro, no lugar que merece. (Raimundo Girão.)

## «ENCRUZILHADAS DE DESTINOS»

«ENCRUZILHADA DE DESTINOS», de Alice Pimenta, é volume de 604 páginas, editado pela LIVRARIA FRETAS BASTOS, do Rio. É história movimentada do casal Dr. Joaquim Pimenta e Dona Alice Pimenta, de autoria da última. Não concordo com muitas das idéias do livro, mas reconheço na autora, belo estilo, sinceridade e muito amor à causa do operariado, nos tempos de suas lutas, em Recife, braço direito que foi, de seu marido—o cearense Joaquim Pimenta. Também procede ela do Dr. Raul Azedo, homem bom e dedicado à causa do proletariado de então. A obra é viva e cintilante. Retrata bem uma época agitada. Foi a fase do despertar do operariado nacional, para encarar frente a frente os seus problemas e solucioná-los, por métodos certos ou errados. A literatura de Dona Alice é terna. Comove ve-la no meio daquela luta tremenda, em que o conforto pessoal foi totalmente sacrificado pelo casal até a leitores como eu, educado noutra doutrina e arraigadamente fiel à Igreja. Temos também de confessar pecado grave, de cunho social. O operariado brasileiro não foi despertado pelos que seguiam, naquêl tempo, os mesmos postulados que me norteavam presentemente. Os clarins foram vibrados, com destemor, por gente do quilate do Dr. Raul Azedo, Dr. Joaquim Pimenta e Dona Alice Pimenta.

O capítulo com que a autora encerra o livro é muito humano. Toca-nos bem ao coração sentimental de brasileiros do Nordeste. Vejamos, ao menos, as derradeiras frases de «ENCRUZILHADAS DE DESTINOS», espécie de memória de dois revolucionários, nascidos e criados nas terras adustas do Nordeste:

«Aquele noite a de 22 de Julho e fazíamos 34 anos de casados.

Não chamei a atenção de Pimenta para a data.

No céu um balão retardatário seguia seu destino... Parecia querer lembrar-nos que a noite seria de S. João.

E Caxangá, com suas fogueiras, que eu pulava de banda, sem coragem de passar por cima, como Noemi e Iracema faziam, de pés descalços, acordou do silêncio. Na penumbra, mamãe, vovô, papai, Oscar Benigno e Carlinho, que tantas vezes vi em torno das labaredas, estavam agora ao meu lado.

Pimenta moveu-se; mas não acordou...

E Caxangá novamente, com seus balões, suas fogueiras. E os seus mortos...»

Paremos, é muito bonito, mas o tempo vão cêlere.

J. F. F.

## OS ALENCARES NO PARLAMENTO NACIONAL

ANTONIO DE ALENCAR ARARIPE

(De 1.822 a 1.889)

- 1) — José Martiniano de Alencar (Pe.), Deputado às Cortes Portuguesas (1.821—1822), substituiu o deputado efetivo José Inácio Gomes Parente. Deputado e Constituinte em 1.823 Deputado na 2.<sup>a</sup> legislatura, 1.830—1833. Senador em 1.832, até a morte.
- 2) Pe. Carlos Augusto Peixoto de Alencar (1.838—1841, 1.842—1.845—1.847) DEPUTADO
- 3) Conego José Ferreira Lima Sucupira (1.838—1.841). «
- 4) Pe. Carlos Augusto Peixoto de Alencar, 7.<sup>a</sup> legislatura—1.848. «
- 5) Domingos José Nogueira Jaguaribe (1.857—1.860). «
- 6) José Martiniano de Alencar (1.861—1.864). «
- 7) Domingos José Nogueira Jaguaribe (1.861—1.864). «
- 8) Domingos José Nogueira Jaguaribe (1.869—1.872). «
- 9) José Martiniano de Alencar (1.869—1.872). «
- 10) Tristão Alencar Araripe (1.869—1.872). «
- 11) José Martiniano de Alencar (1.872—1.873). «
- 12) Leonel Martiniano de Alencar (1.869—1.872 — Amazonas) «
- 13) Paulino Nogueira Borges da Fonseca (1.869—1.872). «
- 14) Tristão de Alencar Araripe (1.869—1.872). «
- 15) José Martiniano de Alencar (1.878). «
- 16) Paulino Nogueira Borges da Fonseca (1.878). «
- 17) Tristão de Alencar Araripe (1.878). «
- 18) Joaquim Bento de Sousa Andrade (genro do Senador Alencar, 1.867—1.870). «
- 19) Joaquim Bento de Sousa Andrade (1.878—18.81). «
- 20) Meton da Franca Alencar (1.881—1.884). «
- 21) Tristão de Alencar Araripe (1885—1889). «
- 22) Domingos José Nogueira Jaguaribe, filho, (1.885-1 889) «
- 23) Domingos José Nogueira Jaguaribe (1.871—1.889). «

## SENADOR.

OBSERVAÇÃO: Os *drs. Francisco, Antonio e Jesuino de Sousa Martins, descendentes de Martha de Alencar, representaram o Piauí como Deputados, nos períodos de 1.834/37; 1.838/41; 1.842/44; 1.853/56, e 1.857/60.*

*Na Republica foram Senadores: Alencar Guimarães (Paraná), neto do Senador Alencar; Almirante Alexandrino de Alencar (Amazonas), descendente de Inácia, irmã da heroína Barbara, e José Actoli, genro do Deputado Meton Alencar, o velho.*

*Relacionaremos, de outra oportunidade, os que integraram a Camera dos Deputados no atual regime.*

# FORTALEZA DE 1897

PAULO ELPIDIO

Vim à Fortaleza, pela primeira vez, em 1897. Lá no Crato me diziam que, na capital do Farmacêutico Ferreira, ninguém se perdia, desde que soubesse jogar dama. De fato, certifiquei-me que, do fim da Rua Formosa, lado das areias, se avistava o mar. E, ainda, de qualquer ponto que a gente estivesse avistava o açude dos Boris, como chamavam os cratenses. Os meus conterrâneos tinham razão. Anjava de olhos fechados em Fortaleza, aquele que conhecesse bem o jogo dos velhos—o taboleiro de pedras redondas.

Demorei alguns dias. De minha cabeça não saía a zoadada do mar, aquelas águas se remexendo continuamente, retalhadas de branco, empolgavam-me. Convidei um companheiro e, às duas horas da tarde, chegámos bem pertinho do MONSTRO ESVERDEADO (a essa hora ele é realmente como observou José de Alencar), tirámos tôda roupa e, com cautela, seguindo as recomendações que trazíamos, tomámos um banho, quase na areia. Nunca eu havia estado em uma cidade iluminada.

Andar nos bondes foi para mim um ótimo divertimento. Que gosto, tomar um desses veículos na Praça do Ferreira e descer no Benfica, por exemplo, um dos pontos finais das cinco linhas: —Jacarecanga, Outeiro, Prainha, Benfica e Estação da Estrada de Ferro de Baturité. De meia em meia hora, batia uma sinêta no prédio velho da Intendência, e os burros, com peitorais de guizos, levavam as primeiras chicotadas, escorregavam os cascos ferrados no calçamento e lá iam conduzindo a deselegante carruagem, cheia de passageiros. Como os fins das linhas não eram distantes, daí a outra meia hora se encontravam, novamente, nos pontos de partida, a fim de repetirem a mesma operação.

Na Praça não faltavam meninos com taboleiros de roletes, uns com casca e outros descascados. Café Java, construção de madeira que ficava a sudêste do animado Logradouro, era o lugar frequentado pelas pessoas de maior destaque da época.

Ainda conservo bem nítido na memória, o aspêto bibli-co do PEIXOTÃO, refestelado em uma cadeira, com sua barba hirsuta, um grosso correntão na casa do colete, sustentando um relógio de aço, quase do tamanho de um pires. Eu vi puxar, consultando talvez a hora de ir ao Palácio, em sua visita habitual ao Comendador Antonio Pinto Nogueira Accioly, que vinte e tantos anos governou o Estado. Esses, poucos dias, fo-

ram para mim, tímido e deseducado jagunço, uma das maiores satisfações de minha vida. Eu arranchei-me na casa de João Barreto, contrerrâneo e amigo de longa data, que também emigrou do Crato, mais ou menos na época em que eu deixei a terra dos brejos e dos canaviais infindos.

Bom músico, entrou para a banda da Polícia e, em pouco tempo, conseguiu ser mestre da filarmônica, com o posto de Sargento. Era no mês de dezembro. Fortaleza se encontrava em festa — Pastorinhas, fandangos, congos e o boi com seu babá e demais complicações. Quase tudo na rua do Governador Sampaio, com poucas casas no meio do areial. O cosmorana do Paulo Barros, lá para as bandas do Major Facundo. Gostei do BOI. Achei os Fandangos muito paulificantes, monótonos com o seu IRIPE, IRRIPE, IRRIPEROU infundável. O BOI, no entanto, valem muito para mim, com suas cantigas acompanhadas de viola e harmônica, lembrando os sambinhas da Cariri, as matas das Porteiras, os sitios de meus antepassados nas serras de Cafundó, Lameiro, Bebida-Nova, etc:

«Meu boi lavradinho chega pra diente  
faz uma mesura a toda essa gente  
Não me pegue na folha da couve,  
Não me bula nos pendões do alho,  
Você diz que couve é couve,  
É couve é cebola é alho...»

Esses versinhos, ouvidos em uma URBS tão grande para mim, trouxeram-me desejo ardente de voltar ao Crato e não ao Quixadá, terra ainda estranha para mim, sem frutas, sem sitios de cana, sem nascentes perenes, enfim, sem aqueles recantos queridos de minha meninice.

---

## SERTANEJA CEARENSE

JOSE ALVES DE FIGUEIREDO

*Ela nasceu na terra de Iracema  
E tem no roseo lábio — Flor louçã —  
Todo sabor do mel de Irapuan  
E um cheiro acre de trevo e de jurema.*

*Nela, a arrogância faz lembrar Moema  
Mas tem credices a gentil cunhan  
E basta ouvir o canto da cauan  
P'ra que tomada de pavores trema,*

*O corpo livre das severas penas  
Que a moda impõe à carne delicada,  
Tem o candor de um ramo de verbenas.*

*Venus marmórea — lábio meu revela  
Pela mão de artista burilada  
Talvez não fosse mais perfeita e bela.*

ATE' LOGO,

MEU FILHO

QUIXADÁ FELICIO

Estamos em dezembro. Mais uns dias, meu Filho, e terás concluído os exames da 4.<sup>a</sup> série ginasial. Vem, agora, o ciclo de maiores responsabilidades. É o curso científico, ou a etapa que Aristides Novis nomeava como o «seminario das vocações.» Como todas as definições do mestre exemplar, de uma concisão magnífica. Porque a natureza das disciplinas que serão revistas, como também a passagem dessa primeira fase crítica, dos 16 para os 17 anos — que nos sugere uma pequena ponte entre a adolescência e a mocidade — propiciam melhores reflexões, ajustamentos que escapam noutros dias de sênsocomum mal debuxado na silhueta de desejos que afloram reticentes, perturbadores...

Coincidentemente, vamos dizer até-logo. Diferente dos poucos até-logos que nos dissemos até hoje, poucas horas apertadas no cinto de saudades rapidísimas. Nosso até logo que vem vindo é outro. Vai custar-nos um ano a fio de separação. Será, meu Filho, tua primeira e viva experiência. Vais andar, pela vez primeira, em cima de tuas próprias pernas, sentindo a estreante sensação de tua cabeça resolvendo os problemas iniciais da formação adulta.

Cônto entregar-te aos zêlos de um educandário do melhor estôfo intelectual e moral. É uma magestosa oficina onde os moços aprendem para as lutas do espírito e os combates que se desferem no gramado das mais higienicas convicções.

Estimo, meu Filho, encontres depois do nosso

até-já, a atmosfera ideal para a bonançosa realização da tua intelligencia e para o florescimento do teu caracter. Que te orientes pelo amôr ao estudo severo e profundo. Pelo devotamento ás causas que nobilitam o homem no conceito social. Pela firmêsa da ação sempre justa. Seja tua inspiração de todas as horas a vontade de servir com abundancia e sem ostentações, e a de vencer sobre os sacrificios com inquebrantavel e serena indulgencia. Enriquece tua vontade sabendo repudiar com soberanas intransigencias os vícios e perversões que deformam até á degenerescencia os que se envilecem vencidos pela torpêsa da companhia maligna. Põe ordem em todos os átos da tua vida — dos mais insignificantes áqueles que possam traduzir tua férvida participação na sorte da familia humana. Exercita, a cada sól, os privilegios da tua alma robusta: prudencia no falar, sobriedade no gésto, comedimento no agir, paz interior pelo cumprimento sagrado de todos os teus deveres. Respeito ás opiniões alheias e paciencia para a escalada da planicie que te conduzirá á gloria. Não te cegue a inveja, nem te atormente o pesadêlo de ferir a honra dos semelhantes. E, acima de túdo, meu Filho, aprofunda-te na crênça em Deus Nosso Senhor. E quando mais apróximares teu coração e teu pensamento da cristalina verdade do Cristianismo, cultúa a memoria de tua Mãe, fazendo da lembrança Déla o guieiro infalivel para que a vida que viveres seja uma radiosa sonata de envolventes estribilhos de Belêsa.

Vai, meu filho. Sê feliz. E, se para tua felicidade Deus precisar cortar a raiz da minha vida, aqui a tem Ele: túdo será para mim uma aleluia...

# Qual a versão certa da casa onde nasceu o Pe. Cicero, em Crato?

Descendente de ilustres troncos fundadores d'êste Cariri hoje ainda vigorosos em seus prolongamentos, o Cônego Climerio Correia de Macedo, ou Cônego Climério, ou Padre Climerio, como é mais conhecido sob êstes ceus, é uma das figuras mais venerandas do clero desta Diocese.

Membro do Cabido Metropolitano da Arquidiocese do Rio de Janeiro na qual serviu por anos, ao tempo do Cardeal Arcoverde, de há anos vive quase anacoreta no retiro de sua mansão no sítio Limoeiro, do município de Juazeiro do Norte, onde nasceu, e se fez adulto.

Sôbre sua pessoa convergem as simpatias e gratidão das camadas pobres e miseráveis da região que dele recebem os benefícios duma esclarecida e experimentada clínica homoeopática gratuita. Ele mesmo é um pobre entre êsses pobres.

Em 1956, vim a saber que o Cônego Climério retinha de memória rico acervo de fatos importantes da crônica do Crato e Juazeiro de antanho. Testei-o sôbre o assunto em sua própria mansão no dia 25 de Julho, daquêle ano. E foi uma delicia, ouvi-lo. Apesar de seus noventa anos de idade, então ainda incompletos, manifestou uma tenacidade e vivacidade de memória, surpreendentes sobretudo em tôrno de fatos mais recuados. Quem nos ouvisse, de logo me identificaria na condição de aluno, todo atenção à exposição do mestre autorizado. A tantas, habilmente encaminhei a frutuosa palestra para o assunto—Padre Cicero e os milagres do Juazeiro. A traços rapidos, seguros e substanciais, Cônego Climerio traçou-lhe a crônica, percorrendo com precisão e desembaraço.

Foi por ocasião desse encontro, que se prolongou das 7 às 10,30 da manhã daquele dia, que interpelei o ilustre e ilustrado Cônego Climerio a propósito da casa em que, na então vila do Crato, teria nascido o Padre Cicero. Sua resposta pronta e categorica: «Minha tia paterna, Missias Correia de Macedo, cortou o cordão umbilical do Padre Cicero numa casa que foi substi-

tuida pelo palácio de d. Francisco». (Referia-se ao Palácio Episcopal construído por D. Francisco de Assis Pires, bispo resignatário desta Diocese.)

É corrente que, no chão em que se ergue aquele Palácio, havia de fato uma casa, que foi cenário por exemplo da recepção do Padre Cicero quando chegou do Seminário de Fortaleza ordenado sacerdote pelos meados de 1870, bem como das festas que envolveram a celebração de sua primeira missa. É certo por igual, que a dita casa pertenceu ao major João Bispo Xavier Sobreira, nascido, 12.8.1841, falecido, 16.6.1908, datas gravadas na lápide de seu túmulo no cemitério desta cidade. Com sua morte a dita casa passou à viuva, d. Jovita Maria da Conceição. Seus herdeiros venderam a casa a esta diocese.

Dona Fantina Amelia de Menezes, filha do falecido deputado estadual Aristides Ferreira de Menezes, (foi adepto político do coronel Belem) e de sua mulher, D. Ana Leopoldina Maia; tia afim do odontólogo local, Gutemberg Sobreira de Menezes, neto do citado João Bispo Xavier Sobreira—assegura por ter ouvido dos lábios de sua mãe, que o Padre Cicero nasceu na dita casa e, nela, festejou a celebração de sua primeira missa. Da primeira versão é também portadora d. Maria do Carmo viuva do cel. Pedro Augusto Pequeno e sogra do jornalista e escritor José de Figueiredo Filho, atual presidente do Instituto Cultural do Cariri. A versão ouviu-a, d. Maria do Carmo, de sua sogra Ana Rita Pequeno, nascida em 1825 e chegada a esta terra ainda no verdor dos anos, tendo se casado com João Vitorino Gomes Leitão, irmão do padre Bernardino Gomes Leitão. Retem a mesma versão, Raimunda Francisca de Jesus. «Bubú», nascida em 1866, mulata de estilo de classe, mãe adotiva da Professora diplomada, Antonia Simões, com quem vive. Ela sempre ouviu dizer que o Padre Cicero nasceu «naquela casa que foi do Major João Bispo» nome vulgar do referido Major João Bispo Xavier Sobreira.

Pelo visto, não é isolada a informação prestada ao Conego Climério por sua tia. Confirmam-nas hoje ainda, fontes diferentes, em significativas convergências.

Eis, pois, uma tradição cimentada à prova do tempo.

### Versão de «Teresa do Padre»

Acontece que há outra versão que aponta o Padre Cicero como tendo nascido à rua atualmente denominada Dr. Lima Verde, à sombra da casa que pertenceu ao coronel Pedro Pinheiro Bezerra de Menezes e se transmitiu a sua viuva que a dividiu em duas, há poucos anos, numa das quais funciona a agência local do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos

Comerciários.

Trata-se duma conclusão a que chegou o saudoso primeiro Presidente do Instituto Cultural do Cariri, Irineu Nogueira Pinheiro, depois de ouvir a preta Teresa — também conhecida na vizinha cidade do Juazeiro, por «Teresa do Padre», escrava, que foi, do Padre Cicero, que a apanhou no curso de sua vida de sacerdote, pois não a herdou, como se vê do inventário de seu pai, e era ela metade em anos do que êle.

No afan de ilustrar a efeméride do nascimento do Padre Cicero para o seu livro «Efemérides do Cariri» — ainda inédito mas já a caminho de impressão — Irineu Pinheiro não se advertiu quando interpelou «Teresa do Padre», de que ela já começava a mergulhar no crepúsculo da própria memória, cuja desintegração começara. Pois eu também conversei-a, vezes muitas, sobre seu falecido senhor — a quem chamava «senhorzinho». E o fiz em casa do então vigário de Juazeiro, o já hoje falecido monsenhor Joviniano Barreto, a quem «Teresa do Padre» muito estimava, no que era correspondida. Do que ela me transmitira, temi aproveitar qualquer coisa pois a memória lhe ondulava a qualquer passo. Exemplo: Disse-me que o Padre Cicero fora o segundo dos tres filhos que a mãe tivera. Para testar-lhe a memória, que não me parecia exata, inquiri-a sobre aquella afirmação noutra oportunidade. Resposta: «Parece que Senhõzinho foi o segundo filho de dona Quinoa.» Volvidos uns meses reateiquei o assunto: «Não tenho bem certeza».

Do confronto da versão de «Teresa do Padre» e da que se lhe contrapõe, isto é, da «co-parteira do Padre», ressalta que a segunda sobrepunha-se à primeira, embora não fique derivada a questão sob o angulo da Ciência Histórica, cuja lei é o imprevisto.

Por isto foi prematura a tentativa, felizmente não consumada, que se fez para, apôr, oficialmente, uma placa em determinada casa citadina em que teria nascido o Padre Cicero, placa indicativa deste importante evento. Tentativa atribuida a suposta inspiração do Instituto Cultural do Cariri, que não poderia ter dado, como não deu semelhante passo num assunto que não recebeu ainda a sentença decisiva do tribunal da história.

Quando Joaquim Romão Batista Mirabeau (Mirabeau—conforme está no registro de Batismo do Padre Cicero) faleceu, 1862, estava no dominio, posse e uso pacificos duma das melhores casas desta cidade, sita na então rua da Pedra Lavrada, depois mudada para Pedro Segundo, pelo preço do inventário foi avaliada em 200\$000 mil reis.

Veja-se como a questão se complica.

Pe. A. G. A.

*N. R. As opiniões colhidas pelo correspondente do «O POVO», em Juazeiro do Norte— Sr. Walter Barbosa, entre os Srs. Bruno de Alencar Peixoto e Odilio de Figueiredo, vieram fortalecer a versão que dá o local onde está o Palacio Episcopal, como a casa onde veio à luz, o Padre Cicero Romão Batista.*

*Ditos depoimentos foram publicados naquele conceituado e bem difundido vespertino fortalezense*

## CONVITE AO INSTITUTO

Crato, 22 de novembro de 1959

Prezado Senhor:

O dia 6 de dezembro próximo, aniversário de Sagração Episcopal do Exmo. Sr. Dom Francisco de Assis Pires, será o dia da gratidão de toda a Diocese para com o seu estremecido Pastor.

As 9 horas, será celebrada Missa Solene com Assistência Pontifical, na Sé Catedral.

Temos por isto, a grata satisfação de convidar V. Excia. e a Instituição que dirige, para estas solenidades, principalmente para a da tarde, quando as distintas Autoridades e Delegações poderão assistir ao desfile, ao lado do Palanque, na Praça da Sé.

Permitimo-nos, outrossim, de sugerir se telegrafasse a S. Excia. num testemunho de apreço, que daria maior fulgor à homenagem, com a leitura dessas mensagens, antes das aclamações finais.

O sentido de nossa manifestação será prestar um preito de amor e gratidão, bem como pedir eloquentemente, em nome de todo o povo, digno-se S. Excia. de permanecer conosco até o fim dos seus dias.

Certo de sua simpatia e adesão, subscrevemo-nos Servo em Jesus Cristo

Pe. Rubens Lóssio

Cura da Catedral

N.—O I.C.C. fêz-se representar naquelas justas homenagens.

# «Itaytera» no Estado do Rio

Abrimos espaço hoje para apresentar trabalho sôbre município fluminense, bem de longe, já nas fronteiras do Espírito Santo. Como é que nós do I. C. C., com programa quase que estritamente regional, iremos focalizar trecho do estado do Rio? Tudo isso é consequência do poder de penetração de «ITAYTERA». Conquistou-nos esta revista numerosos amigos, no sul e norte do país. Em bom Jesus do Itabapoana, em Bagé, no Rio Grande do Sul, no Rio, em S. Paulo e em Porto Alegre, no Clube Nordestino. O deputado paranaense, de Londrina—Hugo Cabral, por ter lido «ITAYTERA», por duas vezes deu-nos subvenção da quota que tinha direito, como representante de Paraná, no Palacio Tiradentes.

Pedro Gonçalves Dutra é farmacêutico, estabelecido em Bom Jesus de Itabapoana, bem perto da terra capichaba. É fluminense, procedente dos fundadores daquela prospera e bonita cidade. Tomou-se de amor a Crato que não conhece pessoalmente porque apenas o conheceu espiritualmente, através das páginas de «ITAYTERA».

Agora enviou-nos colaboração sobre sua terra, para que o cratense e o cearense possam conhece-la e assim mais firmar seu amor pelo Brasil em geral.

## MUNICIPIO DE BOM JESUS DE ITABAPOANA R. J.

*Especialmente para «ITAYTERA»*

**Escreve—Pedro Gonçalves Dutra**

*A memoria de minha mãe, filha de um dos construtores da grandeza de Bom Jesus e tambem participante daquela obra de pioneirismo. (1)*

Acha-se o município de Bom Jesus do Itabapoana localizado no extremo norte do Estado do Rio, às margens do rio

Itapapoana que, em toda sua extensão, serve de limite entre o território fluminense e o Estado do Espírito Santo.

A evolução do núcleo de população onde se acha engravada a cidade, têm início, quando aqui aportou Antonio José da Silva Nenem, oriundo da então Província de Minas Gerais, começando assim o desenvolvimento do antigo Arraial do Bom Jesus do Itabapoana, em terras do município de Campos.

Só no advento da República, o Governador do Estado—Francisco Portella criou este Município. Teve, porém, vida muito efêmera, pois, dois anos mais tarde, foi cassada sua autonomia, passando a fazer parte do município de Itaperuna, do qual definitivamente se emancipou, em 1939.

Muitos vultos se destacaram na luta pelo engrandecimento de Bom Jesus, quando na simples condição de destrito entre os quais: João Catarina, Francisco Teixeira de Oliveira, Dr. Jerônimo Batista Tavares, médico que fazia da medicina verdadeiro sacerdócio e o Farmacêutico Pedro Gonçalves da Silva, avô do signatário desta nota. Oriundo de Campos, em 1880, adquiriu a Farmácia Normal, de Bom Jesus, pela quantia de quatro contos de reis, incluindo moveis e utensílios. Ainda hoje o estabelecimento funciona sob a orientação de seu genro, meu pai—Antonio de Sousa Dutra, com a minha coadjuvação.

O primeiro dirigente da comuna foi o Prefeito Snr. José de Oliveira Borges, ótimo administrador e cidadão de princípios rígidos. Voltou a dirigir o município, entre 1955 e 1959. Exerceu o mandato de deputado estadual na legislatura de 1947 a 1950. O atual prefeito é o Snr Gauthier Pontes de Figueiredo que já ocupou identico cargo, no período de 1950 a 1954.

A atual Câmara Municipal compõe-se de 13 vereadores, sendo 6 do P. T. B., 5 do P. S. D. e 2 do P. D. C.

Representaram, com galhardia, o Município na Assembléia Legislativa: o deputado Dr. José Vieira, médico conterrâneo, muito estimado na zona; o Dr. Emanuel Pereira das Neves, advogado dos mais brilhantes, e agora é nosso representante o lider petebista local—Snr. Tito Nunes da Silva.

O atual governo do Estado do Rio é ocupado pelo ilustre filho de Bom Jesus—ROBERTO SILVEIRA que executa grandes obras no Município, entre as quais a construção da usina hidrelétrica, na Cachoeira do Inferno (Rio Itapapoana) e asfaltamento das rodovias que nos ligam aos grandes centros do país.

Dois possantes e confortáveis unibus unem-nos diariamente com Niteroi, um partindo as 5,30 e o outro ás 20 horas Há outro que nos liga á Capital Federal, saindo da cidade ás 12 horas. A imprensa é bem evoluída aqui. Possuímos dois jor.-

nais de feição moderna: «A VOZ DO POVO», órgão lider do jornalismo no norte do Estado e o «O NORTE FLUMINENSE».

Há, na cidade, dois excelentes ginásios, o RIO BRANCO e o ZÉLIO GIGNER, 6 médicos, 8 farmácias, vários hotéis, ótimo e bem montado Hospital, um clube social—o AEREO CLUBE, boa orquestra feminina e excelente Banda de Música.

Em síntese, isso é BOM JESUS DO ITABAPOANA, sentinela avançada da terra fluminense, na fronteira do Espírito Santo. Está em plena ascensão. Seu futuro será dos mais risinhos, dada á sua posição geográfica, centro de zona importante e de suas imensas possibilidades economicas. Bom Jesus, Setembro de 1959.

(1) A genitora do Snr. Pedro Gonçalves Dutra, autor do presente trabalho, chamava-se D. Alice Gonçalves Dutra, tendo falecido, em Bom Jesus, a 4 de Julho do corrente ano, Filha do Cel. Pedro Gonçalves da Silva, dos fundadores da grandeza daquela cidade fluminense, também tomou ela parte na formação daquele importante núcleo de civilização que é hoje honra e gloria do Estado do Rio. Era casada com o farmacêutico Antonio de Sousa Dutra que ainda vive e trabalha, apesar de avançada idade. Seu enterro foi dos mais concorridos que já houve, em Bom Jesus., merce da estima geral que gozava pelos dotes aprimorados de espirito e coração. Deixou os filhos—Farmaceutico Pedro Gonçalves Dutra, Professora Maria Aparecida Dutra Viestel, esposa do Snr. Raymar Viestel e Professora Lúcia Gonçalves Dutra de Oliveira, esposa do Snr. Luiz Teixeira de Oliveira. Notas colhidas na «A VOZ DO POVO»).

---

Atas da antiga Camara Municipal de Crato.  
Copiadas no Instituto do Ceará pelo Dr. Jefferson  
de Albuquerque e Sousa. (Continuação do numero anterior)

7 de Junho de 1822

N'esta foi eleito para louvado da divisão dos terrenos da villa do Jardim a Joaquim Ferreira Pinheiro que será notificada.

28 de Agosto de 1822

N'esta officiarão ao capitão-mór de ordenança José Pereira Filgueiras e ao coronel Leandro Bezerra Monteiro para vi-rem presidir n'esta villa e unirem-se á mesma camara para lhe pedirem sobre o partido faccioso que se julga está e se está fazendo aos povos.

# — A DESCIDA DA MONTANHA —

=====*Alacoque Sampaio*=====

A multidão acompanhava o Mestre  
 Naquela tarde azul—avermelhada,  
 Revestida da luz do sol poente...  
 Era o ocaso uma fogueira ardente!...  
 Feliz, aquele povo regressava

Do cimo verdejante da montanha,  
 Trazendo nalma novas esperanças  
 E a paz que pressuroso ali buscava.  
 Naquela tarde amena e colorida,  
 Jesus pregou as Bemaventuranças,  
 O mais belo sermão de sua vida...  
 O sermão do amor e da bondade.  
 Da recompensa àqueles que são seus;  
 Um monumento à felicidade  
 Erguido desde a terra até os Céus!  
 Foram oito sentenças de Jesus,  
 Tão ricas de ciencia e de beleza  
 Que toda se curava a natureza  
 E os astros derramavam rosea luz!

Já, no tôpo sombrio da montanha  
 Ouintes, um a um, se dispersaram:  
 Agora, só o Mestre e os discípulos  
 Por momentos ainda ali ficaram.  
 Jesus olhara os doze, com firmeza,  
 Impondo-lhe a graça da renuncia!...  
 Fitando-os com o olhar grave e profundo  
 Assim sentenciou-lhes com clareza  
 «Vós sois o sal da terra, a luz do mundo»!...  
 O silêncio reinou por uns instantes;  
 Faltou a voz àqueles circunstantes...  
 Havia o que falar mas não poderam  
 Estavam repassados de emoção!...  
 Jesus a eles explicou então:

O sal é necessario sobre a terra  
 Pa'ra salva-la da corrupção  
 E vós sereis por toda a terra o sal  
 Pregando o bem e combatendo o mal.  
 Sereis o bom exemplo e a bondade,  
 O sal que afugenta e que soterra  
 Os germes da malicia e crueldade!...  
 Do mundo vós sereis perene luz,

Aos homens ensinando o bom caminho,  
 Guiando-os com destreza e com carinho!  
 A lei da caridade, a lei do amor.  
 Fareis por espalhar em todo o mundo,  
 Tal como o sol que doira a terra inteira  
 Com o seu calor intenso e tão fecundo!  
 Enfim, ó pioneiro da verdade,  
 Exultai e alegrai-vos no Senhor,  
 Que a vossa luz no céu há de brilhar!...  
 Mostrai a vossa fé, vosso valor!...  
 Naquela tarde, cinza, que morria,  
 Uma estrela no céu aparecia...  
 Jesus continuava o seu caminho  
 E os doze seguiam seu cessar;  
 Não havia fadigas, sem espinho!..

Sacerdotes! ouvistes a sentença,  
 Grandiosa sentença de Jesus?!...  
 Ouvistes, retomados, de emoção  
 A voz do Cristo que morreu na Cruz?!  
 «Vós sois o sal da terra a luz do mundo»..  
 Oh! sacerdotes, servos do Senhor!  
 Trazeis a paz, a luz, a fé o amor,  
 Trazeis o sal à terra, a nós perdão!...  
 Por toda a parte ó Mestres dedicados,  
 Nós, somos, sim por vós iluminados!...  
 Nos mares ruidosos, encrespados,  
 Nas selvas, nas planícies, nas searas  
 Desde a montanha ao vale mais profundo  
 «Vós sois o sal da terra a luz do mundo»

# KACILDO

F. S. N.

Poucas cidades do interior cearense tiveram vida intelectual tão ativa, quanto a simpática e histórica cidade do Crato. Então, na seara do periodismo, o seu labor foi bem expressivo, em cento e quatro anos de uma imprensa fragmentada pela meteórica existência de uns 170 jornais, ali publicados. Nomes dos mais ilustres glorificaram o seu jornalismo, valendo citar, entre os mortos, João Brígido dos Santos, seu imortal fundador, José Joaquim Teles Marrocos (o químico dos milagres de Maria de Araújo), Felon Bomilcar da Cunha, João Batista de Siqueira Cavalcanti (pai do fabuloso Teófilo Siqueira), Belisário Távora, Soriano de Albuquerque, Manoel Peixoto de Alencar, e dentre os que estão a brilhar em diferentes campos do pensamento: Elias Siqueira, Figueiredo Filho, Martins d'Alvarez, Pedro Felício, Martins Filho, Fran Martins, José Newton Alves de Sousa, e tantos outros.

Kalcido Dantas Laranjeira, que tem um lugarzinho na história literária do Crato, pertenceu à plêiade dos jovens idealistas cratenses de 1920—1930, época em que pontificaram, na poesia e na prosa, Manoel Nobre, Pedro Felício, Martins Filho e o tarimbado jornalista José Alves de Figueiredo. A partir do aparecimento de «O CRISOL», órgão do Grêmio Araripe Junior, saído a lume em 1922, Kalcido se fez presente em quase todas as publicações desse decênio, estando o seu nome a figurar, como redator, nos periodicos «A CLASSE», «O ALFINETE» e «A ÉPOCA», influenciado por Augusto dos Anjos, escreveu o soneto naturalista «O VERME» que hoje repugna a si próprio mas que ao estampá-lo nos idos de 1925, deu testemunho de que a fase do naturalismo brasileiro penetrou, como outras fases da nossa literatura, até os recessos da metropole do Cariri.

No meu convívio ao lado de Florival Matos, outra figura singular das letras cratenses, tive oportunidade de conversar muito sobre Kalcido Dantas, este apaixonado das belas coisas do pensamento, que se viu obrigado a quebrar a sua pena, quando encarando a realidade da vida, teve que lutar pela sua sobrevivência, nessa eterna Estrada de Tobacco, na humanizada expressão de Ereskine Caldwell. Como muitos filhos do Crato, que prestaram a sua contribuição ao periodismo da Princesa do Cariri, Kalcido Dantas viu-se forçado a abandonar

# POSSIBILIDADES ECONOMICAS DO CARIRI

---

Antonio de Alencar Araripe

*(Deputado Federal, pela U. D. N. do Ceará)*

Denomina-se Cariri a região cearense primitivamente povoada por tribo indígena de igual nome, localizada nas fronteiras com os Estados de Pernambuco, Piauí e Paraíba, e que compreende os seguintes municípios: Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha, Missão Velha, Jardim, Brejo Santo, Milagres, Mauriti, Caririassú, Santanópole e Araripe.

Segundo o censo demográfico de 1950, sua população em que se nota reduzido o coeficiente afro, é de 324.205 habitantes.

Predominou a influência de caráter religioso, com os fenômenos verificados em torno do padre Cicero Romão Batista,

---

as lides da imprensa indígena, não tendo tido, na sua retirada, a mesma felicidade de alguns dos seus contemporâneos, como Martins Filho, Martins d'Alvarez, José Sampaio de Macêdo, Fran Martins e Pedro Felício.

No primeiro encontro que tive, nesta capital, com o jovial Kacildo Dantas Laranjeira, disse-lhe da sua presença nos «SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DO JORNALISMO CRA-TENSE», trabalho que estampeei no terceiro número de «A PROVÍNCIA» e fiz sentir a minha admiração por êle e por todos aqueles que, vencendo tropeços inúmeros, contribuíram para a formação cultural da metrópole intelectual do Cariri. Mas Kacildo Dantas, vencido pelo saudossimo indefinível das nossas «Aves de Arribação», quis saber de tudo que ia pelo Crato, terra em que deixou plantado um pedaço de sua existência. E revendo pela imaginação a cidade dos sonhos, Kacildo fazia-me crêr que, realmente, «recordar é viver»!

Fort. Nov. 1959

de Juazeiro, no incremento demográfico ocorrido nos municípios em aprêço.

As migrações não se têm feito para a Amazônia, como outrora acontecia em outras zonas do Estado, e sim para o sul e centro oeste.

Aliás, cumpre atender a que ali não tem assumido exageradas proporções a sangria que experimenta a massa demográfica dos sertões nordestinos pela constante migração.

Se no Norte rareiam os que procedem das cercanias do chapadão do Araripe, também é certo que eles não avultam entre os que se transferem para outras paragens do país.

O clima nas montanhas (Araripe, Caririassú, Jardim) é suave, desce a 14 graus de maio a junho e permanece em 20 graus no estio.

Nas encostas o clima sobe a mais de 30 graus no período de maior elevação do termômetro,

O Cariri figura entre as áreas do Ceará de maior pluviosidade, pois a média anual das chuvas que ali caem se eleva a 1.000 milímetros.

Apontam-se a chapada do Araripe e o rio São Francisco como os dois fenômenos mais impressionantes do sertão.

São os seus dois maiores acidentes geográficos, os «exponentes máximos da natureza de toda a região».

Arrojado Lisboa classificou o Araripe entre o que há de «melhor entre os melhores trechos do Nordeste».

O Cariri localiza-se em suas encostas, que o envolve em semi-círculo. Forma um vasto planalto com 180 quilômetros de extensão, por 40 de largura média, composto de várias camadas de arenito e calcáreo.

A porosidade das terras constitui uma de suas especiais características. As águas das chuvas, que ali se precipitam, são imediatamente absorvidas.

Vasto campo de criação, «habitat», por excelência, do cultivo da mandioca, do abacaxi, da batata, da maniçoba. êsse chapadão oferece possibilidades a intensivo desenvolvimento de atividades agro-pecuárias.

O maior obstáculo às iniciativas nesse tocante—a falta de água, que jorra abundante em suas fraldas—tende a remover-se, com a abertura de poços artesianos, já iniciada com sucesso, e a construção de «barreiros».

São êstes os açudes das chapadas permeáveis e constam de uma escavação mais ou menos profunda de forma abaciada, impermeabilizada à força de malhos, ou do piso de gado.

O aproveitamento econômico do planalto requer:

a) a divisão em zonas de agricultura e criação;

b) a instalação de campos de experimentação agrícolas e pastoris;

c) o serviço permanente de reflorestamento.

É a serra do Araripe, escreve o jornalista Figueiredo Filho, o celeiro natural de farinha de mandioca de grande parte do interior do Nordeste.

A criação de gados à solta está contribuindo para que cada vez mais se reduza a capacidade desse celeiro, uma vez que a falta de madeiras necessárias à construção de cercas impede colocar os plantios ao abrigo da destruição.

Dai o recurso aos valados separando da zona agrícola a de criação.

Na administração do governador Estácio Coimbra houve em Pernambuco feliz iniciativa a esse respeito.

No Ceará recursos orçamentários têm-se pleiteado para providências em igual sentido.

Quem conhece o problema, por força repete conosco: não sendo possível reservar a serra somente para a criação, ou para a pecuária, impõe-se que essas atividades ali se exercitem em campos delimitados.

O vulto e a importância da produção, o caráter de sua circulação interestadual, tudo indica que à União cabe executar as medidas para que se mantenha e desenvolva o aludido celeiro de farinha de mandioca, produto básico da alimentação dos sertanejos.

O Araripe goza de clima ameno e é composto de terras devolutas, que com o uso de fertilizantes podem ser utilizadas vantajosamente para diversas espécies de cultivos agrícolas.

Há ali, ao que tudo indica, vasto e adequado campo de experimentação agro-pastoril.

As águas fluviais que caem na chapada infiltram-se pelas camadas arenosas até o calcáreo profundo, de onde deslisam formando as tradicionais fontes ou «nascentes» do Cariri.

Surgem em número avultado nos flancos da montanha a cerca de mais de 700 metros, e são utilizadas, mesmo quando ocorrem as longas estiagens, na irrigação de vasta sorte de terras.

Diverso é o fenomeno que se verifica no lado da serra correspondente ao território pernambucano, segundo observa o professor Vasconcelos Sobrinho:

«A serra, porém, é ingrata para Pernambuco, deixando escoar suas águas para as bandas do Ceará, (onde extensas planícies, as mais belas de todo o Nordeste, se beneficiam amplamente).

«Nesta várzea, presente do Araripe ao cearense, planta-se a cana de açúcar intensamente e a produção do arroz atin-

ge ao nível mais alto da região».

(«As regiões Naturais de Pernambuco», pag. 63).

Para se ter uma impressão dêsse contraste, é oportuno transcrever o que registra crônica recente do Secretário da Agricultura Gomes Maranhão, inserta na imprensa de Recife:

Estamos chegando do velho sertão, lá nos confins da serra do Araripe. Fomos ver de perto o drama daquela gente, os mistérios da natureza, castigando Pernambuco, do lado de cá da chapada, e beneficiando o Ceará, da banda de lá. Porque esta é a verdade...

«Depois de anotarmos as queixas, os apêlos dos nossos pobres conferrêneos, subimos a chapada, lado de Exú, atravessando-a para descer em Crato».

«No espaço apenas de uma hora e meia de viagem, de automovel, o ambiente muda cem por cento».

«Basta dizer que enquanto Araripina sofre de garganta sêca, aquela grande cidade cearense possui água encanada na maioria das casas, em abundância, e a sua luz também provém de energia captada ali proximo, nas cachoeiras existentes no sopê da serra. Sucedem-se, aqui, acolá, os engenhos de açúcar, apresentando extensos e viçosos canaviais, entrecortados de riachos perenes».

A exploração da cana de açúcar, possibilitada com a utilização das águas das aludidas fontes, constitui a base da vida econômica da região.

A mandioca, o arroz, o café, o feijão e o algodão entram como elementos subsidiários de sua riqueza.

Em 1941, o município de Crato contava 74 engenhos de ferro destinados ao fabrico de rapaduras, sendo 29 movidos a vapor, 5 por água e 40 a bois.

Hoje o número de engenhos, e dos que são tangidos a vapor, alcançam maiores cifras.

A produção de rapaduras (pêso médio, por unidade, 850 gramas) anda por cêrca de 100 mil cargas (cada carga contém 100 rapaduras).

Em tôda a região, de certo ela excede de 300 mil cargas.

Cumprê atender a que as atividades agrícolas constituem a principal preocupação de cêrca de 80% das populações do vale do Cariri.

O engenheiro Carlos Gomes Filho traça aspectos dêsse «Seio de Abraão», em artigo cujos tópicos seguintes são dignos de ser rememorados, quando se procura fixar uma noção de suas grandes possibilidades:

«As fontes naturais que brotam nas fraldas da chapada alimentam vasta área de cultura e pastagens e abastecem a po-

pulação de Crato de água pura e cristalina».

«Para que se tenha uma idéia das águas acumuladas no Araripe, basta ter em conta que se considerarmos, num cálculo pessimista, que tal serra tenha o comprimento de 100 quilômetros por 20 de largura, tomando-se ainda para a terceira dimensão uma lâmina d'água de 1 metro, veremos que o volume d'água armazenado na chapada e isento de evaporação é:  $10.000 \times 20.000 = 2.000.000.000 \text{ m}^3$ !! Dois bilhões de metros cúbicos d'água, ou seja um volume maior do que a Baía de Guanabara, calculada aproximadamente, em um bilhão, setecentos e cinquenta milhões de metros cúbicos.

«Assim, as águas que rebentam das fraldas e a meio da encosta da serra tornam algumas centenas de milhares de hectares de terras ao norte e ao nordeste da mesma, conhecida como CARIRI, muito férteis e fecundas para tôda a cultura e a pecuária.

«Nas encostas do chapadão tem o café seu «optimum biológico» e nos recôncavos, em forma de anfiteatro, observam-se culturas de cereais em larga escala, engenho de açúcar, fazendas com criação de gado, etc...

«Ninguém põe em dúvida a superioridade do Cariri como solo prodigalizador de benefícios aos seus felizes moradores, tal é a fascinação que a sua ubérrima terra exerce sobre o sertanejo das imediações, que nas quadras das sêcas ali vão pedir subsistências recusadas pelo sertão».

A irrigação com as águas das fontes ainda se realiza mediante as «levadas», simples condutos cavados no solo, que absorve grande parte do liquido precioso.

Projeto de lei que apresentamos á Câmara (nº. 337-A-51) destina-se a obter recursos para a construção de um sistema de canais destinados a realizar a racional distribuição dessas águas.

O geólogo Euzébio de Oliveira, em precioso estudo sobre a chapada do Araripe e suas águas alude a êsse «sistema primitivo de irrigação», correspondente a «processos que deviam ter sido usados por Adão» e demonstra a possibilidade da criação de fontes artificiais, tão abundantes quanto as naturais, as quais sustentariam usinas de energia e tornariam os sertões circunvizinhos» um centro agrícola de primeira ordem, com imensa produção».

A forma pela qual se «molham», isto é, se irrigam artificialmente as terras, no Cariri, está bem descrita nesta passagem de autorizado trabalho sobre a região:

«Os sítios dos «Brejos», com as suas terras planas, são lavados naturalmente pelas águas oriundas das nascentes da

chapada.

Os dos «pés-de-serra» precisam de ser molhados.

Na levada vinda diretamente das fontes sopedâneas do Araripe fazem os agricultores, aqui e ali, cada qual em seu sítio, umas pequenas aberturas chamadas sangradouros ou «ladrões», pelos quais se escôa determinada quantidade de água distribuída, à enxada, em inúmeros regozinhos, pelas terras que se desejam irrigar».

(«O Cariri», do dr. Irineu Pinheiro, pág. 57).

O aproveitamento das quedas d'água, uma das quais, a da Batateira, mede de descarga 400 litros por segundo, para a produção de energia, é problema que mal foi afluído, com a instalação de pequena turbina, que serve á iluminação de Crato.

Havendo mais de 100 fontes, que se desprendem dos sopés do Araripe, está claro que um sistema geral de aproveitamento hidráulico deve figurar entre as providências que o progresso econômico da região reclama.

O Cariri esteve sempre excluído das providências relativas ao combate aos efeitos das sêcas.

Não foi incluído no programa rodoviário, manteve-se fora das cogitações em matéria de açudagem, nunca se cuidou do racional aproveitamento das fontes perenes, das terras úmidas, dos extensos e fertilíssimos baixios, que possui.

A serra do Araripe, com a sua manifesta capacidade de grande centro de produção agrícola e pastoril, continua desafiando as atividades oficiais para atingir os objetivos a que se presta.

Se a região em parte tem a sua produção garantida, mesmo quando ocorrem as sêcas, logo concluíam os técnicos da administração pública que deveria ser excluída da área onde seriam empregados os recursos destinados ás obras e serviços do respectivo combate.

As terras beneficiadas com a irrigação das águas das fontes, — mesmo porque aquela se realiza, como vimos, por processo rotineiro, — representam parcela reduzida do território da região.

Fora do raio de ação das ditas águas, isto é, dos pés-de-serra e brejos, o território caririense sofre os efeitos da calamidade climática em todo o seu rigor

Se dispõe de maior densidade de população e abastece os sertões circunvizinhos, caber-lhe-ia a prioridade nos planos de viação.

A qualidade excepcional de suas terras, os vastos baixios que ali se contam, estendendo-se às vèzes por dezenas de quilômetros, a elevada pluviosidade, a dedicação aos trabalhos

agrícolas de vultosa percentagem dos seus habitantes, tudo nomeia o Cariri como um dos recantos do Nordeste em que o armazenamento de água por meio da açudagem é capaz de produzir melhores resultados.

Quem visita as áreas onde estão sendo construídos os açudes «Latão», no município de Santanópolis, «Quixabinha», em Mauriti, e a que deve ser beneficiada pelo «Atalho», estudado em Brejo Santo, por força, conclui que em nenhum outro local da região do polígono das secas se pode realizar com maior vantagem o aproveitamento de águas represadas.

A esse respeito, as vantagens que também oferece o vale dos CARÁS — planície de terras de aluvião que se estende cerca de 60 quilômetros pelos municípios de Crato, Juazeiro do Norte e Missão Velha — são inestimáveis.

Aproveite-se-lhe o riquíssimo lençol freático, retenham as águas dos seus maiores afluentes, dotem-no de barragens subterrâneas e submersas, tornem possível, enfim, um serviço de irrigação, que assegure o êxito dos habituais cultivos agrícolas, e os CARÁS certamente se transformarão na mais sólida fonte de enriquecimento das populações sul-cearenses.

É oportuno focalizar as riquezas do Cariri em calcáreo, gesso e xisto betuminoso.

As áreas de calcáreo do sul do Ceará, opina o geólogo FROIS ABREU, «têm uma fertilidade acima do normal».

As análises do calcáreo e do gesso mostram a sua superioridade como elementos a serem aproveitados na fabricação de cimento.

Coube-nos a iniciativa de recursos obtidos para que técnicos do Ministério da Agricultura procedessem a estudos, que concluíssem pela possibilidade de instalação de uma fábrica de cimento no município de Crato.

A existência de abundantes matérias-primas, o mercado consumidor certo (Ceará, Piauí, e sertões de vários outros Estados limítrofes) tudo indica que no Cariri dentro de próximos anos se sediará uma indústria dessa natureza.

Nesse tocante serão elementos decisivos a energia de Paulo Afonso, cujas linhas se estenderá até o sul do Ceará, e a execução de plano rodoviário regional, compreendendo as ligações: Crato-Petrolina, Jardim-Jati-Maniçobal, Campos-Santanópolis-Assaré, Quixadá, Várzea-Alegre-Cedro-Ícô.

Cumpra enfim, considerar que o sr. Presidente da República, em Mensagem dirigida ao Congresso Nacional, [reproduzindo conceito emitido anteriormente, reconhece haver no Nordeste, «regiões que estão a exigir maior soma de trabalhos e cuidados», entre as quais situa o Cariri.

## ATAS DA ANTIGA...

*Continuação da pág. 147*

### 31 de Agosto de 1822

N'esta foi aberto um officio da camara das Lavras e para se entrar no conhecimento do mesmo mandaram convocar os cidadãos d'esta villa, abaixo declarados (11 individuos que assignaram).

### 1 de Setembro de 1822

...onde se achava a camara presidida pelo corregedor da comarca e mais auctoridades e cidadãos abaixo assignados, para effeito de se tratar com parecer de todos sobre o cumprimento de um decreto de S. A. R. tendente á divisão do Brasil.

N'esta foi decidido por voto geral que se devia cumprir o decreto de S. Alteza Real independente de mais nada e que se procedessem logo ás eleições de parochia na fórma do decreto para não retardar de modo algum o fim a que ellas se dirigem e vermos mui depressa ao lado de S. A. R. os deputados d'esta provincia, para alli se tratar quanto antes os negocios tendentes á prosperiedade e felicidade do Brasil, e que destinava o dia 7 do corrente, precedendo-se editaes e aviso ao reverendo porocho (Vicente José Pereira) para ficar certo na parte que toca, etc.

Assignaram 31 individuos entre os quaes Tristão, padre Vicente, Filgueiras, Amancio, Leandro Bezerra, José Victoriano, Cardoso, etc., com o ouvidor Lago.

### 9 de Setembro de 1822

N'esta accordaram em officiar ao tenente commandante do destacamento para se retirar em razão de ser suspeito á causa, ficando o sargento commandando o destacamento, offi-ciando-se ao dito sargento para ficar comandando o destacamento.

N'esta se deu parte aos Srs. da junta do governo do procedimento do dito tenente.

### 20 de Setembro de 1822

N'esta accordaram em se officiar a S. A. R. dando-lhe parte de todo o acontecido e opposições á seus reaes decretos de 1 a 3 de junho do corrente anno n'esta provincia.

N'esta accordaram em officiar ao tenente Manoel Antonio Diniz, perguntando-lhe a causa das atuaes patrulhas e alvoroço da villa do Icó, onde elle se acha commandando o destacamento.

# O DIREITO NO ANTIGO TESTAMENTO

Valdetário Pinheiro Mota

*Juazeiro, Ce.*

Em trabalho anterior que, a despeito de sua modéstia, mereceu publicação na «Revista Forense» do Rio de Janeiro (vol. CXVII, de 1948, pag. 619 a 621), mostrámos que a Bíblia é abundante fonte do Direito e comentámos que o Novo Testamento contém sentenças e prescrições que passaram à legislação dos povos quase com as mesmas expressões.

No jornal «O Nordeste» de Fortaleza, edições de 14 e 15 de maio de 1952, reunimos o que as Sagradas Escrituras conservam como justificativa da legítima defesa. Não foi esquecida a maravilhosa passagem do Mar Vermelho a pé enxuto pelos Israelitas seguida do sacrifício de milhares de egípcios, donde se tira a legitimidade da ação em defesa da liberdade.

João Monteiro, em sua tão invocada obra sobre o processo civil, disserta em torno da citação—chamamento inicial da parte a Juízo, advertindo que ninguém pode ser acionado sem ser citado, lembra que a primeira citação foi feita pelo Criador, quando interpelou o Pai da Humanidade por sua desobediência, achando-se oculto o infrator: «Adão, onde estás.» (Livro «Gênesis», capítulo III, versículo 9). Foi a primeira citação que se fez no mundo, diz o processualista. A segunda teria partido ainda do Padre Eterno, quando interrogou Caim que acabava de praticar o primeiro homicídio, aliás fraticídio, na terra: «Que fizeste». Só depois, foi proferida a terrível sentença. (Gênesis, cap. III, vers. 10).

Séculos depois, ouvimos Nicodemus responder aos que o mandaram prender a Cristo sem lhe conhecerem a responsabilidade: «Acaso a lei nova condena um homem antes de ouvir e inquirir o que fez?» (Evangelho de S. João, cap. VII, vers. 50).

A Justiça tem algo de divino e nem podia deixar de ser assim, porque recebemos de Deus o poder que exercemos na terra; esta verdade foi consagrada pelos legisladores brasileiros no preâmbulo de nossa Constituição.

A atual organização judiciária mantendo a instituição dos Juízos e dos Tribunais inspirou-se no que foi criado nos

primórdios da humanidade. Moisés foi juiz do seu povo e recebeu este consêlho: «Escolhe entre todo o povo homens capazes e «tementes a Deus, nos quais haja verdade, e que aborream a «a avareza; faz dêles tribunos e centuriões e chefes de cincoenta «e de dez homens, os quais julguem o povo em todo o tempo «e te dêem conta das coisas graves.» (Êxodo, cap. XVIII, vers. 22 e 22) Vê-se também na passagem transcrita, o prenúncio dos recursos. Ainda hoje o bom juiz deve amar a verdade e aborrecer a ganância para continuar merecendo a proteção divina: «Não dirás mal dos juizes.» (Êxodo, cap. XXII, vers. 28). Apon-ta-se esta outra recomendação: «Estabelecerás juizes e magistrados a todas as portas que o Senhor teu Deus te tiver dado em «cada uma das tribos para que julguem o povo com justo juízo, «sem se inclinarem para uma das partes. Não farás acepção de «pessoas, nem receberás dádivas, porque as dádivas cegam os «olhos dos sábios e transtornam as palavras dos justos.» (Deu-teronômio, cap. XVI, vers. 18 e 19).

Confrontaremos agora passagens do Antigo Testamento com disposições na legislação hodierna, numa linguagem acessiva aos leigos evitadas, para facilitar o entendimento do leitor, as abreviaturas usuais nos textos bíblicos.

Em vários ramos da ciência jurídica, certos dispositivos legais têm sua origem nas Letras Sagradas. Destacam-se duas dessas divisões.

## I - Direito Civil

A locação de coisas está regulada no 2º Livro do Antigo Testamento nêstes termos: «O que pedir ao seu próximo alguma dessas coisas (semoventes) e ela vier a estropiar-se ou «a morrer na ausência do dono, será obrigado a restituir. Mas, «se o dono se achar presente, não restituirá, principalmente se «a tinha tomado pagando o seu aluguer,» (cap. XXII, vers. 14). Presentemente, a matéria vem disciplinada nos arts. 1.188 e seguintes do Código Civil enquanto outros dispositivos tratam da indenização.

Ainda no Êxodo, está imposta a obrigação do dote em favor da donzela seduzida agravando a penalidade civil a falta do casamento. (Cap. XXII, vers. 16 e 17). O Código Civil Brasileiro assegura à mulher agravada na sua honra o direito de exigir dote, se o ofensor não reparar o mal pelo casamento. (Art. 1.548).

Em esquisita linguagem própria da época, é proibida a união com parentes próximos, como o pai, a mãe, a madrastra, a irmã, a sobrinha, a neta, a tia, a nora, a cunhada e a filha. (Levítico, cap. XVII, vers. 6 a 17, São restrições feitas direta-

mente aos homens, porque eles decidiam sobre o casamento. A nossa legislação impede de casar os ascendentes com os descendentes, os afins em linha reta, o adotante com o conjugue do adotado, êste com o cônjuge do adotante e os irmãos. (Cod. Civil, art. 183, ns. I a IV).

Nos artigos 68 e seguintes do Código do Processo Civil, encontram-se normas para obtenção da justiça gratuita, mas, além dêsse favor, nenhum privilégio gosa a parte pobre, como não deve influir no ânimo do julgador a situação de abastança do outro contendedor, porque, como preconiza a Constituição Federal, todos são iguais perante a lei, (art. 141, § 1º). Nas Sagradas Escrituras, já era recomendada a imparcialidade com estas palavras do Levítico: «Não atendas (por simpatia) à pessoa pobre, nem tenha respeito à cara do poderoso. Julga o teu próximo com justiça.» (Cap. XIX, vers. 15) Lembra-se ainda esta antiga recomendação sobre a igualdade: «Nenhuma distinção haverá de pessoas; ouvireis o pequeno como o grande. (Deuteronomio, cap. I, vers. 17)

O direito de remissão de um bem penhorado visa a manter íntegro o patrimônio de uma família e pode ser usado pelo executado ou por seus parentes mais próximos mencionados no parágrafo 1º do art. 986 do Cod. do Proc. Civil. Já trazia o Levítico esta regra: «Se o teu irmão empobrecido vender a sua pequena propriedade e o parente mais próximo quiser, pode remir o que o outro vendeu.» (Cap. XXV, vers 25).

O Senhor, conhecendo de uma reclamação das filhas de Salfaad, prescreveu, por intermédio de Moisés esta norma jurídica: «Quando algum homem morrer sem filhos, a herança passará para a sua filha; se não tiver filha, terá por sucessoras a seus irmãos; se seu não tiver também irmãos dareis a herança aos irmãos de seu pai; se não tiver tampouco tios paternos, a herança será dada aos parentes mais próximos.» (Livro dos Números, cap. XXVII, vers. 8—11). As filhas não estavam no mesmo pé de igualdade. Hoje, a sucessão é nesta ordem: descendentes, ascendentes, cônjuge sobrevivente e colaterais inclusive irmãos. (Cod. Civil, art. 1.603).

Bem interessante é o preceito contido no tópicico que se transcreve: «Não receberás por penhor a mó inferior e a superior, porque (o devedor) te deu por penhor a propria vida. (Deuteronomio, cap. XXIV, vers. 6). A proteção dos bens, coisas e utensilios indispensaveis à vida do devedor contra a cobrança executiva é bastante antiga, como registra Mateo Goldstein no livro «Derecho Hebreo através da la Biblia y el Talmud», (pags. 377 e 378).» Cada família tinha dois moinhos, onde moia cotidianamente, para obter a farinha de que fazia o pão; é por isso

que Moisés faz esta proibição, para evitar que ficassem privados de um objeto de primeira necessidade, cuja falta os reduziria à morte pela fome. Estes moinhos eram de braços, e ainda hoje são usados pelos árabes.» (Padre Antonio Pereira de Figueiredo—«Bíblia Sagrada», vol. II, pag. 230).

A lei atual manda excluir da penhora as provisões de comida, uma vaca leiteira e outros animais necessários à alimentação do devedor, os veículos dos funcionários públicos, os livros, máquinas, utensílios e instrumentos necessários ou úteis ao exercício de qualquer profissão, o prédio rural de valor igual ou inferior a dois mil cruzeiros e outros bens. (Cod. Processo Civil, art. 942).

No Livro de Tobias (cap. VIII, vers. 24), encontramos esta notícia: «E, de tudo que possuía, Raquel deu a metade a Tobias e declarou por escrito que a outra metade que restava passaria a Tobias depois da morte.» Temos, neste trecho, perfeita antevisão da doação e do testamento. De feito, o nosso Código Civil considera doação o contrato em que uma pessoa, por liberalidade, transfere do seu patrimônio, bens ou vantagens para o de outra, que os aceita (art. 1.165) e explica que testamento é o ato revogável pelo qual alguém dispõe, no todo ou em parte, do seu patrimônio para depois da morte, (art. 1.626).

Até mesmo o Direito Administrativo teve o seu advento consignado na Bíblia. Lê-se, no versículo 5 do capítulo XXIV do Deuteronomio: Quando um homem tiver tomado uma mulher há pouco tempo, não irá à guerra, nem se lhe imporá cargo algum público, mas estará descansado sem culpa em sua casa, afim de passar alegre um ano com sua mulher.» Expressão correlata é encontrada no art. 153, n. I, no Estatuto dos Funcionários Públicos Civis da União que, por motivo de casamento, permite ao funcionário faltar ao serviço até oito dias sem restrições de direitos ou vantagens.

## II - Direito Penal

Afirma-se com acerto que o primeiro Código ditado à humanidade foi o Decálogo—palavras do Senhor, com estas proibições entre outras: Não matarás, não cometerás adultério, não furtarás e não dirás falso testemunho contra teu próximo. (Êxodo, cap. XX, vers. 13 a 16). No Código Penal em vigor, encontram-se disposições correspondentes. De fato, é crime matar alguém (art. 121), cometer adultério (art. 240), furtar (art. 155), fazer afirmação falsa, como testemunha (art. 342).

Há previsão da tentativa, no versículo 12 do capítulo 21 do mesmo livro Êxodo: «O que ferir um homem, querendo

mata-lo, seja punido de morte.» Caracteriza-se a tentativa de homicídio com o começo da execução e a suspensão por motivo alheio à vontade do agente. (Cod Penal, art. 12, n. II)

Os feiticeiros deviam ser eliminados (Êxodo, cap. XXII, vers. 18). O mesmo Estatuto Punitivo impõe a pena de detenção a quem exerce o curandeirismo, usando gestos, palavras ou qualquer outro meio. (Art. 284, n. II). O espiritismo, a magia e seus sortilégios já eram catalogados entre os crimes na cada Consolidação das Leis Penais, (art. 157.)

É curioso registrar que a Bíblia previu também a relação de causalidade, na prática de atos delituosos. Efetivamente: «Se algum homem por ódio empurrar outro, ou lhe atirar com alguma coisa à traição ou, se sendo seu inimigo, o ferir com a mão e êle morrer, o percursor será réu de homicídio.» (Números, cap. XXXV, vers. 20 e 21). O Código Penal Brasileiro considera causa a ação ou omissão sem a qual o resultado não teria ocorrido. (Art. 11) Nos versículos seguintes do mesmo livro inspirado está disciplinado a pena que devia ser imposta aos que assim procediam involuntariamente, patricando—dizemos hoje, o delito culposos.

Encontram-se, igualmente, nos Livros Sagrados, disposições sobre a prova tesmunhal. Está escrito no Deuteronomio: «Não valerá contra alguém uma só testemunha, qualquer que for o delito ou o crime; mas, tudo será verificado sobre o depoimento de duas ou três testemunhas.» (Cap. XIX, vers. 15). Perdurou, por muito tempo, o principio *testis unus, testis nullus*: Uma só testemunha nenhuma. O processo penal não fixa mais o número das testemunhas, se não para alguns atos, mas a lei do processo civil diz que o juiz pode contentar-se com três depoimentos. (Art. 237)

A pena de multa conversível em prisão foi introduzida no 1º Livro de Esdras, cap. VII, ver. 26. Agora, paga multa ou vai para a cadeia quem abusa da liberdade de imprensa, viola correspondência, desacata funcionário público ou pratica outras infrações.

x x x x

Quase nada de novo temos e tal não é para admirar, porque, se Deus é a fonte da sabedoria, reconhece-se a origem da ciência nas letras de inspiração divina, que eram o Código do povo privilegiado e atravessaram as eras.

Como lembra Goldstein, há quasi trinta e cinco séculos a cultura humana se inspirou nêsse monumento imperecível, que é a Bíblia vencedora do efêmero e do passageiro e influente nas relações jurídicas da humanidade.

E podemos dizer como o desembargador Manuel Carlos

de Figueirêdo Ferraz, discursando em 1943, no Instituto dos Advogados Brasileiros: Não prevemos nem desejamos, de nenhum modo, a subversão do solo cultural, em cuja composição entram subsídios essenciais provindos do Direito Romano e do Cristianismo. A crosta sólida em que pisamos e vivemos é, toda ela, constituída da rocha do Calvário e das Colinas Romanas, tendo, de mistura, fragmentos de mármore do Pentélico, reflexões das revelações da beleza, que iluminaram a Grécia antiga.

---

### **GREMIO LITERÁRIO E CÍVICO JOSÉ DE ALEN- CAR NA HISTÓRIA DO DESENVOLVIMENTO CULTURAL DO CRATO**

---

Duas sociedades de natureza literária podem ser ressaltadas na formação cultural de Crato—o CLUBE ROMEIROS DO PORVIR, do começo do século e o Grêmio Literário e Cívico José de Alencar. Ambas serão focalizadas, em sua posição proeminente, na próxima obra—HISTÓRIA DA LITERATURA CRATENSE, ou nome mais ou menos semelhante, de autoria do jovem cronista Francisco S. Nascimento.

A segunda foi fundada na Associação dos Empregados do Comercio no Crato, a 15 de Novembro de 1927, por iniciativa do então presidente, daquela entidade—Snr. Ernesto Piancó. Foi incentivado por artigo na «A REGIÃO», de seu diretor Conego Manoel Feitosa, dos bons jornalistas do Crato de outrora, poeta e bom professor, já falecido. A iniciativa contou logo com o apoio decidido dos alunos da Escola de Comercio, funcionando daquela associação e com grandes serviços prestados à classe caixeiral.

Ao falar-se no Grêmio José de Alencar não se pode esquecer essa figura que o animou, por tantos anos e que ainda vibra só em ouvir em seu nome, o prof. Alvaro Madeira, já velhinho mas sempre idealista. Foi seu primeiro presidente e ainda hoje é o numen tutelar que o protege e o defende. A sociedade literária que preparou oradores, jornalistas e artistas, contou outros

# Descrição da Cidade do Crato em 1882 pelo Dr. Gustavo Horacio

(Com anotações pelo jornal Correio do Cariry)

Está situada a cidade do Crato em 7° 14', 2" de lat. meridional, 4°, 2' de long. oriental do meridiano do Rio de Janeiro, a 423. m, 910 sobre o nível do mar, entre os dous Montes—Barro-Vermelho o Grangeiro (hoje do Seminario). A cidade estende-se entre os dous montes em toda a sua largura (que é de cerca de 1 kilometro) e por mais de um kilometro de comprimento. As ruas são traçadas de S.S.O. a N.N E.

Ruas—São 11 as ruas principaes (traçadas de S.S.O. a N.N.E.); e vão marcadas na planta pela maneira seguinte:

- a — Rua de Santo Amaro
- b — « da Pedra Lavrada
- c — « das Laranjeiras
- d — « do Pisa
- e — « Formosa
- f — « Grande
- g — « do Fogo
- h — « da valla
- i — « da Boa-vista
- j — « Nova
- k — « do Matadouro (hoje Nova Olinda)

Travessas e beccos:

- I — do Cafundó
- II — da Caridade
- III — do Candeia
- IV — da Matriz
- V — do Sucupira
- VI — de S. Vicente
- VII — do Charuteiro
- VIII — do Cemiterio
- IX — da Ribeira Velha
- X — do Barro Vermelho
- XI — da California

- XII — do Pequiseiro  
 XIII — da Taboqueira  
 XIV — da Nova Olinda  
 XV — das Olarias  
 XVI — da Cadeia  
 XVII — do Pimenta

Praças:

- A — da Matriz  
 B — de S. Vicente  
 C — do Rosario  
 D — do Matadouro

Entre as ruas são mais bonitas e bem edificadas: a Pedra Lavrada, Lorangeiras, Formosa, Grande, Fogo e Valla; entre as travessas: a da Ribeira Velha, do Sucupira, do Charuteiro e da California; entre as praças: a da Matriz, S. Vicente e Rosario.

Existem na cidade: 1147 casas de telhas e 400 de palha e taipa; ao todo 1547; 20 sobrados; um Seminario; uma Casa de Caridade; 1 Recolhimento; 1 hospital; 6 igrejas; 1 cadeia e casa de camara; 1 theatro; 1 ponte; 2 pontilhões; 1 açude; 2 mercados; 3 cemiterios e 10 a 11 mil habitantes.

Predios — Os sobrados são de um só andar e construidos á moderna.

O Seminario foi construido em 1874 a 1875 por ordem de D. Luiz, 1º Bispo do Ceará, e funcionou até 1877 sendo então fechado por causa da secca. Teve sempre matricula de 50 a 60 alumnos. Tem 35 portas de frente; é de construção moderna e imponente.

Casa de Caridade — Construida em 1868 pelo Rvd. Dr. Ibiapina; é de boa construção e dentro de um sitio de fructeiras, proximo ao riacho Grangeiro (perenne). É a maior do Estado; tem 29 portas de frente. Já teve mais de cem pessoas, hoje são 84 as pessoas n'ella recolhidas. Existe na cidade um recolhimento de mulheres (a que chamam — Convento) de propriedade do Padre Manoel Felix de Moura; é uma casa particular, só se distinguindo das outras pelas numerosos cellas ou cubiculos em que está dividida. Já teve 50 e tantas pessoas, hoje terá 30 ao muito (Está na planta n° 20).

Igrejas — A Matriz (planta n° 7) é um grande e formoso templo; limpa, porem muito simples internamente. Tem uma só torre, onde está um bom relógio.

S. Vicente — Igreja de tamanho regular, boa construção, limpa, com uma só torre, de feia apparencia externa em vista da desproporcionalidade da torre com a frente. Tem um patrimonio, constante de um sitio de plantação de cannas chamado «S. Vi-

cente» e que tem rendido sempre 200\$000 réis annuaes (planta n° 10).

S. José—Egreja que divide o Seminario em duas partes iguaes; tem tres portas de frente; é a maior egreja da cidade e talvez do interior do Estado; limpa e de excellente construcção (planta n° 1).

S. Coração de Maria—Annexa á Casa de Caridade, pequena, porem muito limpa e ornada (planta n° 6).

N. S. dos Remedios—Pequena, limpa e sem ornamento algum; é annexa ao Cemiterio (planta n° 17).

S. Miguel—Grande, ainda não funciona, por estar em construcção. São dirigidas as obras d'esta egreja pela Irmandade das Almas (planta n° 15).

Egreja do Rosario (planta n° 12)—Esteve em começo de obras entre os annos de 1872; sendo abandonada, cahio em ruinas ficando apenas os alicerces que ainda vivem no lugar marcado na planta. A irmandade que a construiu (a do Rosario) ainda possui de patrimonio uma casa á rua da Valla.

Pontes:—ponte de S. José (planta n° 5) é de madeira, forte, foi construida em 1884 pelo revd. padre Felix de Moura. É a passagem obrigada das pessoas que se dirigem da cidade ao Seminário.

A da California é um pontilhão construida em 1879 por occasião da secca (planta n° 13); é de alvenaria e madeira.

A do Cemiterio é um pequeno passadiço de madeira (planta n° 16) de fraca construcção.

Mercados:—O mercado publico—é um quadrilatero (planta n° 11) com tres frentes de 11 portas cada uma, Por estar na continuação das ruas Grande e do Fogo, pelo lado do Sul, fica sem frente por esse lado.

Tem por isso somente tres frentes, 2 para ditas ruas e a 3ª. para a California. Este predio foi construido com o grande defeito de ficarem muito baixas as alpendradas internas, posto que externamente tenha muito boa altura, á moderna.

É de propriedade da Camara Municipal.

Açougue Publico:—Com 17 portas de frente. Construido entre as casas da rua Formosa (planta n° 4) só tem duas frentes, a da alludida rua e a da rua das Lorangeiras. Tem 32 talhos. É de melhor construcção e mais elegante que o mercado acima descripto. Os herdeiros do tenente coronel Joaquim Gomes de Mattos em 1890 contractaram a cessão deste mercado por 20 annos de goso de certos rendimentos, responsabilizando-se a Municipalidade para adqueril-o a obrigar todas as carnes destinadas ao consumo publico a serem ali expostas. Eis porque chamam a este predio—Açougue Publico.

**Cemiterios**—Cemiterio Publico. Grande, bem murado, com gradil de ferro na frente, tendo no meio a Igreja dos Remedios (já descripta); tres portas dão entrada—a do meio para a Igreja e a dos lados para a direita e esquerda.

Cemiterio de variolosos (planta nº) está em completo abandono, e os tumulos cahem continuamente.

Cemiterio de cholericos,—muito fóra da cidade para o lado do nordeste (por isto que fica fóra do perimetro da cidade não vai na planta), grande, bem murado mas abandonado.

**Casa da Camara** (planta nº)—Grande predio quadrangular assobradado. No andar superior funcionam a Camara Municipal, o Jury e outros Juizes e Tribunaes. Consta de 3 salões e duas salas menores, em uma das quaes ainda se vê a mesa sobre a qual foi lançada a sentença que condemnou á morte o coronel Joaquim Pinto Madeira em 1834. São os salões desnudado de toda ornamentação. No andar inferior estão as prisões que podem conter agglomerados uns cem reclusos, como já aconteceu ultimamente. Foi accrescentada com uma muralha pelo lado posterior, onde existem duas prisões para mulheres, e um saguão que serve de corpo de guarda. Foi principiada no tempo do Governador Sampaio e concluido o quarto e ultimo vão em 1883.

**Theatro** (planta nº)—Pertencente a uma associação particular, tem commodos sufficientes para a localidade e funciona regularmente. É como qualquer theatro de provincia.

**Paiol de polvora** (planta nº)—Edificio particular, construido com todas as cautellas e melhoramentos precisos para o fim a que é destinado.

**Hospital**—Está em começo de obras. É uma tentativa de distincto medico Dr. Marcos Rodrigues Madeira. Será construido por subscrição publica.

**Açude** (planta nº). Por ocasião da secca foi feito esse predio com o fim de represando as aguas do riacho Grangeiro, por meio de enchentes, molhar o brejo até Joaseiro (3 leguas), systema irrigação combinado com outro açude (tambem construido com soccorros publicos) no rio Batateira e que daria excelente resultado, mas que foi abandonado jazendo esse predio em ruinas no meio do riacho e com o tempo virá á anniquilar-se completamente.

**Feira**—Reune-se nas 2as. feiras de todas as semanas.—Até 2.500 cargas de generos de todas as qualidades se tem contado em uma feira do Crato. Geralmente as feiras regulam de 3 a 4.000 pessoas, mas nas grandes de Agosto a Dezembro reúnem-se até 6 a 8 mil. Enchem-se de povo commerciendo as praças de S. Vicente, do Rosario, a rua da California desde o

encontro da das Larangeiras até o encontro da rua da Valla, a rua Grande da Praça de S. Vicente até quasi a praça do Rosario, a Formosa, dessa praça até o encontro da California. É alem disso um dia de agitação em toda a cidade e nas estradas.

Não deve causar admiração o numero de cargas entradas em uma feira; por quanto na 2a. feira, 2 de Janeiro do corrente anno, retiraram-se da feira do Crato mais de 500 cargas de comboeiros de outros Estados, que não poderam carregar em vista da elevação das taxas pelo orçamento vigente, segundo consta de um boletim assignado pelo coronel Juvenal Pedroso, em 3 do mesmo mez, que correu impresso em todo o Estado.

População.—É de cerra de 11 mil habitantes a do perimetro da cidade. Pelo recenseamento de 1890 (31 de Dezembro) a população do municipio foi de 21:410 habitantes, sendo no districto da cidade de 13:449.

Districto da cidade.....	13:449
« do Lameiro ...	4:956
Districto do Joaseiro.....	2:245
« do Junco.....	760

21:410

Do districto da cidade são tirados 2:449 habitantes que moram nos suburbios, ficando a população urbana na razão de 11 mil pelo calculo de Malthus (7 habitantes por casa) assim o numero de casas da cidade de 1547 a população é de 10:829, ou 11 mil arredondando os numeros.

Em 1861 (Pompeu, Ens. Estatistico) a cidade do Crato tinha 550 casas, de telha e 600 de palha (e nos arredores outro tanto) ao todo 1150 casas, e consumia de 8 rezes diariamente, com uma população de 8 mil habitantes; hoje consome 11 a 12 rezes.

A população é composta de adventicios e naturaes do municipio. Estes foram oriundos de duas familias que dominavam-se **Porteiras e Corrente**, mas tal tem sido o entrelaçamento que raro é o individuo natural do Crato que não pertença a uma das duas familias, ou ás duas ao mesmo tempo. Predominam tambem os Alencares, depois os Limas, Macedos e t.c., mas hoje estão completamente lançadas na massa da população e as familias que se salientam pelo seu numero são: os Bezerra, Alves Pequeno, Maia, Gomes de Mattos, Lobos, Mellos, e outras tantas as quaes fazem parte das duas primitivas **Porteiras e Corrente** ou estão nellas entrelaçadas.

x x x x

NOTAS:—A rua do Matadouro permanece com o mesmo nome, não tendo sido aceita pelo povo a denominação de

de Nova Olinda. Igualmente aconteceu com a travessa do mesmo nome a que se tentou chamar de Nova Olinda.

Em Novembro de 1901 o Conselho Municipal de então resolveu mudar o nome da rua do Fogo para do dr. Nogueira Accioly e o da praça da Matriz para praça do dr. Pedro Borges.

O antigo becco do Sucupira é hoje conhecido geralmente por becco Escuro. A antiga travessa da Ribeira da Velha está tomada por casas.

O numero de casas da cidade se eleva a mais de 2 mil, sendo a maior parte de edificação a moderna, devendo-se este melhoramento aos dois grandes edificadores, o extinto coronel Raymundo Gomes de Mattos, de saudosa memoria, e dr. Candido Alves da Nobrega.

Dos 20 sobrados existentes em 1882 restam somente 10, tendo sido edificados mais 5, sendo 15 o total dos que ha presentemente

O açude e um dos pontilhões desapareceram por completo, e o outro ainda existe, porem muito estragado.

A ponte de S. José desabou com as cheias do riacho do Grangeiro, sendo reconstruida em 1902.

O Seminario, que foi reaberto depois d'aquella data, funcionou alguns annos com muita regularidade e grande frequência de alumnos, e foi por ordem do actual Bispo fechado novamente em 1898.

O citado Convento foi fechado com a retirada do Padre Manoel Felix desta cidade.

A Matriz pelos annos de 1897 a 1898 recebeu alguns melhoramentos, devidos aos esforços do Monsenhor Antonio Alexandrino de Alencar, que era vigario da freguezia n'aquelle tempo. Com a retirada deste digno sacerdote d'aqui, ficaram parados os trabalhos. Apresenta, entretanto, differente aspecto do primitivo, offerecendo grandes commodidades.

O plano da Igreja de S. Miguel não foi tambem terminado, estando concluida somente a parte principal, mas fucciona ha annos.

A Camara Municipal está concluindo um cemiterio novo, annexo ao cemiterio velho. Os dos cholericos e dos variolosos continuam abandonados.

Este ultimo está em completa ruina.

A casa da Camara recebeu esse anno passado alguns melhoramentos, pois já ameaçava desabar um dos seus lados. Apresenta agora alguma decencia.

Do theatro referido não existem mais nem vestigios. Existe um outro pequeno e sem commodos, á rua Grande sob

nº 84. Algumas companhias que apparecem por aqui preferem o salão do Club «Romeiros do Porvir» por ser mais ventilado.

O hospital não chegou a ser concluído. Existe, porem, um outro em começo, situado no cume do Alto do Barro Vermelho, principiado em 1898 pelo Rvd. Monsenhor Francisco Rodrigues Monteiro. Está concluída apenas a capella que devia ficar no centro dos diversos compartimentos destinados aos enfermos, de que dão idéa os alicerces.

O numero de habitantes do perimetro da cidade já é de cerca de 14 mil.

A população de todo o municipio já sobe a 33 mil conforme o recenseamento de 1900.

O numero de reses abatida diariamente para o consumo da cidade é de 15 a 20.

---

---

## MORRE O ESCRITOR

### GUSTAVO BARROSO

Justamente três meses após ter estado em Crato, faleceu na Capital da Republica, onde residia, o grande escritor Gustavo Barroso, cearense de renome internacional. O fato lutuoso para as letras nacionais ocorreu no dia 2 de Dezembro, no Hospital dos Servidores, depois de vários dias de doença. Nasceu no dia 29 de Dezembro de 1888, em Fortaleza, filho do casal—Filino Barroso e Ana Dodt Barroso, Estudou no Liceu do Ceará e bacharelou-se pela Faculdade de Direito, deste Estado, em 1911. Dedicou-se á carreira das letras, tendo publicado diversas obras que tornaram o seu nome de fama até mundial. Nunca esqueceu o Ceará que ocupa o centro de seu trabalho intelectual, nas diversas facetas de sua aprimorada inteligência.

Por duas vezes foi presidente da Academia Brasileira de Letras.

Entre os dias primeiro e dois de Setembro, do ano em curso, esteve no Cariri visitando os pontos principais de Crato e Juazeiro. Pronunciou bellissima e instrutiva conferencia na RÁDIO EDUCADORA DO CARIRI, sob os auspícios do Instituto Cultural do Cariri.

## GREMIO LITERÁRIO E CÍVICO JOSÉ DE...

*Conclusão da página 164*

hom dirigentes: Professora Raimunda Saraiva, Tomaz Osterne de Alencar e José Siebra de Oliveira. É seu atual presidente o Dr. José Sampaio de Lacerda, espirito jovem, inteligente e empreendedor, que injetou sangue novo na agremiação, que marcha aceleradamente para futuro risonho.

## ATAS DA ANTIGA COMARCA...

*Continuação*

28 de Setembro de 1822

N'esta foi aberto um officio aos Srs. eleitores de parochia em virtude do mesmo mandou o senado que viesse requerer o que pretendiam.

N'esta mesma se apresentaram os Srs. eleitores e fizeram ver que iam com grande risco para a villa do Icó ao procedimento da eleição dos Srs. deputados, uma vez que allí se achava o commandante Manoel Antonio Diniz, inimigo declarado da causa do Brasil, pelas muitas provas que tinha dado e que o mesmo commandante unido a uns poucos de europeus d'aquella villa, tambem inimigos da causa, era muito fativel fazer obstaculo ao cumprimento das eleições, e até com forças de armas a pretereria, e por isto requeriam que este senado officiasse ao do Icó para este lançar da dita villa o mencionado commandante, e que se assim não obrassem ou o dito commandante desobedesse, fizesse aviso para elles eleitores irem munidos de tropas sufficientes que os defenda dos despotismos d'aquelle dito commandante ou de outro da mesma natureza.

(Officiou-se á camara e ao juiz ordinario do Icó).

Assignaram 10 eleitores—Tristão, Pedro José de Carvalho, Antonio Ferreira Lima, Feliz Gomes de Mello, Manoel Francisco de Macedo, Vicente Amancio, David Ferreira do Espirito Santo, José Francisco Gouvêa de Ferraz, Francisco Mamedio dos Santos, Antonio Corrêa Lima; sem juntarem ao nome a palavra—eleitor.

# Uma Parcela da Família Menezes do Cariri

BRUNO DE MENEZES

*Do Instituto Cultural do Cariri e da Ass.*

*Brasileira de Imprensa*

(ORTOGRAFIA PROPRIA)

Começando no século XVII com Diogo Alvares Correia (Caramurú) e sua esposa Catarina Alvares (Paraguassú), vamos encontrar na décima geração o Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, filho de Antônio Pinheiro Lôbo e sua esposa Joana Bezerra de Menezes que, casando-se com Rosa Josefa do Sacramento, decendem desse casal oito filhos (XI geração) sendo o último o Capitão-Mór Manoel Leandro Bezerra de Menezes. Este casou com sua prima Ana Bezerra de Menezes, filha de Estevão José de Menezes, de cujo consórcio naceram nove filhos, entre os quais—ANA BEZERRA DE MENEZES, tratada em família por Yáíá Donana (XII geração), que casou com seu primo José Ferreira de Menezes, filho de Roque de Mendonça Barros e Maria (Dona) Bezerra de Menezes; cinco foram seus rebentos: (XIII geração)—1—José Ferreira de Menezes Júnior, 2—Manoel Leandro de Menezes, 3—Vicente Ferreira de Menezes, 4—Antonio Roque de Menezes e 5—Aristides Ferreira de Menezes.

—1—**José Ferreira de Menezes Jr.** nasceu em Crato em 6 de novembro de 1840 e faleceu na mesma cidade em 1882 (segundo informação prestada pelo então creança Padre Pedro Arnaud, cujas famílias moravam visinhas); viveu da lavoura no sítio de sua propriedade denominada então de «Cafundó» e por este motivo tornará-se conhecido por **Zéco do Cafundó**. Integradado no amanho da terra, jamais se deixou empolgar pela política de sua cidade. Aos 19 anos casou com Petronila Soares da Cunha, que o sobreviveu até setembro de 1915, quatro foram seus filhos: Abel, Pedro, Ana e José. (XIII geração).

—Abel Ferreira de Menezes nasceu em 1861, moço de clara inteligência, dotado de atraente fisionomia e de impulsiva vontade. Não podendo casar-se com Cecília da Penha,—moça que escolhera para esposa,—dada a oposição de seus páes, abandonou a casa paterna, migrando em 1881 para o Estado do Amazonas; constou e até assegurou-se naquela remota época, que a **noiva** desaparecera do Crato, seguindo as pegadas do amado, conforme adrede combinação epistolar, indo encontra-lo

no grande Estado do Norte, onde se casaram e constituíram família mas, de tais rebentos nunca se teve notícias.

—**Pedro Ferreira de Menezes** nasceu em 1863 no sítio Cafundó, casando em 1888 no povoado de Missão Nova ali residindo até quando foi assassinado pelos seus cunhados em 1892, deixando uma filha de nome Elvira com dois anos de idade entregue a d. Petronila sua avó, que a recebeu gravemente enferma de incurável verminose, não obstante os esforços feito pelo Dr. Marcos Rodrigues Madeira, único médico no Crato.

—**Ana**, nascida em 1866, aos dois anos de idade faleceu afogada na corrente do riacho que irrigava as plantações do Cafundó.

—**José de Menezes** nasceu em Crato a 9 de setembro de 1869 e faleceu na mesma cidade em 13 de abril de 1934. Como ourives, possuiu a mais moderna oficina, única com laminador mecânico e aparelho de douração. Casando em 8 de dezembro de 1889 com Julia Alves de Lima, nascida em 25 de julho de 1875 e falecida em 9 de setembro de 1945; dois foram seus filhos: (XIV geração—Bruno e Julita.

—**Bruno de Menezes**, (x) radicado à mais de 30 anos no Rio de Janeiro, nasceu no Crato em 6 de outubro de 1890; jornalista registrado sob n. 11 pelo Serv. de Identificação Profissional (MTIC) e funcionário federal; Casando em 1934 na República Oriental do Uruguai com d. Maria da Piedade Castelo Branco, (sobrinha-neta de Camilo, famoso escritor português) são paes de Bruno José de Menezes (XV geração, nascido no Rio em 11 de agosto de 1935 e terminando este ano o curso de oficial do Exército, na Academia Militar das Agulhas Negras, Rezende, E. do Rio.

—**Julita Menezes Peixoto**, nasceu em 12 de outubro de 1893 e atualmente viuva de Josphet de Alencar Peixoto, não avendo filhos do casal.

—2—**Manoel Leando de Menezes**, nasceu em 18 de agosto de 1842 e faleceu em Crato; morejou desde a mocidade no commercio de artigos de lei, no sobrado em frente o portão de frutas na travessa da California; Casou com d. Missias Norões, nascida em 1849 e falecida em março de 1944, não deixando prole.

—3—**Vicente Ferreira de Menezes**, nasceu em 1843 e faleceu em 1879, casado com Joaquina Pedroso em 1868, paes de (XIII geração): Hormecinda, Euclides (Quidinha), Paulo Elpídio e Ester.

—1—**Hormecinda Pedroso de Menezes**, nasceu em 1870 e faleceu em 1930; em 1890 casou-se com Horacio Colares Maia, deixando cinco filhos (XIV geração:) Pedro, Maria, Pau-

lo, Epifânio e Ademar.

—2—**Euclides Garcia de Menezes** (Quidinha), nasceu em 7 de novembro de 1872, falecendo no dia 28 de julho de 1947. A 8 de novembro de 1891 casou com Antônio Garcia de Sá, nascido em de abril de 1866 e falecido em 21 de dezembro de 1920; dêsse casal naceram 6 filhos: Maria, Edwije (Lica), Ambrozina, Valdemar, Aldo e Moacir.

(XIV geração) **Maria Garcia**, nasceu em 18 de novembro de 1896, casou em 1934 com Bernardo Jucá, falecido em 1954 deixando uma única filha (XV geração) Maria da Penha, Professora diplomada em dezembro 1954 pelo Colégio das Filhas de Santa Teresa de Jesús de Crato. **Edwije (Lica)** nasceu em 2 de abril de 1899 e faleceu solteira em 1919. **Ambrozina Garcia** nasceu em 20 de outubro 1904, falecendo solteira em 30 de agosto de 1957. **Valdemar Garcia** nasceu em 24 de dezembro de 1902, residindo ainda solteiro em Fortaleza. **Aldo Garcia** nasceu em 13 de dezembro de 1906, residindo também solteiro em Fortaleza. **Moacir Garcia** nasceu em 17 de fevereiro de 1911, solteiro e comerciante na Praça de Crato,

—3—**Paulo Elpídio de Menezes**, nasceu no Crato em 26 de fevereiro de 1879 e casou-se em 23 de setembro de 1900 em Maranguape com Oda Freire de Lima, nascida em Iguatu a 24 de fevereiro de 1886. Atualmente aposentado como Procurador Fiscal do Estado do Ceará; Baxarel em Direito, advogou alguns anos no Fôro de Maranguape, passando mais tarde a residir na Capital onde ocupou o lugar para o qual fôra nomeado, militando esporadicamente na imprensa de Fortaleza; dois filhos vieram coroar de felicidades o lar do ilustre casal (XIV geração): **Djacir e Paulo Filho**. a) **Djacir de Lima Menezes**, Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais; ocupa atualmente a cátedra de Professor de Filosofia Teórica e Aplicada da Universidade do Brasil; sua bibliografia contém considerável e abundante material de transcendentales em estudos didáticos; possuidor de rara capacidade de trabalho e de admirável inteligência, é sem dúvida, um dos elementos umânos mais culto do País. **Djacir** nasceu a 16 de novembro de 1907 em Maranguape e casou-se em Fortaleza no dia 1 de setembro de 1933 com d. Stela Pontes, dando ao mundo três filhos (XV geração) **Vladir**, nascido em 12 de julho de 1935, **Vlademir**, nascido em 2 de outubro de 1937 e **Djacir Filho**, nascido a 12 de julho de 1947. b) **Paulo Elpídio Filho**, Baxarel em Ciências Jurídicas pela Faculdade de Direito do Ceará, da qual é presentemente Professor de Ciências Econômicas; nasceu em Fortaleza em 21 de fevereiro de 1909 contraindo matrimônio com d. Zuila Teixeira em 21 de fevereiro de 1935; dêsse consórcio veio a luz

dois filhos (XVI geração): **Paulo Elói Neto**, nascido em 13 de janeiro de 1936 e **Marlene** nascida em 14 de janeiro de 1941.

—4— **Estér Ferreira de Menezes**, nasceu no Crato em 1884, casou-se com João Carvalho em 1892 falecendo em 1911; Manoel, Alice e Benjamim, foram os filhos do casal, tendo o primeiro e terceiro falecidos.

—4— **Antônio Roque de Menezes** nasceu no Crato em 1845 e faleceu no Juazeiro em 1918; casado em 1872 com Francisca Furtado de Figueiredo decendem do casal seis filhos, (XIII geração): Maria Dona, José Roque, Vicente Roque, Dona Rosa e Irinéa. 1) **Maria Dona** nascida em 1874 e falecida em 1903, casando em 1892 com José Gomes de Matos, deixou quatro filhos (XIV geração): Ercila, Demostenes, Vicente e Tirso, este falecido aos 12 anos. (\*) 2) **José Roque**, nasceu em 1877 e faleceu solteiro em 1904 no Alto Rio Madeira do Estado do Amazonas. 3) **Vicente Roque de Menezes**, nasceu no Crato em 12 de dezembro de 1879. Muito moço ainda domiciliou-se em Fortaleza onde ainda reside e que, em cuja praça até aposentar-se, exerceu as atividades comerciais com dedicação e onradês absoluta; colabora desde muitos anos na imprensa da capital cearense, sob as iniciais de V. R.; casou em 30 de julho de 1910 em Fortaleza com Branca Simões, filha do comerciante de nacionalidade Portuguesa e sr. Joaquim Manoel Simões e d. Maria Leopoldina de Barros Simões ambos já falecidos; do casal Vicente—Branca decendem três filhos (XIV geração): João, Isa e Rui; 1) **Dr. João Simões de Menezes** nasceu em 4 de agosto de 1911, recebeu o grau de doutor pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1932; casando com d. Maslwa Nogueira, (filha de Dr. Miguel Nogueira e d. Anita Lapa Nogueira,) tem dois filhos (XV geração): Boris Nogueira de Menezes, nascido a 8 de agosto de 1935 e Tânia Nogueira de Menezes, nascida em 14 de março de 1937. 2) **Isa Simões de Menezes Medina**, nasceu a 10 de agosto de 1912, casou-se em 12 de agosto de 1941 com Bernardo de Campos Medina; reside atualmente o casal no Rio de Janeiro, tendo dois filhos (XV geração) Maria de Lourdes, nascida na Capital Federal em 10 de novembro de 1942, e Antonio Ivo, nascido em Fortaleza a 10 de outubro de 1944. **Dr. Rui Simões de Menezes**, nasceu a 10 de maio de 1917, diplomou-se Engenheiro Agrônomo em 1937, tendo conquistado o primeiro lugar de sua turma; casou com d. Mariana Ferreira (filha do Engenheiro Civil José Rodrigues Ferreira e d. Maria Richard Rodrigues), em 19 de fevereiro de 1946; atualmente ocupa um dos mais altos postos no Departamento Nacional de

(x) A «*União dos Trabalhadores do Cariri*» distribuiu em 1954 sua biografia escrita pelo Dr. José Bonifácio de Souza, ilustre membro do «*Instituto do Ceará*».

Obras Contra Sêcas, atuando no Estado da Bahia; sua bagajém bibliográfica sobre psicultura, é uma das maiores da America do Sul, apaixonado que é por esta especialidade; do casal naceram duas meninas: Sônia Marta, nascida em 22 de abril de 1949 e Biana, nascida em 16 de outubro de 1951, infelizmente vítima de fatal acidente veio a falecer em 29 de setembro de 1957. 4) **Donana Roque**, nasceu em 1882 e casou-se com João Nunes em 1905, (ambos falecidos) (\*) 5) **Rosa Roque**, nasceu em 1885 e faleceu em 1916, casada com seu parente Joaquim Pedroso, não deixou próle. 6) **Irinêa Roque**, nasceu em janeiro de 1888 e casou em 1910 com seu parente José Ferreira de Menezes Lonje; se bem que estejam vivos e residindo em Juazeiro, não obtivemos saber o número de seus filhos.

—5— **Aristides Ferreira de Menezes**, (XII jeração), nasceu em Crato, em 1847 e faleceu em 1919; casado com dona Ana Leopoldina Maia em 1870, foi Tenente Coronel da Guarda Nacional; possuindo os dois sítios de Porteiras e do Muquem, não obstante isto, exerceu a função de advogado-licenciado; político, acompanhou o Coronel José Belém de Figueiredo até sua deposição em 1904; orador fluente e loquaz, fôra o primeiro chefe da então povoação de Juazeiro do Crato; no ostracismo viveu seus últimos anos, inteiramente isolado até da própria família, no logradouro do Muquem. Dêsde criança tratavam-no de «Aris» e com tal diminutivo tratavam-no os seus parentes e amigos; assim é que os filhos o tornaram automaticamente, como legenda de seus nomes individuais. Doze foram os filhos de Aristides e Ana: (XIII jeração) **José Aris** nasceu em 1872 e casando com d. Maria Lobo, naceram do casal 13 filhos (\*). **Faust» Aris**, nasceu em 1874 casada em 1888 com José Albano Capibaribe, passaram desde logo a residir em Fortaleza; ambos faleceram deixando 8 filhos (\*). **Rubem Aris**, nasceu em 1876 e casou em primeiras nupcias com d. Vicência Satiro da Cunha, falecida em 24 de junho de 1907 em segunda nupcias com d. Maria Aleida: da primeira esposa naceram (XIV jeração): Maria Sinhã, José e Clarisse falecida em criança; da segunda, Otacilio, Djacira, Maria Luciola, Neusa e José. **Raimundo Aris**, nasceu em 1877 e casou-se com d. Ruimunda da Conceição Oliveira, ambos falecidos, pães de Filadelfia, Ana e Maria. **Paulo Maia**, nasceu em 1879 e foi assassinado em Juazeiro em 9 de junho de 1914; casado com d. Aurora Sobreira de Figueiredo, já falecida, deixando 5 filhos: José, Dejacila, Odilon, Almerinda e Arjemira. **João Aires**, nascido em 1882 e casou-se em 1905 com d. Maria Fernandes, paes de José, Elisabeth, Vicente, Bianor, Delbite e Consuêlo. **Pedro Aires**, nascido em 1884 e falecido em 2 de maio de 1930, foi casado

com d. Dionisia Luisa de Oliveira, natural de Baturité, paes de Alboino, Enjenheiro agrômomo, Alcides e Alvaro. **Julio Aires**, nasceu em 19 de outubro de 1886 e casou-se com d. Maria Celestina Maia, paes de Maria, Alzimir, Aristides, Aldemora, Lali, Eunice, Francisco, Valdez e Jilmar. **Maria Aires**, nasceu em 16 de março de 1887, casando com José Sátiro da Cunha, falecido em 1911 no alto Purús no Estado do Amazonas, deixando duas filhas: Augusta e Fausta; aquela casada com João Bispo Sobreira (fal.) e esta, casada com José Faustino de Almeida (fal.) **Ana (Donana) Aris**, nasceu a 17 de julho de 1888 casou-se com seu parente por parte materna Alfredo Moreira Maia, falecido a 28 de julho de 1957; paes de Ivone, Maria, Alfredo Moreira Filho, Maria Altair, José e Maria do Socorro, estes últimos (3) faleceram. **Alfredo Airis**, nasceu em 1 de novembro de 1889; está estabelecido em Crato com alfaiataria, continuando ainda solteiro. **Fantina Airis**, nasceu em 6 de setembro de 1891; de prendas doméstica, também continúa solteira.

Rio, janeiro de 1958.

*Notas. — Os asteriscos indicam que não foi possível conseguir os dados necessários à elucidação mais ou menos completa, mal grado o esforço que empregamos para esse fim.—B.M.*

## PIONEIRISMO DE CRATO. INSTALADA A PRIMEIRA ESCOLA DE ENSINO SUPERIOR DO INTERIOR CEARENSE

No dia 6, data que assinalou a reinauguração do AEROPORTO de Crato, com 1.600 metros de pista asfaltada, contando com a presença do Governador Parsifal, do Vice-Governador Wilson Gonçalves e do comandante da 2ª Divisão Aérea, foi solenemente instalada a Faculdade de Filosofia de Crato. Muito trabalhamos para que esta cidade possuísse sua faculdade de ensino superior, mas a figura principal do movimento, graças á qual vimos o velho ideal concretizar-se, foi o cratense que ora faz o maior movimento de ordem cultural que se processa em estado nortista—o Magnifico Reitor Antonio Martins Filho. Prometeu êle também de empenhar seu prestígio e dinamismo, pelo breve funcionamento da Faculdade de Odontologia, cujo documentário já foi encaminhado ao Ministério de Educação e Cultura.

# Os Páus de Arara e a Coloni- zação Holandêsa no Paraná

Jósio de ALENCAR ARARIPE

O drama dos Paus de Arara constitue um dos episódios mais revoltantes dêste País. Milhares de nordestinos são anualmente levados para o Sul, atraídos pela falsa miragem de uma vida melhor, e jogados por aí como bichos. Normalmente, seguem a mesma rota os mais jovens, os mais fortes, os mais capazes para o trabalho árduo no campo e nas fábricas. Acossados pela fome e extrema miséria, vão moços, velhos e crianças, deixando pelos caminhos uma esteira de mortos, qual exército derrotado em brusca retirada, acossado por poderoso e mortal inimigo. Os que atingem o destino visado sofrem ainda a presença frequente do fantasma da fome, que os extermina impiedosamente, atirados nas gares das estradas de ferro, hospedarias imundas das grandes cidades de um mundo para êles totalmente desconhecido. Assustados e totalmente desamparados, num ambiente hostil, aceitam o primeiro trabalho que lhes é oferecido, por mais humilhante que sêja, em troca de algumas migalhas para alimentarem os estômagos vazios. São vendidos como escravos, sofrem o diabo. Salvam-se alguns, que prosperam e vencem na dura e desigual competição. E fazem questão de dizer isso para todo mundo. Os parentes recebem notícias que causam inveja, que fâcilmente se propalam nos sertões, e a caminhada continua. Outros, a grande maioria, não se ajustam nunca, e quando conseguem pagar o preço cobrado pela sua liberdade aos exigentes patrões do sul, voltam novamente, mais pobre do que quando partiram, mas dispostos a morrer agarrados na terra sêca do Nordeste, e nunca mais se aventuraram no mundo desconhecido dos sonhos de outrora.

Sômente em data recente, se esboça um plano que visa orientar a emigração de excedente populacional da área do Polígono das Sêcas para o interior do Maranhão e Goiás e outros pontos da periferia da região. É um dos objetivos da Operação Nordeste, constando de rocomendação especial no relatório elaborado pelo GTDN, que acentua a necessidade da abertura de uma frente de imigração nordestina, com a adoção de

providência que variam desde os tipos de unidades produtiva agro-pecuária remendáveis, do ponto de vista dos planos de produção, transladação e instalação dessa população, assistência técnica e financeira e forma recomendável de comercialização das diversas unidades de colonização. A medida proposta teria o duplo objetivo de absorver o excedente de população da região semiárida, e de produzir gêneros alimentícios para abastecer, parcialmente, aquela região.

Muito diverso tem sido o tratamento dispensado ao colono estrangeiro, bastando citar, para efeito de argumentação, o que ocorre com a colonização holandesa no Estado do Paraná. O privilégio começa desde a recepção oficial por ocasião do desembarque e hospedagem principesca na aprazível Ilha das Flores. As melhores terras são destinadas aos ilustres hóspedes, em lotes demarcados e propriedades devidamente instaladas, ao gosto do exigente imigrante estrangeiro, sendo em tudo respeitado os usos e costumes da terra flamenga. No navio especialmente fretado para transportar os louros habitantes dos Países Baixos, trazem o necessário para início imediato das atividades a que irão se dedicar na nova pátria, desde máquinas e instrumentos agrícolas, aos animais domésticos. Depois de instalados, nada lhes falta: assistência técnica, crédito a longo prazo e juro módico, desvelando-se os funcionários do INIC, com a assistência de outros setores especializados do Governo, em prestar ao colono as honras de perfeitos anfitriões, não permitindo que nada falte à segurança e bem estar do precioso imigrante. E essa gente mantém no Brasil verdadeiras colônias holandesas, onde em nada poderemos suspeitar a presença da pátria adotiva, pois o que se vê em vasta porção do território paranaense são holandeses mesmo, desde o homem, falando a língua nativa com suas vestimentas típicas, seu linguajar complicado, ao estilo difente das construções, e tudo, enfim, nos faz lembrar a terra da Rainha Guilhermina. E se existe algum brasileiro por lá, ainda é o nordestino, lavrando a terra a troco de magro salário, em benefícios dos felizardos senhores daquelas ricas fazendas. E não será surpresa, que duzentos anos depois sejam eles realmente mais poderosos, que outros venham se juntar ao numeroso contingente, mas sempre conservando as mesmas características do país de origem. Foi assim nas Índias Orientais, onde foram por fim escurraçados pelos patriotas da Indonésia, que durante séculos suportaram o jugo escravizador dos louros flamengos. Aqui, por certo não chegarão a tanto, mas elegerão seus Prefeitos, Vereadores e Deputados e dominarão pelo poderio econômico, escravizando aque-

les que insensatamente tudo facilitaram para o êxito de sua missão.

Os Páus de Arara são sementes sacudidas ao vento, em terreno árido. O imigrante estrangeiro é a árvore cuidadosamente transplantada, protegida e amparada até que possa produzir os primeiros frutos. Conta com apoio e ficial, tem de tudo, até mesmo o braço forte do nordestino para seu rápido enriquecimento.

A desigualdade de tratamento é chocante. A Operação Nordeste visa corrigir tão grande injustiça, propiciando também ao nordestino condições de sobrevivência em qualquer parte da pátria comum. Dispense-lhe igual tratamento dado ao imigrante estrangeiro, e ainda será o melhor colono do Brasil.

---

### BOLETIM DA UNIVERSIDADE

A Biblioteca do Instituto Cultural do Cariri recebe com regularidade o BOLETIM DA UNIVERSIDADE DO CEARÁ, bem assim todas as obras editadas pela IMPRENSA UNIVERSITARIA. Agradecemos

### SYMPOSIUM

É o nome da bem feita revista, publicada pela UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO.. É dirigida pelos padres jesuitas: Audisio Mosca de Carvalho e nosso conterraneo Pedro de Mello. Traz ótima colaboração, assim atestando o grau de cultura dos dirigentes daquela Universidade, das mais bem organizadas do Brasil.

### O HOMEM-VASSOURA

É outro livro, filho da cultura multiforme de nosso amigo e socio correspondente — Abelardo Montenegro. É o elogio do candidato Janio Quadros, escrito com a boa linguagm daquele bom escritor cearense.

**ATAS DA ANTIGA COMARCA...***Continuação da página 172***2 de Outubro de 1822**

N'esta accordaram em officiar á junta provisoria da Parahiba, para mandar dois officiaes para commandar as milicias d'esta villa e igualmente pedindo auxilio á mesma.

N'esta accordaram em officiar ao capitão-mór e coronel para aprontarem suas tropas para auxiliarem os eleitores.

**5 de Outubro de 1822**

N'esta accordaram fazer um officio ao capitão-mór d'esta villa José Pereira Filgueiras fazendo ver o estado actual da villa do Icó contra a causa de S. A. R.

Accordaram mais em officiar aos thesoureiros dos reaes dizimos para darem por emprestimo o dinheiro que em si tiverem para munição da tropa, que vai para o Icó.

Accordaram que se passasse mando para que o dito procurador entregasse a Joaquim Pinto Madeira, capitão de ordenanças, a quantia de 214\$160.

Accordaram mais representarem aos eleitores na occasião da reunião d'elles na villa do Icó a respeito do melhoramento e augmento da causa do Brasil n'esta comarca.

Accordaram mais que se passasse mandado para que o procurador nomeado Francisco José Cesar entregasse ao commandante do esquadrão de cavallaria Romão José Baptista a quantia de cem mil réis, e com recibo do dito commandante lhe ser levada em conta.

Accordaram mais requererem ao coronel commandante da cavallaria Leandro Monteiro o preenchimento de duas companhias, primeiro e segunda, do dito regimento.

**6 de Outubro de 1822**

Accordaram em que o sargento-mór José Victoriano Maciel ficasse livre da pena de residir dentro da villa por estarem certificados que elle não era inimigo da causa, e que se officie.

**21 de Outubro de 1822**

..... e eleitores de parochia d'esta freguezia para elegerem um membro, que ha de servir no governo temporario installado no dia 16 do corrente mez na villa do Icó, e se prosseguindo á votos foi eleito pela camara e eleitores o capitão-mór

*Continua na página 184*

# — RAPADURAS —

## ALL RIGHT

Copyright dos «Diários Associados»

RIO, 11. (Meridional)—O número 13 do Documentário da Vida Rural de que é responsável o José Vieira, como diretor do Serviço de Informação Agrícola, trata da rapadura do Cariri e foi escrito por José de Figueiredo Filho. Tudo muito bem feito, bem arrumado, ótima impressão, etc..

A leitura da publicação, para mim, que não sou, nunca fui, mas tenho muita vontade de ser agricultor, valeu pelas profundas recordações que me trouxe da infância.

A rapadura do Cariri alimentou-me bastante na meninice. Comida com farinha seca, branca como leite, representava uma verdadeira delícia. A minha zona no Ceará é da Serra Grande, do outro lado do Estado. As rapaduras de lá, eram boas, também, mas as do Cariri, para o meu paladar superavam-nas. Talvez fosse porque vinham de fora, de longe.

Desde os verdes anos a gente sabe que santo de casa não faz milagre. Era assim com a rapadura, será igualmente assim com tudo o mais. A humanidade é uma eterna insatisfeita. Quando se tem tudo em casa, de bom e do melhor, despreza-se para ir procurar além outras coisas.

Em verdade, porém, a rapadura encerada de Barbahã e adjacências tinha um sabor especial, que me regalava a mim e aos frangotes de meu tempo.

Não sei se hoje a situação é a mesma. Devo dizer que fiquei até surpreendido com a notícia de que ainda se fabricam rapaduras naquela zona.

Desde a sua criação, esse Instituto de Açúcar e do Alcool não tem feito outra coisa senão perseguir, acabar com os engenhos, primitivos, sim, mas insubstituíveis no coração de quantos em dia nasceram, cresceram e gozaram o espetáculo das moagens, as velhas juntas de bois a rodarem, desde o raiar da aurora até ao escurecer, em tórno daquelas moendas, das quais a garapa escorria sem cessar. Os tachos de cobre se enchiam sob a labareda dos bagaços de cana e mel pouco a pouco se apurava, indo depois para as fôrmas de madeira de rapadura, alimento de pobre, produção barata.

Atualmente, o que resta de tudo aquilo não represen-

ta, segundo imagino, nada do que foi êste Brasil naquelas priscas eras.

Grande êrro, do ponto de vista histórico, a campanha contra os engenhos. Está bem que se fizesse o Instituto, povoando-o, como aos outros, de funcionários entre os quais, aliás tenho velhos amigos; mas a meu ver, tornar-se-ia necessário conservar esses marcos da nossa formação que eram os engenhos sem êsse mal necessário da máquina. Desde os albores da colônia, constituíram eles a nossa primeira manifestação de economia, despertaram a cobiça dos piratas e dos invasores. Tinham, portanto, uma tradição que deveria ser respeitada.

Veja nessa interessantíssima publicação, que no Cariri subsiste apenas meia dúzia de engenhos de bois, um em Barbalha, quatro ou cinco no Crato, dois no Juazeiro do meu padrinho Padre Cícero!

Maldito seja quem acabou com essa atividade tão nossa, que havia chegado até à época das autarquias através de sucessivas gerações, enriquecendo a literatura indígena de assuntos que os futuros escritores poderão versar de oitiva. (Extr.)

## ATAS DA ANTIGA COMARCA...

*Continuação da página 182*

José Pereira Filgueiras sem que recahisse votos em alguma outra pessoa. E para constar, &c. .... Assignados: eleitores, José Pedro Nolasco de Carvalho—José Manoel de Quintal—José Francisco de Gouvêa Ferraz—Tristão Gonçalves Pereira de Alencar—Pedro José de Carvalho—Francisco José de Sousa—João Gonçalves Pereira de Alencar—Vicente Amancio de Lima—David Ferreira do Espirito Santo.

N'esta mesma foi aberto um officio do capitão-môr que requeria se arrecadasse armamento e polvora para armar a tropa, igualmente officiar a Manoel Antonio de Jesus para entregar o dinheiro dos dizimos.

(Prestam juramento de fidelidade os europeus Cardoso e Mariano José Rabello.

Foi depois d'êste dia, que partiu Filgueiras ppra libertar os eleitores: o fogo da forquilha foi no dia 27 de Outubro (um domingo), a prisão dos eleitores tinha sido numa quarta feira, 16 de Outubro.

# RELEMBRANDO UM HEROI DE CANUDOS

## Informações prestadas pelo proprio Onório Vilanova

Onório Francisco da Assunção (conhecido por Onório Vilanova, nasceu no dia 2 de fevereiro de 1865 (80) anos, no lugar Urucuzinho do município de Assarê, filho de José Francisco de Assunção, falecido em 1937 contando 102 anos e Ana Maria da Conceição.

Em maio de 1878 devido a grande sêca de 1877 transportaram-se para a Baía para o lugar «Queimada Grande» em esguida para Bonfim, passando na Baía 10 (dez) anos e regressando em 1888.

Passado quatro (4) anos em 1891, voltara novamente para Baía onde já se encontrava o seu irmão Antonio Vilanova (Antonio Francisco da Assunção) em 1893 casou-se com dona Tereza Jardimina de Alencar, em Bonfim.

Em 1894 foi para Canudos onde já se encontrava o seu irmão Antonio Vilanova, estabelecido com uma loja de tecidos, mercadorias, ferragens, armazem de compra de gêneros de exportação.

Em Canudos, Onório estabeleceu uma sociedade comercial com seu irmão Antonio Vilanova.

Em 1895 veio um passeio ao Ceará demorando-se somente um mês.

No dia 20 de novembro de 1896 houve o primeiro encontro entre jagunços e tropas do governo na vila do Quá morrendo 64 (sessenta e quatro) jagunços e encontraram 30 soldados mortos, os praças dêste combate eram 100 e os jagunços aproximadamente 200. Os soldados eram armados de manulicha e os jagunços com espingardas de pequeno calibre (de matar passarinhos).

No dia 18—1—1897 passado alguns dias viéram as tropas do Coronel Febrônio que travaram luta na Serra do Cambaio, morrendo 79 jagunços e encontraram 9 soldados mortos. Tomaram os jagunços 7 cargas de cartucho (munições) e duas manulichas.

No dia 4 de março de 1897, com as tropas do General Moreira Cêzar, dentro da Vila de Canudo travou-se o combate traziam as tropas 2 canhões, instalaram os canhões no Alto da Favela com uma distância de 400 braças, as duas manulichas

tomadas das tropas do Coronel Febrônio foram utilizados pelos jagunços neste fogo que atuavam de cima da Igreja, causando estas duas armas grandes perda nas tropas.

O General havia dito que pela manhã do dia 5 havia de tomar o café com o Conselheiro e dirigindo-se às 6 horas da tarde para Canudo ao atravessar o rio recebeu o balaço no ventre e o projétil era dos manulichas.

Voltando ferido com sua ordenança para o acampamento, chegando lá disse ao Coronel Tamarindo que estava baleado, vindo a falecer às 12 horas da noite. Ao amanhecer o Coronel Tamarindo levou o corpo do General para Umburanas distante de Canudos 6 kms. O coronel Tamarindo no dia 5 foi encontrado morto na estrada que vae para Cumbe sem nenhum sinal de ferimento.

Tomaram no combate os jagunços 300 animaes, 2 canhões e tôda munição no combate, pereceram 105 jagunços e soldados voltaram poucos.

Os jagunços tiravam do bolso dos soldados o dinheiro que tinham e o Conselheiro mandou chamá-los e fez ver aos mesmos que aqueles que não lhe entregasse o dinheiro retirado os amaldiçoava e foi logo atendido e encarregando Antonio Vilanova fez queimar o dinheiro e derramar dentro do rio os cereaes, carne e tôdos os viveres tomados pelos jagunços e mandou depois de um mês entregar ao Delegado de Monte Santo todos os animaes tomados.

No dia 24 de junho do mesmo ano veio a tropa do General Artur Oscar que procedia da capital baiana e as tropas do Coronel (que não sabe o nome) as tropas do último travaram logo luta na Serra do Cocorobó. O combate com esta tropa durou três dias. Atirando os jagunços de cima da serra e as tropas na estrada, sendo somente 30 jagunços sendo mais estrategica a posição dos jagunços, morrendo somente um jagunço e não sabe quantos aos soldados.

O General Artur Oscar e sua tropa foi cercado pelos jagunços no Alto da Favela e vindo em socorro as tropas do Coronel de que já falamos acima e se juntou com as tropas do General, depois de romper o cerco, o que foi feito novo cerco pelos jagunços.

Passaram as tropas do Governo cercadas 18 dias, sem alimentação comendo e bebendo somente com grande dificuldade.

Passados os 18 dias o Conselheiro fez as tropas do cerco abrirem e ficarem fazendo somente fogo de frente o que deu lugar as tropas do governo ficarem recebendo munições e mantimento e as tropas legais foram fazendo valados cercado

o lugar até completar o cerco durou 3 meses o cerco. Onório foi baleado no primeiro cerco dos jagunços.

O Conselheiro dizia que quando acabasse as munições êle morreria o que realmente succedeu no dia 5 de Setembro de 1897.

À noite do dia 5, Antônio Vilanova chegou à casa de Onório e disse que o Conselheiro havia falecido e consultou-lhe se deviam fugir, pois ainda havir oportunidade, dizendo Onório que só ainda não havia se retirado por causa dêle que não o deixaria só e perguntou-lhe se havia um animal pois não podia andar devido o ferimento recebido e logo Antônio providenciou o animal e montando passaram em silencio à noitinha.

Deixando em Canudos os borós, que tinham roupas, sapatos, documentos e dinheiro.

Logo depois da passagem foi cercado completamente ficando impossivel a saída de quem quer que fosse. O fogo ainda durou 8 dias e obrigaram os jagunços a exumar o cadaver do Conselheiro e cortaram a cabeça do mesmo isto ouvi de que fugiram do fogo na última hora.

Os restos de jagunços foram degolados, pelas tropas.

Onório, Antonio e a familia passaram 4 meses escondidos nos matos.

Deixando a familia em Vilanova (Bonfim) vieram somente os dois, chegando no Ceará já em Janeiro de 1899.

Em Fevereiro mandaram buscar as familias que chegaram aqui em Maio.

Onório tem bom aspecto fisico não demonstrando a idade que tem e tem perfeita lembrança de tudo isto.

V. F.

---

## GEOGRAFIA ESTÉTICA DE FORTALEZA

É verdadeiro filme de Fortaleza, em que vemos passar a bonita capital cearense, ao vivo, com seu passado, presente e nas notas mais sugestivas e pitorescas. Escrito por Raimundo Girão, encanta-nos e faz-nos amar cada vez mais à risonha «desposada do sol». Foi editada pela Imprensa Universitária do Ceará e faz parte da BIBLIOTECA DE CULTURA, sendo o documentário número 1, da Série A.

*Continuação da pagina 184*

#### 4 de Novembro de 1822

N'esta accordaram em se officiar ao ouvidor da comarca para que immediatamente se recolhesse á cabeça d'ella, ordenando-lhe o faça da parte de S. A. R. e que da parte do mesmo senhor mandasse fazer sequestro rigoroso nos bens do thesoureiro de ausentes Manoel do Nascimento Silva para segurança do alcance publico do mesmo thesoureiro. Igualmente accordaram officiar á camara de S. João do Principe ou outra qualquer onde se achar o dito ministro para no caso d'elle não querer annuir á requisição d'esta camara dar-lhe voz de preso á ordem de S. A. R., e auxiliar ao official da diligencia, para a condução do dito ministro á cabeça da comarca e em taes casos farão sequestro em todos os seus bens.

#### 14 de Novembro de 1822

N'esta accordaram em officiar á camara da Fortaleza e todas da provincia para se recolher o cofre nacional n'esta cabeça de comarca, até que as cousas tornem a seu antigo estado.

N'esta accordaram mais em mandar um official de milicias encontrar um enviado, que se diz vem do Rio de Janeiro remettido ao capitão-mór d'esta villa, conduzindo com toda a honra á nossa presença, para indagarmos se é verdadeiro e enviado ou se é traição.

#### 16 de Novembro de 1822

N'esta accordaram em se fazer trez livros para servirem de registro e mais clareza necessaria ao governo provisorio.

#### 19 de Novembro de 1822

..... Senadores, nobreza, clero e povo para effeito de se dar posse ao governo temporario conciliador da comarca do Crato do Ceará e requerer-se e dar-se as providencias necessarias tendentes ao bem e melhoramento da causa publica do Brasil, e sendo ahi foi lido pelo presidente em altas vozes o termo de installação do governo temporario d'esta comarca que foi installado na villa do Icó pelo collegio eleitoral reunido naquella villa no dia 16 de Outubro de corrente anno, e logo pela camara e povo foi eleito d'entro tres membros, que presentes estavam, para presidente com voto geral e capitão-mor José Pereira Filgueiras, e para secretario do mesmo governo foi eleito por voto geral e Revm. Antonio Manoel de Souza.

N'esta pela camara foi proposto, que havia necessidade urgente de se seguir para a villa de Fortaleza para se consolidar a obra da nossa regeneração politica n'esta provincia, visto o desorientado systema do governo provisorio da capital, declarando-se contra a causa do Brasil e declarando-se inimigo de S. A. R., e que sem embargo das requisições de todas as camaras d'esta comarca e mesmo de algumas da comarca do Ceará, occorrendo a necessidade da marcha em razão do resgate de alguns benemeritos cidadãos, que por se haverem decidido á favor da causa do Brasil se acham prisioneiros na capital, podem não esta villa desguarnecida, e que se enviem enviados para as villas de S. João do Principe e Quixeramobim, para descerem tropas de cavallaria e ordenanças para se reunirem nas vargens ou onde fôr possivel, conduzindo aquelles mesmos, gados e mantimentos necessarios para sustentação. Foi deferido por todos que era indispensavel a marcha e que o governo na primeira sessão deliberasse o dia d'ella, providenciando a tudo mais que fosse necessario a ella.

Assignados:—Joaquim Lopes de Lima Raymundo—padre Miguel Carlos da Silva Saldanha—João Gonçalves Pereira de Alencar—padre José Fernandes Vieira—padre Francisco Antonio da Cunha Pereira—padre Pedro Ribeiro e Silva—Vicente Amancio de Lima—David Ferreira do Espirito Santo—José Francisco de Gouvêa Ferraz—José Victoriano Maciel—João Franklim de Lima—Antonio Corrêa Lima—João Lobo de Menezes—José Geraldo Bezerra —Manoel Leandro—Francisco Pereira Maia—José Gomes Corrêa—O cidadão Alexandre Raymundo Pereira—José Ferreira da Rocha—padre Joaquim Ferreira Lima—Francisco José Cesar—Antonio Moreira da Costa—Francisco Cardoso de Matos—Antonio Jacintho de Souza—Joaquim Fernandes Moura.

## 20 de Novembro de 1822

N'esta accordaram em cumprimento de officio do governo temporario concilliador d'esta comarca de 20 do corrente em servir o cofre d'esta camara, que n'elle nada se tem recolhido, para recolhimento do dinheiro da fazenda nacional. Accordaram mais em mandar fazer dous livros para n'elles se lançarem as entradas e sahidas dos mesmos dinheiros.

N'esta acordaram em dar cumprimento ao accordo d'esta camara de 20 de Setembro do corrente anno, officinando á S. A. R. participando todos os factos occorridos n'esta provincia tendentes á causa do Brasil. Foi marcado o dia 27 para o recolhimento dos ditos dinheiros.

## 27 de Novembro de 1822

N'esta se procedeu a eleição de procurador geral, que ha de ir para a côrte do Rio de Janeiro, a participar á S. A. R. defensor perpetuo do Brasil, os movimentos d'esta provincia, que deram motivo á installação do Exm. governo temporario e requerer tudo quanto fôr a bem desta provincia e foi eleito por voto geral o Exm<sup>o</sup>. membro do governo temporario José Joaquim Xavier Sobreira (isto foi feito á requisição do governo temporario).

N'esta accordaram em officiar á todas as camaras para que representem á S. A. R. o procedimento do governo provisorio d'esta provincia enviando-lhe os officios, que lhe dirigiu o mesmo governo, que mostra a opposição aos decretos de S. A. R., e que o conductor das participações é o procurador geral José Joaquim Xavier Sobreira.

Assignados—David Ferreira do Espirito Santo—José Francisco de Gouvêa Ferraz—Vicente Amancio de Lima—João Franklin de Lima—Francisco José de Souza—Felix Gomes de Mello—João Gonçalves Pereira de Alencar—Alexandre Raymundo Pereira.

N'esta se deu uma casa segura para prisão de Diniz, e e José Felix.

## ... Dezembro de 1822

..... Para effeito de se communicar á S. A. R. a opposição que tem feito o ex-presidente da junta provisoria da capital José Raymundo do Paço de Porbem Barbosa á causa publica do Brasil, por ser elle a móla real de todos os males, que tem desorganizado a paz e tranquillidade publica influindo do modo possivel para obstar o progresso da nossa independencia a fim de que elle nos não prejudique mais, tomando assento no exercicio de conselho de estado por ser incompativel a sua conducta com os sãos desejos de seus constituintes, quando depositam em suas mãos plenitude de poderes para representar tudo que convier a seu bem, accrescendo a illegalidade de sua nomeação pelo publico soborno, que constituiu á pluralidade de votos, que n'elle recahiu e igualmente accordaram, que este mesmo termo fosse remettido ás camaras da provincia, para que ellas se dirijam ao mesmo Senhor participando-lhe a mesma verdade.

## 26 de Dezembro de 1822

N'esta foram abertos uns officios da secretaria do estado dos negocios do reino e outro da camara da cidade do Rio de Janeiro.

N'esta accordaram em mandar publicar dous decretos de S. M. Imperial de 18 de Setembro de 1822 e outro da data do mesmo.

E porque o officio do senado da côrte do Rio de Janeiro incluia em si a veriação extraordinaria de 10 de Outubro do corrente, acta da acclamação de S. M. I., e a falla dirigida pelo presidente do dito senado ao mesmo Senhor, esta camara accordou em reconhecer e acclamar o dito Senhor D. Pedro Imperador constitucional e seu defensor perpetuo, repetindo por tres vezes— Viva a independencia do Brasil! Viva o Senhor D. Pedro Imperador constitucional do Brasil e seu defensor perpetuo; em fazer publico aos povos d'esta villa e seu termo tão faustissima noticia, illuminando-se a mesma por tres noites successivas, com tiros de mosqueteria e todos os mais festejos possiveis em applausos da mais vantajosa fortuna d'este feliz reino E que no dia 6 de Janeiro se celebraria uma missa solemne na matriz com Senhor exposto e Te-Deum Laudamos em acção de graças.

### 30 de Dezembro de 1822

N'esta foi aberto um officio do Exm. governo temporario em que nos manda que avise os eleitores, para se acharem no 1º de Março na capital para nova eleição da junta provisoria.

### 4 de Janeiro de 1823

N'esta accordaram em mandar que os empregados do thesouro nacional façam pagar o destacamento estacionado n'esta villa de todo o soldo vencido até 1º de Janeiro.

(Mandou tambem promover uma subscrição entre o povo para a festa da acclamação no dia 6 de Janeiro, visto não haver dinheiro no cofre da camara.

### 6 de Janeiro de 1823

N'esta accordaram, visto não se ter obtido o donativo competente para a festa, transmutar-se a dita festa para o dia 12 do corrente.

### 12 de Janeiro de 1823

No mesmo dia, mez e anno ás 11 horas do dia reuniu-se nos paços do conselho, o presidente e mais officiaes do conselho comigo escrivão da camara, para effeito de irem assistir á festa solemne que haviam designado em acção de graças pela feliz acclamação de S. M. I. e C. defensor perpetuo do Brasil, e tomando as suas varas e formando-se em corpo de camara sahiram em direitura á igreja matriz acompanhados dos homens bons d'esta villa e seu termo na mesma matriz e acharam o parochos com o clero e musica, e logo passou a ser exposto o Santissimo Sacramento e ao depois celebrou o mesmo parochos

uma missa solemne, e finda esta no ádro da mesma igreja já se achava postada a tropa de primeira linha que se acha estacionada na mesma villa, e allí pela camara foram repetidos por tres vezes vivas á nossa santa religião, ao Sr. D. Pedro I, Imperador constitucional do Brasil e seu defensor perpetuo, à Imperatriz constitucional do Brasil e a dynastia de Bragança á independencia do Brasil, á assembléa constituinte e legislativa do Brasil, e ao povo constitucional do Brasil, cujos vivas foram repetidos por todo o povo e acompanhados por tres descargas de mosquetaria; findo este acto marchou a camara para os paços do conselho acompanhada do clero e nobreza e da mesma tropa e na porta do mesmo conselho tornaram a se repetir os mesmos vivas, que foram acompanhados com as mesmas descargas: e tudo para constar etc. Assignados. Madeira, Costa, Pitta, Corrêa, Almeida.

### 27 de Janeiro de 1823

..... Onde se achava . . . e cidadãos para effeito de se proceder uma sessão extraordinaria á requerimento do coronel Leandro Bezerra Monteiro, capitão Antonio Ferreira Lima e o capitão Joaquim Pinto, para se decidirem as requisições do enviado da cidade de Oeiras, José de Sousa Coelho ao Exm. governo temporario da provincia e sendo presente o dito enviado por elle foi dito que se havia dirigido a esta villa pelo brigadeiro Manoel de Sousa Martins e pelo tenente coronel encarregado do governo das armas daquella cidade Joaquim de Sousa Martins com officios para o presidente e mais membros de dito governo, significando á este governo o grande ataque o oppressão, que esperam dos facciosos insurgentes da villa da Parnaíba, oppostos á independencia do Brasil, requisitando ao mesmo passo ao dito governo um prompto auxilio de força armada d'esta provincia para aquella cidade, na mente de achar ao predicto governo n'esta villa, e como não achasse por estar na capital mui distante, fôra requisitar ao dito coronel Leandro Bezerra o dito auxilio, e que este pedindo a presente sessão, fôra elle enviado tambem chamado á ella e n'ella apresentou os ditos officios e de novo fez as suas requisições e expoz a necessidade que havia do prompto auxilio. Logo pelo presidente foi offerecido o ponto que exigia decisão, scilicet, se prompto o auxilio devia este marchar ou si devia esperar ordem do governo d'esta provincia (Filgueiras, Antonio Manoel, Joaquim Felicio, padre Vicente, os quaes desde 23 de Janeiro de 1822 tinham assumido a administração do Ceará) para cuja decisão passou a exigir votos, e recebendo primeiramente o dos officiaes da camara foram estes unanimes em que o auxilio, logo que estivesse prompto, marchasse independente de ordem superior,

e depois recebendo o do dito coronel Leandro Bezerra, foi este que se esperasse por ordem do governo, e o do capitão Antonio Ferreira, que marchasse quanto antes, e do capitão Joaquim Pinto o mesmo, e passando a receber dos cidadãos foi o voto do eleitor Tristão Gonçalves Pereira de Alencar, que visto não serem abertos os officios que pelo dito enviado foram apresentados, e se havendo reconhecido e aceita a sua enviação, marchassem as tropas que fossem possivel apromptar-se com brevidade, dando-se d'isto parte immediatamente ao Exm. governo, e o eleitor José Francisco de Gouvêa Ferraz deu o mesmo voto, e disse o eleitor David Ferreira do Espirito Santo que deviam seguir as tropas quanto antes, e logo pelo dito coronel foi dito, que, visto os votos serem oppostos ao seu, (tudo isto era manha, elle era inimigo jurado dos independentes por ciume da influencia de Tristão) elle se dava por convencido e passava a apromptar o seu regimento; e por tudo isto foi decidido geralmente que logo que estivesse prompto o auxilio, immediatamente se fizesse a marcha para a cidade de Oeiras, e depois d'isto passou o presidente a exigir do dito enviado, de que numero de individuos se deveria compor o auxilio pedido, armamento e bagagem e á custa de quem se fariam estas despezas, ao que respondeu o mesmo enviado que o auxilio se pedia de quatro mil homens ou aquelles que se podessem apromptar, e que deveriam ser armados com armas de fogo e de córte e que todas as despezas tanto de municiamto, como de soldo, hospital e egoagem seriam promptamente pagas pelo cofre nacional da cidade de Oeiras, e finalmente passaram a conferenciar o dito juiz presidente e mais vogaes com as auctoridades e a distribuição a respeito de apromptar o municiamto, e as duas classes de que se devia compor o dito auxilio, e foi decidido que o dia da marcha desta villa deveria ser o dia 12 de Fevereiro, e que a classe das ordenanças deveria ser apromptada pelo capitão Joaquim Pinto Madeira, e a de cavallaria miliciana pelo coronel Leandro Bezerra Monteiro, entendendo-se estes dous particularmente a respeito do numero, que á esta camara ficava tocando a tarefa de apromptar cavalgadas, gados, farinha, dinheiro para a marcha do auxilio, valendo-se para isto de emprestimos de alguns cidadãos benemeritos, e ficando ao cargo da mesma

camara fazer immediata remessa ao Exm. governo temporario dos tres officios apresentados e que faziam objecto da enviatura dando de tudo parte ao Exm. governo etc. etc. etc.

Assignados — Pitta—Corrêa—Costa—Lima—Almeida—Leandro Bezerra Monteiro—Antonio Ferreira Lima, commandante do destacamento do Crato—Joaquim Finto Madeira—José de Sousa Coelho de Farias (o enviado)—Tristão Gonçalves Pereira de Alencar—José Francisco de Gouvêa Ferraz—David Ferreira do Espirito Santo.

### JAPONÊS VISITA O INSTITUTO CULTURAL

Acompanhado do Sr. Ernani Silva, visitou a sede do I. C. C. e o Museu de Crato o japonês Tetsuya Tajiri, no dia 20 de Outubro de 1959. É funcionário de célebre cooperativa de Cotia, em S. Paulo, a mais bem organizada do mundo. Veio ao Crato e ao Cariri, atraído pelo livro, **TERRA E GENTE DO NORDESTE**, escrito em caracteres nipônicos pelo japonês que tambem nos visitou—escritor Zempati Oshi Ando.

### PUBLICAÇÕES DA UNIVERSIDADE DA BAHIA

A Biblioteca do Instituto Cultural do Cariri recebe regularmente, por via postal, as bem feitas e oportunas publicações da Universidade da Bahia. E' a prova do adiantamento da cultura intelectual bahiana, das multiplas atividades da Universidade de Salvador e das magnificas edições de sua imprensa.

Esta Revista foi composta e impressa na TIPOGRAFIA D' «A AÇÃO» à Rua Dr. João Pessoa, 114  
Crato ————— Ceará

# Da. Maria Arnaldina de Alencar, Poetisa do Sertão

Escreveu: Meton Soares de Alencar-Exu

Um dos troncos da família Alencar de Exú—(lado paterno) Era filha de José Arnaldo Pereira de Alencar, neta de Arnaldo Pereira de Alencar, bisneta de João Pereira de Alencar, que é irmão de Barbara Pereira de Alencar (heroína)

(Lado materno)

Filha de Leonarda Alves de Castro Feitosa, neta do Cel. José Alves de Castro Feitosa, que é irmão do primeiro Leandro Feitosa sendo este pai do Cel. Leandro da Barra, falecido a poucos anos.

Maria Arnaldina; nasceu no dia 21 de Janeiro de 1871, na vila de Brejo São, hoje cidade de Araripe—Ce. Faleceu no dia 15 de Dezembro de 1957, na vila de Viração, municipio de Exú, Pe., com 87 anos incompletos.

Foi casada com José Soares de Oliveira, filho de Crato, onde residiu com o esposo algum tempo.

Era poetisa e tinha grande admiração pelo Cariri, principalmente pelo Crato. No ano de 1900, quando se mudou para Pernambuco de lá escreveu a seguinte poesia:—

## «SAUDADES DO CARIRI»

Eu tenho imensa saudade  
De todo meu Cariri  
Das serras, montes e vales,  
Onde canta a juriti  
Das belas inspirações  
Que sempre senti ali  
Quantas vezes delirante  
Procuró e não acho aqui!

Tenho saudade do rio  
De seu murmurio queixoso  
Das aguas limpas e puras  
Como cristal primoroso,  
Fertilizando o solo  
De um manto luxuoso  
Vegetação encantada,  
Que torna um povo ditoso.

Da brisa entre os coqueiros  
Provocando a poesia  
Murmura quanta beleza  
Junto a doce harmonia  
Trinada pelo canario,  
Ao primeiro albor do dia,  
Que saudade sinto agora  
Dessas horas de alegria

Saudade da Bebida Nova  
De tão lindo palmeiral  
Do ar da brisa da tarde  
Do banheiro do quintal  
Do jardim bem cultivado  
Por mão de fada mortal.  
Tanta beleza parece  
Um paraíso terrial!

Saudade do pé da serra  
E das casinhas caiadas  
Das mulheres com os cestos  
Com frutas muito asseadas,  
Das aguas um pouco turvas  
Serpejantes nas levadas,  
Dos cambiteiros pressurosos  
Que se encontram nas estradas.

Saudades da primasia  
Das espessurosas mangueiras  
Do grato entusiasmo  
Das altas macaubeiras,  
Com cachos amarelados  
Orgulhosas altaneiras  
Teem encantos e não pedem  
Homenagem às palmeiras

Eu tenho imensa saudade  
Das belezas da cidade  
Casas templos magnificos  
Com tanta sublimidade,  
Salões, aristocracia  
Da melhor sociedade  
Pessoal garboso altivo  
Cada peito a liberdade.

Adeus terra favorita,  
Tu me ensinaste a cantar

Sinto faltar-me expressão,  
 Para poder te exaltar  
 Pois em ti se encontra a musa  
 Com o poeta a brincar,  
 Brava terra de Iracema  
 Pátria de Zé de Alencar!

## ACROSTICO

Com gosto eu descrevi  
 A terra do meu amor,  
 Rica bela encantadora  
 Infundas graças e primor,  
 Risos delicias e gôsos  
 Imensidão de louvor.

## Maria Arnaldina de Alencar

Quando Dom Avelar Brandão Vilela, Bispo de Petrolina — (hoje Arcebispo de Teresina) visitava pela 2ª vez a paróquia de Exú, Maria Arnaldina, contava então 83 anos de idade. Sendo apresentada ao senhor Bispo, no salão da casa paróquial, beijando o anel de Sua Excelencia, improvisou o seguinte:

Saúdo o grande luseiro,  
 Da nossa Santa Igreja  
 Que com prazer o festeja  
 Este Municipio inteiro,

Dos Bispos foi o primeiro  
 Que tive honra em saudar,  
 E de muito apreciar  
 E em troca dessa afeição  
 Dê-me vossa Santa Benção  
 Oh grande Dom Avelar!

O Senhor Bispo, admirou-a pela intelligencia e lucidez de espirito em tão avançada idade, despensando-lhe grandes atenções. O mesmo sucedeu com o actual Bispo de Petrolina — Dom Antonio Campelo de Aragão, (a quem ela saudou) quando no ano passado, aqui esteve em visita pastoral. O senhor Bispo que muito a apreciou despensou-lhe igualmente favores e muita consideração.

Poucos dias antes de morrer, escreveu um soneto, que enviou para o filho, acompanhado de um bilhete, onde dizia:—

Meu Filho

É este talvez o ultimo verso que escrevo, guarde-o jun-

tando ao livro que lhe dei.—O soneto:—

Nada mais tenho eu a desejar  
 Esperanças não tenho a fruir,  
 Vejo o facho da vida se extinguir  
 Muito em breve ao sepulcro vou baixar,  
 Ate quando essa vida ha de durar?  
 Sinto-a lentamente me fugir  
 É ordem que não se pode eximir  
 Tudo passa eu tambem devo passar!

Em morrer, eu penso noite e dia  
 Não sabendo em que hora morrerei  
 Estou fazendo esta poesia.

Adeus filhos e netos que amei  
 De todos me despeço em alegria,  
 Oitenta e seis anos completei,

São seus netos—filhos de

Honorina :—

Professôra—Maria Lili Soares de Alencar, que exerce o magisterio no Rio de Janeiro

Doutor —Meton A. Soares de Alencar, bacharel em direito—Professor, escritor e advogado nos auditorios do Rio de Janeiro. José A. Soares de Alencar, funcionario dos Correios e Telegrafos em Fortaleza

Filho de:

Ana : —

Geraldo Marrocos S. de Alencar, coletor Estadual em Potengi—Ceará

Filhos de—

João:—

Filha adotiva

Filhos de—

Julio : —

Rosemira Soares de Alencar

Nilda Soares de Alencar

Filhos de—

Meton:—

José S. Sampaio de Alencar, advogado, hoje Tabelião na cidade de Serrita—Pe.

Arton Sampaio Soares de Alencar, funcionario da Secretaria de Segurança Publica—Recife

Natércia Soares de Alencar, esposa de Aldeci Sampaio, funcionario de Coletoria em Pernambuco

Maria de Lourdes S. de Alencar, esposa de José Sarai-va Deolindo, Coletor Estadual em Brejo da Madre Deus—Pe.

Ivone Soares de Alencar, esposa de José Sampaio de Oliveira, Tabelião Publico na cidade de Exú—Pe.

Julieta Soares de Alencar, esposa de José Coutinho de Alencar, criador e funcionario do Posto de Endemias rurais na cidade de Exú—Pe.

Meton Soares de Alencar Filho e Artemisia Sampaio Soares Filha respectivamente alunos do ginasio e colegio Santa Teresa em Crato

Havendo ainda 36 bisnetos

Maria Arnaldina, possuia reminiscencia prodigiosa, retinha na memoria todos os fatos do seu conhecimento desde o tempo de criança. Aos 87 anos, lia e escrevia sem oculos e nunca demonstrou sinal de caduquice.

Exu—1958

---

## BIOBIBLIOGRAFIA DE MÁRIO LINHARES

É o titulo de bem feito opúsculo, escrito pelo nosso sócio correspondente, em Fortaleza, Manoel Albano Amora, membro illustre da Academia Cearense de Letras e dos principais intelectuais do Ceará atual. Editado pela IMPRENSA UNIVERSITARIA DO CEARA, que está revolucionando o Estado, conduzindo-o para a vanguarda do movimento publicitário nortista, estuda a vida e a obra do grande poeta conterrâneo—Mário Linhares. É trabalho oportuno e digno de ser lido, focalizando em poucas e atraentes paginas, um dos maiores vultos das letras cearenses, tão conhecido e apreciado hoje, em todo o Brasil. A plaqueta é ilustrada com fotografias e desenhos.

# Região do Cariri

## a) Antiga divisão administrativa do Cariri, isto é, até 1950:

<i>MUNICIPIOS</i>	<i>DISTRITOS CORRESPONDENTES</i>
1—Barbalha . . . . .	Barbalha e Arajara
2—Brejo Santo . . . . .	Brejo Santo e Porteiras
3—Caririaçú . . . . .	Caririaçú, Granjeiro e Miragem
4—Crato . . . . .	Crato, Lameiro, Muriti, Santa Fé e Dom Quintino
5—Farias Britos (ex-Quixará)	Farias Brito, Cariutaba e Quincuncá
6—Jardim . . . . .	Jardim e Jati
7—Juazeiro do Norte . . . .	Juazeiro do Norte, Marrocos e Padre Cicero
8—Mauriti . . . . .	Mauriti, Anauá, Coité, Maraguá, Mararupá e Umburanas
9—Milagres . . . . .	Milagres, Abaiara, Barro, Cuncas e Podemirim
10—Missão Velha . . . . .	Missão Velha, Jamacarú, Missão Nova e Quimami
11—Santana do Cariri . . . .	Santana do Cariri, Araponga, Brejo Grande e Nova Olinda.

## b) Atual divisão administrativa do Cariri:

O Cariri está dividido atualmente em 18 municípios. Os sete novos são: Abaiara, desmembrado de Milagres; Barro, idem de Milagres e Aurora; Jati, idem de Jardim; Pena Forte, idem de Jati; Nova Olinda, idem de Santana do Cariri; Grangeiro, idem de Caririaçú e Porteiras, idem de Brejo Santo. Em 1957, foi criado o distrito de Ponta da Serra, no Município do Crato.

c) Área: 15.486 km<sup>2</sup>—d) População estimada: 470.000 hbs.—e) principais produtos agrícolas: cana-de-açúcar, algodão, arroz, milho, mandioca e frutas em geral—f) cidades mais importantes: Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha e Missão Velha.

## CORRIGENDA

MAXIXES & MALABARES—Página 5, onde se lê: «e esta de 22 anos...», leia-se: e esta de 16 anos (1904—1912, 1914—1915 e 1919—1928). OBS.—a segunda interrupção foi de março de 1915 a maio de 1919, com a administração do coronel Teodorico Teles. Página 22—1ª NOTA—onde se lê: «Francisco e Júlio...», leia-se: Francisco, José e Júlio dos quais só existem Francisco e José.





# Índice

Representantes Fósseis da Fauna Paleontológica, em nosso Museu—J. de Figueiredo Filho . . . . .	3
O Magnifico Reitor da Universidade do Ceará — Padre Antônio Gomes de Araujo . . . . .	9
Clovis Bevilaqua — Duarte Junior . . . . .	19
Um Capítulo do Devassamento do Cariri—F. S. Nascimento	31
Maxixes & Malabares — José de Figueiredo Brito . . . . .	37
Presidente Epitácio — Félix Lima Junior . . . . .	59
Antônio Bezerra de Menezes — Dr. Pinheiro Monteiro	63
Pedro Peixoto e Zuza da Botica — Celso Gomes de Matos	79
Saudação a Sampaio — Raimundo Teles Pinheiro . . . . .	83
Turismo no Cariri — J. Lindemberg de Aquino . . . . .	87
Canaan em Terra Sêca — Joaquim Pimenta . . . . .	95
Centro de Melhoramento de Barbalha — Antônio C. Coelho	99
«A Fênix Refratária» — Arnaldo Vasconcelos . . . . .	103
A História do Padre Cicero — Otacilio Anselmo e Silva	107
Dr. Manuel Monteiro — Raimundo Monte Arraes . . . . .	117
Dados sôbre o Dr. Manuel Rodrigues Monteiro . . . . .	122
Barbalha — Antônio Marchet Callou . . . . .	127
Fortaleza de 1897 — Paulo Elpidio . . . . .	137
Até Logo, Meu Filho — Quixadá Felicio . . . . .	139
Qual a versão certa da casa onde nasceu o Pe. Cicero, em Crato? — Pe. A. G. A. . . . .	141
Município de Bom Jesus de Itabapoana — Pedro Gonçalves Dutra . . . . .	145
Descida da Montanha — Alacoque Sampaio . . . . .	148
Kacildo — F. S. N. . . . .	150
Possibilidades Economicas do Cariri — Antonio de Alencar Araripe . . . . .	151
O Direito no Antigo Testamento — Valdetário Pinheiro Mcta . . . . .	159

112 ...

113 ...

114 ...

115 ...

116 ...

117 ...

118 ...

119 ...

120 ...

121 ...

122 ...

123 ...

124 ...

125 ...

126 ...

127 ...

128 ...

129 ...

130 ...

131 ...

132 ...

133 ...

134 ...

135 ...

136 ...

137 ...

138 ...

139 ...

140 ...

141 ...

142 ...

143 ...

144 ...

145 ...

146 ...

147 ...

148 ...

149 ...

150 ...

151 ...

152 ...

153 ...

154 ...

155 ...

156 ...

157 ...

158 ...

159 ...

160 ...

161 ...

162 ...

163 ...

164 ...

165 ...

166 ...

167 ...

168 ...

169 ...

170 ...

171 ...

172 ...

173 ...

174 ...

175 ...

176 ...

177 ...

178 ...

179 ...

180 ...

181 ...

182 ...

183 ...

184 ...

185 ...

186 ...

187 ...

188 ...

189 ...

190 ...

191 ...

192 ...

193 ...

194 ...

195 ...

196 ...

197 ...

198 ...

199 ...

200 ...

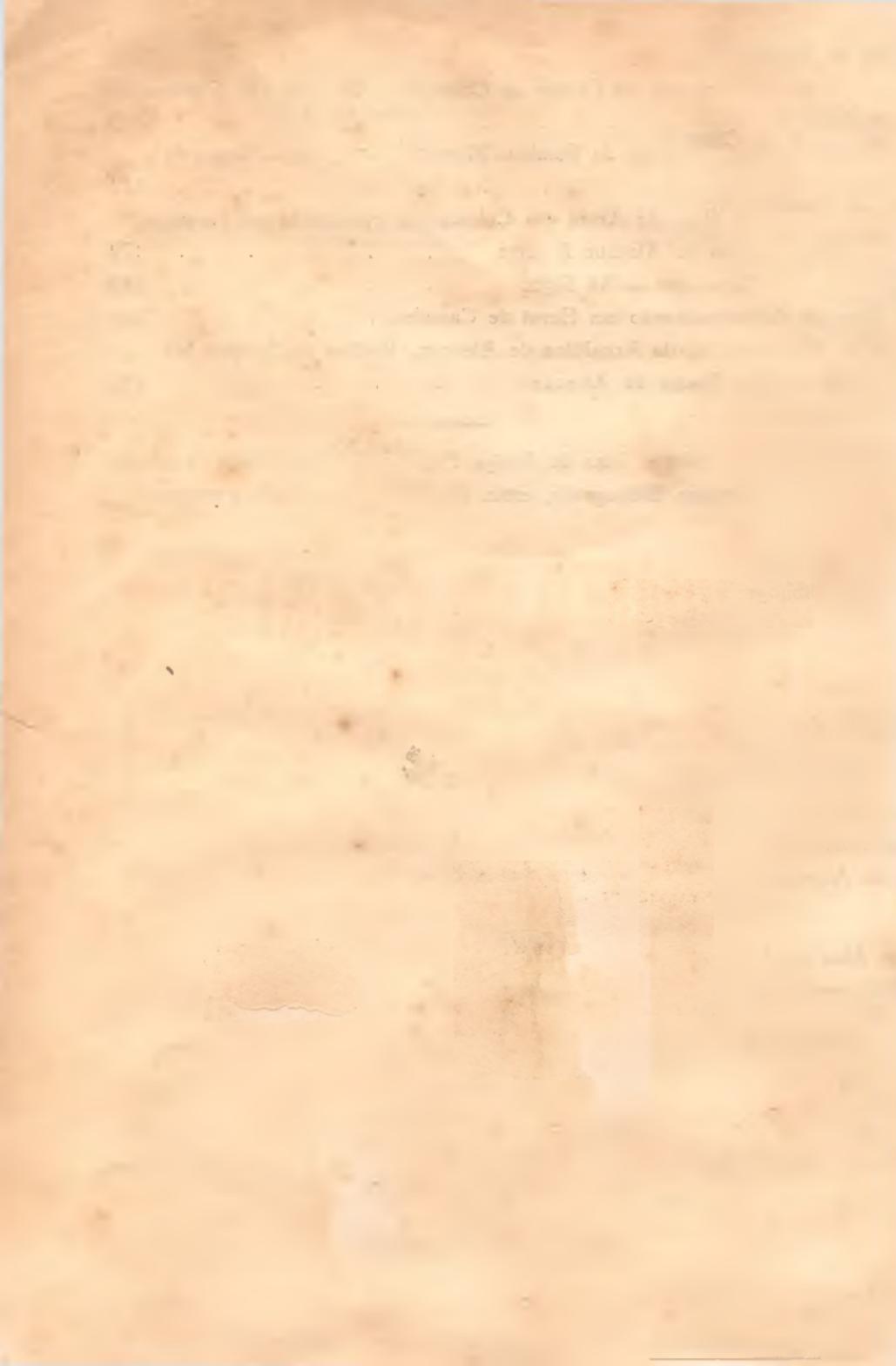
Descripção da Cidade do Crato em 1822, pelo Dr. Gustavo Horacio . . . . .	165
Uma Parcela da Família Menezes do Cariri — Bruno de Menezes . . . . .	173
Os Páus de Arara e a Colonização Holandêsa no Paraná— Jósio de Alencar Araripe . . . . .	179
Rapaduras — All Right . . . . .	183
Relembrando um Heroi de Canudos . . . . .	185
Da. Maria Arnaldina de Alencar, Poetisa do Sertão—Meon Soares dá Alencar . . . . .	195

---

Notas, Atas da Antiga Camara de Crato (Não é Comarca),  
 Noticias, Bibliografia, estão disseminadas em toda a revista.



>



# **BANCO DO CARIRI S. A.**

PRAÇA SIQUEIRA CAMPOS. N. 2

Prefira, para todas as suas operações bancárias,  
esta antiga e tradicional instituição de crédito.

# BANCO CAIXEIRAL DO CRATO

(SOCIEDADE COOPERATIVA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA)

Rua Dr. João Pessoa S/N  
CRATO — CEARÁ

---

CAPITAL . . . . .	Cr\$ 3.536.720,00
RESERVAS . . . . .	Cr\$ 1.437.444,80

## Operações de Crédito Ativo

Empréstimos populares avalizados. Descontos de notas promissórias, de letras de câmbio internas, de bilhetes de mercadorias, de conhecimentos, duplicatas, etc.

Empréstimos agrícolas.—financiamentos de entre-saíra.

---

## Operações de Crédito Passivo

DEPÓSITOS C RETIRADAS LIVRES.  
DEPÓSITOS POPULARES.  
DEPÓSITOS A PRAZO FIXO

---

## Operações Acessórias

Cobrança de conta alheia.  
Transferência de fundo  
Ordens de pagamentos, etc.